



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
TESE DE DOUTORADO**

FRANCISCO JEAN CARLOS DA SILVA

**ENTRE CRISTO E O DIABO: O IDEÁRIO DO COLÉGIO
AMERICANO BATISTA DO RECIFE (1902-1942)**

**NATAL
FEVEREIRO/2012**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
TESE DE DOUTORADO**

FRANCISCO JEAN CARLOS DA SILVA

**ENTRE CRISTO E O DIABO: O IDEÁRIO DO COLÉGIO
AMERICANO BATISTA DO RECIFE (1902-1942)**

**Tese de Doutorado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação, da Universidade
Federal do Rio Grande do Norte,
como requisito parcial à obtenção
do título de Doutor em Educação,
sob a orientação do professor Dr.
José Willington Germano.**

**Orientador: Profº. Dr. JOSÉ
WILLINGTON GERMANO**

**NATAL
FEVEREIRO/2012**

Àquele que não tinha beleza nem formosura, era desprezado, o mais rejeitado entre os homens, homem de dores e experimentado nos trabalhos. Àquele que tomou sobre si as nossas enfermidades, o aflito, ferido e oprimido de Deus. Àquele que foi ferido e moído por causa das nossas iniquidades. Ao meu Senhor e Salvador, **Jesus Cristo**.

FRANCISCO JEAN CARLOS DA SILVA

**ENTRE CRISTO E O DIABO: O IDEÁRIO DO COLÉGIO
AMERICANO BATISTA DO RECIFE (1902-1942)**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação, sob a orientação do professor Dr. José Willington Germano.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. José Willington Germano – Orientador
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof^o. Dr. Roque Nascimento Albuquerque (Membro)
Central Baptist Theological Seminary – USA

Prof^a. Dr^a. Geovânia da Silva Toscano (Membro)
Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Prof^a. Dr^a. Maria Inês Sucupira Stamatto (Membro)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof^a. Dr^a. Marlúcia Menezes de Paiva (Membro)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Prof^o. Dr. João Maria Valença de Andrade (Suplente)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

AGRADECIMENTOS

Ao término deste trabalho, gostaria de agradecer a todas as pessoas que, apesar dos encantos e desencantos da vida, participaram comigo do processo de construção desta tese. Em primeiro lugar agradeço ao Triúno Deus, Salvador e Senhor de minha vida. Agradeço à minha esposa Cláudia e às minhas filhas, Brena e Raquel, pérolas na minha vida. Aos meus amados e queridos pais, Francisco José da Silva e Teresa Soares da Silva.

A meu orientador, Prof. Dr. José Willington Germano, grande celebridade intelectual que consegue, humanamente, ensinar e orientar no mais alto nível de qualidade. Aos dirigentes do Colégio Americano Batista do Recife, e de modo muito especial à professora Eudina, que sempre disponibilizou todo material e informações para a construção deste trabalho.

Ao meu co-orientador Prof. Dr. Joaquim Pintassilgo que, de modo amoroso, fez as devidas sugestões para o trabalho e abriu as portas da Universidade de Lisboa/Portugal para o doutoramento intercalar (Bolsa Sanduíche). Aos meus colegas brasileiros e portugueses que dividiram comigo as inquietações da Pós-Graduação. Ao Grupo de Estudo “Cultura, Política e Educação”, pela grande contribuição dos textos discutidos. Aos amigos especiais Soraya, Fernando Ascenso, Camilo e Lenina. Ao secretário da Pós-Graduação, Milton Santos, que de modo eficiente sempre nos atendeu. À Profa. Dra. Marta Araújo, à coordenadora da Pós-Graduação em Educação Marlúcia Menezes de Paiva. À Pró-Reitora de Pós-Graduação Edna, a secretária Lasaléte e à comunidade de Belas em Portugal, sob os cuidados do casal missionário Rubens e Magaly, e aos meus queridos irmãos da Igreja Batista do Candelária/Natal-RN.

RESUMO

Devido à ausência de trabalhos sobre a história das escolas batistas na região Nordeste do Brasil, se faz importante compreender a reconstituição histórica da educação protestante batista. Embarcamos nessa empreitada como possibilidade de compreender a presença das escolas protestantes e seu ideário em solo brasileiro. O nosso objetivo é o de promover uma reflexão que tenha como dimensão axial a educação protestante dos batistas, no tempo, situaremos o debate entre 1902-1942. A escolha da delimitação temporal (1902-1942) se deu porque 1902 foi o ano de fundação do Colégio Americano Batista do Recife e 1942 o ano do término do ciclo da gestão dos diretores norte-americanos. Compreender a funcionalidade temporal de uma instituição escolar se justifica quando entendemos que a história da educação é a história de um trabalho de auto e heteroformação, num quadro que tem a instituição escolar como principal suporte que pode possibilitar uma leitura da realidade. Também pretendemos analisar a cultura escolar trazida ao Brasil pelos missionários norte-americanos e sua aplicabilidade no contexto histórico-cultural brasileiro, e assim demonstrar a hipótese de que a contribuição educacional dos batistas somada à participação dos demais protestantes históricos promoveu avanços na sociedade brasileira. Possivelmente tendo como pressuposto que os batistas foram portadores dos ideais democráticos da liberdade religiosa, tidos por muitos como representantes e versão religiosa do regime republicano. Além de promover no Brasil um modelo metodológico diferenciado de fazer escola, pautado nos ideais da Escola Nova e na ética da Bíblia. Nossa proposta de pesquisa busca o entendimento de como os missionários norte-americanos se fixaram no Brasil e quais foram os propósitos de adicionarem aos esforços da evangelização a educação formal, binômio que fundamentou a criação de escolas. Uma visão de salvar, pela evangelização e educação, os homens que sofreram ataques do Diabo em detrimento da ética de Cristo.

Palavras-chave: Educação Protestante. Salvar. Diabo. Colégio Americano Batista do Recife.

ABSTRACT

Due to lack of work on the history of Baptist schools in the Northeast region of Brazil, it is important to understand through a historical reconstruction of the Baptist Protestant education. We embarked on this venture as a chance to understand the presence of Protestant schools, and his ideas on Brazilian soil. Our goal is to promote a reflection which has the axial dimension of the Baptists Protestant education, in time, we will place the debate between 1902-1942. The temporal boundaries of 1902-1942 was because 1902 was when he started the American Baptist College of Recife in 1942 and that ends the cycle of managing directors of Americans. Understand the functionality of time a school is justified when we realize that the history of education is the story of a work of self and formation within a framework that has the school as the main support that can enable a reading of reality. We also intend to examine the school culture brought to Brazil by American missionaries and their applicability in the Brazilian cultural-historical context. And just to demonstrate the hypothesis that the educational contribution of Baptists added to the participation of other Protestants promoted advances in Brazilian society. Possibly taking for granted that the Baptists were in possession of the democratic ideals of religious freedom, taken by many representatives and religious version of the republican regime. In addition to promoting a model in Brazil to make different methodological schools, based on the ideals of new school and ethics of the Bible. Our proposed research aims at understanding how North American missionaries settled in Brazil and what were the purposes of adding to the efforts of evangelization to formal education, binomial that justified the establishment of schools. A vision of saving men for evangelization and education of the Devil attack victims over the ethics of Christ.

Keywords: Protestant Education. Save. Devil. Colégio Americano Batista do Recife.

RESUMEN

Debido a la ausencia de trabajos acerca a la historia de las escuelas bautistas en la región Nordeste de Brasil, es necesario comprender un poco de ese camino a través de una reconstitución histórica de la educación protestante bautista. Embarquemos en esa investigación para que podamos comprender la presencia y la influencia de las escuelas protestantes y de sus ideas en suelo brasileño. Nuestro objetivo fue promover una reflexión que tuvo como dimensión axial la educación protestante bautista; en el tiempo, situaremos el debate entre 1902-1942. Esta delimitación temporal conlleva el año de inicio del Colegio Americano Bautista de Recife - 1902 - y el término del ciclo de la gestión de los directores estadounidenses. Comprender la funcionalidad temporal de una institución escolar se justifica cuando entendemos que la historia de la educación es la historia de un trabajo de formación distinta, en un cuadro que tiene la institución escolar como principal soporte que pueda posibilitar una lectura de la realidad. También pretendemos analizar la cultura escolar traída al Brasil por los misioneros estadounidenses y su aplicabilidad en el contexto histórico cultural brasileño y con eso, demostrar la hipótesis de que la contribución educacional de los bautistas sumada a la participación de los demás protestantes históricos promovió avances en la sociedad brasileña. Estos avances nos llevan a percibir que los bautistas fueron portadores de los ideales democráticos de la libertad religiosa y percibidos, por muchos, como representantes de una versión religiosa del régimen republicano, además de promover en Brasil un modelo metodológico diferenciado de hacer escuela, basado en los ideales de la Escola Nova y en la ética bíblica. Nuestra propuesta de investigación buscó el entendimiento de como los misioneros estadounidenses se fijaran en Brasil y cuáles fueran los propósitos de sumaren a los esfuerzos de la evangelización a la educación formal, binomio que fundamentó a la creación de escuelas. Una visión de salvar los hombres por la evangelización y educación que sufrieron ataques del Diablo en detrimento a la ética de Cristo.

Palabras-clave: Educación Protestante. Salvar. Diablo. Colégio Americano Batista do Recife.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS EM LUTERO, CALVINO, COMENIUS E PESTALOZZI.....	15
3 RAÍZES DOS BATISTAS.....	32
4 TRAJETÓRIA DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA DO RECIFE (1902-1942)	48
5 O IDEÁRIO DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA DO RECIFE	89
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
7 REFERÊNCIAS.....	147
8 ANEXOS	157

INTRODUÇÃO

Diante de um quadro de constantes mudanças do mundo contemporâneo, especificamente no âmbito da educação protestante batista, procuramos fazer uma reconstituição histórica, pontuando as características principais da denominação batista, os fatores que a levaram a instalar-se em alguns Estados do Brasil e, de modo específico, em Recife/PE.

O nosso objetivo é o de promover uma reflexão que tenha como dimensão axial a educação protestante dos Batistas. No tempo, situaremos o debate nas primeiras décadas do século XX, e no espaço, o Colégio Americano Batista do Recife (PE), por ser uma das escolas fundantes da educação protestante dos Batistas no Brasil e alcançar seus 109 anos de existência com visibilidade nacional. Além disso, temos a intenção de analisar a cultura escolar trazida ao Brasil pelos missionários norte-americanos e sua aplicabilidade no contexto histórico-cultural do país.

Entendemos que a escola é uma instituição reprodutora das relações sociais, e como tal faz parte de um “plano institucional” que é consolidado no nível macro. Assim, qualquer estudo que pense a reflexão e a compreensão de uma escola, se torna uma análise que transcende a própria especificidade dos contextos locais. Também é importante afirmar que, de modo paradoxal, uma organização escolar pode ter a sua singularidade e sua relativa autonomia em relação ao sistema educativo em geral.

Pretendemos compreender o ideário fundante das Escolas Batistas que pousa no binário educação e evangelização durante os anos de 1902-1945, bem como a atuação das escolas protestantes no Brasil, que tem sido referida por estudiosos da nossa educação como renovadora. A delimitação temporal de 1902-1942 se deu porque 1902 foi o ano de fundação do CAB e 1942, quando terminou o ciclo da gestão dos diretores norte-americanos. Compreender a funcionalidade temporal de uma instituição escolar se justifica quando entendemos que a história da educação é a história de um trabalho de auto e heteroformação, num quadro que tem a instituição escolar como principal suporte que pode possibilitar uma leitura da realidade. Também, na formação de nosso texto, intencionamos adotar uma postura

transdisciplinar, tentando transpor a rigidez de um conhecimento fragmentado e engessado pela visão reducionista da ciência, que perde a oportunidade de dialogar com outros conhecimentos.

A transdisciplinaridade não procura o domínio sobre as várias outras disciplinas, mas a abertura de todas elas. É a que atravessa e as ultrapassa. A visão transdisciplinar é completamente aberta, dialoga e reconcilia com as ciências humanas, a arte, a literatura, a poesia e a experiência interior. Ela reluz a uma atitude aberta com respeito aos mitos, às religiões e àqueles que os respeitam em um espírito transdisciplinar. A educação transdisciplinar também reavalia o papel da intuição, da imaginação, da sensibilidade do corpo na transmissão dos conhecimentos. A ética transdisciplinar recusa toda atitude que rejeita o diálogo e a discussão, seja qual for sua origem, de ordem ideológica, científica, religiosa, econômica, política ou filosófica.

O texto foi construído através de consultas aos arquivos do Colégio Americano Batista do Recife, das discussões com personagens do CAB, consulta aos periódicos da cidade do Recife, atas da Igreja Batista da Capunga, relatórios da Junta Richmond e aportes teóricos que, de modo direto e indireto, contribuíram para a formação do texto. Entre eles, destacamos: José Antônio Martins Moreno Afonso, Fernando Azevedo, Alain Badiou, Luiz Alberto Muniz Bandeira, Maria Lúcia S. H. Barbanti, Dinarte Varela Bezerra, Pierre Bourdieu, Franco Cambi, Lewis Sperry Chafer, Charles Ryrie, João Amós Comenius, Marcus Vinícius da Cunha, Jean Delumeau, John Dewey, Michel Foucault, Gilberto Freyre, Salomão Ginsburg, Guillermo Guicci, José Willington Germano, Christopher Hill, Eric Hobsbawm, Dora Incontri, Alex Koynya, Mário Ribeiro Martins, Antônio Medonça, Gerald Messadié, Edgar Morin, Ester Vilas Boas Carvalho do Nascimento, Beth Antunes de Oliveira, Glaucília Perruci, Price, Jether Pereira Ramalho, Lédo Rejane Sellaró, Paulo Henrique Vieira e Max Weber.

Nossa proposta de pesquisa também busca o entendimento do projeto dos missionários norte-americanos, de como estes se fixaram no Brasil e quais foram os propósitos de adicionarem aos esforços da evangelização à educação formal. Então, como compreender o ideário fundante da educação batista no Recife e, por conseguinte levando em conta sua visão de mundo e os seus desdobramentos em relação à sociedade na qual se inserem? Quais elementos contribuíram para a formação da prática batista nas primeiras décadas do século XX, tendo como

pressuposto que a educação brasileira passou por um processo de profundas transformações?

Na perspectiva de atender às exigências do período abordado, as escolas Batistas, como parte integrante do processo educacional, buscaram novos fundamentos éticos que remeteram aos dilemas da humanidade? A educação protestante como instrumento do processo educacional assumiu uma postura significativa na construção de uma cultura solidária de amor à vida, respeito às diferenças e promoção da paz social?

Portanto, pretendemos demonstrar a hipótese de que a contribuição educacional dos Batistas, somada à participação dos demais protestantes históricos, promoveu avanços na sociedade brasileira e seu discurso foi ancorado nas colunas salvar e educar.

Possivelmente, os Batistas como portadores dos ideais democráticos da liberdade religiosa foram tidos como representantes da versão religiosa do regime republicano. Além de provocar no Brasil um modelo metodológico diferenciado de fazer escola,

A postura de caráter e o ensino nas escolas evangélicas eram muito importantes neste momento da vida nacional. As escolas americanas no país, nos primórdios da República e na época em que a instrução ainda se achava em grande atraso, contribuíram notavelmente não só para a mudança dos métodos como para intensificação do ensino (AZEVEDO, 1963, p. 265).

A trajetória do nosso trabalho é constituída de cinco partes. A primeira introduz as perspectivas educacionais dos principais precursores do pensamento protestante. Refletimos sobre os principais postulados em Lutero, Calvino, Comenius e Pestalozzi, que aplanaram o caminho para as escolas protestantes. A segunda aborda a trajetória histórica dos Batistas até sua chegada em solo pernambucano, no final do século XIX. A terceira parte é específica sobre o início da história do Colégio Americano Batista (1902) até o final do ciclo de diretores norte-americanos (1942).

Trazemos, ainda, os depoimentos de vários ex-alunos do CAB, bem como as principais realizações e filosofia de uma escola que se propunha ser a luz que brilha

na escuridão da educação brasileira. Na quarta parte escrevemos sobre o ideário fundante das escolas Batistas, ancorado no binômio salvar e educar, fundamentados nos pressupostos do Novo Testamento e da nova escola. A última parte trata da abordagem dos Batistas sobre as lutas da dimensão espiritual travadas pelo CAB na arena da batalha contra o Diabo, enfocando sua cosmovisão particular. Finalmente apresentamos os aspectos que possibilitaram a presença dos Batistas em solo brasileiro e os contributos do Colégio Americano Batista no contexto brasileiro.



FIGURA 1 – Lutero

Fonte: <http://www.google.com.br>



FIGURA 2 – Calvino

Fonte: <http://www.google.com.br>



FIGURA 3 – Comenius

Fonte: <http://www.google.com.br>

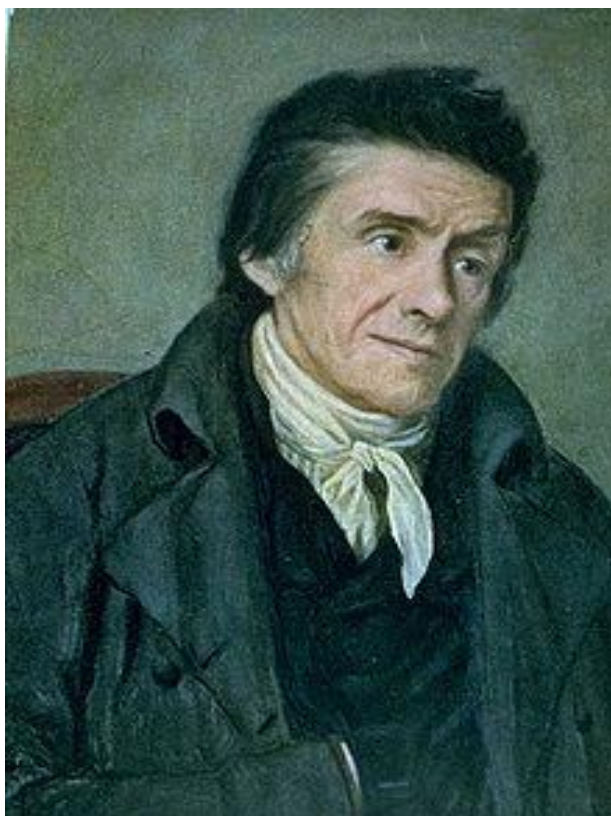


FIGURA 4 – Pestalozzi

Fonte: <http://www.google.com.br>

2 PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS EM LUTERO, CALVINO, COMENIUS E PESTALOZZI

Para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão de pecados, e herança entre os que são santificados pela fé em mim.

Atos 26,18.

Martinho Lutero nasceu no dia 10 de novembro de 1483 em Eisleben, Alemanha. Em 1501 ingressou no primeiro ciclo das artes liberais, terminando com o título de Mestre em Artes, em 1505. Seu pai João, um aldeão bem-sucedido pertencente à classe média, queria que fosse advogado. Tendo iniciado seus estudos, abruptamente os interrompeu, entrando no claustro dos eremitas agostinianos em Erfurt, no dia 17 de julho de 1505, e tornando-se sacerdote em 1507. Depois recebeu o título de Doutor em Teologia e foi designado para ser professor de Bíblia na Universidade de Wittenberg.

Em 1517, expôs na porta da Igreja de Todos os Santos de Wittenberg, suas 95 teses, escritas em latim, contra a venda de indulgências. Pretendia reformar a Igreja, no entanto, essa posição acabou por levá-lo a inquérito, aberto pela Igreja Romana, resultando na condenação a seus ensinamentos e em sua excomunhão pelo papa Leão X, no dia 3 de janeiro de 1521.

Os principais escritos de Lutero são: *Sermão Sobre as Boas Obras*; *Da Liberdade Cristã*; *Do Cativo Babilônico da Igreja*; *À Nobreza Cristã da Nação Alemã* (1521); *Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha, para que Criem e Mantenham Escolas* (1524); *Exortação à paz*; *De Servo Arbítrio* (1525); *Catecismo Maior e Menor* (1529); *Aos Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha, para que Criem e Mantenham Escolas* (1524); *Uma Prédica para que se mandem os Filhos à Escola* (1530); *Bíblia traduzida para o Alemão* (1534); *Dos Concílios e da Igreja* (1539) e *Contra o Papado Romano fundado pelo Diabo* (1545).

No dia 18 de fevereiro de 1546, aos 62 anos, Martinho Lutero faleceu em Eisleben e, no dia 22 de fevereiro, foi sepultado em Wittenberg.

O livro *Educação e Reforma* reúne dois escritos de Lutero da época em que ocorria o crescimento do movimento reformista, que fora instalado e propagado inicialmente no mundo europeu. Esses escritos são manifestos em defesa da formação educacional do povo alemão. Lutero, comovido com a situação deplorável

da educação de seu país, lançou no início de 1524, em Wittenberg, um “Manifesto pela Criação e Manutenção de Escolas Cristãs”. Estas deveriam incorporar os estudos das línguas e os princípios pedagógicos propostos pelo movimento humanista. Depois, em 1530, publicou o título *Lugar de Criança é na Escola*, com a esperança de convencer os pais da importância e da necessidade de enviar seus filhos às escolas. Assim, demonstrou uma preocupação de estimular a sociedade a empenhar-se por uma educação formal de qualidade.

Os dois capítulos trabalhados por Lutero no livro *Educação e Reforma* são: “Manifesto pela criação e manutenção de escolas cristã” e “Lugar de criança é na escola: um apelo aos pais”.

O primeiro começa com a defesa de que os comentários do texto a seguir são palavras fundamentadas na vontade de Deus. O motivo de suas observações estava relacionado ao fato de as escolas alemãs estarem sendo abandonadas e as universidades, pouco frequentadas.

O sistema reinante da época levou Lutero a concluir que a apatia, a descrença e o desencanto com o modelo escolar e o novo momento que o mundo passava a experimentar impulsionaram as pessoas apenas à busca de aprender uma profissão com que pudessem sustentar-se. Diziam as pessoas: “Já que o estado clerical não tem mais chance, também não nos interessa mais o ensino e nada mais faremos neste sentido” (LUTERO, 2000, p. 9). Porém, Lutero refuta esse pensamento tentando esclarecer que a preocupação com o sustento é importante, mas também com a educação e a salvação de sua alma, pois, o Diabo em sua astúcia quer convencer os corações a descuidarem das crianças e da juventude. A educação cristã eliminaria as armadilhas diabólicas da ignorância e conduziria a juventude ao conhecimento de Deus e a divulgação da Palavra de Deus. “Um verdadeiro cristão é melhor e mais útil do que todos os seres humanos na terra” (LUTERO, 2000, p. 11).

Para Lutero, o combate ao príncipe deste mundo (o Diabo) acontece quando cada pessoa começa entender de modo consciente o valor da educação e dos recursos que deverão ser destinados à formação integral do indivíduo. O investimento no sustento dos professores justifica-se não somente pela urgência da necessidade, mas, porque cada cidadão está livre de gastar dinheiro com as indulgências, missas, vigílias, doações, missas anuais em memória de alguém,

ordens religiosas, peregrinações etc. Dizia Lutero: “Agora estou livre dessa ladroeira e doações no futuro” (LUTERO, 2000, p. 12).

Depois de falar sobre a importância de não abandonar as escolas, o argumento usado é de que o tempo é oportuno e o povo alemão não deveria receber a graça de Deus em vão. Caso contrário, a oportunidade de transformar as universidades e conventos em escolas cristãs deixaria a juventude ignorante e libertina.

Lutero apela para a responsabilidade dos pais como essência de uma educação significativa. Exemplifica com alguns textos bíblicos: “Quanto insistiu com nossos pais que transmitissem aos filhos os louvores e as maravilhas do Senhor e os ensinassem aos filhos dos filhos!” (Salmo 78, 5). “Pergunta a teu pai, ele te informará; pergunta aos velhos, eles te dirão” (Deuteronômio 32, 7).

Essa responsabilidade também é estendida às autoridades, pois, nem sempre os pais estão conscientes de seu dever e às vezes não são honestos quanto a essa tarefa. Segundo, as pessoas mais velhas não estão preparadas para educar e ensinar às crianças. Terceiro, as atividades do trabalho não lhes deixa tempo suficiente para a arte de ensinar. Por isso, é dever das autoridades, tendo em vista o progresso da cidade, criar escolas que formem pessoas sensatas, honestas e bem educadas.

O currículo escolar idealizado por Lutero privilegiava o estudo das línguas (latim, grego, hebraico e alemão) e também das artes liberais. Afirma que a explicação das Escrituras corretamente somente seria possível com o conhecimento do grego e do hebraico. Pois, “ao tratar as Escrituras sem o conhecimento das línguas, os antigos pais, mesmo que não ensinem nada errado, mostram frequentemente uma linguagem insegura, desajeitada e imprópria” (LUTERO, 2000, p. 28). Nessa perspectiva, o estudo das línguas é essencial, porque no contexto das escolas cristãs servirá para a vida espiritual e salvação das almas.

A formação para o governo secular, segundo o paradigma do esquema clerical, era vista como algo inteiramente do Diabo e acristão. Entretanto, Lutero rompe com esse modelo e defende a ideia de que o governo secular é uma criação divina e um modo de ser divino. A capacitação para administrar a sociedade é uma maneira de agradar a Deus. Por isso, substancia seu argumento de que é urgente a educação de meninos e meninas para exercerem as funções governamentais do país. Lutero desejava que todas as funções exercidas na esfera governamental

tivessem uma ética profissional fundamentada nos princípios do protestantismo reformado.

A educação nas escolas com professores poderia possibilitar às crianças uma ampliação de conhecimentos e uma visão mais ampla do mundo. Assim, poderiam aprender com prazer, evidentemente sem o uso das torturas e da palmatória. Essas matérias necessárias ao seu desenvolvimento cristão poderiam ser ministradas conciliando o tempo de estudo e o trabalho em casa, já que o mundo estava sofrendo transformações que impulsionavam um diferente modo de viver.

A problemática apontada por Lutero é que a falta de vontade e seriedade para educar a juventude proporciona uma sociedade enlaçada pelo Diabo. “O Diabo prefere grandes bobalhões e gente inútil, para que as pessoas não vão bem demais na terra” (LUTERO, 2000, p. 39). Também aponta para necessidade de um estudo mais prolongado e intensivo para os professores, pregadores e outras funções clericais.

Finalmente aconselha uma política financeira que possibilite a criação de bibliotecas com livros de qualidade. Cita como exemplo o apóstolo Paulo, quando este pede a seu discípulo Timóteo para trazer seus livros: “Quando vieres, tragam a capa que deixei em Trôade, em casa de Carpo, bem como os livros, especialmente os pergaminhos” (II Timóteo 4,13). Também solidifica seu argumento mostrando que a formação das Sagradas Escrituras foi preservada pela manutenção de vários livros. Todavia, segundo o pensamento de Lutero, não é aceitável a criação de bibliotecas sem livros decentes, sob pena de o Diabo utilizar livros bobos, inúteis e prejudiciais a uma formação educacional significativa.

O acervo das bibliotecas, para Lutero, poderia ser organizado seguindo alguns critérios:

Em primeiro lugar, a Sagrada Escritura em latim, grego, hebraico e alemão ou outras línguas deveria fazer parte dela. Depois os melhores intérpretes e os mais antigos, ambos em grego, hebraico e latim, onde quer que possa encontrar. Depois livros úteis para aprender as línguas, como por exemplo, os poetas e oradores, sem perguntar se são pagãos ou cristãos, gregos ou latinos. É deles que se deve aprender a Gramática. Depois deveriam vir os livros sobre artes liberais e outras matérias. Por último, também livros jurídicos e de medicina, embora também aqui seja necessária uma boa seleção entre os comentários. Entre os mais importantes deveriam estar as crônicas e compêndios de História, em qualquer língua. Pois estes são maravilhosamente úteis para entender o rumo do mundo e para

governá-lo, mas também para enxergar os milagres e as obras de Deus. Poderíamos ter muitas histórias e textos maravilhosos sobre fatos que aconteceram ou acontecem na Alemanha (LUTERO, 2000, p. 46).

O presente manifesto estimula e desafia a sociedade alemã a criar e manter escolas cristãs com a intenção de que toda a nação alemã experimente a felicidade e a salvação para o louvor e honra de Deus Pai, por meio de Jesus Cristo, Salvador.

O segundo, “Lugar de criança é na escola: um apelo aos pais”, começa com uma dedicatória ao seu amigo Lázaro Spengler, síndico da cidade de Nümburg, cidade grande, populosa e de expressividade notória em toda Alemanha, conhecida por sua maravilhosa universidade. Cidade modelo no âmbito educacional e consequentemente inspiradora no sentido de fortalecer a assertiva de as pessoas mandarem seus filhos à escola. Assim, Lutero explicitamente demonstra que seu objetivo é convocar em toda parte as pessoas a mandarem seus filhos à escola. Ele faz um apelo aos senhores, amigos, pastores e pregadores que, segundo seu pensamento, seguem a Cristo fielmente. Esse apelo é permeado pela convicção de que a obra de mestre da arte diabólica promove armadilhas para enganar as pessoas simples e consequentemente leva à ruína das escolas e do ensino.

Na primeira parte do capítulo “Lugar de criança é na escola: um apelo aos pais”, Lutero defende a ideia do educar para o ministério da Igreja, analisa o benefício de uma formação para o trabalho e missão da igreja, antes, porém, lembra que cada um foi eleito por Deus para educar, com seus bens e seu trabalho. Para Lutero (2000, p. 68): “Não há tesouro mais valioso nem coisa mais nobre na terra e nesta vida do que um verdadeiro e fiel pastor ou pregador”. Este pode, através de seu ministério, ajudar muitas pessoas curando-as das enfermidades da alma, instruindo, levando pessoas a Cristo, livrando-as da morte, pecado, inferno e do Diabo. “Os que instruem a outros resplandecerão como o céu, e os que mostram a muitos o caminho da justiça serão como as estrelas da eternidade” (Daniel 12, 3).

O que Lutero de fato quer argumentar é que uma educação pautada nos ensinamentos neotestamentários e, sobretudo na vida de Jesus, produz um ser humano íntegro que consolará os tristes, promoverá a paz e a justiça, intermediará os conflitos entre as pessoas e reconciliará as consciências confusas.

Comenta Lutero sobre as obras de um pastor:

São tão nobres, que nunca um sábio entre os pagãos pôde reconhecê-las e entendê-las, muito menos realizá-las. Também não há jurista, universidade, fundação ou convento que conheça essas obras. Elas não são ensinadas no direito eclesiástico nem civil. Não há ninguém que chame esses ofícios seculares de grande dom ou ordem bondosa de Deus. Somente a Palavra de Deus e o ministério da pregação as engrandecem e honram tanto (LUTERO, 2000, p. 72).

A promoção da paz pretendida e divulgada por aqueles que exercem ministério na Igreja já justificaria o grande benefício social para a sociedade. De outro modo, estaremos alimentando os conflitos, as guerras e os derramamentos de sangue. Resume Lutero: “Quando se quiser louvar o próprio Deus ao extremo, também é preciso louvar sua Palavra e pregação ao extremo. Pois são ministérios e Palavra de Deus” (LUTERO, 2000, p. 74). Portanto, alegre-se em educar seu filho para o serviço de Deus, de forma que contribua para a derrota do Diabo, não vos preocupeis com o sustento, já que seu filho pode ganhar o sustento tão bem no ministério quanto numa atividade profissional. Entretanto, as pessoas podem sofrer prejuízos ao não formarem para o ministério da igreja, pois, quando a preocupação é apenas com o sustento material, a pessoa está a serviço do Diabo, impedindo a obra e o ministério de Deus (LUTERO, 2000).

Na segunda parte, “Educar para o governo secular e a sociedade”, Lutero afirma que, apesar de o ministério da pregação ser considerado maior do que o ofício temporal, tem em vista apenas essa vida terrena. “Apesar disso, [o governo secular] é uma maravilhosa ordem divina e uma excelente dádiva de Deus. Ele criou o governo e quer vê-lo preservado, já que não pode abrir mão dele” (LUTERO, 2000, p. 88). Então, educar para a administração da sociedade é tarefa extremamente essencial.

A importância do governo secular é comentada nas Escrituras. Em Romanos 13, 4, o apóstolo Paulo reconhece que os governantes são autoridades investidas por Deus tanto para proteger os bons, como também para castigar os maus. A necessidade de formar jurisprudência com pessoas piedosas e honestas se faz imprescindível, sob pena de o governo secular cair nas mãos de homens desonestos, traidores, injustos e malvados.

É premente o dever de colocar os filhos na escola como finalidade primeira de agradar a Deus, pois, essa obediência certamente pode ser traduzida em benefícios para a sociedade. Além disso, o prazer de ser uma pessoa instruída perpassa

qualquer atitude de intolerância acerca da urgente necessidade de educação escolar. A intolerância é pior do que a ignorância.

O livro *Educação e Reforma* é uma versão atualizada dos originais de os *Conselhos de Todas as Cidades da Alemanha, para que Criem e Mantenham Escolas* (1524) e *Uma Prédica para que se mandem os Filhos à Escola* (1930). Faço coro com a declaração da Profa. Dra. Marta Maria de Araújo, em aula ministrada na disciplina Educação Brasileira, em 2008.¹, quando afirma que a primeira palavra do título do livro pressupõe que qualquer reforma social começa pela educação.

Em linhas gerais, o texto de Lutero critica a falta de compromisso dos pais e autoridades e a necessidade premente de engajamento cristão na luta contra as forças espirituais da maldade, contra a personificação do mal, o Diabo. Essa obra de Lutero desafia, critica e motiva ao povo de sua época a buscar uma educação pautada no temor de Deus sob o ideário de educar para o céu e a vida terrena. Possivelmente, como explana Ricardo Willy Rieth: “Duas coisas em relação à educação permanecem: o descompromisso de boa parte dos pais e autoridades e a necessidade premente de engajamento cristão (LUTERO, 2000, p. 6).

Assim como Lutero, ou melhor, com o espírito de Lutero, os Batistas dedicaram suas vidas com a esperança de educar e salvar os homens, enfim, de humanizar uma humanidade desumanizada sob a influência do Diabo.

João Calvino nasceu em 10 de julho de 1509, em Noyon, na Picardia. Entre 1521-1523 recebeu a nomeação para uma das capelas de Lagesine e passou a frequentar o educandário para meninos em Noyon. Depois de 1523 foi a Paris, onde estudou francês e latim. Após três anos, foi para o College Montaigne, e ali estudou Teologia, Filosofia e Gramática, concluindo com 18 anos o curso que lhe proporcionou conhecimentos sobre leis com o jurista Pierre L'Étoile (1480-1537). Torna-se bacharel em Direito em 1532.

Calvino também aprendeu grego, língua em que foi escrito o Novo Testamento. Em 1531, presencia a morte de seu pai em Noyon. Nesse mesmo ano, começa a escrever sua primeira obra, um ensaio sobre Sêneca, filósofo romano contemporâneo do apóstolo Paulo, além de nutrir em suas leituras as ideias de Lefevre, Lutero e Zuínglio. Depois sai da França, pois o clima de perseguição católica tornava seu lar um lugar perigoso, assim foi refugiar-se na Basileia, lugar em que escreveu as *Institutas*, escrita em latim e traduzida para o francês pelo próprio

Calvino, era a sistematização do pensamento protestante defendido em várias correntes.

Somente em 1536, Calvino volta a Paris e em seguida vai para Estrasburgo, pois julgava ser mais seguro para escrever e divulgar a fé. “Em 1540, Calvino se casou com Idelete de Bure, refugiada francesa, viúva com dois filhos” (VIEIRA, 2008, p.34). No ano seguinte (1541), formulou as “ordenanças eclesiásticas” que normatizavam as funções de professor, doutor, presbítero e diáconos na igreja.

Em 27 de maio de 1564 morreu o autor das *Institutas* e o fundador da Academia de Genebra, primeira universidade a ser estabelecida nos moldes protestantes. Lembremos que a obra mais importante de Calvino, *As Institutas*, foi inicialmente inscrita com o total de 516 páginas, depois passou a ter 1.500 páginas. A obra tratava de vários temas, entre eles: livre-arbítrio, diferenças entre o Novo e Velho Testamento, justificação pela fé, predestinação, bens materiais, liberdade cristã, sacramentos, igreja, conhecimento, ser humano, providência e conhecimento de Deus.

As Institutas de Calvino certamente foi a obra que mais ganhou visibilidade no campo das ideias do calvinismo. Ela surge para preencher uma lacuna que o pensamento reformado necessitava, era preciso organizar de forma sistemática argumentos que garantissem solidez. As premissas das ideias calvinistas eram ancoradas na teologia que buscava glorificar e servir a Deus através da vida cotidiana, incluindo o trabalho, sendo que as *Institutas*, de modo abrangente, tinha uma fundamentação democrática, contudo baseada numa teologia fundamentada na onipotência e na soberania de Deus.

Segundo Vieira, de alguma forma o calvinismo auxiliou no desenvolvimento da educação. Evidentemente que a educação proposta

estava ligada a uma cosmovisão que pregava a salvação por meio de uma fé sólida nas Escrituras, como forma inevitável de conhecer Deus e o ser humano, e não mais por meio da fé numa Igreja que tomou para si um poder que só o Evangelho possuiria: o de intermediação entre o ser humano e seu Criador. O sacerdócio universal de todos os crentes, como ficou conhecido, era uma doutrina compartilhada por todos os reformadores, de Lutero a Zuínglio (1484-1531), passando por Calvino (VIEIRA, 2008, p.14).

Em consequência da teologia reformada, que tem como base o entendimento dos textos sagrados (*Bíblia*) de que o ser humano já nasce corrompido e naturalmente propenso ao mal e diante dessa condição não é possível negociar com Deus a salvação através de obras, pois o que passa a valer é a justificação pela fé, ou seja, o ser humano que foi criado perfeito, puro, imortal, e que o pecado original obscureceu seu entendimento e o afastou de Deus, precisa se salvar por meio da graça de Jesus Cristo, pois não há justiça no próprio homem. Assim, a redenção, na perspectiva de Calvino, passa a ser uma questão educacional. Aliado a essa concepção, nasce a importância do ensino popular, já que o crente passava a ligar-se a Deus através da Bíblia. Isto é, era preciso ter o conhecimento dos textos sagrados.

Citando Abbagnano e Visalberghi (2001), Vieira (2008, p. 124) enumera quatro consequências da Reforma sobre as instituições escolares:

1. a afirmação do princípio da instrução universal; 2. a formação de escolas populares destinadas às classes pobres, diferentes das escolas clássicas das classes ricas; 3. o controle quase total da instrução por parte das autoridades laicas; e 4. um crescente caráter nacional da educação nos diversos países. É com o protestantismo que o princípio da obrigatoriedade e o da gratuidade da instrução são gerados, pelo menos no seu nível básico.

Na defesa do calvinismo pela educação cristã, também está implícita a ideia de que não existe separação de trabalho secular e trabalho de Deus, pois ambos visam ao aperfeiçoamento do homem e a glória de Deus. Recentemente, comentou o português Fernando Ascenso¹: “não há mais mérito em ter lido um milhão de livros do que ter lavrado mil terrenos”. Também no texto *Trabalho – O Nosso Grande Meio de Comunicação*, Ascenso defende o pensamento de que a vida profissional do protestante é uma das expressões da nossa vida cultural, e como tal, o trabalho torna-se um forte instrumento de comunicação das Boas Novas de Jesus Cristo.

A abordagem da Igreja a um carpinteiro inteligente em geral limita-se a ser uma exortação para que não se embriague nem se envolva em desordens no seu tempo livre, e de que deve vir à Igreja ao Domingo.

¹ 1 ASCENSO, Fernando. *Trabalho: o nosso grande meio de comunicação*. Disponível em: <<http://www.aspec.pt>>. Acesso em: 26 jan. 2012.

O que a Igreja deveria estar a dizer ao carpinteiro é isto: o primeiro requisito que sua religião lhe faz é que ele deve fazer boas mesas. Sem dúvida que é importante estar na Igreja ao Domingo, e que a diversão deve ser decente – mas onde chegam essas coisas se no centro da sua vida e ocupação ele está a insultar a Deus com uma má carpintaria? Da carpintaria de Nazaré não viriam mesas mal feitas ou gavetas deformadas. Se tal acontecesse como é que alguém iria acreditar que tinham sido feitas pelas mesmas mãos que haviam feito os Céus e a terra... (A Igreja) perdeu o sentido do facto de que a verdade viva e eterna se expressa no trabalho apenas se esse trabalho for verdadeiro ele próprio, em si, e segundo os padrões de sua própria técnica. Ela esqueceu que a vocação secular é sagrada. Esqueceu que um edifício precisa de ser boa arquitetura antes de poder ser boa arte sagrada, o trabalho precisa de ser um bom trabalho antes que ele possa ser chamado trabalho de Deus (SAYERS *apud* ASCENSO, 2012, p. 1).

Além de romper com a visão dicotômica espiritual ou secular, o calvinismo foi o principal promotor de uma sistematização da educação protestante que foi mais fortemente praticada no contexto mundial do que o Luteranismo.

Jan Amós Comenius (1592-1670), líder religioso tcheco, da fraternidade dos hussitas² (discípulo de Jan Huss), filósofo e cientista, foi, muito antes de Rousseau, o precursor da pedagogia moderna. Em sua mais significativa obra, *A Didática Magna*, Comenius defende que a educação é um direito de todos, homens e mulheres, pobres e ricos, normais ou deficientes. Era a defesa de uma educação universal que tinha como principal postulado o lema “ensinar tudo a todos”. Sua didática também era a favor da abolição dos castigos, de uma escola humanista e ativa e uma apredizagem global e estimulante, partindo do interesse e da observação.

Comenius fundamentou suas ideias buscando como principal referencial Tomasso Campanella e, numa proporção menor, Platão e Santo Agostinho.

² O martírio do antigo Reitor da universidade de Praga, João Huss, condenado pelo [Concílio](#) de Constança e queimado vivo a 6 de julho de 1415, despertou uma dor imensa nos seus amigos e nos seus discípulos da Boémia. Formaram-se então vários grupos **hussitas** que se distinguiam por uma moral austera, radicada nos preceitos evangélicos e pela afirmação de que a autoridade da fé tem por base única as Sagradas Escrituras. Um desses grupos – os “Irmãos de Chelcicky” – , chefiado por Pedro Chelcicky, e constituído por nobres, intelectuais e gente do povo, estabeleceu-se, em 1458, em Kunvald, região montanhosa da Boémia, onde viveu como uma grande família. A partir de 1459, [esse](#) grupo passou a ser conhecido pela designação de *Unitas Fratrum*. Em 1722, alguns [descendentes](#) dos “irmãos”, aderindo ainda secretamente à fé dos seus antepassados, deixaram a Morávia, refugiaram-se em Lusace, a 18 km da fronteira da Boémia, nas terras do Conde Zinzendorf, fundaram Herrnhut e renovaram a Unidade dos Irmãos”. Como eram da Morávia, foi-lhes dado o nome de Irmãos Morávios, ou simplesmente Morávios (COMENIUS, 1957, p. 5, grifos nossos).

Também contribuiu para o estabelecimento do seu pensamento a filosofia do Renascimento (Humanismo) e o sensacionismo dos naturalistas do século XVI.

A didática em Comenius adquire dimensões peculiares, a sua proposta didático-pedagógica expressa a forma singular através da qual ele apreendeu e plasmou, no seu projeto educativo, as inquietações, as contradições e as necessidades de seu tempo. O método comeniano de ensinar se fundamenta tanto nos princípios da natureza quanto nos princípios sociais que sustentam a nova forma de trabalho, a nova ciência e as novas relações entre os homens.

Lembremos que o pensamento comeniano se situa no contexto histórico de transição da Idade Média para Idade Moderna, do feudalismo para o capitalismo. Assim, sua didática acompanha as grandes transformações do século XVII e contribui com uma nova proposta pedagógica que assume um novo conteúdo e uma nova forma de comunicação no contexto da escola.

A didática comeniana pode ser resumida nos seguintes princípios³:

1. Todos necessitamos de educação moral e religiosa – Deus está à frente do seu sistema de educação (família e escolas devem ajudar nessa formação).
2. Para bem ensinar é necessário conhecer a natureza da criança – o conhecimento do aluno é indispensável.
3. É preciso cultivar os sentidos – é nos sentidos que está o começo de toda ciência (realismo).
4. A memória é fundamental na educação, mas só após a compreensão.
5. O ensino deve ser progressivo – do fácil para o difícil, do simples para o composto; do conhecido para o desconhecido, mas sem suprimir o esforço pessoal do aluno.
6. Devemos ensinar só aquilo que é útil – não restringir a utilidade ao sentido meramente material. “Tudo deve ser ensinado a todos”.

³ Princípios resumidos pelo Professor Dr. Francisco de Assis Pereira, ao ministrar a aula de Metodologia do Ensino Superior do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, em 2008.1.

7. O ensino deve ser interessante – isso implica num conteúdo significativo, adequado à mentalidade infantil, exemplificado e demonstrado.
8. Todo estudo deve contribuir para a instrução geral – é necessário vincular os conteúdos às experiências infantis.
9. O trabalho pedagógico exige disciplina.
10. É necessário formar o homem com vistas à vida espiritual mas igualmente em face da vida temporal.

Os 33 capítulos que constituem a *Didática Magna* podem ser divididos em quatro partes: na primeira (capítulos I–VI), Comenius valoriza o homem e tenta mostrar os fundamentos teológicos e educacionais pautados nas Sagradas Escrituras. Tenta dizer que a vida do homem necessita de uma preparação para a vida eterna. Essa “preparação se faz em três graus: conhecer-se a si mesmo (e consigo todas as coisas), governar-se e dirigir-se para Deus” (COMENIUS, 1957, p. 33).

A segunda parte (capítulos VII–XIX), é dedicada aos princípios gerais da didática. Aponta Comenius para a necessidade de se abrir escolas para todas as faixas etárias e todas as classes sociais. Defende que os débeis mentais devem ser educados, assim defende a democratização do ensino, o ensinar tudo a todos. Também “fala, a seguir, dos fundamentos para prolongar a vida, de como se deve ensinar e aprender para que seja impossível não obter bons resultados, dos fundamentos para ensinar e aprender com facilidade, solidamente e com vantajosa rapidez” (COMENIUS, 1957, p.36).

A terceira parte (capítulos XX–XXVI), é consagrada à didática especial, comenta sobre vários assuntos como: o método de ensinar as ciências em geral; reformulação nas escolas de modo que suas normas se adequem aos princípios do Cristianismo; a utilização com cautela dos chamados livros pagãos e a disciplina (assume que é contra os castigos físicos).

Na quarta parte (capítulos XXVII–XXXI), Comenius esboça um plano de estudos. Define os períodos de formação em: infância, puerícia, adolescência e juventude. Defende a ideia de que para cada período deve haver uma estruturação de conteúdo e que o ensino deve ser realizado gradualmente. Além disso, aconselha as viagens, apresenta conselhos de ordem genérica.

No último capítulo, “faz um vibrante apelo aos pais, aos formadores da juventude, às pessoas instruídas, aos teólogos, aos governantes e a Deus, para que ajudem a realizar os projetos expostos” (COMENIUS, 1957, p. 41). De modo mais sucinto, podemos resumir a *Didática Magna* em: a natureza como modelo; a imitação da natureza pelos artesãos; a aberração praticada pelas escolas, porque não imitam a natureza e a conexão necessária entre a Educação e a Didática. Uma Didática com fundamentos gerais para ensinar e aprender com segurança, facilidade, solidez e rapidez.

Além da *Didática Magna*, merece destaque a obra editada em 1966 pela Academia Checoslovaca das Ciências, *Deliberação Universal acerca da Reforma das coisas Humanas*, constituída de sete partes:

1. A *Panergesia* (Despertar Universal) – É um convite a todos os homens para uma pacífica deliberação universal. Também convoca o homem a uma invocação ao Deus misericordioso.
2. A *Panaugia* (Iluminação Universal) – Tem por objetivo acender nas mentes uma luz Divina, através da qual as pessoas passam melhor ver a vida.
3. A *Pousophia* (Sabedoria Universal) – Pretende que investigue no mundo as coisas à luz da verdade eterna.
4. A *Pampaedia* (Educação Universal) – Mostra a necessidade de educar a todos, comenta os requisitos da escola universal, livros, professores e educação para as diversas idades: da formação pré-natal, infância, puerícia, adolescência, juventude, idade adulta, velhice e morte.
5. A *Planglottia* (Língua Universal) – Tem a finalidade de abolir a compreensão errônea de que o obstáculo à compreensão universal entre os povos é resultante da confusão das línguas, então, propõe o cultivo de todas as línguas ou de uma só língua comum a todos.
6. A *Panorthosia* (Reforma Universal) – Pretende uma reforma através da valorização da família humana na busca da paz, respeito, crenças religiosas e regimes políticos.

7. A *Panuthesia* (Exortação Universal) - Apela para praticidade da *Deliberação Universal acerca da Reforma das coisas Humanas*.

No Brasil, a obra comeniana somente apareceu como primeira referência explícita no parecer sobre a Reforma do Ensino Primário emitido por Rui Barbosa, em 12 de setembro de 1882, no Parlamento Nacional.

Johann Heinrich Pestalozzi, filho do cirurgião Johann Baptist Pestalozzi e Susanne Hertz, nasceu em 12 de janeiro de 1746, em Zurique. Entre 1763-1765 estudou linguística e filosofia no Collegium Carolinum, em Zurique. Foi membro da Sociedade Helvética (1764); casou-se com Anna Schulthess em 1769; foi deputado em Paris em 1802.

A partir de 1777 foram publicadas várias obras, entre elas: *Crepúsculos de um Eremita* (1780); *Leonardo e Gertrudes* (1781); *Minhas Indagações sobre a Macha da Natureza no Desenvolvimento da Espécie Humana* (1787); *Como Gertrudes Ensina seus Filhos* (1801); *Discurso de lenzburg* (1809); *À Inocência* (1815); *Canto do Cisne* (1826).

Pestalozzi trabalhou em várias instituições destinadas à formação dos pobres. Também foi redator do jornal *Folha Popular Helvética*. Pode ser considerado um humanista-pedagogo e um dos pioneiros da pedagogia moderna. Morreu em 17 de fevereiro de 1827, em Brugg.

A perspectiva educacional em Pestalozzi é inspirada na redenção do povo pela educação, por isso, em várias ocasiões reunia as crianças pobres para ensiná-las a ler, escrever, calcular, trabalhar e orar. Tencionava oferecer às crianças órfãs e mendigas uma formação moral e profissional, baseada no amor e na fé.

O pedagogo suíço chegou a abrigar 400 órfãos no Asilo de Stanz, assumindo a função de pai e professor daquelas crianças. Foi no ambiente de Stanz que Pestalozzi colocou em prática toda a sua proposta educacional, uma educação moral baseada em três etapas: “o amor; a percepção e o exercício moral; a linguagem e a verbalização da moral” (INCONTRI, 1997, p. 91). Para Pestalozzi:

devemos nos convencer de que o objetivo final da educação não é o de aperfeiçoar as noções escolares, mas sim o de preparar para a vida; não de dar o hábito da obediência cega e da diligência comandada, mas de preparar para o agir autônomo (INCONTRI, 1997, p. 96).

Nessa perspectiva, defendia a ideia de uma educação humana baseada na natureza espiritual e física da criança; da formação gradual e espontânea, mas com direção; social para todos; profissional e religiosa.

Pestalozzi deu um grande exemplo de uma dedicação à causa da educação popular. Suas práticas ainda hoje são dignas de reflexão no âmbito da chamada pedagogia moderna.

Lutero, Calvino, Comenius e Pestalozzi prepararam, aplanaram o caminho para o desenvolvimento e continuidade da educação protestante, e não somente protestante, pois deixaram um legado educacional de caráter universal.

Depois da incontestável contribuição dos referidos pensadores protestantes, se faz importante entendermos o percurso dos Batistas no cenário mundial. Como ilustração, apresentamos as bandeiras dos países que representam parte significativa das raízes e trajetória histórica dos Batistas.

A primeira bandeira (Inglaterra) simboliza a fundação da primeira Igreja Batista; a segunda (Holanda), a influência dos Anabatistas; a terceira (EUA), a Junta de Missões, e a quarta (Brasil), o protestantismo no Brasil.



FIGURA 5 – Bandeira da Inglaterra
Fonte: <http://www.google.com.br>



FIGURA 6 – Bandeira da Holanda
Fonte: <http://www.google.com.br>



FIGURA 7 – Bandeira dos Estados Unidos
Fonte: <http://www.google.com.br>



FIGURA 8 – Bandeira do Brasil
Fonte: <http://www.google.com.br>

3 RAÍZES DOS BATISTAS

Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher, porque todos vós sois um em Cristo Jesus.

Gálatas 3, 28.

Os Batistas defendem a crença de que suas raízes históricas estão fincadas nas práticas bíblicas do Novo Testamento. Entretanto, pelo que relata a História, o grupo deriva do ramo batista que apareceu no cenário religioso do Cristianismo, na primeira metade do século XVII, a partir dos movimentos separatistas da Inglaterra, em contato com o movimento da Reforma Radical em curso na Europa Continental.

Pode ser mais plausível dizer que os Batistas, historicamente, vieram do separatismo inglês provocado por Henrique VIII em 1534, quando este resolveu romper com a Igreja Católica Romana. Essa reforma assumiu um caráter político porque o controle de muitas propriedades por parte da Igreja Romana e os impostos papais enviados para Roma faziam frente com os interesses do reino inglês. Por essa razão, a reforma na Inglaterra começou como um movimento político e prosseguiu como um movimento religioso, terminando no governo da rainha Elisabeth, em meados do século XVI.

Devido à enorme extensão da colonização britânica, a reforma se expandiu por todo o mundo. No contexto dessa reforma, o rei Henrique VIII fez nascer a Igreja Anglicana, da qual surgiram dois grupos dissidentes, os puritanos e os separatistas. O primeiro pretendia purificar a igreja da Inglaterra de seus denominados males. Aceitavam a doutrina oficial da Igreja Anglicana, mas não toleravam as pompas, cerimônias e o relaxamento dos costumes. Adotavam uma forma rígida de Cristianismo que a alegre corte de Londres não podia suportar⁴.

Os separatistas, por sua vez, também não estavam satisfeitos com a Igreja Anglicana, almejavam ter igrejas independentes do Estado e cultuar a Deus com liberdade. Então, por não conseguirem tais mudanças, emigraram para Amsterdã,

⁴ SILVA, Francisco Jean Carlos da. **Batistas regulares: uma abordagem histórico-sociológica**. Natal: Edufrn, 2006.

na Holanda. Foram liderados por John Smyth em 1607, quando na ocasião receberam forte influência dos anabatistas⁵.

Em 1611, Thomas Helwys e mais dez companheiros da congregação independente de Smyth voltaram para Inglaterra e organizaram a primeira Igreja Batista do país, num lugar chamado Spitalfields, perto de Londres. Com o crescimento numérico do agrupamento batista, surgiram novas igrejas que foram chamadas de Batistas Gerais, devido a sua doutrina, que sustentava uma expiação geral para todos os homens.

A trajetória histórica do Cristianismo dos Batistas demonstra a paixão batista pela liberdade através de seus líderes como Thomas Helwys, que “advogava explicitamente a completa liberdade religiosa, não somente para seu próprio grupo religioso, minoritário na época, mas para todos os demais, inclusive os não cristãos e os ateus” (SHURDEN, 2005, p. 12). Esse entendimento sobre a liberdade religiosa como sendo uma das principais motivações da fundação dos Batistas ajuda a compreender os Batistas da atualidade como um Cristianismo com suas diversidades de interpretações e divisionismos.

Apesar das mudanças promovidas pela transição da pré-modernidade para a modernidade, a Europa, no início do século XVI, ainda sofria com a intolerância religiosa, fato esse que contribuiu para os Batistas chegarem no início do século XVII em solo norte-americano. Presumivelmente em março de 1639, com onze membros fundadores, foi organizada a primeira Igreja Batista no atual Estado Rhode Island, por Roger Willians, um britânico emigrado da América do Norte. Ele foi o principal responsável pelo estabelecimento das Igrejas Batistas nos Estados Unidos.

A Convenção Batista do Sul dos EUA foi organizada em 1845, com o propósito de promover missões no âmbito local e mundial. Em sua estrutura organizacional foi criada a Junta Richmond, que tinha como foco projetar e operacionalizar um programa de missões fora do país. A referida Junta de Missões Mundiais localizada em Richmond, Virginia, enviou diversos missionários pelo mundo (China, Libéria, Serra Leoa, Nigéria e Itália), somando, em 1845, 81 missionários. O Pastor Bowen (1860) foi o primeiro missionário enviado ao Brasil

⁵ Também chamados aqueles que se batizavam de novo. Membros de um movimento radical do século XVI cujo princípio mais distinto era o batismo de adultos. Eles consideravam a confissão pública do pecado e da fé, ratificada pelo batismo adulto, como o único batismo real (VIEIRA, 2008, p. 33 *apud* Encyclopedia, 1993).

pela Junta Richmond. Esses missionários eram sustentados pelas contribuições oriundas das Igrejas Batista do Sul dos EUA.

As tentativas de implantação do Protestantismo em solo brasileiro foram marcadas pelas lutas contra um sistema que ancorava seus ideais sob a cruz de malta. A primeira tentativa foi com os franceses, que se estabeleceram no Rio de Janeiro de 1555 a 1560.

Nicolau Durand de Villegagnon (1510-1671) invadiu a colônia em 1555, com o intuito de fundar na carta brasileira um estabelecimento colonial chamado França Antártica. Em 1557, ele recebeu, no Rio de Janeiro, uma expedição de huguenotes, que tinha o objetivo de implantar a Igreja calvinista no Brasil (OLIVEIRA, 2010, p. 24).

Ainda segundo o livro *História dos Batistas no Brasil*, Villegagnon deixou de apoiar os protestantes e passou a executar alguns líderes da nova fé. Contudo, em 1567, os portugueses expulsaram os franceses e assim termina a primeira tentativa de implantação do Protestantismo (CRABETRE, 1962).

A segunda tentativa veio com os holandeses, entre 1630 a 1654 no Nordeste, esta também foi promovida pelos calvinistas, sob a proteção de Maurício de Nassau. “Vários templos foram construídos e utilizados pelos protestantes em Salvador, Olinda e Recife, que com a expulsão dos holandeses, em 1654, tornaram-se templos católicos romanos”, afirma Oliveira (2010, p. 25).

As primeiras tentativas foram ofuscadas e proibidas pelo poder dominante no Brasil. Então, durante todo período colonial brasileiro não foi possível a implantação de formas permanentes de culto protestante.

Os alemães, que chegaram ao Brasil na primeira metade do século XIX, praticavam seu Protestantismo de maneira restrita, recebendo ajuda de um Estado que carecia promover a “civilização” da sociedade brasileira através do projeto de modernização tão fomentado no mundo europeu.

Por decreto de 1858, do governo do Império, o pastor Hesse foi contratado na Alemanha para servir em Blumenau. Durante os primeiros sete anos de estadia, foi pago pelo governo imperial, o que não era incomum nas paróquias evangélicas. O mesmo benefício fora concedido à colônia gaúcha de São Leopoldo, cujo primeiro pastor, que chegou ao lugar em 1824, também teve seu salário pago pelo Império, favor negado na época à paróquia católica da região. [...] Em Joinville, o governo provincial chegou a colaborar com a

quantia de 10:000\$000 para construção do templo evangélico (NASCIMENTO, 2004, p. 62).

No Nordeste brasileiro, temos os alemães, que instalaram sua primeira colônia no sul da Bahia, organizaram igrejas e escolas para atender seu povo. Esse período ficou conhecido como “protestantismo de imigração”, semelhante à filosofia do sul do país, ou seja, escolas e igrejas que não tinham o propósito de evangelizar o povo brasileiro, mas de preservarem inicialmente seu patrimônio cultural, incluindo a religião e a língua.

Estavam interessados em ampliar o mercado para seus produtos, sendo a sua prática religiosa meramente um dos componentes de seu ethos cultural. Por isso ficaram fechados em suas capelas. Os imigrantes alemães, por seu lado, estavam buscando novo espaço de vida e se contentavam em praticar entre si a religião que haviam trazido de sua terra (NASCIMENTO, 2004, p. 71).

Segundo Maria Lúcia Barbanti, era constatado o bom nível de ensino nesse período, havendo um Jardim de Infância regido por duas professoras. Entretanto, os imigrantes alemães com o chamado “protestantismo de colônia” não se empenharam em atividades missionárias.

Acredito que o início do processo de abertura para a liberdade religiosa no Brasil e a consolidação dos grupos protestantes no país vai se concretizar no século XIX. Essa presença efetiva e permanente dos protestantes se deu por diversos motivos, quais sejam: a mudança gradativa de paradigma da Idade Média para a Moderna, com os avanços da ciência e da tecnologia; expulsão dos jesuítas do Brasil pelo Marquês de Pombal em 1759; os ideais da Revolução Francesa; a Constituição dos Estados Unidos da América de 1789; os movimentos de libertação nacional que culminaram com a independência política em 1822; a Constituição brasileira de 1824; a Guerra de Secessão nos EUA (1861-1865); o decreto nº119-A de 1889; a Constituição brasileira de 1890; a expansão do capitalismo relacionado com os interesses econômicos no Brasil e a ação da maçonaria contrária ao ultramontanismo⁶. Estes foram fatores essenciais na construção da liberdade

⁶ O termo ultramontanismo foi usado “desde o século XI para descrever cristãos que buscavam a liderança de Roma ou que defendiam o ponto de vista dos papas. [...] reaparecendo no século XIX para descrever “uma série de conceitos e atitudes ao lado conservador da Igreja Católica e sua reação aos excessos da Revolução Francesa” (VIEIRA, 1980, p. 32).

religiosa no Brasil e, conseqüentemente, na instalação definitiva dos protestantes no país.

Os jesuítas permaneceram como mentores da educação brasileira durante duzentos e dez anos, até 1759, quando foram expulsos de todas as colônias portuguesas por decisão de Sebastião José de Carvalho, o marquês de Pombal, primeiro ministro de Portugal (1750-1777). No momento da expulsão, os jesuítas tinham 25 residências, 36 missões e 17 colégios e Seminários, além de Seminários menores e escolas de primeiras letras instaladas em todas as cidades onde havia casas da Companhia de Jesus. Com isso, a educação brasileira vivenciou uma grande ruptura histórica num processo já implantado e consolidado como modelo educacional.

A expulsão dos jesuítas abriu uma lacuna na educação brasileira até a chegada das chamadas aulas régias. E, por conseguinte, enfraqueceu o poder da Igreja Católica, favorecendo uma abertura a outros credos que configuraram no século posterior.

A promulgação da Constituição Americana, em 1789, colaborou para a abertura da discussão sobre a liberdade religiosa no Brasil, pois estabelecia o grande legado histórico dos Batistas, a separação Igreja e Estado. A quebra da uniformidade e união entre Igreja e Estado no Ocidente proporcionou a criação de várias denominações em solo norte-americano. Assim, possivelmente a promessa de Deus a Abraão de testemunhar sobre a salvação do mundo foi entendida pelos norte-americanos como sua tarefa de promover o messianismo nacional que influenciaria a redenção política, moral e religiosa do mundo.

Em 1824 a Constituição brasileira já admitia o culto particular, no entanto ainda era terminantemente proibida a livre expressão de qualquer religião realizada em público. Entretanto, em 1835 a Igreja Metodista enviou o missionário Fountain Pitts ao Rio de Janeiro com o duplo propósito de investigar as possibilidades de abrir frentes de trabalhos evangelísticos e consolidar a fé dos imigrantes protestantes.

No reinado de Pedro II (1840-1889), o Protestantismo foi ganhando terreno em solo brasileiro e sorrateiramente foi se espalhando através de ações como a dos missionários James Cooley Fletcher, um presbiteriano, e Daniel Parrisch Kidder, um metodista correspondente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil, que viajaram pelo Brasil observando a cultura e distribuindo Bíblias. Acreditavam na *Bíblia* como fonte de salvação do homem e manual de conduta para as escolas primárias.

Em 1837, dizia o anúncio no *Jornal do Comércio* (RJ):

Vende-se por 1\$000 (um mil réis), na rua Direita, nº 114 o Novo Testamento de nosso Senhor Jesus Cristo, traduzido pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo. Este livro é muito recomendável a todos os mestres e diretores de aulas e colégios do Império do Brasil, para adotarem como livro de instrução para os seus alunos, porque nele se acha o tesouro mais precioso que o homem pode exigir neste mundo. Ele é a fonte de luz, a fonte da moral, a fonte de virtude e sabedoria (CESAR, 2000, p. 69).

O interesse do Império brasileiro em facilitar a vinda dos primeiros protestantes encontrava justificativa nos conhecimentos trazidos por estes, que poderiam atender alguns problemas do campo social brasileiro. Contudo, era necessário assegurar aos imigrantes o direito de exercer sua religião e de educar seus filhos, dentre outros direitos civis.

O primeiro trabalho que tem continuidade, em língua portuguesa, no Brasil é fundado por um médico escocês, Dr. Robert Kalley, em 1855. Homem de relativa erudição, vinha da ilha da Madeira onde havia conseguido grande número de adeptos. Por motivos de perseguição religiosa teve que abandonar a sua obra de evangelização e, depois de uma ligeira permanência nos Estados Unidos, vem para o Brasil. Julgando insuficiente a simples distribuição da Bíblia, inicia a propagação do protestantismo, confiando grande parte, essa tarefa, aos seus colaboradores portugueses. Estabelece relações com as autoridades mais elevadas e com as altas camadas da sociedade, relações essas que visam a garantir a sobrevivência do seu trabalho e a liberdade dos seus convertidos. Aluga uma casa do embaixador americano em Petrópolis e aí chega a receber a visita de Pedro II, com quem discute assuntos de viagens (RAMALHO, 1976, p. 56).

Em 1858, no Rio de Janeiro, o pastor e Dr. Robert Kalley promove a fundação da primeira Igreja protestante de língua portuguesa no Brasil, com 14 membros, “[...] estando arrolados o Dr. Kalley e esposa, três norte-americanos, oito portugueses e um brasileiro” (RAMALHO, 1976, p. 57). Atualmente, essa igreja é conhecida como Igreja Evangélica Fluminense.

Em 1860 Thomas Jefferson Bowem, missionário enviado ao Brasil pela Junta de Richmond, Associação de Igrejas Batistas do Sul dos Estados Unidos, aportou na cidade do Rio de Janeiro, mas foi impedido pelas autoridades de propagar a doutrina Batista no Brasil. Por essa razão, Bowem acabou ficando no país apenas nove

meses. Com a Guerra de Secessão (1859-1865) entre os estados do Norte e do Sul dos Estados Unidos, milhares de imigrantes americanos vieram para o Brasil, estabelecendo-se principalmente em Santa Bárbara D'Oeste, Piracicaba e Americana, no interior paulista.

Quando o sul perdeu a Guerra e sofreu o processo de reconstrução, configurou-se uma incômoda situação de derrota que favoreceu o êxodo de milhares de sulistas para outras regiões. Dos 10.000 que deixaram os Estados Unidos nessa ocasião, cerca de 2.000 radicaram-se no Brasil, e, destes, 800 na província de São Paulo; dos 2.000 iniciais, metade regressariam depois aos Estados Unidos (BARBANTI, p. 87, 1977).

Provavelmente a vinda dos americanos ao Brasil não foi simplesmente pela fuga da Guerra de Secessão (1861-1865). A busca da liberdade fez parte da construção da sociedade norte-americana desde sua fundação. Como exemplo, temos a luta contra a escravidão de milhões de negros nas primeiras décadas do século XX, que persistia mesmo em face da vitória do Norte na guerra civil, que permitiu a abolição da escravidão e os avanços da luta pela liberdade. Os EUA ainda é um país racista e imperialista até os dias de hoje.

Todavia, a liberdade, distintivo histórico dos Batistas, não incluía todos os americanos. O nome que representa o significado e o discurso da luta pela liberdade ao modo batista é a figura do pastor batista Martin Luther King Jr. (1929-1968), que com apenas 26 anos defendeu o sonho de uma completa integração dos negros na sociedade norte-americana e uma estratégia não violenta de protesto político em favor dos direitos civis do povo americano e consequentemente dos negros.

Segundo a hipótese de Lawrence Hill, a vinda dos americanos para o Brasil teve relação com o movimento *Manifest-Destiny*. Antes da guerra civil esse manifesto defendia a crença de que os Estados Unidos e seu infinito progresso poderiam levar a imagem de seu país para o Ocidente e outros lugares do mundo. O cenário político do relacionamento entre o Brasil e os EUA no início do século XX se estabeleceu diferentemente do Período Imperial, pois o regime político e a estrutura das duas sociedades eram diferentes. Durante o império as relações ocorreram em clima de desconfiança e suspeita.

Em 1906, no Rio de Janeiro, observa-se o espírito de cordialidade entre os dois países na 3ª Conferência Pan-Americana, entretanto, no mesmo período, o jurista

Rui Barbosa fazia críticas ao espírito imperialista dos EUA e países da Europa, sentimento que também foi expresso pelo presidente Geisel quando comentou sobre a política externa: “Eu achava que nossa política externa tinha que ser realista e tanto quanto possível independente. Andávamos demasiadamente a reboque dos Estados Unidos” (BANDEIRA, 2004, p. 40).

O período compreendido entre 1915 e 1930 foi marcado pela maior abertura ou “melhoramento” da relação Brasil e EUA, tudo impulsionado pelo processo de industrialização. “O Brasil dependia em cerca de 60% a 70% das exportações de café, e estas, em igual proporção, do mercado americano” (BANDEIRA, 2004, p. 365).

O mercado de trabalho e a existência de Igrejas evangélicas em várias províncias do Brasil também favoreceram a vinda dos americanos e, por conseguinte, a possibilidade de existência de escolas que possibilitariam uma segurança em criar seus filhos sob os padrões do cristianismo evangélico e a possibilidade de uma instrução formal que serviria como estratégia indireta de evangelização.

Sobre a imigração para o Brasil:

O governo Imperial olha com simpatia e interesse a imigração americana para o Brasil, e está resolvido a dar-lhe as mais favoráveis considerações. Os imigrantes acharão uma abundância de terras férteis, adequadas para a cultura de algodão, cana-de-açúcar, café, fumo, arroz etc. Estas terras estão situadas nas províncias do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Espírito Santo e Rio de Janeiro; e cada emigrante pode escolher suas próprias terras. Logo que o imigrante tenha escolhido sua terra, será essa medida pelo governo, e dada a posse em pagamento do preço estipulado. Terras desocupadas serão vendidas ao preço de 23, 46, 70 ou 90 centavos por acre, a serem pagos antes de tomar posse, ou vendidas por tempo limitado de cinco anos, pagando os imigrantes seis por cento de juros anualmente, e recebendo o título de propriedade, somente depois de ter pago a terra vendida. As leis em vigor concedem muitos favores aos imigrantes, tais como isenção de direitos de importação sobre todos os objetos de uso pessoal, utensílios de comércio e utensílios de agricultura e maquinaria. Os imigrantes gozarão, sob a constituição do Império, de todos os direitos e liberdade civis, que pertencem aos brasileiros natos. Eles gozarão da liberdade de consciência em assuntos religiosos, e não serão importunados por suas crenças religiosas. Os imigrantes podem tornar-se cidadãos naturalizados depois de dois anos de residência no Império, e estarão isentos de todos os deveres militares, exceto a Guarda Nacional (milícia) na municipalidade. Nenhum escravo pode ser importado para o Brasil de qualquer país.

A imigração de agricultores e mecânicos é particularmente desejada. Bons engenheiros são procurados no Império. Há estradas de ferro em construção e outras em projeto: além disso, há muitas estradas a serem construídas e rios para serem navegados. À venda, à disposição dos imigrantes, terras das melhores qualidades, pertencentes a particulares. Essas terras, variando os preços de \$140.700 por acre, são próprias para a cultura de café, cana-de-açúcar, algodão, fumo, arroz, milho etc. e podem ser obtidas em todas as condições, desde a floresta virgem até as terras em estado de serem cultivadas (BARBANTI, 1977, p. 98).

Fato também marcante foram as várias tentativas de consolidação do cristianismo evangélico em solo brasileiro através dos distribuidores de Bíblias como Daniel P. Kidder, que esteve em Pernambuco em 1839, Charles Adye, o ex-padre Antônio José de Souza, Robert Cornefield, dentre outros agentes promotores das ideias protestantes. Em 1860 as atividades missionárias ganham uma nova configuração, ultrapassando a fase da distribuição de literatura e evangélica. Em Pernambuco, o colportor congregacionalista Manoel José da Silva Viana organiza a primeira comunidade de convertidos.

O estudo do início do protestantismo em Pernambuco, superadas as iniciativas incidentais apontadas, pode ser desenvolvido em cinco momentos principais: os precursores (1822-1850), a implantação (1860-1873), a expansão (1870-1880), a consolidação e as crises internas (1880) e o período republicano (1889...) (SANTOS, 2008, p. 277).

Em 1871, em Santa Bárbara, São Paulo, foi fundada a 1ª Igreja Batista entre os americanos, porém com visão missionária de pregar o evangelho aos brasileiros. Para Betty Oliveira, a referida Igreja é considerada a primeira Igreja Batista em solo brasileiro, fundada pelo pastor Richard Ratcliff com Batistas emigrados dos EUA, em 10 de setembro de 1871. Parece ser consistente afirmar que os argumentos de Betty têm fundamentação plausível. O relato de Bagby, em 1882, confirma isso:

Preguei ultimamente em vários lugares ao redor de Santa Bárbara para brasileiros e portugueses... Eles sempre parecem surpresos e alegres com o fato de ouvirem os cultos em sua própria língua... Geralmente tentam cantar conosco... Na última noite da semana passada preguei na casa de um brasileiro, a pedido, havia ali umas 45 pessoas presentes... Alguns uniram-se a mim no canto... Tem sido um prazer para mim, começar a pregar em português e reunir essas pessoas num culto evangélico (OLIVEIRA, 1985, p. 359).

A segunda Igreja Batista também foi fundada em Santa Bárbara/SP, em 02 de novembro de 1879, com alguns membros transferidos da primeira igreja.

Somente em 1882, no dia 15 de outubro, aconteceu a organização da terceira Igreja Batista, localizada na rua Maciel de Baixo, 43, no centro de Salvador. Com 250 mil habitantes, era a segunda cidade do Brasil em população. A Igreja foi fundada pelos missionários William Bagby e Zacarias Taylor e o ex-padre católico Antônio Teixeira de Albuquerque, que tinham chegado à Bahia no dia 31 de agosto de 1882, com suas famílias. Entretanto, somente em 7 de janeiro de 1890 o decreto nº 119-A, em seu Artigo 2º, assegura a liberdade de culto. No Art. 3º, essa liberdade ganha abrangência para as instituições religiosas. Na teoria, estava consolidada a separação da Igreja e o Estado, promovida pelos chamados republicanos.

A maçonaria também teve um papel importante para o estabelecimento dos missionários Batistas em solo brasileiro, já que é fato a participação dos protestantes Anderson e Desaguliess na organização do primeiro Estatuto, sendo influenciadores ao introduzirem princípios evangélicos na formatação das normas maçônicas. A relação entre a maçonaria e os Batistas no Brasil é confirmada pelo fato de que, na fundação da maçonaria, em 1874, esta contava com oito Batistas, sendo cinco deles fundadores da primeira Igreja Batista em Santa Bárbara/SP.

Em 19/07/1880, a pedido da Igreja da Estação, foi formado o concílio reunindo as duas Igrejas, para recepção e consagração ao ministério do irmão Antônio Teixeira de Albuquerque, tendo sido batizado pelo Pr. Thomas. Foi moderador do concílio que se realizou no salão da loja maçônica, o pastor Quilin, conforme se descreve na carta subscrita pelo moderador e pelo secretário do concílio (4, p. 249 – tradução e p. 407 fac-símile do original. Foreign Mission Board of the Southern Baptist Convention – Richmond, VA, USA).

O fato é que o primeiro pastor batista brasileiro foi consagrado ao ministério pastoral no salão da Loja Maçônica, certamente com o apoio de uma expressiva representação de maçons oriundos das duas primeiras igrejas Batistas.

Em 1921, o missionário batista Salomão Luiz Ginsburg, autor e tradutor de 102 hinos do primeiro “Cantor Cristão” e ex-diretor do Colégio Americano Batista do Recife, em seu livro autobiográfico *Um Judeu Errante no Brasil* relata em algumas partes sua condição de maçom. Também o ex-diretor do CAB, o missionário David Mein foi maçom atuante, membro da Loja Cavaleiros da Cruz.

O Pr. José de Souza Marques exerceu cargos importantes na administração maçônica, sendo presidente do Supremo Tribunal da Justiça Maçônica. Assim, o referido pastor, muitos homens de fé, participaram da maçonaria sem encontrar incompatibilidade com a Fé Cristã (SANTOS, 2008, p. 200).

Possivelmente a participação dos pastores Batistas na maçonaria foi uma estratégia política de defesa contra as perseguições da Igreja Romana que, desde 1738, através da bula “Il Eminente” do Papa Clemente XII, atacava a maçonaria. Entretanto, a participação dos missionários Batistas na maçonaria não tem sido objeto de concordância no meio batista. Os Batistas discordam da participação na maçonaria porque, segundo eles, sua doutrina apresenta perspectivas diferentes quanto à defesa da fé no que diz respeito a alguns temas, como: salvação para os mortos; batismo pelos mortos; vida após a morte; não beber chá e café; poligamia etc.

Em Recife, o trabalho batista começou a se consolidar em 1881, com a chegada dos novos missionários, E. Entzminger e Salomão Guinsburg. Somente em 1892 foi reorganizada a Igreja de Cristo do Recife, com 13 membros.

A Igreja de Cristo do Recife teve seu ponto fixo de reunião em uma casa alugada na rua Hortas. Mas a igreja Batista do Recife ainda não estava assentada definitivamente, pois logo após estes momentos de alegria e ânimo, Entzminger e Salomão se retiraram para Bahia e só pouco depois é que, enquanto Salomão se dirigiu para o campo fluminense, Entzminger foi reconduzido a Pernambuco, para de maneira definitiva coordenar a obra (SANTOS, 2008, p. 278 apud MOREIRA; ANDRÉ, 1964, p.18).

O missionário Salomão Ginsburg apresenta um Quadro comparativo de crescimento da Igreja Batista no Brasil dos anos de 1910 e 1920.

IGREJA BATISTA	1910	1920
Igrejas	142	221
Pontos de pregação	497	820
Membros	9.939	20.135

Escola Bíblica Dominical	138	322
Alunos (EBD)	4.438	14.957
Missionários	44	86
Obreiros nativos	117	197

Fonte: Ginsburg, 1970.

As primeiras escolas protestantes fundadas em solo brasileiro foram a Escola Americana e o Mackenzie de origem Presbiteriana, em 1870, em São Paulo, e depois a Escola da Missão, em 1871, em Brotas-SP. Em seguida vieram outras escolas como o Colégio Piracicabano de origem Metodista, em 1881. Até o final do século XIX, os presbiterianos já haviam fundado mais de 40 escolas primárias. Também destacamos o Colégio Progresso Brasileiro, fundado em 1884, em São Paulo, o Colégio Batista de Jaguaquara, fundado em 1898, em Salvador, o Colégio Batista Brasileiro de São Paulo e o **Americano Batista do Recife, em 1902**.

Apresentamos abaixo, em ordem cronológica, as iniciativas de instalação de Colégios Batistas até a década de 1930.

1888 – Escola no Rio de Janeiro. Curta duração, pois sua fundadora Maggie Rice falece de febre amarela.

1894 – Escola Industrial de Salvador (BA). Curta duração.

1895 – Escola em Campos (RJ). Fundada por Salomão e Amma Ginsburg. Curta duração devido a uma epidemia de varíola.

1898 – Escola em Belo Horizonte. Fundada por duas jovens americanas. Curta duração devido à migração de trabalhadores para outra cidade.

1898 – Colégio Taylor Egydio em Salvador (BA). Administrado por Laura Taylor e transferido em 1922 para cidade de Jaguaquara. Encontra-se em atividade.

1902 – Colégio Batista Brasileiro de São Paulo. Inicialmente de propriedade de Anna Bagby, obteve auxílio da Junta Richmond após dezessete anos do seu afastamento do Colégio.

1905 – Colégio Batista Industrial em Corrente (PI).

1906 – Colégio Americano Batista do Recife (PE)⁷.

1908 – Colégio Batista Shepard, (RJ).

⁷ Segundo fontes documentais, o CAB foi fundado em 1902 pelo missionário William Canadá.

1910 – Instituto Batista Fluminense, Friburgo (RJ). Transferido em 1914 para Campos (RJ), sob o nome de Colégio Batista Fluminense.

1918 – Colégio Batista Mineiro, Belo Horizonte (MG).

1922 – Colégio Batista Americano, Maceió (AL).

1926 – Colégio Batista de Porto Alegre, Porto Alegre (RS).

Fonte: Duduch apud Machado, 1994, p. 55-61.

A consolidação dos Colégios Batistas também ocorreu em meio à tensão vinda do seu próprio arraial. Alguns Batistas defendiam a ideia de que os investimentos deveriam ser canalizados exclusivamente para a fundação de Igrejas, pois acreditavam que o Brasil jamais poderia ser evangelizado pelos Colégios. Esse grupo, mesmo acreditando nos Colégios como auxiliares na tarefa do evangelismo, receava que o rumo das escolas evangélicas tomasse a mesma direção dos Colégios americanos que, na medida em que cresceram e enriqueceram, se desviaram do evangelho, como foi o caso de muitas universidades americanas.

Mesmo em face da controvérsia interna entre os Batistas, os investimentos norte-americanos no ideal fundante, educar e salvar através dos Colégios, continuaram em solo brasileiro.

O diretor do Colégio Batista do Rio de Janeiro, Dr. J. W. Shepard, afirmou em artigo publicado no *Jornal Batista*, em 1929:

O Evangelho tem uma mensagem: os Baptistas têm uma mensagem educacional para o mundo. A razão que eles têm várias doutrinas distintas. Eles seguem as Escrituras como única regra de fé e prática, e creem no progresso social, mediante a regeneração individual, na democracia pura, na liberdade de consciência, na separação entre o estado e a Igreja, na evangelização do mundo todo. Sua mensagem educacional toma o seu caráter, desta crença fundamental (SHEPARD, 1929, p. 12).

O resumo da ética dos missionários norte-americanos está fundamentado na seguinte frase: “Bíblia como única regra de fé e prática dos Batistas”. Entendem os Batistas que toda Escritura é considerada como inspirada⁸ por Deus. Defendem seu caráter inerrante e adotam uma linha de interpretação literal-histórico-gramatical,

⁸ É a supervisão de Deus sobre os autores humanos da Bíblia, de modo que, ao usarem suas próprias personalidades e estilos, redigiram e registraram sem erro as palavras de sua revelação ao homem nos autógrafos originais (RYRIE, 2007, p.1280).

buscando o uso de uma hermenêutica e exegese que buscam a compreensão do texto Sagrado.

O poema abaixo corrobora com o pensamento dos missionários norte-americanos sobre o valor da *Bíblia*.

A Bíblia; Eis o Livro. O verdadeiro Livro⁹

O Livro dos Livros;
Onde a verdade buscar
Para onde o olhar se voltar
E se com tal retidão agires
Jamais de melhor luz precisarás
E mesmo na Escuridão caminharás
O Ministério santo de Deus em Assembleia
Esta luz ao homem revelou
E a todos ordenou

Para que na boa ou má sorte
Todos conheçam
E Dele jamais se esqueçam

Porque é o livro de Deus
O que sem Ele eu poderia?
O que eu saberia?

A Bíblia foi enaltecida por muitos na história da humanidade:

“Edward Wright, no prefácio ao livro pioneiro de William Gilbert, *Of the Loadstone* (1600), declarou que o sistema copernicano poderia conciliar-se com as Escrituras” (HILL, 2003, p. 43).

“O matemático Thomas Hood concordou que, depois da Bíblia, a arte da astronomia deveria conduzir principalmente ao ensinamento do conhecimento de Deus” (HILL, 2003, p. 43).

“Sir Isaac Newton acreditava que Moisés ajustou suas palavras às concepções toscas do homem comum, traduzindo conceitos astronômicos em linguagem cotidiana” (HILL, 2003, p.43).

⁹ HILL, 2003, p. 23 apud HARVEY, 1874. *Complete Poems*. Org. A. B. Grosart, p. 19-21. Esse poema foi publicado pela primeira vez em 1640.

“Donne, em seu livro *The First Anniversary*, escreveu sobre a verdadeira alquimia religiosa; e em um sermão em 1622 citou Isaías para ressaltar que Deus pode trabalhar com todos os metais e transformá-los todos (HILL, 2003, p. 44).

“Para ele [Robert Fludd] a Bíblia é o suporte de todas as artes – astronomia, meteorologia, física, música, aritmética, geometria, retórica, artes mecânicas, filosofia moral e política” (HILL, 2003, p.44).

“Grande parte do livro de Raleigh, *History of the World* (1614), foi escrita de acordo com a estrutura cronológica de Moisés. A verdade é que todos os historiadores antigos tomaram a Bíblia como seu texto básico, em cuja narrativa deveria se inserir a história do Egito, da Babilônia e da Grécia (HILL, 2003, p. 47).

Christopher Hill, no livro *A Bíblia Inglesa e as Revoluções do Século XVII*, defende a tese de que a *Bíblia* foi utilizada para justificar ataques e defesas do rei. Entretanto, também mostra que a utilização das Escrituras não se limitou apenas aos interesses políticos e religiosos, mas também abordou o seu efeito sobre a economia, agricultura, colonização e literatura.

Consideremos alguns aspectos que provocaram a aceitação e rejeição do Protestantismo e, por conseguinte de suas escolas. Um dos grandes problemas que o Protestantismo enfrentou foi a sua relação direta com os ideais liberais e democráticos do século XIX. O Protestantismo era tido como a versão religiosa da ideologia que tinha como postulado o lema “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, da Revolução Francesa e, evidentemente, a grande influência da declaração de Independência dos Estados Unidos da América do Norte, considerando “que todos os homens foram criados iguais, que foram dotados, por seu criador, de certos Direitos inalienáveis, entre os quais estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade” (BARBANTI apud ALVES, 1977, p.146).

Esses ideais contrapunham uma elite aristocrática alimentada pela Igreja Católica Romana. No sentido amplo, podemos entender como ideologia liberal, considerando a transição do feudalismo para o capitalismo. Então, o liberalismo se instala como ideia que justifica o novo modo de produção, apresentando-se como motor emancipador do capitalismo, que estava ancorado na defesa do individualismo, da liberdade, da democracia, do trabalho e do progresso.

Comenta Langston sobre o individualismo:

O princípio por excelência em que se aprofundam a vida e o pensamento baptista é o princípio do individualismo. Toda a sua vida e todo o seu pensamento advém deste princípio. É effectivamente, este o princípio formativo no seu pensamento, e também o princípio operativo na sua vida. Se alguém quizer saber o que é que os baptistas pensam no tocante a algum assumpto – religioso, social, político ou económico – terá de examinar o seu pensamento em qualquer destas relações à luz deste princípio, a saber: individualismo (RAMALHO, 1976, p. 44).

O investimento das igrejas norte-americanas na fundação de escolas em solo brasileiro estava directamente vinculado não somente a um modo de produção para enriquecimento, mas também à reprodução de um estilo e fundamentos éticos de vida.

As raízes dos Batistas abordadas neste capítulo contribuem para compreendermos a trajetória histórica do CAB e sua inserção no cenário educacional brasileiro.



FIGURA 9 – Colégio Americano Batista

Fonte: Arquivo do CAB.

4 TRAJETÓRIA DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA DO RECIFE (1902-1942)

Quem quer ser do Jesus que acabo de falar?
Gilberto Freyre

O Colégio Americano Batista está inserido historicamente num período do contexto mundial que Eric Hobsbawn designa como “Era das Catástrofes”, momento em que o mundo presenciou a Primeira e a Segunda Guerra Mundial. A denominação “Era das Catástrofes” é pertinente, pois se estima que no século XX 187 milhões de mortes foram provocadas pela decisão humana. Para Hobsbawn, foi o século de maior desumanização da história, em contraste com conquistas precedentes entre 1789-1914. Foi também o período em que a ânsia pelo poder fomentou uma rivalidade política internacional sob a luz de um crescimento mundial.

No início do século XX o Brasil ainda era muito pobre de investimento na área de educação, a julgar por uma população predominantemente de analfabetos. Pernambuco, nesse ínterim, vivia a transição da tradição para modernidade, uma época marcada entre o padrão agrário e urbano industrial. Essa transição do agrário, ou seja, a mudança dos tradicionais engenhos para as modernas usinas de produção de açúcar gerou a formação de uma nova elite urbanizada.

Com a nova configuração econômica da sociedade pernambucana, se fez importante que o Estado reformasse o modelo educacional vigente. As reformas educacionais de 1923 (Ulisses Pernambucano) e a de 1928 (Carneiro Leão) tencionavam atender às necessidades no ensino público devido à referida transição de um modelo agroexportador para um modelo urbano industrial.

As reformas educacionais tinham como pressupostos a proposta da Escola Nova, com a preocupação da individualidade da criança e sua interação na sociedade; a ênfase nos métodos que levam o aluno a aprender fazendo, com base nos seus interesses e a preparação desde a escola para o mundo do trabalho.

Recife, por exemplo, na década de 1920, experimentou uma significativa migração do campo para cidade. A população da cidade passou de 113 mil para 239 mil habitantes, afirma Sellaro (2000). Era o chamado período das novidades tecnológicas. A cidade foi impactada com os automóveis, telefones, rádios, aquecedores domésticos, fogões a gás etc. O campo educacional, no final da República Velha, por sua vez, experimentou o plano de Reforma Educacional que consistia em inaugurar um modelo educacional que tentava atender às exigências

da nova época, buscando pressupostos da Escola Nova, que confrontava de um certo modo com a prática de dominação oligárquica. Era a valorização do homem criativo, ativo, produtor de seu lugar na sociedade. A oligarquia e o escolanovismo se encontravam na arena do contraditório, em que as forças de conservação social emergiam, se confrontavam e, por vezes, se combinavam de modo ambíguo e surpreendente.

Foi a primeira década do século XX na sociedade pernambucana marcada pelo aumento do processo de urbanização decorrente do impulso experimentado pela industrialização. Esses aspectos, juntamente com a falta de organização da educação brasileira, favoreceram uma procura escolar significativa. Comenta Giucci (2007, p. 18) sobre o contexto sociopolítico e econômico de Pernambuco:

A queda da monarquia em 1889 e a formação de um sistema federal despojaram Pernambuco do minguado poder político que ainda detinha no Império. Durante toda a República Velha, Pernambuco seria um estado fraco, caracterizado por intervenções federais e ameaças dos estados vizinhos. Uma região politicamente fragmentada, cujo atraso técnico e econômico em relação ao Sul se aprofundava cada vez mais.

As chamadas “Escolas Novas” que surgiram no início do século XX acompanham o aspecto inovador da vida social. Uma sociedade que nutria o consumo e renovava o capitalismo como sistema produtivo. Um século também conhecido como do “homem novo”, assim, entrelaçada nas mudanças, encontramos nesse período uma espécie de “nova” pedagogia e educação com os novos ventos que apontavam para um crescimento da democracia. No âmbito da escola, a principal mudança foi a abertura às massas. Essa escola tinha a proposta de constituir uma espécie de voz que nutria uma ideologia democrática e progressiva.

A escola deverá ser um lugar em que as crianças vivem felizes, em que tenham a liberdade de criar, de viver em sociedade, de exprimir-se enquanto crianças, e onde, ao mesmo tempo, sejam preparadas de modo completo e científico para participar da vida que as circunda (WASBURN *apud* CAMBI, 1999, p. 523).

Os Colégios Protestantes no Brasil surgiram em meio às tensões entre o velho e novo, o tradicional e o moderno. Sellaro (1987, p. 496) atesta a presença dos colégios protestantes:

O aparecimento de grandes colégios protestantes nos principais estados brasileiros, desde o final do século passado, evidenciara a forma antiquada e anacrônica do sistema educacional vigente; servindo de modelo para a renovação educacional em São Paulo e fortalecendo, posteriormente, o movimento em torno da Escola Nova.

O relato de um texto publicado no Jornal *Norte Evangélico* (órgão de divulgação dos Presbiterianos no Nordeste) mostra a situação da educação brasileira:

A ação católica no Brasil, como em toda a parte do mundo, tem sido inteiramente falha na educação popular, ocupando-se exclusivamente das classes superiores. E na luta contra o analfabetismo em todos os estados do Brasil, é preciso pôr em ação todas as forças sociais. [...] O povo brasileiro é, entre os povos de origem europeia, o mais ignorante de todos, aquele em que menos atenção se presta ao assunto, aquele em que menor número de escolas existe. [...] O catolicismo tem, além disso, uma grande falta a reparar em matéria de ensino. O catolicismo é um fenômeno paralelo ao analfabetismo. Com exceção da França, em todos os países onde domina o sem contraste o analfabetismo é intenso (SILVA, 2009, p. 48 *apud* Jornal *Norte Evangélico*, 27 de maio de 1921, p. 3).

A realidade brasileira no âmbito da educação era caótica, porém não podemos esquecer que os EUA e países europeus alimentavam certo preconceito, expressões como “povo ignorante” são típicas de um pensamento colonialista arrogante. Nessa perspectiva, Willington Germano, ao analisar a construção de mundos pós-coloniais, conclui:

As desigualdades de poder e de saber, inerentes às relações de dominação, acabam por produzir ações de controle e submissão. Estas ações resultam na produção da inferioridade, inclusive no campo do conhecimento, pois, para os dominantes, o descoberto é desprovido de saberes, uma vez que o selvagem e o negro africano escravizados não são, sequer, considerados plenamente humanos. Ora, o lugar por excelência do selvagem era a América e a África, mas, notadamente, a América, o chamado Novo Mundo porque, como afirmava Américo Vespúcio, rompia com a geografia do mundo antigo (GERMANO, 2008, p. 3).

Segundo o autor, na produção simbólica da inferioridade, a imposição cultural ocorre devido aos mecanismos de imposição econômica e política, que são elos da cadeia que fundamenta uma ideia de superior sobre inferior. Assim, no contexto pernambucano do início do século XX, o Brasil é visto como um lugar de inferioridade pelos europeus e norte-americanos.

Com o cenário favorável, no início do século XX, chegou em Pernambuco o missionário Dr. William Henry Canadá, com o ideal de servir em terra brasileira através de um trabalho no campo da educação formal. Ele pretendia criar um colégio para alfabetização das crianças, como nos mostra a citação que segue:

Foi então que, juntamente com a criação do Seminário Teológico em 1902, o Dr. Canadá deu início a uma “aula de literatura”, e enquanto o Seminário se reunia na casa do Dr. Salomão Ginsburg, outro grande missionário, essa “classe” acontecia num casebre, junto à 1ª Igreja Batista do Recife, com 15 meninos (PERRUCCI, 2006, p. 21).

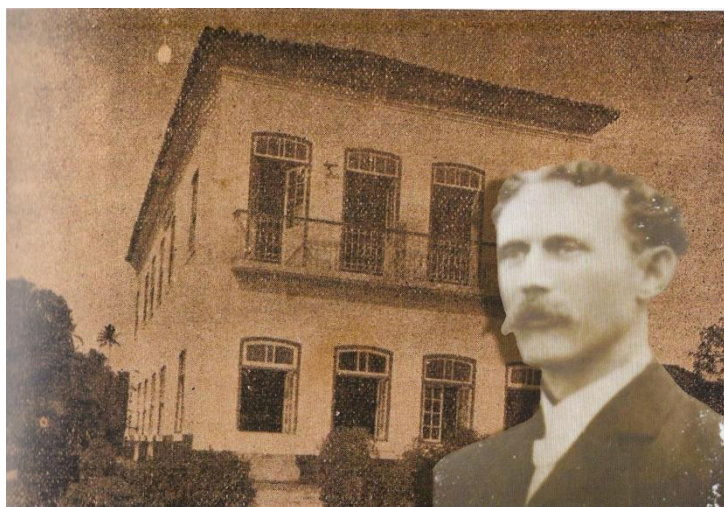


FIGURA 10 – Sobrado alugado onde começou o CAB e foto de William Canadá
Fonte: Arquivo do CAB

Em 1905, um ano após a conversão de um frade, o educador José Piani (1880-1976), ex-professor do Colégio Salesiano, o Dr. Canadá, recebeu grande ajuda e uniu forças com o ex-frade em favor da educação em Pernambuco e do ideário principal dos missionários norte-americanos, salvar através da crença em Jesus Cristo. Então, a aula literária transforma-se em Colégio.

O professor José Piani, publicamente, pela Imprensa de Recife, abjurou a Igreja a que por muitos anos pertencia, sabendo ser Ella errônea e abraçou a fé em nosso Senhor Jesus Cristo, batizando-se, segundo mandam as Escrituras, na 1ª Igreja Batista do Recife (PERRUCI, 2006, p. 43).

Conta-se que o Dr. Canadá, ansioso por um lugar mais amplo e adequado para a “Escolinha”, começou a percorrer a antiga Rua Visconde Goyana. Chegando até a esquina com o Parque Amorim, encontrou um sobrado que estava para alugar, isso já em fins de 1905. O referido sobrado foi alugado depois de muito esforço, pois havia resistência em alugar casas aos evangélicos, fruto das perseguições da Igreja Católica. Assim a “Classe Literária” transforma-se no Colégio Americano Gilreath, em 15 de janeiro de 1906.

O nome Gilreath foi dado em homenagem a um amigo do próprio Canadá. Além disso, o Dr. Canadá contribuiu para a organização de Igrejas, como Igreja Batista de Carpina, tendo sido eleito o primeiro pastor, em 1904, no dia da organização da referida Igreja. Também no mesmo ano substituiu o Dr. Salomão Ginsburg, que foi para os Estados Unidos, de férias, assumindo o pastorado da 1ª Igreja do Recife.

Salomão Luis Ginsburg, filho de pais judeus, nascido numa cidade russa, foi enviado para estudar na Alemanha, onde ficou até aos 14 anos. Em 1881, depois de terminar o curso colegial fugiu para Londres, devido à intransigência do pai rabino. Na Inglaterra, em 1882, aos 15 anos de idade, se converteu ao Protestantismo na Igreja Congregacional. Depois foi para a cidade do Porto, onde aprendeu a língua portuguesa e seguiu para o Rio de Janeiro em 1890, com 23 anos, onde foi recebido pela Igreja Evangélica Fluminense, Congregacional, fundada por Dr. Kalley. Em 1891 foi convidado pelo presbiteriano Dr. Fantone para a cidade do Recife, onde permaneceu vários meses. Em seguida foi a Salvador, lugar em que foi batizado pela Primeira Igreja Batista da Bahia, em novembro de 1891, ritual que possibilitou credenciamento para missionário da Junta Richmond.

Depois da morte de sua esposa na Bahia, vítima de febre amarela, foi para o Rio de Janeiro em 1902. No mesmo ano volta ao Recife com o propósito de fundar o Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Por fim, depois de 12 anos servindo à sociedade pernambucana através do Seminário, Igreja e Colégio, retorna ao Rio de Janeiro e trabalha na Casa Publicadora Batista. Faleceu com 60 anos, em 30 de

março de 1927, em São Paulo. Ginsburg é conhecido pelos Batistas pelas 105 letras do hinário “Cantor Cristão”, ainda cantado nas Igrejas Batistas.

Em 1907, com a saída do Dr. Canadá para os Estados Unidos, o missionário Dr. Salomão Ginsburg convidou interinamente para a direção do Colégio, o missionário inglês Congregacional Dr. Francisco H. Gallmore, que dirigiu o Colégio de 1906 a 1908. Além disso, apareceu o cidadão Dr. Alfredo Freire que, mesmo sem ser evangélico, entra em cena para ajudar o colégio no período de 1907-1934, atuando como professor e usando sua influência na sociedade pernambucana para elevar o nome do Colégio.

O referido professor, pai do sociólogo Gilberto Freyre, prestou grande contribuição ao CAB, sendo seu trabalho e dedicação reconhecidos em relatórios enviados pelos missionários para a Junta Richmond. Sobre Dr. Alfredo Freire, escreveu o missionário Dr. Muirhead: “Dr. Alfredo Freyre, nosso mais sábio professor de Português e Francês” (MATIAS, 2007, p. 55). Ainda referindo-se a uma verba que viera da missão norte-americana por ocasião da compra da última parte da propriedade do Colégio, afirma: “A missão inteira, inclusive Dr. Alfredo Freyre, nosso esplêndido professor nativo, riu e gritou, cantou hinos e se abraçou, de tal modo que os vizinhos pensaram que nós estivéssemos prontos para o asilo” (MATIAS, 2007, p. 56). Também reconheceu o trabalho do juiz Alfredo Freyre, o missionário americano W. C. Taylor, quando em 1921 escreveu em seu relatório à Junta Richmond:

É justo também que este reconhecimento seja dado como dívida dos Batistas do sul dos Estados Unidos e Batistas brasileiros ao Dr. Alfredo Freyre. Ele tem ensinado a cerca de 40 (quarenta) missionários norte-americanos, colocando-os em contato com a vida brasileira. É sua capacidade que tem guiado, incólume, nossas instituições. Tem sido pregador constante da mensagem do cristianismo contra a corrente do materialismo. Tem influenciado poderosamente nossos estudantes para o bem. A compreensão que ele tem do seu próprio povo tem resistido a movimentos imorais na vida estudantil (MATIAS, 2007, p. 67).

Ainda escreveu Taylor sobre a fé de Alfredo Freyre:

Crente declarado, grande amigo do Evangelho, que no tempo das perseguições teve, como juiz, de ser respeitado. Colocou-se à frente de nossos cultos, com maravilhosa paciência e habilidade,

comprando, inclusive, para nós todos as nossas grandes propriedades no Recife. Foi nosso advogado em cada momento, constante defensor do Evangelho de mil maneiras, professor de mais de 60 missionários (MATIAS, 2007, p. 68). A convicção da fé evangélica de Alfredo Freyre foi expressa em vários momentos de sua vida, algumas vezes como professor do Seminário Batista do Norte, outras, como pregador e cooperador dos missionários americanos, em 1918 disse Freyre em uma de suas aulas sobre Interpretação Vocal e literária da Bíblia: “Não há parte de culto público mais importante do que a leitura da Palavra de Deus”. Freyre traduziu do inglês para o português juntamente com Aline Muirhead os livros: “Novo Manual Normal”, em 1918, e “A Igreja do Novo Testamento”, em 1919 (MATIAS, 2007, p. 69).



FIGURA 11 – o casal Taylor

Fonte: Arquivo do CAB

Lembremos “quando em 1906 foi alugado o sobrado na esquina do Parque Amorim e a ‘Aula Literária’ foi transferida para o Sobrado com 1º andar, juntando-se ao Colégio” (PERRUCCI, 2006, p. 34). Nesse contexto é que começamos a visualizar que a importância do Colégio era imensa não somente para a sociedade pernambucana e brasileira, mas também para os Batistas, já que nenhum aluno podia ingressar no Seminário sem antes cursar o Ginásio no Colégio. Registrou-se no Boletim do Seminário em 1921: “Os estudantes que vêm das Igrejas com o intuito de se preparar para o Ministério de Jesus Cristo, entram primeiro nas aulas do Colégio Americano de Pernambuco” (PERRUCCI, 2006, p. 35).

A preocupação do Colégio era com a educação integral, trabalhando na perspectiva de atingir o corpo, a intelectualidade e a moral. Adotava os exercícios do “Sistema Sueco”. O prospecto do Colégio em 1918 definia esse “Sistema Sueco” como:

Os movimentos da gysmnatica sueca, praticados com a devida regularidade, distendem obedientemente os músculos, tornam dóceis as juntas, dilatam o thorax, dão aos corpos desenvolvimento harmônico, sem excessos, têm ainda a virtude de corrigir certos defeitos phisicos... as aulas são obrigatórias para os alunos dos Cursos: Primário, Intermediário e Secundário, sendo facultativas nos demais Cursos (PERRUCCI, 2006, p. 35).

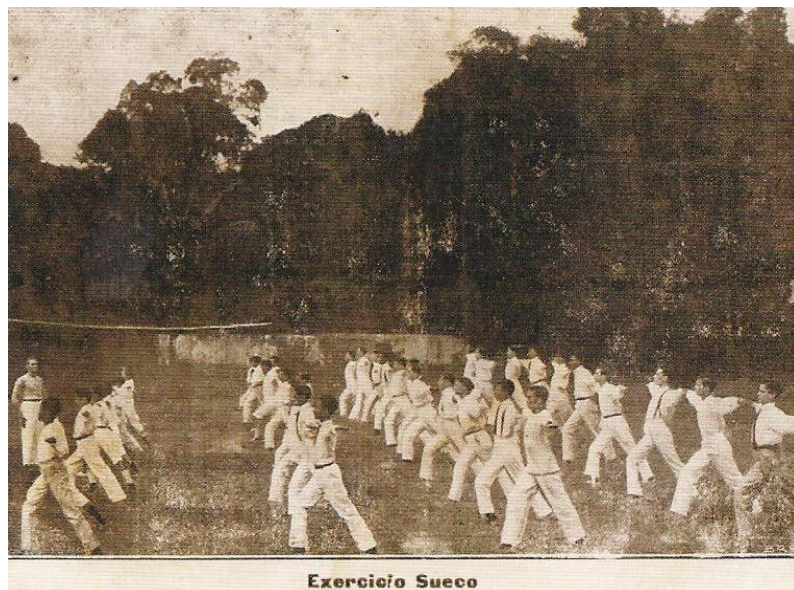


FIGURA 12 – Exercício Sueco

Fonte: Arquivo do CAB

O CAB valorizava o exercício físico porque entendia que a eficiência física é um pilar essencial para o desenvolvimento do homem no enfrentamento das lutas da vida, pois, um bom condicionamento físico possibilitaria resistir às doenças e, por conseguinte, poderia ajudar a alcançar um excelente nível intelectual e moral.

No que diz respeito à moral, o Colégio utilizou-se da ética protestante empregando como fonte essencial os princípios delineados na *Bíblia*, já que os Batistas têm como núcleo duro a crença fundamental de que a Bíblia é sua única regra de fé e prática. A Escritura é considerada como inspirada por Deus, uma espécie de comunicação divina ao homem.

Possivelmente o discurso acerca do trabalho como elemento essencial para o desenvolvimento individual, espiritual e social fez parte da ética protestante e foi o cimento que também impulsionou o estilo de vida moderno da “nova ordem econômica”. Max Weber aborda em seu livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* a questão do protestantismo ascético e burocrático, talvez identificando

esse asceticismo com a prática religiosa de sua mãe e o espírito burocrático de seu pai.

Weber observa na rigidez doutrinária certa burocratização racionalista que expulsa os elementos sensuais e emocionais da religião, provocando uma religião fria, calculista e, por conseguinte, desencantada. Assim defende a ideia de que precisamos de um reencantamento do mundo, uma religião despida de uma religiosidade petrificada e mesquinha, típico de um protestantismo ascético e de um capitalismo desalmado. Esse desencantamento é visto por Weber como uma espécie de doença do mundo moderno. O referido autor reconhece que não podemos separar a razão e a religião mágica como dois mundos diferentes, pois são duas faces de uma mesma realidade, assim, defende a valorização de uma religião mágica e invisível que busca incessantemente o carisma.

A ética protestante dos Batistas, que foi influenciada pelas ideias puritanas, certamente fomentou um tipo de labor vocacional secular infatigável, constante e sistemático que colaborou com o desenvolvimento do capitalismo. Porém, mesmo entendendo que o trabalho é ordem de Deus, do qual temos que dar conta, a prática dos missionários norte-americanos e sua teologia não permitiam ganhar dinheiro e acumular riquezas como obrigação moral desenfreada. Talvez a ética protestante, de certo modo, represente uma expressão da modernidade e a religião protestante batista tenha caído nas armadilhas de um racionalismo que transformou as forças mágicas e religiosas numa conduta racional.

No que diz respeito à construção metodológica acerca da transmissão dos conteúdos e a aquisição do conhecimento do CAB, era sobretudo, e primeiramente, levado em consideração a adequação do conteúdo à idade de cada aluno. O colégio também se preocupava em formar um cidadão com espírito de independência de investigação e pensamento, primando pela qualidade da transmissão dos conteúdos curriculares.

Em 1908 assumiu a direção do Colégio o missionário Dr. Harvey Harold Muirhead, nascido no Texas, Estados Unidos. Formado em Letras na Universidade de Baylor-Texas, fez Mestrado e Doutorado no Seminário de Louisville, Ky. Influenciado pelos relatos do missionário, Dr. W. E. Entzminger, que morou no Brasil, Muirhead decidiu trabalhar no país. Ele chegou em 20 de agosto de 1907, juntamente com sua esposa, a missionária Alymma Muirhead, professora, diretora

do internato e atuante na direção da música, pois, segundo Perruci, a referida missionária era portadora de uma linda voz e exímia pianista.

Muirhead chegou ao Brasil com 28 anos e permaneceu aqui durante 31 anos. Seu último trabalho no Brasil foi como diretor do Colégio e do Seminário no Rio de Janeiro. Faleceu em 1957, aos 78 anos de idade. O referido missionário também é conhecido no mundo evangélico pela autoria do livro *O Cristianismo através dos Séculos*. Ele foi convidado pelo Secretário de Educação de Pernambuco para organizar o curso de Educação Primária do Estado.

O casal Muirhead fora nomeado pela Junta de Richmond. Dr. Muirhead, chega ao Recife exatamente quando dois missionários estavam deixando o Estado: Dr. Shepard estava indo para o Rio de Janeiro e Dr. Canadá, o criador do Colégio, para os Estados Unidos.



FIGURA 13 – Casal Muirhead

Fonte: Arquivo do CAB.



FIGURA 14 – Orquestra do CAB

Fonte: Arquivo do CAB.

Entre 1908 a 1912 foi o primeiro período que o Dr. Muirhead dedicou ao Colégio Americano Batista e ao Seminário Batista. Em 1912 o referido missionário volta aos Estados Unidos para suas férias e novos estudos. Nos EUA lutou pela vinda de outros missionários da Junta Richmond, pois julgava de essencial importância o investimento na obra educacional. As palavras do Dr. W. C. Taylor sobre Salomão e Muirhead claramente evidenciam o compromisso desses missionários com a proposta batista e, por conseguinte a educação brasileira: “Muitas vezes o Colégio e o Seminário quase viveram no bolso desses dois pioneiros” (PERRUCI, 2006, p. 44).

Em 1909, o Dr. Salomão e Muirhead convidaram o Dr. David Luke Hamilton, grande educador, para ensinar no Colégio Americano Batista, este “[...] é eleito, em 5 de abril de 1909, pastor da 1ª Igreja do Recife, dedicando-se também ao ensino no Seminário” (PERRUCI, 2006, p.46). O ensino do Colégio era fundamentado no Sistema de Ensino trazido pelos missionários norte-americanos, sendo considerado inovador para o Brasil. Um sistema que foi considerado por Glauçília Perruci um dos melhores Sistemas de Ensino do Norte e Nordeste do Brasil, sob a direção do Dr. Muirhead (presidente) e Dr. Hamilton (diretor).

Merece destaque a criação do Colégio da Sociedade Literária Joaquim Nabuco em 1910, com o objetivo de despertar os alunos para as artes. Depois do período de férias nos EUA, em 1911, Dr. Hamilton e sua esposa Jennye retornam a Pernambuco em 1912, reassumindo suas atividades educacionais. Destaca-se, em 1913, como criador da *Revista Homilética* e primeiro professor a ajudar os alunos seminaristas e leigos a preparar sermões. Além disso, lecionava Matemática,

Ciências, Física, Latim, Grego e Teologia. Também no ano que assumiu a direção do Colégio e Seminário, ocorreu a criação do Jornal *O Lábaro*, que mereceu da imprensa evangélica os maiores elogios. O jornal teve como seu primeiro diretor Osvaldo Silva e como redator-chefe Gilberto Freyre, então estudante do Colégio Americano Batista do Recife.

Sob a direção do Dr. David Luke Hamilton, o Colégio diploma a primeira turma, conferindo o título de Bacharel em Ciências e Letras a cinco jovens. Parainfou a turma o ilustre Professor Dr. Manoel de Oliveira Lima, e como orador da turma o jovem que mais tarde se tornaria conhecido pelas suas obras literárias, Gilberto Freyre (PERRUCCI, 2006, p. 48).

Bacharéis que se tornaram “grandes personalidades” nas diversas áreas do campo profissional da sociedade pernambucana, jovens que se tornaram escritor, médico, sociólogo e pastor.

Em 1921, depois de voltar de férias dos EUA, o missionário Hamilton foi substituído pelo missionário Muirhead para dirigir o Colégio Americano Batista, fato que desagradou Hamilton. Este, não conformado com a decisão, desencadeou uma crise no arraial batista. Segundo Mário Martins, o problema foi oriundo das constantes críticas maliciosas que Hamilton fazia sobre a amizade da esposa de Muirhead com Alfredo Freyre, com quem ela traduziu alguns livros.

Parece que a substituição de Hamilton foi uma represália de Muirhead que obteve apoio dos missionários norte-americanos da Junta Richmond. Consequentemente, Hamilton nada satisfeito com a situação, rompeu com o Seminário e o Colégio Batista Americano e passou a apoiar um grupo de pastores radicais brasileiros, entre os quais Adão Bernardes e Orlando Falcão.

Como D. L. Hamilton era muito popular entre os alunos, estes se rebelaram contra a direção do Seminário e do Colégio, de tal forma que, em 20/02/1923 quase todos os estudantes ministeriais tinham saído do Colégio Americano Batista, o que obrigou os radicais a fundarem o Colégio Batista Brasileiro e, consequentemente, o Seminário Batista Brasileiro (MARTINS, 1973, p. 41).

O fogo amigo se instalou no arraial do CAB, constituindo o que Morin chama de baixa complexidade¹⁰ das relações entre os dirigentes do Colégio. O conceito de baixa complexidade transmite a ideia de divisão quando os desviantes da doutrina que constituem o núcleo duro¹¹ do grupo rompem com princípios estabelecidos. Então, de um certo modo, a baixa complexidade não admite a expressão de seus antagonismos, nem tolera incertezas ou desordens e nunca está pronta a correr riscos.

Em 1925, na Convenção Batista Brasileira, realizada na Bahia, o missionário M. G. White expressou a recomendação e vontade da referida Convenção:

Todos se humilharam perante Deus em oração e em cântico de hinos. Todos pediram com sinceridade a Deus que Ele fizesse prevalecer a Sua santa vontade na solução do grande problema da divergência na denominação. A Convenção, com a voz unânime dos “construtivos” e dos “radicais”, dos irmãos do Norte e do Sul, [...] enfim, de todos, resolveu enviar, a todas as Igrejas Batistas do Brasil, um apelo sincero, para que fizessem desaparecer as divergências que existiam; para que se unissem num grande esforço para a evangelização do Brasil; para que cooperassem em amor e confiança com a Junta de Richmond, no desenvolvimento das nossas instituições e na evangelização do Brasil (OLIVEIRA, 2010, p. 96).

Somente em 1935 o grupo de Hamilton voltou a se comunicar com a Convenção Batista Brasileira. Mesmo assim, o missionário Hamilton continuou alimentando o espírito mesquinho da vingança ao não se conformar com a união dos dissidentes. Hamilton faleceu nos Estados Unidos, em 1936, com 70 anos de idade.

D. L. Hamilton, já idoso, tinha retornado aos Estados Unidos e não mais existia. Não havia, portanto, o perigo de matá-lo prematuramente. Com o seu falecimento, a atuação da Associação do Texas, no Brasil, praticamente desapareceu. Enquanto a Convenção Batista Brasileira se reunia com representantes de vários

¹⁰ Tecido de elementos heterogêneos inseparavelmente associados que apresentam a relação paradoxal entre o uno e o múltiplo (DANTAS, 2004, p. 26).

¹¹ O núcleo duro é constituído por postulados indemonstráveis e por princípios ocultos (paradigmas), estes são indispensáveis à constituição de qualquer sistema de ideias, incluindo o científico. O núcleo determina os princípios e regras de organização das ideias, comporta os critérios que legitimam a verdade do sistema e selecionam os dados fundamentais nos quais se apoia; determina, portanto, a rejeição ou ignorância do que contradiz a sua verdade e escapa aos seus critérios; elimina aquilo que, em função de seus axiomas e princípios lhe parece destituídos de sentido ou de realidade (MORIN, 1991, p. 16).

Estados, a Associação Batista Brasileira apenas contava com igrejas de Pernambuco, Bahia, além de poucas em outros Estados e número reduzido de mensageiros. Os radicais estavam cansados de lutar (MARTINS, 1973, p. 49).

Certamente a figura que ganhou mais visibilidade na sociedade brasileira dos alunos que estudaram no CAB foi Gilberto Freyre, filho de Alfredo Freyre e Francisca de Mello Freyre, nascido em 15 de março de 1900. Iniciou seus estudos em 1908 no jardim da infância do Colégio Americano Gilreath. Quando concluiu o Curso Secundário em 1917, foi batizado na Primeira Igreja Batista do Recife, pelo missionário Muirhead e pregou seu primeiro sermão na Igreja Batista com o título “O aperto de mão”, fundamentado no texto bíblico que narra o milagre de Jesus ao ressuscitar a filha de Jairo.

Como membro da Igreja, atuou na liderança: “Para preencher um lugar a meza administrativa, como vogal, em substituição ao irmão Milanez, que havia morrido, foi nomeado o irmão Gilberto Freyre” (MARTINS *apud Livro de atas da Primeira Igreja Batista do Recife*, 1915-1920, p. 422). “Como não houvesse nada que merecesse correção foram os mesmos estatutos aprovados e feita uma proposta a impressão de 500 exemplares, ficando aos cuidados dos irmãos Gilberto Freyre e H. H. Muirhead, comissão nomeada para esse fim” (MARTINS *apud Ata da primeira Igreja Batista*, p. 447).

Gilberto Freyre foi professor do CAB no Curso Primário e de Latim no Curso Secundário, além de ser pregador da palavra de Deus e participante de reuniões da Igreja Batista. O envolvimento de Freyre no evangelismo pessoal era intenso, conta o historiador Mário Ribeiro Martins que, em certa ocasião morreu em seus braços o pobre funileiro que sofria doente quando Freyre pregava o evangelho de salvação em Cristo ao homem que agonizava. Disse Diogo de Melo Menezes:

Ativo em coisas de escolas dominicais, visitas a bairros operários, em excursões evangélicas aos subúrbios mais pobres da cidade com cantoria de hinos e pregação do Evangelho, um Gilberto de quinze anos que a gente miserável dos mocamborias do Recife lembra-se de ter visto no interior de suas choças, ao lado de doentes e moribundos, lendo trechos do Velho e Novo Testamento (MARTINS, 1973, p. 40).

Cuidar e ajudar os pobres fazia parte do projeto missionário dos atores do Colégio Americano Batista do Recife, pois tinham como exemplo vivo Jesus Cristo. A prática da ação social dos missionários americanos foi considerada como “modelos inspiradores de uma ação social” (GIUCCI, 2007, p. 43).

Comentou o missionário David Luke Hamilton em um de seus relatórios à Junta Missionária:

Digno de nota especial é o diretor de departamento primário, cuja posição é uma das mais responsáveis nesta instituição. Gilberto Freyre cujo pai tem ensinado em nossa escola desde a sua origem, está aqui desde o jardim de infância, curso primário e até a sua graduação no Colégio, quando foi convidado para servir como professor. Nele nós encontramos as melhores condições atuais no Brasil. Seu trabalho é altamente satisfatório (D. L. Hamilton Seventy two annual report of the foreign mission board – North Brazil Mission, in annual of the Southern Baptist Convention, *apud* MARTINS 1917, p. 154).

Ainda comentou sobre Gilberto Freyre o missionário Muirhead:

Gilberto Freyre era um sincero materialista, mas ao iniciar o seu último ano no Colégio, o Espírito Santo fez seu trabalho e hoje, embora com apenas dezoito anos de idade, este pescador de homens é o mais espiritual entre nós e indiscutivelmente o melhor pregador no campo pernambucano. Ele vai para o Colégio Bethel, este ano como estudante assistente do departamento de línguas modernas (H. H. Muirhead, Seventy, third Arrival Report of the Foreign Mission Board North Brazil Mission in arrival of the Southern Baptist Convention, *apud* MARTINS, 1918, p. 217).

Giucci reconhece a importância do missionário americano Muirhead na educação de Freyre: “Um nome muito importante na educação de Gilberto foi Mr. Muirhead. Especialmente no último ano de seus estudos no Colégio, momento de seu maior contato com os cursos do missionário, bacharel pela Universidade de Baylor” (GIUCCI, 2007, p. 42).

Recomendado pelo missionário americano Muirhead, Gilberto Freyre iniciou sua vida acadêmica nos Estados Unidos com uma bolsa de estudos para a Universidade de Baylor, em Waco, Texas, graças à carta de recomendação do referido missionário e de atitudes como a do missionário L. L. Johnson, que vendeu seu piano para ajudar nas despesas de Freyre. O pensamento dos missionários

americanos era que Freyre se tornasse um missionário. O próprio Freyre desejava ser missionário junto aos índios quando voltasse dos EUA.

Escreveu Freyre sobre sua estadia na Baylor (EUA):

Estou gozando a minha estada aqui nesse belo Seminário Hill... O Seminário está distante da cidade. Há cerca de 300 (trezentos) estudantes no Seminário Training School. A vida corre agradável. Visitei hoje e tive boa palestra com o professor de missões, Knighe. É jovem inteligente e preparado. Eu o quisera ver no Brasil como missionário (MARTINS apud *Jornal do Comércio*, Recife, 25 out. 1972).

Relatou Perucci sobre Freyre na Baylor:

Em Baylor, Gilberto teve sua vocação literária estimulada pelo contato pessoal travado com grandes expressões da literatura americana de então. Foi lá, também, que se abriu o caminho para a Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, onde obteve o grau de Mestre em Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais, com uma dissertação que, ampliada mais tarde, resultaria em sua obra mais conhecida, *Casa-Grande & Senzala*, publicada em 1933 (Depoimento do ex-aluno Fanuel Paes Barreto em 1986. In: PERUCCI, 2006, p. 315).

Freyre também foi membro da Seventh & James Baptist Church (EUA). Comentou o Pastor David, da Igreja que ele frequentava nos EUA: “Gilberto Freyre fez parte da União Batista de Jovens, onde falou ao grupo em várias ocasiões sobre o Brasil e suas possibilidades para obra missionária” (David Matheus, carta da Seventh & James Baptist Church, Wace, Texas, 05 jan. 1973 apud MARTINS).

Gilberto Freyre comenta sobre sua fé através de carta enviada ao seu pai quando estava em Baylor:

Homem de pouca fé! Deus estava cuidando de mim. Minha força até aqui tem sido minha religião. Com Ella tenho vencido saudades, “hard time”, decepções e tudo mais. Vale a pena ter uma religião potente, e que dá poder pessoal, e conforto, como a cristã dá aos que misturam com Ella a sua vida e ideias (Gilberto Freyre a Alfredo Freyre, 26 set. 1918 apud GIUCCI, 2007, p. 75).

O rompimento de Freyre com a denominação batista ocorreu por diversos motivos, não acredito que tenha sido exclusivamente pelo tratamento cruel de

algumas igrejas quanto ao tema do racismo, talvez a influência de alguns professores norte-americanos, a tentação do Diabo e a inclinação da natureza carnal, inerentemente humana, fizeram de Freyre o ex-protestante.

A seguir, temos um depoimento de Freyre ao *Diário de Pernambuco* sobre seu rompimento com a denominação Batista:

O que fiz, quando defrontei-me com o tratamento mais que cruel, dado pela burguesia evangélica dos EUA aos negros? Desci desse evangelismo. E dei um rumo um tanto mais anárquico ao que já era o dos meus projetos de vida. Diferente de todos os rumos convencionais, sem nunca desprender-se de todo do meu entusiasmo de adolescente e de jovem por Jesus e das minhas preocupações com os pobres do Brasil, cuidaria do assunto a minha maneira, nem católico, nem evangélico (*Diário de Pernambuco*, Recife, 31 dez. 1972).

Segundo Giucci, o diário de Freyre da época em que estudou na Universidade de Columbia mostra situações abertamente sexuais, tendo ele participado de ambientes carregados de erotismo advindo da grande liberdade sexual das mulheres americanas. Relata Giucci sobre parte da vida sexual de Freyre:

Entre a boemia estudantil, experimenta a liberdade sem remorso. Participa de um *necking party* em *Morning Side*, à sombra da Universidade de Columbia. Encontra ali bonitas jovens, sábias na arte das carícias na escuridão, com bocas e dedos que fazem maravilhas (GIUCCI, 2007, p. 117).

A visão e posição dos Batistas quanto à escravidão foi nos Estados Unidos assunto que dividiu as Igrejas Batistas Norte-Americanas, resultando na divisão de Igrejas Batistas do Sul e do Norte. A partir de 1884, no Brasil, os artigos começaram a circular nos jornais evangélicos sob a argumentação de total incompatibilidade do Cristianismo com a escravidão. Escreveu o pastor batista Eduardo Carlos Pereira:

Oh! Maldita instituição, que desperta no homem o instinto de fera... É mister que a imprensa clame e não cesse, que levante a trombeta a sua voz e denuncie ao povo a monstruosidade desse pecado nacional. É mister que diga aos senhores de escravos com franqueza o quanto há de ofensivo nas leis de Deus e da humanidade... Por que, então, a reserva e o silêncio medroso ante um crime tão grave?... O silêncio do púlpito não é prudencial, é infidelidade (BOANERGES, 3 de abril de 1886).

Mesmo fora do cristianismo evangélico, Freyre reconhece a incontestável influência do tempo em que pregava e vivia o evangelho de Jesus Cristo em sua vida.

Comentou Freyre sobre o tempo que passou na Igreja Batista do Recife:

São contatos e tendências de que me orgulho. Durante um ano e meio. Mas ano e meio que me enriqueceram a vida e o conhecimento da natureza humana, no sentido das relações dos homens com Deus e com Cristo, que é um sentido de que ainda hoje guardo comigo parte nada insignificante (*Diário de Pernambuco*, Recife, 31 dez. 1972).

Depois da Universidade de Baylor, foi estudar na Universidade de Colúmbia, Nova York (1922), concluindo seu mestrado e doutorado. Na Colúmbia escreveu sua tese de mestrado, intitulada *Social Life in Brazil in the Middle of the 19 Century*.

Freyre também foi eleito pela União Democrática Nacional (UDN) para a Assembleia Constituinte em 1964. Hoje é conhecido como escritor de várias obras: *Casa-Grande & Senzala* (1933); *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife* (1934); *Sobrados e Mucambos* (1936); *Nordeste: Aspectos da Influência da Cana Sobre a Vida e a Paisagem...*, (1937); *Assucar* (1939); *Olinda* (1939); *O Mundo que o Português Criou* (1940); *A História de um Engenheiro Francês no Brasil* (1941); *Problemas Brasileiros de Antropologia* (1943); *Sociologia* (1945); *Interpretação do Brasil* (1947); *Ingleses no Brasil* (1948); *Ordem e Progresso* (1957); *O Recife sim, Recife não* (1960); *Os Escravos nos Anúncios de Jornais Brasileiros do Século XIX* (1963); *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX* (1964); *Brasis, Brasil e Brasília* (1968); *O Brasileiro entre os outros Hispanos* (1975).

Freyre ganhou vários prêmios e títulos em diversos países: Brasil, EUA, Itália, Inglaterra, México, Venezuela, Espanha, Portugal e França.

Comenta Gilberto Freyre sobre o CAB e a influência do colégio na sua carreira de escritor:

Vê-se assim que, pela minha mais remota formação intelectual, estou muito ligado a este Colégio. E se me tornei nas minhas atividades intelectuais em várias coisas, o que alguns consideram um original, um inovador e um pioneiro, foi aqui que tal tendência amanheceu em mim... (PERRUCCI, 2006, p. 273).

Foi com grande satisfação que, após longo afastamento, voltei um desses dias a ter contato com meu velho Colégio Americano Batista; Colégio no qual fiz grande parte dos meus estudos primários e secundários – desde o Jardim da Infância, onde entrei retardado – e do qual guardo não poucas recordações agradáveis. Inclusive alguns dos mestres norte-americanos e brasileiros que ali tive, entre os quais o excelente Muirhead, o erudito França Pereira e o meu próprio Pai – meu mestre de Latim e de Português no Colégio e em casa – e dos vários colegas com quem me associei e com alguns dos quais fiz, na convivência colegial, amizades que se prolongariam tempo afora... No Colégio Americano estive, junto com meu irmão Ulysses, mais velho dois anos e mais adiantado do que eu, justamente na época em que o Colégio ganhou grande prestígio no Recife, em Pernambuco e no Nordeste, atraindo alunos de algumas das mais ilustres famílias desta parte do Brasil e salientando-se por alguns métodos de ensino, novos para o nosso País, inclusive, pela importância atribuída por seus diretores aos esportes e jogos, sem sacrifício dos estudos; uma inovação entre nós... Foi o primeiro Colégio em que estive ou em que fui matriculado, isto em 1908, eu já com quase 8 anos. Entrei, repito, atrasado, no Jardim da Infância. Fora uma criança difícil! Inimigo de ler e de escrever e de contar. Só queria saber de desenhar, colorindo os desenhos. Tal a minha hostilidade ao ler, ao escrever, ao contar, conservando-me analfabeto, que minha família, tendo eu jamais de sete anos sem saber ler, preocupou-se. Mas graças a um bom inglês, Mr. Williams, com quem aprendi a ler, e as professoras e professores do CAB, não tardaria a recuperar tempo perdido. Em todas as iniciativas, tive o estímulo de mestres, como o admirável Muirhead que, no curso secundário, se tornaria meu professor de História Geral, tendo se entusiasmado por um esquema, por mim elaborado e por ele considerado “interessante e original”... Creio que aí madrugou minha vocação de antropólogo-sociólogo-historiador, como nos meus artigos no “O Lábaro” já madrugava minha vocação principal: de escritor (Discurso publicado no *Diário de Pernambuco*, 27 out. 1974).

O texto acima mostra que no Colégio Americano Batista não somente estudavam os protestantes que eram oriundos da camada popular, mas que este se transformou num colégio da elite recifense. Possivelmente a intenção era converter ao Cristianismo Protestante e influenciar os futuros governantes com a marca da educação protestante.

O Advogado Dr. Everardo Guerra, ex-aluno do CAB, comenta em seu discurso por ocasião da homenagem feita ao Dr. Gilberto Freyre pela Associação de Ex-alunos em 1974:

Para proferir algumas palavras? Mas dizer o quê? Diríamos nós, de princípio, que esta homenagem está sendo prestada em lugar errado. Porque para o ex-aluno Gilberto Freyre o local ideal seria

certamente “debaixo das árvores”, que foi lugar de sua formatura, como Bacharel em Ciências e Letras, no distante e inesquecível ano de 1917, quando dava, como orador de sua turma, o que ele chamou o Adeus ao Colégio, aos 17 anos de idade, dizendo o então adolescente: “E agora, meu caro Colégio Americano, adeus. Funda é a saudade que eu levo dos dez anos que aqui passei. Ella há de durar para sempre. Aqui vivemos uma vida de família. Em cada professor fica um amigo nosso. Diante disto podereis compreender quanto nos doe dizer adeus a esta boa casa. Dez anos depois daquele dia, que se vai como sonho, quando aqui entrei, tímido e esquivo, pelo braço de meu pai, para me assentar em redor de uma mesa do Jardim de Infância, o Colégio reúne com simplicidade, debaixo de suas árvores, um grupo de amigos, e dá-nos diplomas de bacharéis, a mim e a dois companheiros. Estes fazem-me seu orador”.

... Peço licença para transcrever, sem nada alterar as palavras por mim proferidas, há dezoito anos, em 1956, no ensejo das comemorações do meio século de existência deste Colégio, na qualidade de presidente de sua Junta Administrativa: Algumas destas grandes realizações no campo educacional..., introduzidas em Pernambuco e talvez no Brasil pelos missionários da Junta de Richmond, e algumas outras aqui não apontadas, foram mais de uma vez lembradas em publicações feitas, pelo maior sociólogo do Brasil, mestre Gilberto Freyre, que foi aluno deste Colégio e é uma das maiores glórias do Brasil contemporâneo e orgulho da cultura americana que, como bom pernambucano que é e ama a sua terra, aqui vive, em seu famoso retiro dos Apipucos, nesta sua mui querida e amada cidade do Recife (PERRUCI, 2006, p. 271).

O CAB foi decisivo para a formação de Gilberto Freyre, um dos mais conhecidos nomes no cenário literário mundial, pois proporcionou um ambiente espiritual que contribuiu para uma relação afetiva e intelectual com colegas de classe e professores. Grande parte da formação do caráter de Freyre e suas principais convicções devem-se ao ensino dos professores do CAB. “Pode-se considerar a experiência de Gilberto Freyre no Colégio Americano como uma das matrizes da formação de seu caráter” (GIUCCI, 2007, p. 47).

Em 1916 Muirhead volta a Pernambuco e reassume o Colégio até 1930, quando vai definitivamente para o Rio de Janeiro. É transferido com o propósito de continuar trabalhando na área educacional. O pedreiro, carpinteiro, missionário, diretor, pastor da Igreja Batista da Rua imperial (em 1916) e da 1ª Igreja do Recife, (em 1917), chefe de construção, foi personagem importante na construção do CAB, juntamente com um dos grandes juristas de Recife, o Dr. Alfredo Freyre, que ensinava Português e Francês no colégio, ajudou na primeira compra de terreno pelos Batistas de Pernambuco. O que hoje constitui uma área nobre no bairro da

Boa Vista, junto do sobrado ainda alugado pelo Dr. Canadá, foi considerada a maior área dedicada à Educação naquela época.

Essa área adquirida fazia parte do Engenho que pertencia a um Barão, o “Barão da Soledade”; era um Solar que, por mais de uma vez hospedara Sua Majestade D. Pedro II, O Imperador do Brasil. Custou aos Batistas (foi comprado pela Missão do Norte do Brasil) 65 contos (PERRUCCI, 2006, p. 37).

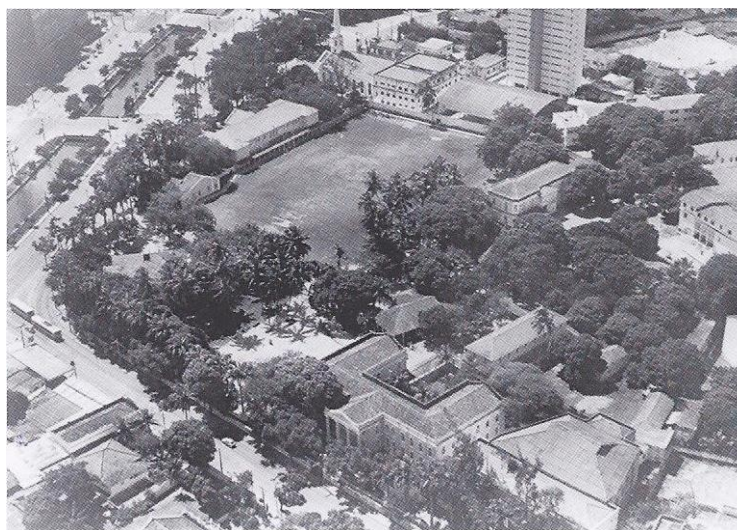


FIGURA 15 – Área do CAB (Parque Amorim)
Fonte: Arquivo do CAB.



FIGURA 16 – Palacete do Barão da Soledade (Hoje edifício central do CAB)
Fonte: Arquivo do CAB.

Além dos empreendimentos realizados pelo Dr. Muirhead, outro marco de sua administração foi a integração da primeira moça a ingressar no Colégio, Josefa da Silva, oriunda da cidade de Manaus. Como o colégio ainda não tinha alojamento para moças, a referida aluna foi morar na casa do casal William Carey Taylor e Graça. Assim foi criado o Departamento para Moças, o *Training School*. Sob a direção de Graça Taylor, o Departamento Normal para Moças contava com oito alunas.

Em 1919 esse Departamento muda de nome para ETC (Escola de Trabalhadoras Cristãs), sob a direção de Paulina White. Sendo que de 1917 a 1941, o *Training School* funcionou no Colégio como um Departamento para Moças. Esse departamento tinha como propósito treinar as mulheres para desenvolver ministérios (serviços) nas igrejas evangélicas locais.

A escola de Trabalhadoras Cristãs nunca mudou de rumo e modesta e fielmente cumpre sua missão. Ela não existe, como nunca existiu, para fazer de suas alunas pastoras ou umas evangelistas, ou diretoras das igrejas ou de outras empresas. A ETC não é uma escola normal. Ela visa dar uma educação elementar a um número limitado de moças que se sentem chamadas para servir suas respectivas igrejas e a denominação em métodos práticos nas sociedades de senhoras, sociedades juvenis, e escolas dominicais (*Correio Doutrinal*, 24 abr. 1925 *apud* SILVA, 2009, p. 85).

O casal Taylor foi nomeado pela Junta de Richmond, a pedido da Missão Batista do Norte do Brasil em 1925. De 1916 a 1924, Dr. Taylor foi Diretor do Seminário e também Diretor Geral das instituições Educacionais dos Batistas no Recife. Fundou, em 1923, o *Correio Doutrinal*, que funcionou por 10 anos.

Sem dúvida, em termos materiais, a compra da área acima citada foi o grande investimento dos primeiros anos do povo Batista no Recife, ao ponto de desagradar a Igreja Católica, que fomentava perseguições aos protestantes.

Outro marco importante a relatar é que em 1916, o nome do Colégio é mudado de Gilreath para Colégio Americano Batista, fato que aproximou o Colégio da Denominação Batista. Seminário e Colégio que funcionavam sob a mesma direção, neste ano, foram separados, embora em 1924 a missão tenha resolvido voltar a unir Colégio e Seminário, sendo o diretor o missionário Dr. Murshead,

proposta que fora aceita pela Convenção Batista Brasileira. Passa, então, o Colégio a expandir os diplomas para os alunos do Seminário com o título de bacharel em Letras: “Então o Seminário de 1902 a 1918 pertencia à Missão Batista e recebia ajuda financeira da Junta de Richmond. Só em 1918 que a Convenção Batista Brasileira elege a primeira Junta Administrativa para o Seminário” (PERRUCI, 2006, p. 41). Em 1925, a Convenção Batista Brasileira nomeou uma única junta para gerir as três Instituições: CAB, STBNB e ETC.

Ainda em 1918 merece destaque a organização da Escola Remington e em 1919, igualmente criada, no Colégio, a Academia Commercial e uma Orquestra, dirigida pelo maestro professor Antônio Alcântara, responsável pelo arranjo musical para o hino do Colégio Americano Batista, cantado pela primeira vez naquele ano.

A letra do hino foi escrita pela professora Stela Câmara Dubois, professora de História, Música, Português, Inglês e Literatura. Stela foi professora da EBD (Escola Bíblica Dominical), regente do orfeão do Colégio e do coro da Igreja, autora e produtora de mais de 20 peças de teatro e poetisa com dois livros publicados. Ela tinha como grande ideal o avivamento espiritual do Brasil e “sua maior fonte de Inspiração foi Jesus Cristo. Fazia evangelismo pessoal e era conhecedora das Escrituras Sagradas. Não media esforços, doava-se e sempre encontrava tempo. Guerreira de oração. Era intercessora. Amava missões” (PERRUCI, 2006, p. 91).

Sobre o hino do CAB, comentou Ariano Suassuna, por ocasião da apresentação do disco “Eternamente nosso Bem”:

Não posso ouvir sem profunda emoção, o hino do CAB. Não que ele seja bonito. Pelo contrário, a música é apenas razoável e a letra muito ruim. Mas isso não é característica exclusiva sua. Parece que é, mesmo, da natureza dos hinos: a letra da “Marselhesa”, por exemplo, é péssima. Acontece que o seu valor, para os franceses, vem de outras coisas, como acontece com o hino do CAB, em relação a mim. Eu não saberia escrever nada sobre ele – nem sobre o Colégio, que tanto devo. Mas um grande poeta do Nordeste e do Brasil – Marcus Accioly – foi, como eu, aluno do CAB. E a direção do Colégio, sabiamente, confiou a Marcus Accioly a tarefa de dizer o que todos nós sentimos, sem saber expressar. E Marcus Accioly soube corresponder a essa confiança: é que certamente, ele também, como eu, quando ouve as primeiras estrofes do hino, “Para frente, ó mocidade”, senti o cheiro da grama cortada, revive a atmosfera meio escura e cheirando a madeira das escadas que levavam à rouparia e ao dormitório e sente voltar todo tempo dos 12 ou 13 anos, a época atormentada, bela, cheia de cruel alegria e um sofrimento que é a adolescência (PERRUCI, 2006, p. 273).

Temos abaixo a letra do Hino do CAB:

Para frente, oh! Mocidade
Cheia de fé e bondade;
Avancemos na peleja
Embora má a sorte seja,
Nada nos abaterá
A sofrer, com paciência,
De todo mal a inclemência.

Serás CAB, eternamente nosso bem,
Oh! CAB, em nossas almas viverás!
Oh! CAB, até a morte e além,
Oh! CAB, teu nome ficará

Em prol do bem e contra o vício
Não poupemos sacrifício;
Ser bom, ser justo e forte ser
Tenhamos sempre por dever!
Seja o céu o nosso abrigo,
E o livro o melhor amigo.
Assim, nossa diretriz
Fará o orgulho do País.

Disciplina, esforço, estudo,
Pela Pátria, tudo, tudo!
Morrer pela Pátria é glória
E o forte, morto na História,
Ressuscita cedo ou tarde,
Enquanto o homem covarde
Vivo, ou na morte alcançado,
Terá o nome execrado.

(Letra de Stela Câmara Dubois e arranjo musical do maestro Antônio Ferreira de Alcântara – escrito e composto em 1918).

O Hino do CAB é uma defesa entusiástica da ética protestante, apela com otimismo para que a juventude prossiga a vida em busca de seus objetivos. Reconhece que na arena da vida os sofrimentos e as batalhas são integrantes de um viver que precisa entender que o evangelho não defende a ideia de uma vida somente triunfalista. Então, no enfrentamento das batalhas, defende a apropriação

da justiça, fortaleza, bondade e fé, atributos divinos. Também defende a moral cristã de uma vida sacrificial contra os vícios. E por fim, valoriza a intenção de tornar o CAB eternamente vivo na memória de todos e aponta para esperança de um paraíso eterno.

Em 1918 o Colégio forma sua segunda turma de bacharéis. O Colégio contava com 23 professores, 8 missionários americanos, 15 brasileiros, e oferecia os seguintes cursos: Primário, Intermediário, Secundário, Madureza, Comercial e de Verão, além do internato e externato.

Em 1920 o Colégio aprova o Regulamento¹² para os alunos internos e externos, documento baseado no entendimento de que as regras como horário para dormir, levantar, tomar banho, fazer exercícios, refeições, estudar etc., constituem essencialmente uma boa disciplina que para os dirigentes do CAB, elemento imprescindível à vida de uma instituição escolar.

O ano de 1919 foi certamente marcado pela construção de três prédios: um prédio central e dois anexos. O prédio central recebeu o nome de Edifício Alfredo Freyre. Justa homenagem.

Em 1919, a Missão Batista do Norte do Brasil compra o sobrado (então alugado), já citado, onde começou a funcionar o Colégio/Seminário, constituindo-se o primeiro prédio do Colégio; ficava junto do Sítio do Barão da Soledade, propriedade também do Colégio, passando assim a ser propriedade (o sobrado) definitivamente da Missão; a compra foi realizada por R\$ 30:000\$00, no dia 10 de junho; esse sobrado pertencia à viúva Sra. Paulina Pluym La Sago (PERRUCI, 2006, p. 50).

¹² [Ver Anexo – Regulamento disciplinar do CAB.](#)



FIGURA 17 – Prédio central – Alfredo Freyre
Fonte: Arquivo do CAB.

Além disso, em 1920 a Junta Richmond enviou um quantia de US\$ 25.000,00 para consolidar as construções, oportunizando a criação de novas salas de aula e dormitórios. Em 1921, é liquidada a hipoteca da propriedade do Colégio e alguns espaços para os laboratórios. Em 1922, ocorre o embelezamento do parque do Colégio e é colocado o portão do prédio central. Em 1923, com os equipamentos trazidos da França e dos Estados Unidos, começam a funcionar os laboratórios de Ciências, Química, Botânica, Desenho e Música/Pintura.

Segundo a doutrina batista, ainda em 1923, outro fato marcante na história do Colégio foi o ataque do Diabo e os conflitos inerentes à convivência humana que, através de alguns professores e alunos, na tentativa de promover e fomentar o espírito da discórdia, exigiram do Colégio coisas absurdas, na verdade queriam se apossar da direção e do patrimônio da escola. Então, o deão Dr. Jones, através de uma postura firme e corajosa, admoestou com energia todos os promotores da discórdia a abandonarem o Colégio.

“Apesar de tudo, o CAB pouco sofreu e voltou aos bons tempos, reestruturando seu corpo docente, prosseguindo na conquista de novos empreendimentos”, afirma Perruci (2006, p. 57). O ano de 1923 termina com a formatura de 13 alunos, formados no curso de Bacharel em Ciências e Letras, sendo o paraninfo o Deputado Federal de Pernambuco Dr. Sebastião do Rego Barros. Alyna Muirhead, Elisa Jchle e Alberto Figueredo também participaram da solenidade.



FIGURA 18 – Laboratório do CAB

Fonte: Arquivo do CAB.

Em 1924 destacamos a organização da Biblioteca Central, que recebera o nome do ex-aluno Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá e do Jardim da Infância, que ficou sob a direção da primeira aluna do Colégio, Josefa da Silva. No mesmo ano, a Missão Batista do Norte do Brasil cria a Escola Bíblica, oferecendo um curso de dois anos para novos seminaristas, etecistas e leigos.

Certamente a instalação do Sistema de Internato, que visava receber alunos do interior e de fora do Estado, foi um fato marcante no ano de 1925, pois o CAB julgava que o internato facilitaria os estudos para quem não tinha escolas por perto, era uma forma de atrair alunos para o Colégio.

Apenas o CAB, naquela época, possuía o regime de internato para atender os alunos que vinham de outras cidades e de outros Estados, à procura de uma melhor formação para os filhos. O Estado campeão era o Piauí, pois a grande maioria era de Corrente. No internato masculino, o diretor era o jovem Milton Lustosa vindo do Instituto Batista de Corrente/PI. No internato feminino foi a diretora por muitos anos dona Jedida Paranaguá, também de Corrente. O internato de menores foi dirigido por mais de trinta anos por uma amazonense heroína, chamada de Laura Ribeiro Brasil. Seus filhos, Marly, Agrício, Crismelia, Carlos e Fernando, todos foram criados com muito amor no CAB. Dona Laura orientava todas aquelas crianças como se fossem seus próprios filhos, dando amor, carinho e também castigo. Seu ajudante nisso era o sensor Manuel Orlando. Entre os alunos internos, havia um que não tinha férias e ficava com

dona Laura; era o pequeno Evanezio; ele trocava as férias para ficar com dona Laura (PERRUCI, 2006, p. 68).

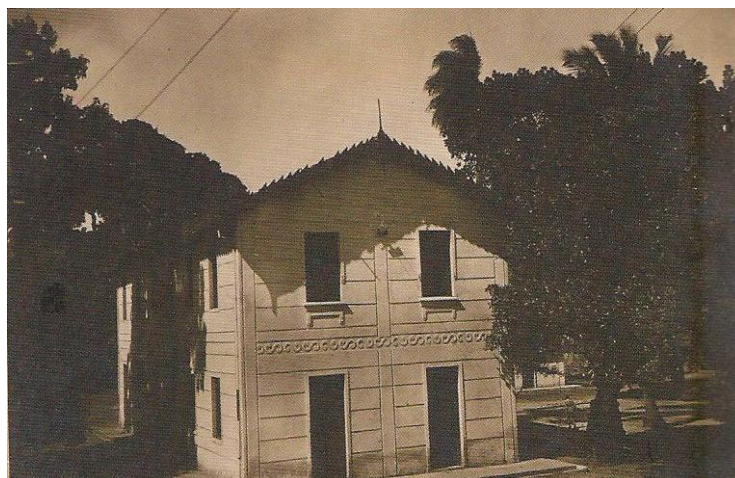


FIGURA 19 – Dormitório dos oito primeiros alunos internos do CAB

Fonte: Arquivo do CAB.

O outro marco foi a aprovação pelos professores e alunos do novo Código de Comportamento do Colégio, chamado de Decálogo do CAB, sobre o qual nos fala Perruci:

Há certas leis fixas que governam o viver, de mesma maneira que há regras de mathematica. Em qualquer dos casos, não se podem esperar respostas correctas aos problemas, si na solução não forem usadas as verdadeiras regras. As regras seguintes sobre a direção da vida formam um excellent código de moral e devem ser aprendidas e praticadas (PERRUCI, 2006, p. 58).

Foucault reflete como o poder se realiza nas diversas instituições que intencionalmente objetiva tornar o indivíduo útil, dócil e disciplinado através do trabalho. Então, esse tipo de poder se estrutura como forma de dominação sobre gestos, hábitos, atitudes etc., tornando um tipo de adestramento para aprimoramento através de procedimentos de disciplina que reprimem os corpos dos indivíduos, mas também assume efeitos positivos.

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do

corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada (FOUCAULT, 2007, p. 119).

A existência do poder em Foucault é tida como práticas ou relações de poder, como algo que se efetua, que funciona. A disciplina e o cumprimento dos regulamentos do Colégio Americano Batista têm a intencionalidade de controlar ações para tornar o indivíduo dócil obediente ao padrão de conduta protestante.

Essa disciplina, para Foucault, pode ser dividida em quatro fases: primeira, a organização do espaço, onde os corpos dos indivíduos são distribuídos em um determinado espaço de acordo com o objetivo exigido. Segundo, o controle do tempo, em que se estabelece uma sujeição do corpo ao tempo, de modo que esse tempo possa ser utilizado com o máximo de eficácia e rapidez.

Na oficina, **na escola**, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseira, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência) (FOUCAULT, 2007, p. 125).

Terceiro, a vigilância, esta que pode ser considerada como o principal instrumento de controle, é o olhar que observa para controlar, é preciso vigiar para localizar.

Na esfera da vigilância todo detalhe é importante, em todo caso, “o detalhe” era já há muito tempo uma categoria da teologia e do ascetismo: todo detalhe é importante, pois aos olhos de Deus nenhuma imensidão é maior que um detalhe, e nada há tão pequeno que não seja querido por uma dessas vontades singulares (FOUCAULT, 2007, p. 120).

Então, a discussão acerca do detalhe se encaixa em toda educação cristã e pedagogia escolar, pois o treinamento de um homem disciplinado pressupõe que

nenhum detalhe é indiferente. Também comenta Foucault sobre o espaço escolar e a vigilância:

O espaço escolar se desdobra; a classe torna-se homogênea, ela agora só se compõe de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros sob os olhares do mestre. A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios, colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova... (FOUCAULT, 2007, p. 126).

E por fim, o registro contínuo do conhecimento, a partir de observações sobre as atitudes do indivíduo, anota-se e transfere informações. Também é importante pontuar que, segundo Foucault, a produção do poder e do saber é uma relação inseparável, pois todo saber constitui novas relações de poder. Portanto, aqueles que detêm o poder frequentemente a portas fechadas, entre quatro paredes, promovem seu julgamento a fim de que suas convicções sejam direcionadas de modo que cada um realize ações e assuma atitudes que atendam à máquina do poder.

A estrutura curricular do Colégio Americano Batista foi estabelecida em vários cursos, que foram distribuídos em 12 anos de duração, sendo:

Primário – 1 a 3 anos;

Médio – 4 a 6 anos;

Preparatório – 7 a 9 anos;

Superior – 10 a 12 anos;

Essa estrutura possibilitava ao CAB oferecer vários cursos, como o Curso da ETC, Teológico, Cursos de Jardim da Infância (o 1º criado no Estado de Pernambuco), Primário, Complementar, Ginnasial, Commercial, Normal e Escola de Música.

Em 1926, a criação do Círculo de Pais e Mestres possibilitou uma maior aproximação da família no CAB. Também aumentou a interação entre os professores e os alunos e a satisfação das famílias com relação ao Colégio. Surgiu então a expressão “Família CABense”. A palavra Família no livro *Protestantismo e Educação: História de um Projeto Pedagógico alternativo em Portugal na transição*

do séc. XIX, de José António M. M. Afonso, ganha um espaço significativo, já que faz parte da construção ideológica a que se propõe a educação protestante, pois, na visão do protestante a família é geradora de prosperidade e estabilidade, cumprindo sua honrosa missão de “amor ao trabalho, educação dos seus membros, vida moral e sentimento religioso” (AFONSO, 2009, p. 81).

Entendida como uma dádiva de Deus, toda construção do ideário protestante valoriza a família como parte integrante da formação educacional, ou seja, pode ser considerada como extensão da escola. Assim:

Pai e mãe ensinam os dogmas da sã moral, incitam as doutrinas do bem, exortam a praticar a caridade, dando o exemplo pelo amor ao trabalho, aconselhando a ser indulgentes para com seus semelhantes e prescrevendo regras de bem viver – como reitera Guilherme Dias –, para que a educação moral seja o aprimoramento da obra-prima do Criador, imprimindo-lhe a direção para a verdade, para o bem e para a civilização; refutando o erro, banindo o mal e recusando a barbárie (AFONSO, 2009, p. 86).

A proposta do CAB, delineada em seu decálogo¹³, confirma que a ideia de valorização da família é essencial para a educação e o desenvolvimento da aprendizagem, já que a escola é tida como um segundo lar.

Em 1930, sob a direção do Dr. John Mein, o Colégio oficializou o Curso Ginásial, considerada uma grande vitória para o CAB, que já gozava de prestígio na sociedade pernambucana e brasileira pelo ensino de excelência. “Em 1931 foi solicitada a equiparação do Colégio e, no ano 1932, o CAB, com 27 anos apenas de organização, já tinha alunos estrangeiros de 13 países, de alguns Estados do Brasil e também de religiões não Batistas, tanto era o seu conceito elevado na sociedade local” (PERRUCCI, 2006, p. 65).

Em 1934, o CAB, sob a direção do Dr. Elton Johnson, melhorou o Curso Colegial e reformou a Biblioteca. Esse também foi o ano em que o Colégio ganhou a Medalha de Ouro na 1ª Feira de Amostras do Recife. Ratifica o sucesso do Colégio o professor e ex-aluno Juvenal Ferreira da Paz (86 anos):

¹³ Decálogo do CAB. X Lei da Lealdade. 1. Serei leal ao meu Criador e à minha família. Com lealdade obedecerei aos meus pais ou aqueles que tenham tomado seu lugar.

A história do CAB é um marco na vida. Fiz o Primário e o Científico aqui. Na minha época (década de 30), o Colégio era excelente. A qualidade do ensino deixava os outros colégios do Recife em defasagem. O Colégio tinha Jaime Queiroz, Marta Bezerra, Miriam Limonges Viganos, Otaciano Acioly que davam ao Colégio a qualidade de excelência, no ensino. Desde o Primário que a influência do CAB na minha vida foi muito grande. Naquela época, estudar nesse Colégio (CAB) dava status; muita gente da alta estirpe de Pernambuco e de outros Estados do Norte e do Nordeste vinha estudar aqui, com também alguns do estrangeiro. A presença da elite conduzia a esse conceito de excelência pela própria Sociedade local mas, não só a elite, vinham também filhos de famílias pobres, filhos de pastores e todos eram bons alunos. O Colégio nunca fez diferença de classe social, aceitava tanto a elite como os mais pobres; a exigência para o ingresso no CAB era querer estudar (Entrevista cedida em 1985, PERRUCI, 2006, p. 67).

Outra aluna que estudou no CAB na década de 1930, foi a Dra. Estter Goldman Longman, oriunda de Limoeiro do Norte, cidade onde não existia o Curso Ginásial, ela começou a estudar no CAB aos dez anos.

Lembremos que na década de 1930 na maioria dos colégios as turmas eram só masculinas ou só femininas, o CAB já era inovador ao adotar o modelo de turma mista.

Comenta o sucesso do CAB a ex-aluna Maria Luterman:

Guardo na lembrança bons colegas, todos estudiosos, foi o tempo mais feliz de minha vida, quando fui estudante do Colégio Americano Batista. Preciso dizer que fui Presidente do Círculo de Pais e Mestres, quando Odete Bezerra era Diretora do Primário, e minha filha Marly fez todo curso lá; hoje ela é médica. Antes, porém, meus dois filhos Max e Benny também estudaram lá, fazendo o ginásio e o científico. Hoje Max é arquiteto e Professor Universitário. Benny fez o curso de Direito, atualmente trabalha na Embaixada do Brasil, na Suíça, como Adido Comercial... O Colégio possuía internatos, femininos e masculinos, tudo funcionava muito bem e com muita disciplina... Guardo, na memória, muitas saudades deste excelente Colégio, sendo a fase mais importante de minha vida, como estudante e com muito orgulho (Entrevista cedida em 19 de setembro de 2005, em Recife, PERRUCI, 2006, p. 72).

Em 1935 ganha destaque a criação da bandeira do Colégio, que foi escolhida através de um concurso promovido pela professora Miss Lain entre os alunos do colégio. Foi ganhador do concurso o aluno Marcos Suassuna. O desenho da bandeira “é formado de uma tocha e o livro que aparece por trás da tocha na esfera, simbolizando o saber” (PERRUCI, 2006, p. 68).

Marcos Suassuna estudou no CAB de 1933 a 1938. Nascido na Fazenda Machada da Onça, Município de Teixeira, Estado da Paraíba, era Filho de João Sussuna (Governador da Paraíba) e Rita Villar Suassuna. Juntamente, seus seis irmãos (Saulo, João, Lucas (falecido), Betacoeli, Ariano e Magda estudaram no CAB.



FIGURA 20 – Bandeira do CAB
Fonte: Arquivo do CAB.

Comenta o pediatra e ex-atleta do CAB e Sport Club Recife, Dr. Marcos Suassuna (84 anos) sobre parte de sua trajetória no CAB:

Foi em 1933 que, em março, fui para Campina Grande, onde estudei até outubro, interno no Colégio Alfredo Dantas, concluindo o Curso Primário; foi quando fui para Recife a fim de preparar-me para o Exame de Admissão ao Curso Ginásial no CAB. No Colégio, novas experiências; a Secretária, dona Estefânia, se recusa a matricular-me por ter declarado que não tinha religião. No entanto, o Chefe de disciplina do Colégio, Dr. Alfredo Freyre, autorizou a matrícula, baseado no meu direito de estudar no Colégio mesmo não sendo religioso. Fiz o exame de Admissão, sendo classificado em 3º lugar. Em 1934, em março, comecei o Curso Ginásial. Como me lembro... Fui bom em Álgebra, História e Geografia. Contestei a Professora de História Universal por começar a matéria pela História da Grécia e não pelos trogloditas. Isso rendeu-me alguns apelidos: “novato”, “ateu” e “novato troglodita”. Lucas, meu irmão, já trabalhava no CAB como censor; juntamente comigo fomos dispensados de cantar o Hino a João Pessoa, nas aulas de Moral e Cívica, ministradas por um Sargento do Exército. Em 1935, colaborei na revista “O Lábaro”. Tirei o 1º lugar, no concurso promovido pela professora Miss Lain, para criar o desenho da bandeira do CAB. Era um ardoroso atleta do

Sport Clube Recife. Em 1936 a 1938, estudei Química, Física e Biologia com o professor Poggy Figueredo, de quem fui grande admirador. Tornei-me ainda amigo dileto do professor de Matemática, Washington Amorim... Em dezembro de 1938, concluí, com “louvor”, o Curso Ginásial e dei adeus ao CAB (Entrevista cedida em 2005, PERRUCCI, 2006, p. 75).

A família Suassuna foi dispensada de cantar o hino a João Pessoa porque a Paraíba de 1930 fora palco de luta política entre dois grupos oligárquicos. Os Perrepistas e os da Aliança Liberal lideravam a arena de sangue que marcou uma história de ressentimento, vingança, morte, difamação, injustiça, ambição e inveja.

O assassinato do governador João Pessoa na Confeitaria Glória, em Recife, pelo advogado e cunhado do deputado federal João Suassuna, João Dantas e, posteriormente, a morte de João Dantas na prisão, em Recife, e também o assassinato de João Suassuna, pai de Ariano Suassuna, foram fatos que fizeram parte da disputa política pelo poder. Para Bezerra, o poder que disputava o controle do Estado paraibano era dividido entre as oligarquias sertanejas, representadas por José Pereira, Dantas e Suassuna, e as oligarquias do litoral, estas representadas por João Pessoa.

O tom crítico de Ariano Suassuna sobre o quadro político de 1930 ecoa na atualidade em suas obras. “O partido fidalgo-popular, sertanejo e verde-azul dos Dantas de um lado, e o partido negro-vermelho, republicano, positivista e burguês dos Pessoas do outro” (BEZERRA, 2008, p. 151 apud SUASSUNA, 1977)¹⁴.

Também comentou Ariano Suassuna:

O fato é que Deus e o Demônio estão em toda parte, mas assumem faces diferentes de acordo com os lugares em que são invocados. Na cidade, exceto entre os pobres, Deus é um sopro tênue, abstrato e sentimental, que não convence mais ninguém, no qual ninguém mais acredita; e o Diabo é apenas um burguês gordo, corrompido e corruptor, que bebe nos fins de semana para esquecer as maldades que cometeu (BEZERRA, 2008, p. 151).

Percebemos que os conflitos políticos da década de 1930 fizeram com que os alunos do CAB membros da família Suassuna não cantassem o hino¹⁵ a João

¹⁴ **História do rei degolado nas caatingas do sertão:** romance armorial e novela romançal brasileira – ao sol da onça caetana. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977, p.15.

¹⁵ “Lá no Norte um herói altaneiro/Que da Pátria o amor conquistou/Foi um vivo farol que ligeiro/Acendeu e depois se apagou/João Pessoa/Bravo filho do sertão/Toda pátria espera um dia/A

Pessoa, cuja música é de Eduardo Souto e versos de Oswaldo Santiago, cantado por Francisco Alves.

Em 25 de setembro de 1930, o jornal *Correio da Manhã* noticiou: “Esta alcançando em todo o país grande sucesso, o hino a João Pessoa [...] o novo hino foi ontem pela primeira vez foi ouvido nesta Capital na “Casa Odeon”, que recebeu um disco de amostra e fez imediatamente um grande pedido, para atender a inúmeras encomendas” (BEZERRA, 2008, p. 69).

O CAB, durante suas primeiras décadas, preocupou-se com a Educação e a Evangelização, binômio que fundamenta todo o investimento da missão norte-americana em solo brasileiro. Segundo depoimento do ex-aluno e professor Juvenal, uma experiência que marcou sua vida foi a conversão dos irmãos Ênio e Ricardo que foram filhos na fé e que ainda estão firmes na fé. Na época participaram da Igreja da Capunga, em Recife/PE. Também comenta a ex-aluna (1934 a 1943) e ex-funcionária do CAB (1945 a 1992), Maria Rosa de Aguiar Munguba, filha do Pr. Munguba Sobrinho e Amazonila Aguiar Munguba:

Vejo o CAB como mais um campo missionário dos Batistas, Deus colocou no meu coração, além de meu trabalho de “correntista”, depois de auxiliar de secretária, o espírito missionário e, como tal, escrevia versículos bíblicos e também alguns versinhos e distribuía para os colegas da secretaria. Os colegas gostaram tanto que deram a ideia de estender a distribuição para todos do Colégio, alunos, professores e funcionários. Foi gratificante para mim, preparar, todos os dias, versículos e sair distribuindo os mesmos; considero isso um trabalho missionário e minha participação maior no Colégio e para o Colégio. Mas foi esse trabalho que deu ensejo a se fazer também cultos na secretaria, com a presença de todos os funcionários, logo no início do expediente e depois passando para o horário do intervalo do almoço (Entrevista concedida em 2005, PERRUCCI, 2006, p. 76).

Em 1936 foi criada a Associação dos Ex-Alunos do Colégio Americano Batista, tendo como seu primeiro presidente o ex-aluno Fernando Vanderlei. Nesse mesmo ano, Dr. Arnaldo Poggy é nomeado médico do Colégio e Dr. Alfredo Freyre, advogado, assume o cargo de professor do CAB. Também estudou o Curso Ginásial neste ano a Dra. Betacoeli Suassuna, irmã dos ilustres ex-alunos Ariano e Marcos Suassuna. Betacoeli atesta a filosofia do CAB:

tua ressurreição/ João Pessoa, João Pessoa/ O teu vulto varonil/ Vive ainda, vive ainda/No coração do Brasil... (BEZERRA, 2008, p. 69).

As meninas menores, no internato, tinham o seu próprio dormitório e Dona Quina tomava conta da gente. Era uma senhora simples, de Itabaiana, boa e paciente; viúva, converteu-se ao Evangelho. Morava no Internato e era responsável e dava conta de toda a parte doméstica. Tomava conta das bancas de estudo e nessas horas lia a sua Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse. No ano em que a gente não se comportava bem, ela não conseguia chegar ao Apocalipse. A sua avaliação era feita dessa maneira. Ela imitava o jeito de vestir das missionárias americanas, usava chapéu no culto do domingo, na Igreja da Capunga. Dava-nos muito amor e como cuidava de nós todas... Chamava-me de Bertinha Célia e quando tive coqueluche e fiquei trancada em seu quarto, para não transmitir a doença ao Internato inteiro, cuidou de mim como uma mãe (Entrevista cedida em 2005. PERRUCCI, 2006, p. 81).

A citação acima lembra o caráter valorativo da leitura da *Bíblia* e a prática do amor cristão, como também o valor da disciplina e a imitação dos costumes da cultura norte-americana, como a imitação de seu vestuário. O modo de vestir, comer, brincar, educar, fazer esporte fez parte do pacote trazido pelos missionários da outra América.

Lembra a ex-aluna Betacoeli das aulas de História Sagrada ministradas pela professora Helena, que ensinava uma música, composta por ela, para que os alunos aprendessem os nomes dos 12 Apóstolos. Outro fato importante é a lembrança por parte de vários ex-alunos do Hino do Colégio.

Certamente, o ano de 1937 foi marcado pela reforma e construção de um novo prédio para o CAB e também pela chegada do grande dramaturgo e romancista Ariano Suassuna, conhecido no Brasil por algumas obras que fazem referência à cultura nordestina, a saber: *Uma Mulher vestida de Sol* (1947); *Torturas do Coração* (1951); *Castigo Soberbo* (1953); *Auto da Compadecida* (1955), peça que projetou Ariano na sociedade brasileira, considerada como o texto mais popular do moderno teatro brasileiro. *O Casamento Suspeitoso* (1956); *O Santo e a Porca* (1958); *O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna* (1959); *A Terra e o Leite* (1959), peça premiada em 1969 no Festival Latino-Americano de Teatro. *A Farsa da Boa Preguiça* (1960); *A Caseira e a Catarina* (1962).

Ariano foi membro fundador do Conselho Federal de Cultura (1967), diretor do Departamento de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco (1969). Iniciou em 1970 o movimento Armorial, que tinha como objetivo criar uma arte erudita a partir de elementos da cultura popular do Nordeste brasileiro.

Entre 1958-1979 dedicou-se à prosa de ficção, quando publicou o romance *A Pedra do Reino*; *O Príncipe do Sangue do vai-e-volta*; *História do Rei Degolado nas Caatingas do Sertão*; *Ao Sol da Onça Caetana*. Em 2004 produziu o documentário: “O Sertão: Mundo de Ariano Suassuna”. Em 2002, Ariano Suassuna foi tema enredo no carnaval carioca e em 2008, do carnaval paulista. Além disso, recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal do Ceará e outras universidades brasileiras. Ariano é membro das Academias Paraibana, Pernambucana e Brasileira de Letras.

Sua irmã Betacoeli conta sobre a chegada de Ariano no CAB: “No final desse ano [1937], Ariano veio para o Colégio fazer o Exame de Admissão e mamãe veio trazê-lo. Não esqueço de sua figura linda, de chapéu, cumprimentando com aquele seu jeito doce e meigo as “Florezinhas”, minhas colegas e amigas do internato” (PERRUCI, 2006, p. 82).

O ex-aluno Ariano Vilar Suassuna, em entrevista à Equipe de Comunicação do CAB, comentou a emoção de voltar ao mesmo palco (Salão nobre do Colégio) onde encenou sua primeira peça, deixou uma mensagem aos alunos do CAB e falou o que significa o Americano Batista:

Estou muito contente, é uma alegria muito grande voltar ao Americano Batista, escola pela qual eu tenho um carinho muito grande. Eu estudei aqui como interno, tinha saudades de casa, claro, mas gostava muito do colégio, da convivência. O Americano sempre foi uma escola aberta, aqui a gente tinha uma alegria que não víamos nas outras escolas, era o único colégio que tinha as salas que misturavam homens e mulheres, aqui tive grandes amigas, como Estela Guerra, que encenou comigo minha primeira peça, aqui no CAB. Voltar hoje é reviver a mesma emoção daquele dia... Aos alunos de hoje: eu espero que pra eles o Americano Batista seja o que foi pra mim, uma extensão da minha própria casa. Aqui eu fiz algumas das minhas melhores amizades. Desejo que eles percebam que essa convivência é única e saibam aproveitar o que o Colégio tem a lhes oferecer. O CAB tem uma biblioteca muito boa, eu desenvolvi aqui a paixão pela leitura e também em exercícios físicos. Não sei se eles terão o mesmo encantamento que eu tive ao estudar aqui, mas se eles forem como eu, vão saber aproveitar a enorme comunidade que é o CAB. Porque, ao meu ver, o colégio continua sendo o mesmo... Para mim, o Americano Batista sempre será um lugar de afeto (Entrevista cedida por ocasião da celebração dos 100 anos do CAB, em 2006. PERRUCI, 2006, p. 116).

Em 1938, a Sociedade Literária Joaquim Nabuco do CAB criou a Revista *Formação*, tendo com seu primeiro diretor o professor José Alfredo de Menezes. A ex-aluna Helena L. Falcão escreveu na referida revista, em 1938, sobre sua despedida do Colégio:

Sinto faltarem-me palavras para fazer reviver nos seus pormenores todos os episódios e alegrias desse período, os quais, não obstante, estarão sempre vivos na memória e serão sempre evocados com o nome de CAB nossa sempre querida Alma Mater. Cumpre-me terminar ressaltando a feição que se pode considerar distintiva do CAB, nomeadamente, o espírito de camaradagem de seus estudantes. Foi isso mais do que qualquer outra coisa que encheu esses anos passados, de vibração e de conhecimento nos jogos, nas festas, em nossas representações, nas datas cívicas e até... Nos dias de nervosismo das inolvidáveis provas parciais. É, pois, com misto de júbilo e saudades que vemos vencida a primeira etapa de nossa carreira escolar (PERRUCCI, 2006, p. 88).

Em 1938 também foi o ano que o CAB passou na prova sobre as diferentes etnias. Segundo Betacoeli, a Diretora de Disciplina Lydia, piauiense, ex-aluna do CAB, obrigou uma menina americana, externa, recém-chegada dos Estados Unidos que não era filha dos missionários do Colégio, a sentar junto de uma colega negra da turma de sua irmã. Lembremos que a questão do racismo nos EUA ainda está presente na atualidade.

Em 1939, o CAB cria a União de Estudantes Batistas (UEB), tendo como seu primeiro presidente o estudante Sóstenes Pereira de Barros.

Sobre o ano 1939, comenta Betacoeli:

Esse ano foi um ano de guerra, setembro. A Alemanha invadiu a Polônia. Prof. Castro nos comunicou na Lecção. Fiquei apavorada. Pensei que o Colégio ia fechar e que a gente ia voltar para casa. Para espanto meu, apesar da guerra, a vida no Internato e do CAB continuaram na mesma tranquilidade e numa feliz rotina (Entrevista cedida em 2005, PERRUCCI, 2006, p. 83).

A ex-aluna Mathanias Bezerra Vieira, que estudou no CAB de 1939 a 1945, faz o seguinte comentário sobre o Colégio:

Vejo o CAB como “patrimônio de Deus”, um verdadeiro trabalho missionário. Os professores, na época, eram todos evangélicos e

faziam um verdadeiro missionário, sem imposição de credo, mas, realizavam verdadeiros cultos antes de iniciar cada aula. Aqui no CAB, viveu a Moral, a Ética e uma Vida Espiritual (PERRUCCI, 2006, p. 108).

Em 1940 merece destaque a descrição da ex-aluna Silinha de Oliveira Lima, por ocasião de sua formatura do Curso Fundamental no Salão Nobre do CAB:

Durante todo o dia, foram os preparativos. O Salão Nobre recebeu uma ornamentação florida, e muito criativa, à altura do relevo da cerimônia. Os convidados foram recebidos por moças bonitas. Tivemos música ao vivo. A frequência foi das melhores, misturando-se os inúmeros convidados da sociedade do Recife. Tivemos um número grande de ministros das Igrejas que foram nossos convidados especiais. O Corpo Docente do Colégio estava presente e todos os alunos compareceram a nossa festa. O Salão Nobre ficou repleto: À mesa principal encontrava-se o diretor Dr. John Mein, acompanhado da esposa. Dr. Elton Jonhson, com a esposa, Miss Cox, nossa diretora, estava nessa noite muito elegante. Dr. Menezes e dona Ruth, muito bem discreta, usando tafetá de seda pura preta, cabelos presos num coque, com laço de veludo. Muito elegante, o nosso paraninfo, Dr. Poggy de Figueredo. Estavam presentes: o homem forte do CAB, Sr. Eliezer e o Dr. José Munguba Sobrinho, pastor da Igreja Batista da Capunga... No quadro da formatura, foram gravadas estas frases do Dr. Poggy e estas mesmas palavras foram escolhidas para seu discurso: “Moços, que a pureza de vossos sentimentos e a honestidade de vossas atitudes sejam a expressão eloquente de caracteres bem formados. Assim terei a admiração dos homens e as bênçãos de Deus (PERRUCCI, 2006, p. 123).

Em 1941, a ETC passa a ter seu próprio prédio, separando-se do CAB. Comenta sobre esse período o ex-aluno Fernando Couceiro:

A minha memória não apaga as lecções, no amplo salão, abaixo do refeitório, suas mangueiras frondosas, as convivências sadias, os ensinamentos sobre princípios éticos e cristãos e tudo mais formaram a ainda hoje marcam e orientam o meu viver (PERRUCCI, 2006, p. 125).

Em 1942, a direção do Colégio passa dos missionários americanos para os brasileiros. A mudança ocorreu devido à nova legislação brasileira, segundo a qual os colégios brasileiros deveriam ter como diretor um nacional. Então, foi escolhido o ex-aluno e médico Dr. Arnaldo Poggy Figueiredo, que recebeu o CAB com 600 alunos e deixou com cerca de 2000, em 1945.

Desde a sua criação, uma das marcas principais do Colégio Americano Batista é a inovação. Ele foi o primeiro colégio misto do Recife (onde estudavam garotos e garotas) e o primeiro a ter uma equipe de voleibol entre suas atividades. O colégio inovou ao criar o Jardim da Infância no Recife, até então desconhecido, a primeira Escola de Datilografia, a “Remington” (máquina de datilografia), e o primeiro curso Técnico em Enfermagem, funcionando até hoje.

O CAB ganhou notoriedade na sociedade brasileira pelo seu compromisso de salvar e educar, binário que perpassa a dimensão espiritual nas lutas e tensões religiosas do início do século XX. As doutrinas da Igreja Batista¹⁶, e consequentemente do CAB, reafirmam o pensamento integrante no que se refere ao enfrentamento de seu inimigo espiritual, o Diabo. Este assunto será tratada no próximo capítulo.

¹⁶ A “Declaração de Fé dos Batistas” (EUA) consta nos anexos desta pesquisa.



FIGURA 21 – Santo Agostinho e o Diabo, Pintura do austríaco Michael Pacher
Fonte: <http://www.google.com.br>

5 O IDEÁRIO DO COLÉGIO AMERICANO BATISTA DO RECIFE

O Senhor disse a Satanás: “Donde vens?” – “Estive percorrendo a terra e girando por toda ela”, respondeu.
Jó 2,2

Será que o maior ardil do Diabo é fazer-nos acreditar que ele não existe?

Gerald Messadié

A tensão catolicismo-protestantismo aflorou depois dos três primeiros séculos da história brasileira devido à maior presença de imigrantes não católicos romanos, por trazerem à tona a necessidade de liberdade religiosa no Brasil. Possivelmente, podemos considerar que a cosmovisão do Protestantismo como versão religiosa dos ideais liberais e democráticos que se contrapunham ao espírito aristocrático e conservador ao qual o catolicismo estava vinculado constituiu fonte de tensões.

As escolas protestantes, desafiando a confessional idade católico-romana até então soberana e única, começaram a surgir na década de 1820. As comunidades alemãs, as primeiras a usufruir da política imigratória brasileira, consideravam essenciais para sobrevivência três elementos básicos: igreja, escola e cemitério (HACK, 2003, p. 15).

Em 1877, Barbosa comenta sobre o antagonismo entre o Catolicismo e o Protestantismo:

O protestante separa o Estado da Igreja; o Romano deseja que sejam reunidos. O protestante edifica suas instituições sobre a vontade do povo; o Papal propõe edificá-los sobre a vontade do papa. O protestante segura a liberdade religiosa; o Papa exige que cada um entregue sua consciência ao cuidado de seu superior escolástico. O Protestante desenvolveu as faculdades do entendimento por estimular o espírito de independência e vigor pessoal; o Papal esmaga este espírito de independência e vigor pessoal; o Papal esmaga este espírito por sua doutrina de obediência e submissão passiva. O Protestante já pôs o mundo na carreira do progresso e da prosperidade; o Papal deseja prendê-lo e torná-lo atrasado por aqueles caminhos velhos e tortuosos, pelos quais já tem infelizmente conduzido tantas nações ao naufrágio e desolação (BARBOSA, 2002, p. 62).

O texto “O Protestante já pôs o mundo na carreira do progresso e da prosperidade”, segundo o pensamento weberiano, afirma que a ética protestante conduz a uma atitude de busca de recompensas. Estas funcionam como parte integrante da condição de um salvo. Então, esse modo de vida, metódico, racional, de um certo modo, ajudou no nascimento do “espírito” do capitalismo moderno.

Mesmo a Constituição de 1891 declarando o Estado laico e confirmando o decreto 119-A de 1890, que instituía a liberdade de cultos religiosos, os ataques da Igreja Católica contra os evangélicos foram marcados pela intolerância contra um direito constituído. Segundo Pereira (1987, p. 117), eram recorrentes no Nordeste brasileiro as perseguições contra os evangélicos.

Por iniciativa de Bagby, foi alugado, em 1890, um pequeno salão para realização de cultos. Em julho desse ano, deslocou-se para lá o missionário H. E. Soper, e novos batismos foram efetuados. Um dia Soper resolveu realizar com os crentes um culto ao ar livre, em frente à estação da estrada de ferro [...]. Mas, irritado com a propaganda e os progressos da pequena Igreja Batista, o padre local resolveu dar uma demonstração de força. Açoulou uma pequena multidão, que acossou os crentes Batistas e os apedrejou. Soper, entretanto, não desanimou: apelando para as autoridades, obteve resposta, e o culto, finalmente, se realizou, com a proteção de dez soldados armados de espadas.

Sobre o campo religioso, este sendo considerado um espaço em que se operacionaliza o jogo e os trunfos necessários para a prática, no caso, da religião, é possível encontrarmos nesse espaço uma luta em que

Cada igreja visa conquistar ou preservar um monopólio mais ou menos total de um capital de graça institucional ou sacramental (do qual é depositária por delegação e que constitui um objeto de troca com os leigos e um instrumento de poder sobre os mesmos) pelo controle do acesso aos meios de produção e de distribuição dos bens de salvação (ou seja, assegurando a manutenção da ordem no interior do corpo de especialistas) e pela delegação ao corpo de sacerdotes (funcionários do culto intercambiáveis e, portanto, substituíveis do culto do ponto de vista do capital religioso) do monopólio da distribuição institucional ou sacramental e, ao mesmo tempo, de uma autoridade (ou uma graça) de função (ou de instituição) (BOURDIEU, 2005, p. 58).

Em face à proteção do capital religioso, a igreja tem a preocupação de definir suas doutrinas como pré-requisito essencial a fim de se defender dos ataques

das outras denominações e, com isso, promover a monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de especialistas religiosos que exercem a função de produzir e reproduzir um conhecimento organizado que pressupõe ser superior.

Apesar das atitudes intolerantes da Igreja Católica, os protestantes continuavam firmes no propósito de propagar sua fé através da mensagem do evangelho. Atesta o fato, em 1891, o missionário batista Entzminger, perseguido pela Igreja Católica, contactou um dos principais jornais da cidade do Recife para defender sua fé das acusações dos padres católicos.

A intolerância do clero também foi relatada por Pereira, quando em Nazaré-PE os Batistas abriram um ponto de pregação em 1895:

A cerimônia foi uma bomba nos arraiais católicos com o vigário à frente. Estimulada pelo padre, pequena multidão investiu à noite contra a casa de cultos, arrombou as janelas, juntou os bancos, mesa, harmônio, despejou querosene em cima e ateou fogo. Sabedor do incidente, Entzminger foi procurar o presidente do Estado, que era então Barbosa Lima, republicano histórico. Este ficou indignado com o ocorrido, e garantiu, com um pequeno contingente policial, a volta do missionário a cidade. No dia apazado, quando desembarcou em Nazaré, Entzminger encontrou a sua espera cerca de 500 homens armados de cacetes e facas. vista dos soldados, de armas embaladas, o grupo se dispersou e não incomodou mais. A 16 de janeiro de 1896, foi organizada a igreja Batista da cidade (PEREIRA, 1987, p.127).

Não contente com o caráter das perseguições, o frei católico Celestino di Pedavoli, líder da Liga Antiprottestante, em Pernambuco, contratou Antônio Silvino para tirar a vida do missionário Salomão Ginsburg, contrato que custou apenas duzentos e cinquenta mil reais. Entretanto, Silvino, impressionado com a pregação do missionário e sua cortesia, decidiu conservar a vida de Ginsburg. Assim, o clero católico lançava mão de atos violentos que levaram alguns protestantes à morte e ao sofrimento.

Escreveu Ginsburg¹⁷, em 1900:

Nós estamos aqui em terreno perigoso; nossas vidas estão em perigo constante, especialmente quando vamos ao interior pregar Cristo, o crucificado. Acredito nele e nele somente. Assim seguimos

¹⁷ Marshall & Bruce Company, 1901, p. 74, Fifty-sixth annual report of the Foreign Mission Board. – annual report of the Pernambuco Baptist Mission. *Annual of the Southern Baptist Convention, 1901*. Nashville, TENN *apud* GINSBURG, 1970.

avante fazendo tudo o que Ele nos mandou. E mesmo sendo muitas tribulações, as dificuldades e os perigos, o trabalho é agradável (OLIVEIRA, 2010, p. 50).

Ainda segundo Ginsburg, no livro autobiográfico *Um Judeu Errante no Brasil*, em alguns lugares, pessoas mascaradas invadiam as casas dos protestantes e os chicoteavam ao ponto de muitos caírem quase sem vida.

Já o missionário Jefté Eratus Hamilton escreveu do Recife:

Três homens foram fortemente feridos, um com sua cabeça sangrando bastante, outro com a mão na tipoia e outro ainda com o corpo inteiro, dos pés a cabeça, preto, por causa das pancadas recebidas. Eles se apresentaram a diferentes repórteres aqui e na manhã seguinte os quatro principais jornais diários saíram com artigos muito objetivos contra a intolerância e perseguição (OLIVEIRA, 2010, p. 52).

Segundo Zaqueu Moreira de Oliveira, em 1930, o frei italiano Damião de Bozzano (1898-1997), conhecido no Nordeste, e principalmente na Paraíba e Pernambuco, foi articulador juntamente com outras autoridades católicas de fortes perseguições aos protestantes, mandou incendiar, cortar energia e apedrejar templos dos protestantes.

Comentou na década de 1930 Coriolano Costa Duclerc:

Tangidos da Paraíba, onde perseguiu, apedrejou, queimou Bíblias, incendiou templos, arrasou igrejas evangélicas, mandou surrar crentes, expulsou irmãos na fé evangélica e cometeu toda sorte de tropelias, expulso pela polícia de lá, [...] acha-se agora repetindo as suas façanhas no território do sertão pernambucano, o audacioso frade estrangeiro! [...] Acompanhado de uma enorme procissão, pregou, xingou, mentiu, apedrejou, queimou literatura evangélica, revolucionou o povo simples, fanatizou a multidão, mandou apagar a luz elétrica da cidade na hora de nosso culto. [...] Ajudemos, irmãos pernambucanos, ao Rev. Silas Falcão e à sua jovem e operosa esposa, e à Igreja de Rio Branco com as nossas ardentes orações (OLIVEIRA, 2010, p. 54).

Consideremos que o projeto protestante, embora antagônico aos valores religiosos e políticos da Igreja Católica, não era um projeto contra o catolicismo, e sim um esforço em favor da liberdade religiosa e prática dos direitos civis. Apesar da forte perseguição dos atores do catolicismo, os protestantes não revidavam com

violência, pois, incorporavam o discurso de Jesus e a teologia do apóstolo Paulo de que o mal deveria ser vencido com o bem.

A consolidação das escolas protestantes ocorreu devido à carência de instrução do povo brasileiro, que podia ser um notável empecilho ao aprendizado da doutrina protestante, todo calcado na leitura da *Bíblia*, livros, revistas e jornais que divulgavam a prática protestante; a necessidade de provar aos católicos alto nível intelectual; a necessidade de preparar sua liderança; a dificuldade dos alunos evangélicos nas escolas católicas e o ideal evangelizador foram elementos essenciais que impulsionaram a fundação e o crescimento das escolas protestantes.

A realidade brasileira na área educacional, quando da chegada dos norte-americanos, era precária e preocupante, por isso o interesse imediato dos missionários pioneiros em estabelecer escolas junto às suas comunidades eclesiais. “Os grupos denominacionais presbiterianos, metodistas e Batistas investiram muito em educação, acreditando na formação cultural do povo brasileiro com princípios morais e éticos do ponto de vista protestante”, assegura Hack (2003, p. 20).

Os protestantes históricos reconheciam os males causados pelo analfabetismo, de modo que propunham, desde o início de sua obra, alternativas que assegurassem propostas para a fundação de colégios. Percebiam que vários males sociais, políticos, econômicos e religiosos eram consequência do problema maior, a falta de escolas e de condições mínimas que garantissem um ensino de qualidade.

Ao analisar o período em que o CAB apareceu no contexto brasileiro, é pertinente também comentar que, segundo o pensamento de Willington Germano (2008), o tema positivista Ordem e Progresso incorporado à bandeira brasileira, impregnou o ideal republicano de 1889. Então, a busca do progresso pressupunha a existência da ordem. Certamente a ideia de constituir um Estado autoritário de segurança nacional para conduzir o desenvolvimento capitalista/industrial do país era discurso adotado como ideologia predominante na luta pelo poder.

Para esse autor, no sentido genérico, progresso indica movimento ou marcha para frente. Nessa perspectiva, considerando “o avanço da ciência, a reforma religiosa, a revolução industrial e a formação do sistema colonial sinalizavam uma marcha para frente” (GERMANO, 2008, p. 87). Assim, a realidade brasileira, carente de “modernidade” e “progresso”, serviu de campo para fomentar um espírito capitalista vindo das forças econômicas do mundo industrial. Nesse sentido, o início

do século XX no Brasil foi também um período em que a força produtiva se tornou um serviço que atendesse aos interesses dos poderosos.

Convém esclarecer que a tentativa de progresso como possibilidade de um futuro tranquilo e próspero do mundo industrial capitalista recebera efetivamente o apoio do Exército brasileiro, que

Esteve presente em todas as reviravoltas da história do Brasil, exercendo, nos momentos de crise, um papel decisivo. Assim, concorreu significativamente para a abolição dos escravos em 1888; instaurou a República em 1889; contribuiu para a derrocada da República Oligárquica em 1930; participou ativamente, em 1937, da implantação e sustentação da ditadura de Getúlio Vargas (Estado Novo); depôs o mesmo Vargas em 1945... (GERMANO, 2008, p. 92).

No contexto do século XX, a arena política brasileira foi norteadas pelas lutas das alas consideradas progressistas e conservadoras (reacionárias). Portanto, também convém afirmar que o CAB nasceu no momento histórico brasileiro em que o tema Ordem e Progresso da Bandeira Brasileira representavam o ideal republicano de 1889. Sendo esse ideal mais visível a partir de 1937, quando os militares e setores dominantes da sociedade brasileira alimentavam a ideia de um Estado autoritário de segurança nacional, de modo que o desenvolvimento capitalista/industrial tornava-se o fio condutor do país.

Tendo em vista um quadro caótico da educação no final do século XIX, os Batistas reafirmavam que a solução não seria encontrada nas ciências com fins elitistas, mas seria preciso que fosse procurada por meios dos recursos morais e éticos que uma instituição confessional deveria preservar. Assim, acreditavam na missão soteriológica através do binômio evangelização-educação como possibilidade concreta de mudança do futuro e da civilização.

O modelo escolar alternativo trazido pelos protestantes, em especial pelos Batistas, pautado nos pilares educar e salvar, constituía uma filosofia de vida que aspirava vencer o obstáculo da ignorância através da dimensão intelectual, moral, física e religiosa. O programa protestante foi o sonho alimentado pelas igrejas protestantes norte-americanas de promoverem o céu na terra e a possibilidade de segurança de vida eterna após a morte.

Possivelmente os Batistas colocaram-se firmes na ideia simplificada, linear, de povo chamado a partir do saber revelado e especialmente preparado para

converter os homens à salvação. “Convém, portanto que despertemos o interesse do nosso povo em fundar desde já escolas primárias em todas as igrejas Batistas onde seja possível” ¹⁸.

Segundo o pensamento de Hack (2003), os Batistas, à semelhança de outros protestantes, adotaram a tendência pedagógica liberal, identificando-se com o escolanovismo e fundamentaram sua práxis em alguns teóricos como Dewey.

O estudo biográfico de Dewey, como modelo hermenêutico, ajuda a compreender as práticas educacionais e as intervenções sociais que se esboçaram na década de 1920 no Brasil. A influência de seu pensamento se faz relevante especialmente na medida em que passamos a construir nossa pesquisa, procuramos analisar educação protestante da escola batista em Recife/PE. Nessa perspectiva, tentamos refletir como o ideário educacional adotado pelo CAB, ancorado pela influência do escolanovismo, consolidou substancialmente sua prática.

Entendemos por Escola Nova um movimento que partia do pressuposto de que a educação formal tinha a necessidade de reformar as práticas vigentes da escola tradicional, predominantemente passiva, dogmática, conservadora e elitista, diferentemente da proposta da Escola Nova, que adotava uma postura radicalmente ativa e crítico-experimental, progressiva e sociodemocrática.

A pedagogia de Dewey fundamentava suas ideias na democracia como possibilidade de tornar-se um canal capaz de transformar a realidade, através de uma escola que deveria ser um instrumento que assume uma função democratizadora.

Possivelmente ancorada nas ideias da pedagogia de Dewey, o esboço da educação protestante fundamentou suas práticas como elemento fundante do processo educativo de suas escolas.

As práticas pedagógicas dos colégios protestantes, inovadoras para a época, caracterizavam-se como:

A aparência estética dos edifícios, construídos como estrutura sólida e imponente, ao estilo dos casarões das fazendas do sul dos Estados Unidos; o ambiente interno das escolas com nova concepção pedagógica – ausência de estrado nas salas,

¹⁸ *Relatório de Educação da 10ª Reunião da Convenção Batista Brasileira, realizada de 22 a 26/06/1916, p. 2.*

aproximando alunos e o mestre, carteiras individuais, auditórios para programas coletivos, materiais didáticos, laboratórios, equipamento musical, esportes, classes mistas; o conteúdo identificado com valores liberais da cultura e do modo de vida norte-americano (MESQUITA, 1930, p. 133).

Portanto, defendemos a ideia de que a presença dos imigrantes e missionários protestantes americanos no Brasil representou um processo de mudança no fazer pedagógico escolar sob a influência dos postulados de John Dewey. Assim, a opção inovadora dos educadores americanos é considerada como uma empreitada bem-sucedida. Um exemplo disso pode ser visto em 1980, com a “Reforma Rui Barbosa”. Esta foi baseada nas observações da prática educativa do Colégio Progresso, no Rio de Janeiro, na época administrado pelos missionários metodistas. Outro exemplo: em São Paulo, a “Reforma da Instrução Pública e da Escola Normal” contou com a participação da missionária Martha Watts e dos presbiterianos do Colégio Americano. Em Minas Gerais, por fim, a “Reforma do Ensino (1926) baseou-se no escolanovismo.

Também é importante pontuar que a práxis Batista no que diz respeito à metodologia empregada em suas escolas, vai além dos postulados da Escola Nova. Os Batistas têm como referência principal a ética neotestamentária e consequentemente uma didática que tenta reproduzir o modelo de ensino de maior expressão na história da humanidade, a prática de Jesus Cristo, um professor que lidou com os problemas inerentes à natureza humana e social de seus alunos de modo significativo e paradigmático, de tal forma que os Batistas tentaram reproduzir sua prática. Relata o evangelista Mateus sobre o homem da Galileia: “Percorria Jesus toda a Galileia, **ensinando** nas sinagogas, pregando o evangelho do reino” (Mateus 4, 23).

Afirma o Prospecto do CAB:

Tendo esta instituição por objetivo preparar caracteres equilibrados para a vida e, considerando que a religião constitui a única base sólida sobre que repousa a integridade individual, a nossa orientação, por esse motivo, é francamente inspirada nos ensinamentos de Cristo (Colégio Americano Batista, prospecto para 1918 *apud* SILVA, 2009, p. 95).

Segundo o pensamento de Price, fazia parte do modo de ensinar de Jesus valores como: justiça, solidariedade, fraternidade, respeito e amor. Em suas aulas ganhou atenção dos ouvintes porque utilizava vários recursos pedagógicos no processo ensino-aprendizagem. “Ele utilizava objetos, coisa do dia a dia, histórias, parábolas, perguntas, recursos visuais e vários outros métodos” (PRICE, 1983, p.115).

Ao analisar o relacionamento de Jesus e dois dos seus principais discípulos, podemos observar que se ilude quem pensa que seus alunos têm sido ideais e modelares em seus comportamentos. Eram homens como nós e cheios de imperfeições e fraquezas inerentes à natureza humana. Essas que acompanham todas as gerações em todas as épocas.

O apóstolo Pedro, chamado Simão, filho de João e irmão de André, casado, era um trabalhador do mundo da pesca, considerado como um ignorante para os padrões formais de educação da época. Sobre ele, relata o Dr. Lucas, ao escrever o livro histórico de Atos: “Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens iletrados e incultos, admiraram-se; e reconheceram que haviam eles estado com Jesus” (Atos 4,13).

Pedro, frequentador das aulas de Jesus também era conhecido pelo seu temperamento impetuoso, forte, sólido e firme. Um homem de fortes declarações como as da última ceia que Jesus realizou com seus discípulos. Na ocasião, Jesus falava de sua morte, quando disse Pedro: “Irei contigo até a morte”. Entretanto, lamentavelmente foi capaz de negar Jesus por três vezes, jurando que nem o conhecia (João 21, 15-22).

Jesus foi capaz de lidar com a imaturidade e a violência de seu aluno Pedro quando este cortou a orelha de Malco, empregado do sumo sacerdote. Além disso, foi teimoso quando se recusou a seguir as orientações de seu professor na ocasião em que Jesus estava lavando os pés dos outros discípulos.

O apóstolo João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago, é mencionado no evangelho de João como discípulo a quem Jesus amava. João era filho de um pescador e seguia a profissão de seu pai. Provavelmente sua mãe era Salomé, conhecida por unir-se a outras mulheres para levar unguentos ao túmulo de Jesus.

João foi chamado por Jesus de filho do trovão, possivelmente devido ao seu temperamento impulsivo, pois, em alguns momentos de sua trajetória como discípulo mostrou não saber controlar seu gênio, como no caso dos samaritanos,

quando se encolarizou, não entendendo que naquele momento Jesus queria revelar seu amor. Certas vezes, João em sua ira ou entusiasmo exagerado, agia qual um redemoinho impetuoso, como um poderoso furacão.

Muito longe de se revelar homem calmo, paciente, sofredor e manso, João foi capaz de sugerir: “Senhor queres que mandemos descer fogo do céu para consumir essa gente”? (Lucas 9, 54). Também se mostrou algumas vezes político e egoísta quando chegou a pleitear o privilégio de assentar-se à destra de Jesus, pois, estava desejoso de posição social, grandeza material e poder (Marcos 9, 33 e Lucas 22, 24-27).

João abrigava dentro de si um alto nível de preconceitos, não admitindo que uma pessoa fora do seu grupo expulsasse demônios e fizesse o bem (Cf. Marcos 9, 38). Na verdade, o preconceito subjazia à raiz de muitos dos problemas já mencionados. Um dos maiores obstáculos encontrados pelos professores são as mentes fechadas e cheias de preconceitos. “A intolerância é pior do que a ignorância” (PRICE, 1983, p. 38).

A tarefa de ensinar de modo significativo se revestiu de imperativo para todos os Batistas que exerceram essa função no CAB. Motivados pelo conselho do apóstolo Paulo, os Batistas se esforçavam ao máximo na nobre tarefa de ensinar. O referido conselho encontra-se no texto de Paulo aos Romanos: “O que ensina esmere-se no fazê-lo” (Romanos 12, 7). A recomendação era para dedicar-se, caprichar na tarefa de ensinar. Jesus usou parte de seu tempo para ensinar as classes menos privilegiadas da sociedade, excluídas de uma educação destinada à elite.

Ajudar na formação e modelação dos alunos Pedro e João para transformá-los em pessoas preparadas para enfrentar os dilemas da vida, foi um verdadeiro milagre de Jesus, que pelo ensino transformou vidas imaturas, preconceituosas, impulsivas, violentas e aparentemente insignificantes em vasos de bênçãos, para cumprir a missão de transformar vidas.

Também é pressuposto essencial do CAB para consolidar o seu ideário a derrota o inimigo espiritual. Um dos primeiros missionários Batista a chegar no Brasil, Bagby, ratifica sua preocupação com “a batalha espiritual” contra as forças do mal, contra o Diabo. Escreveu para os Estados Unidos sobre algumas sugestões para implantação de Colégios Evangélicos:

Tais colégios prepararão o caminho para a marcha das igrejas [...]. Colégios fundados, nestes princípios, triunfarão sobre todo **inimigo** e conquistarão a boa vontade até de nossos adversários. Mandai missionários que estabeleçam colégios evangélicos, e o poder irresistível do Evangelho irá avante na América do Sul e a terra do Cruzeiro brilhará com a luz resplandecente do Reino de Cristo (CRABTREE, 1962, p. 70).

Para os Batistas a figura do Diabo e suas hostes demoníacas que passarei a abordar não são uma invenção infantil, um discurso fantasmagórico ou uma construção humana. Também não é uma viagem sem direção e relação com nosso campo de análise. A personificação do mal e tal abordagem se justificam por fazerem parte da construção do discurso Batista, sua relação com as escolas e a luta do protestantismo histórico contra as forças do mal, como relatou Lutero em algumas de suas obras.

Também Alfredo Viano, em 1939, quando defendia a Convenção Batista, relatou:

Cabe-nos a responsabilidade de defender os obreiros de nosso campo contra os boatos falsos e mentirosos que estão sendo propagados contra a dignidade dos obreiros que cooperam com a nossa Convenção. [...] **Satanás**, sem dúvida, quer que nos dividamos a fim de diminuir as nossas forças. [...] A experiência do passado é suficiente para provar que divididos prejudicaremos a Causa do Senhor. Se há um propósito entre os obreiros deste campo é este: Não consentir em divisão de espécie alguma (OLIVEIRA, 2010, p. 106, grifos nossos).

Para os Batistas a história do Diabo transcende a cosmovisão de Lutero. A presença da personificação do mal transita em todas as partes do mundo. A construção da crença na existência do Diabo perpassa a ideia simplista de que é apenas uma construção social, uma invenção política de sacerdotes como meio de subjugar os povos ou de políticos como o presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan, que estigmatizou a U.R.S.S. de “império do mal”, ou o ayatollah Khomeini que, na mesma linha de pensamento, qualificou os Estados Unidos de “Grande Satanás”. Entretanto, concordemos que a retórica e utilização do nome de Satanás em torno da política tem muita semelhança com um dos seus atributos, a mentira, pois ela transita livremente no meio político, essa sim é uma invenção diabólica do homem.

Convém também lembrar que processos, fogueiras e outros métodos dos agentes da Inquisição promovida pela Igreja Católica durante extenso período da história da humanidade não representa a multiplicidade de manifestações das hostes espirituais da maldade nas diversas culturas.

A representação do Diabo e demônios e o discurso acerca deles podem ser visualizadas em todos os lugares do universo, entretanto com uma roupagem diferente e uma estratégia diabolicamente inteligente.

“Mircea Eliade fala de estatuetas femininas. Encontradas na Palestina e datadas de cerca de – 4.500 a. C., isto é, do Neolítico, e que apresentam a Deusa Mãe sob um aspecto aterrorizador e demoníaco”, afirma Messadié (2001, p. 26). Então parece provável que, de algum modo, a noção de mal estava presente na Antiguidade.

Segundo os relatos de Alfred Métraux na ilha da Páscoa, no Pacífico, a religião da referida ilha conta com um grande deus e seres sobrenaturais chamados *akuaku* ou *tatane*:

[...] Os tatanes são multiformes, podem ser belas raparigas ou jovens valentes, capazes de viver vidas humanas absolutamente vulgares, mas podem igualmente ser corpos héticos, semiapodrecidos, com as vértebras à mostra e as costas descarnadas, e que são então os espíritos dos mortos. Malvados e ardilosos, introduzem-se à noite nas casas para perseguir os vivos (MESSADIÉ, 2001, p. 32).

A fervilhante manifestação transcendental da ilha da Páscoa mantida por mágicos, feiticeiros e magos trazia a riqueza de interpretações do modo de vida que representava o bem ou o mal. Essa estrutura de crença tem uma aproximação da ideia dos demônios apresentados pelo Cristianismo, em que os espíritos do mal estão presentes e interferem na vida das pessoas como também os espíritos do bem. As dualidades bem e mal, Deus e Satanás, demônios e anjos são também uma construção histórica presencial nas culturas.

As religiões australianas são recheadas de demônios. Com efeito, a maioria dos seus demônios são efetivamente malfazejos. O demônio “mangakurata-comprido e magro como uma estaca, não possui ânus” da tribo Pindupi é um dos personagens do mal. Também entre os Daiaques do rio Katoengouw do Bornéu, a oeste da região da Oceania:

Punham assim à frente das suas portas efígies de madeira, em período de epidemia, pensando que os demônios as levariam em vez de seres vivos. E entre os Dieri da Austrália Central, quando ocorre uma epidemia mandam o feiticeiro bater no solo com o rabo de um canguru empalhado para fazer sair o Diabo responsável, Cootchie, e expulsá-lo do acampamento (MESSADIÉ, 2001, p. 39).

Na arena das comparações entre mal e bem, anjos e demônios, encontraremos nas religiões do Pacífico uma atribuição às epidemias, aos anjos do mal e à resolução dos problemas aos anjos bons. Já no cristianismo católico, o fiel acredita que as rezas à Santa Luzia resolvem as doenças dos olhos, Santo Humberto, os acidentes de caça, Santo Antônio de Pádua ajuda a encontrar os objetos perdidos.

Esses “santos” ou “anjos” são encarregados junto a Deus de interceder para destruir o mal que o Diabo provocou. No mundo da Oceania, o feiticeiro é o agente “santo” encarregado de desfazer as obras do demônio que causou este ou aquele mal. De um modo ou outro, a presença do Diabo e seus demônios está em evidência no Pacífico.

Encontramos o Diabo e seus anjos na Ásia, apesar de reconhecer que Sibéria, Tibete, Indonésia, Bornéu, Malásia, Filipinas, Índia, Paquistão, China e Japão têm diferentes e convergentes formas de manifestar seus demônios. Por exemplo, para os budistas da Ásia, existe o conhecimento do Diabo e seus aliados, ou seja, anjos caídos. Também reconhecem a existência do Diabo os lacutos da Sibéria, descrito pelos antropólogos como Turcos do Norte. Contavam os lacutos:

Satanás era o irmão mais velho de Jesus, mas ele era mau ao passo que Jesus era bom. E quando Deus quis criar a Terra, ele disse a Satanás: “Tu gabas-te de seres capaz de tudo fazer e de seres maior que eu; muito bem, traz-me então um pouco de areia do fundo do oceano”. Satanás mergulhou então até o fundo do mar, mas quando voltou a mergulhar mais duas vezes, sempre em vão, e, à quarta, transformou-se em andorinha e conseguiu trazer um pouco de lama no bico. Jesus abençoou então a lama, que se tornou Terra. E a Terra era bonita e plana e lisa. Mas Satanás, querendo criar um mundo para si, tinha escondido um pouco de lama no seu bico. Jesus percebeu o ardil e deu-lhe uma pancada na nuca. Foi então que Satanás cuspiu a lama, que, ao cair, formou montanhas (MESSADIÉ, 2001, p. 53).

A história descrita acima é significativa, pois ratifica o pensamento de que a presença do Diabo na Sibéria asiática é reconhecida, embora a narração descritiva dos cristãos sobre a criação do universo assuma contornos diferenciados, contudo convergentes em alguns aspectos. Digno de nota é que o Vedismo, uma das religiões mais antigas do mundo, postula na sua versão do Gênesis a existência de um único criador.

Na esteira do discurso do dualismo bem e mal, no Vedismo indiano, os adversários são tidos como demonizados. Além disso, na teologia xivaísta¹⁹ existem muitos demônios, já que o deus (demônio ou Diabo) Xiva pode rodear-se de coortes de demônios para perseguir mortais desventurados. Portanto, de um modo ou outro, a presença do Diabo e seus demônios na Índia védica, hinduísta, jainista ou budista, está em evidência na Ásia.

Ainda na Ásia, a grande China não ficou imune à presença do Diabo, no Xintoísmo, em uma das versões sobre de mitos cosmogônicos, são concebidas as figuras de Izanagi e Izamani, que criaram os senhores do universo, de tendências opostas:

Amaterasu-ô-mi-kami, deusa do sol, e o seu irmão Susano-wo, uma de tendência celeste, o outro terrestre (houve, na realidade, uma terceira criança, Tsuki-yomi, deus da Lua), eclodiu um conflito. Susano-wo ficou descontente com a sua parte, que era o plano oceano, isto é, terras imersas, e chorou tanto que secou os rios e os mares. Quis voltar para junto da sua mãe, na Região Inferior, ou seja, os infernos, o que lhe valeu ser expulso do céu pelo seu pai Izanagi (MESSADIÉ, 2001, p. 53).

As palavras céu, inferno e a expressão “expulso do céu” fazem parte de toda construção teológica do núcleo duro do cristianismo de versão evangélica. Então, no imaginário sobre os deuses do Xintoísmo existe lugar para um tipo de Diabo e espíritos maus que são demônios. Podemos citar também como exemplo a etnia dos Ainos dos Curilas e de Hocaído que acreditam na existência de deuses maus. Temos, ainda, a Ásia com o Budismo, Taoísmo, Confucionismo e igualmente o caso do profeta Zaratustra, que afirmava a existência de pequenos demônios que

¹⁹ É o Xivaísmo ou culto da divindade Xiva, deus da destruição, o antigo Rudra védico, igualmente conhecido pelos nomes de Parvati, Priviti, Uma, Ambika, Kali e Durca, testemunhos do extremo polimorfismo do panteão hinduísta (MESSADIÉ, 2001, p. 68).

atormetavam os camponeses e os iletrados. Portanto, a Ásia não escapou do Diabo e seus demônios.

As estatuetas e amuletos do zoroastrismo serviam de sementes para consolidação de um Diabo e Deus único, já que era mais propagada a ideia de vários deuses. Os *Kurgan* (palavra que significa outeiro) organizavam suas tribos sob a crença de que existia uma imortalidade da alma e uma vida no Além, onde reinava um deus masculino que empunhava um machado ou um martelo, o qual confiava aos mortos. Sobre o inferno, demônios, anjos e o Além, Comenta Messadié:

Mesmo após a reforma zoroastriana, quando Arimânio perde a sua categoria de divindade e volta a surgir sob o nome de Sraosa, esse “rei da pátria iraniana” conserva mais ou menos as mesmas funções e vê-se mesmo ser-lhe atribuída uma nova função, que prefigurava exatamente o anjo da guarda do Cristianismo; Sraosa é aquele que “protege contra os demônios que querem levar sua alma (durante três dias que se seguem à morte) para o inferno, alma essa que primeiro se mantém à cabeceira do seu próprio cadáver, depois atravessa a atmosfera para passar deste mundo para o outro” (MESSADIÉ, 2001, p. 102 *apud* DARMESTETER, s/d).

Também confirmam os Gâthas que no início do mundo existiam dois espíritos, um bom (Ahura Mazda) e outro mau (Arimânio), “o segundo, Arimânio, Angra Manyu, o Mau Espírito, fez a escolha má, e é o mau deus, cujos discípulos são os “seguidores da mentira”, os *dregvant* enganados pela mentira, ou druj (MESSADIÉ, 2001, p. 107). Arimânio figura como demônio dos lugares desertos. Para Zoroastro, a presença das forças do mal estão presentes tal como em partes da teologia bíblica cristã.

No panteão mesopotâmico encontramos uma grande diversidade de deuses, por exemplo, a figura de Inini e Erishkigal, que reinam sobre os infernos. A constituição do panteão mesopotâmico contava com uma divisão, a superior (celeste) e inferior (terrestre), a primeira se estruturava com 600 deuses, chamados Iggi, a segunda com 300 deuses, os Anunaki. Acrescentamos que a religião da Babilônia e da Assíria contava com quatro mil deuses. Assim, todo mosaico teológico na Mesopotâmia apresenta, através de seus deuses, uma configuração de crenças em demônios, céu e inferno. Comenta Henrietta:

O segundo mito significativo é o da criação do homem: este nasce do sangue de um antigo deus, Kingu, tornado arquidemônio, e mandado matar por ordem do deus Marduk por ter fomentado a desordem no cosmo. Oringu é um demônio sem ambivalência: ele é mau e apenas mau, como nosso Diabo; não se pode esperar dele nenhuma ajuda, como, na mitologia egípcia, Rá pode obter do insuportável Set, por exemplo. O que significa que a natureza do homem, filho de Kingu, é essencialmente má e demoníaca; o Mal está na sua carne (McCALL, 1990, p. 130).

Além disso, na Mesopotâmia eram comuns os ritos com descrições de maquinações diabólicas e recheadas de recitações de nomes de demônios. Esses que para os mesopotâmicos nunca eram uma fonte de felicidade. Semelhantemente à teologia dos Batistas, os demônios e o Diabo jamais constituem um agente do bem. Sobre o inferno, guardadas as devidas diferenças de interpretação, a coloração é também parecida com a visão batista pautada pelo entendimento da Geena Judaica.

Os Celtas, descritos como pessoas altas e loiras, com olhos azuis ou cinzentos, que viviam no Norte dos Alpes, são conhecidos por cultuarem quatrocentos deuses e também por sua Grande Deusa. Porém, o ritual que tem mais visibilidade no mundo ocidental é a sua maior festa, o Samain, que ocorria na véspera do nosso 31 de outubro, onde celebravam a criação do mundo. Hoje em dia, essa festa é conhecida mundialmente como Halloween, sendo principalmente festejada nos Estados Unidos da América, Canadá, Reino Unido e Irlanda.

Segundo Ellis Davidson, os Celtas “Acreditavam também nos demônios e nos espíritos dos mortos, como Draugr, esse espírito perturbado que assombra os *tumulus*” (DAVIDSON, 1964, p. 164). Para Mircea Eliade, o deus loki dos Celtas é efetivamente o Diabo, constituindo-se o homólogo de Satanás e o deus Duryodhana a encarnação do demônio. Entre os Celtas habitou também a presença do Diabo e seus anjos.

Atesta os fatos nos primórdios da religião romana a narrativa sobre um demônio chamado Rubigo, encarregado de provocar a ferrugem do trigo. Também temos Cacus, demônio do fogo, Vejoves e outras “divindades” do imenso panteão romano que tinham como atribuição fazer o mal. Roam não escapou da existência das forças da maldade em sua cultura.

Já no Egito, a existência das forças espirituais da maldade aparecem em seu panteão de modo volumoso, tinham coortes inteiras, comenta Gerald Messadié (2001, p. 219):

Como nas religiões do Pacífico e em muitas outras, estes demônios secundários são tidos como responsáveis pela doença e pelas infelicidades, e são tão odiosos e repugnantes como no imaginário monoteísta: *aquele-com-rosto-repugnante*, *aquele-que-vive-de-vermes*, ou ainda *aquele-que-come-os-seus-dejectos* (grifos do autor).

Também é importante destacar que quase todas as religiões africanas postulam a existência de um Deus criador do universo.

Na América do Norte, encontramos entre os Índios a crença em divindades como a Grande Serpente Cabeluda e outras divindades que eram tidas como habitantes do inferno. Segundo Manfred Lurkerm, a Grande Serpente Cabeluda podia dar riqueza, mas sua amizade era perigosa. Também entre os índios da América temos o demônio Iya, “monstro da mitologia *sioux* que engole ou mutila os homens e os animais, que assume por vezes a forma de um furacão e cujo hálito pestilento espalha doenças” (LURKER, 1984, p. 110). Ainda nas Américas encontramos entre os Incas a ideia de que o Mal era múltiplo e que habitava em todo lado.

Em Israel, o povo escolhido de Deus do Velho Testamento, a figura do Diabo é representada também pela serpente, aquela que fora possuída pelo Diabo, conforme narração do texto bíblico de Gênesis. A serpente do paraíso tem a mesma história na epopeia babilônica de Gilgamesh, um episódio de sedução que é recontado de modo a relembrar Adão e Eva do Gênesis. Tendo cedido aos encantos da deusa Istar, enkidu vê-se dotado de sabedoria e de um maior saber. Istar dirige-se mesmo ao seu amante em termos que evocam espantosamente a frase da serpente: “Sereis como deuses”. Ela diz-lhe: “Tu és sábio, Enkidu, tu és como um deus” (MESSADIÉ, 2001, p. 298). Embora a serpente tenha recebido uma divinização em algumas culturas como entre os egípcios, hindus e mexicanos, a originalidade da serpente é do Gênesis, como uma espécie de prefiguração de Satanás à humanidade.

Posteriormente, aparecem na literatura hebraica alguns demônios: Mevet, demônio da morte; Lilith, a ladra de crianças; Reshev, demônio da peste; Dever,

demônio das doenças em geral; Belial, tenente dos demônios e Azazel, demônio dos desertos. Além desses, ainda temos o pandemônio babilônico, que é bem mais elaborado. Então, no judaísmo a presença do Diabo e suas hostes são certas.

O maior líder do Islamismo também reconhece a existência do Diabo. Maomé, na sura apela aos seus ouvintes a resistirem aos “agentes dos Shaitans” ²⁰, que era o pai de toda a perdição. Também na sura III associa os demônios aos deuses associados à Ahura Mazda, antigos deuses de sua tribo e consequentemente deuses dos idolátras.

De um certo modo, a Grécia, com seus deuses, também faz presente a atuação dos seres espirituais da maldade. Por exemplo: Posídon, causador de inundações, e Hermes, o condutor das almas para a estada no inferno. Os deuses gregos são imprevisíveis, ora são inspirados para o bem, ora para o mal. Outro exemplo é *O Banquete* de Platão, onde é reafirmada a existência de intermediários entre os homens e os deuses.

Ainda escreveu Messadié:

Xenócrates, discípulo de Platão, como Aristóteles, redigirá uma verdadeira demonologia sistemática: para ele, os *daimons* são almas flutuantes que existem antes de encarnarem nos corpos e sobrevivem quando os corpos morrem, e distingue os bons dos maus *daimons* (MESSADIÉ, 2001, p. 177).

Então, a ideia de demônios e anjos está claramente presente na Grécia.

A palavra *daimónion* costuma ser derivada do verbo grego *daíomai*, que significa *partir*, *repartir*, e usava-se, originalmente, para os seres espirituais responsáveis pela “partilha” dos destinos das pessoas: eram eles que davam a cada um a “sorte” que lhe era devida, seja para o bem, seja para o mal. Um *daímon*, segundo a concepção dos gregos, podia ser considerado tanto uma divindade normal como uma divindade inferior, e como, não por último, um ser intermediário – espírito – entre os deuses e as pessoas. Esses espíritos que, em relação às pessoas, eram originalmente neutros ou “polivantes”, tornam-se gradativamente concebidos mais e mais como espíritos malignos e prejudiciais.

Xenócrates, um discípulo de Platão, foi um dos que fortemente falou de forma

²⁰ 20 Satanás, Shaitan, cujo nome Maomé recuperou assim aos Judeus, tornou-se o “Lapidado” (MESSADIÉ, 2001, p. 377).

explícita sobre a existência de demônios maus. Essa tendência de considerar demônios como entidades exclusivamente prejudiciais torna-se predominante nos três séculos anteriores à era cristã e vai influenciar decisivamente o entendimento vigente na época de Jesus. Os fatores que contribuíram para esse entendimento exclusivamente negativo da ação dos demônios foram, além da influência do pensamento filosófico grego e, naturalmente, também da cultura popular predominante, a saber:

- as ideias dualistas vigentes nas religiões do Antigo Oriente, como dos babilônios, egípcios e persas;
- uma cosmovisão inovadora elaborada por Aristóteles (século IV a.C.) e mais tarde amplamente desenvolvida por Ptolomeu (século II d.C.), cuja principal característica era a de aumentar ainda mais a distância entre deuses e seres humanos, deixando o enorme espaço entre o celeste e o terrestre à mercê de forças incontroláveis, estranhas e hostis;
- as ideias elaboradas no judaísmo tardio, sobretudo nos escritos do Enoque, no Livro dos Jubileus, no Testamento dos 12 Patriarcas e nos escritos de Qumran.
- os textos do Velho Testamento que influenciaram de forma determinante a construção da teologia sobre os demônios e o Diabo.

O Cristianismo herdou e assumiu a demonologia como algo exclusivamente negativo. Uma atribuição de funções positivas a espíritos ele reserva exclusivamente para os anjos não caídos. A atribuição a demônios de males ocorridos a pessoas ou à natureza em forma de doenças, possessão, catástrofes, pragas etc. desempenhava funções positivas para as perguntas e os questionamentos que fatos como esses levantavam. A principal delas é, sem dúvida, a contribuição que dava à pergunta pela teodiceia, ou seja, a explicação que oferecia para a relação existente entre Deus e os males do mundo.

A demonologia afirma que o responsável último pelas desgraças não é Deus, mas forças espirituais que lhe são hostis. Dessa forma, se eliminava a tensão entre a crença num Deus poderoso e bom e a existência dos males que, aparentemente, teriam também nele a sua origem. A demonologia afasta Deus como causa última dos males, para atribuí-los à ação de espíritos rebeldes e à natureza caída do homem.

Voltemos um pouco na história. Na Antiguidade, a ideia do mal se fortificou e se personificou na figura do Diabo, de modo que a história do Diabo e sua corte de

demônios ganhou mais notoriedade institucional a partir do século XII, com o Cristianismo medieval e através dos padres. Carlos F. Nogueira afirma:

A princípio, os primeiros hebreus não tinham necessidade de corporificar uma entidade maligna. Para eles, Jahveh era um Deus tribal e, como tal, superior aos deuses das populações vizinhas, que se colocam, assim como seus adversários e como expressões naturais da maldade, tornando supérflua qualquer encarnação suplementar do mal (NOGUEIRA, 2002, p. 13).

Assim, percebemos o que os Hebreus acreditavam serem os deuses de seus adversários. Para estes as divindades politeístas buscavam “substituir o verdadeiro Deus de Israel” (Idem, p. 14). Ainda na esteira do pensamento de Nogueira, foi no expansionismo dos povos da Antiguidade que aconteceu a assimilação dos deuses dos inimigos às entidades malignas, sendo o Cativo da Babilônia um momento decisivo para se formar uma hierarquia demoníaca. A partir desse instante os Caldeus aprisionaram os Hebreus depois que ganharam a guerra nas terras hebraicas, daí começou um maior contato entre as crenças hebraicas e as caldeias.

O contato com os Caldeus e as suas divindades fornecerá a uma tradição preexistente e arcaica as personalidades destinadas a chefiar o cortejo demoníaco. Entre estas Lúcifer [...], associado ao rei da Caldeia (NOGUEIRA, 2002, p. 18).

Os vários contatos com os povos inimigos agregaram novos integrantes à “aristocracia demoníaca dos hebreus” (Idem, p. 18), dentre eles estão: o deus filisteu de Ekron, Baal-Zeboub, assimilado pelos hebreus como Belzebu, o príncipe dos demônios; Astaroth, deusa mesopotâmica e Asmodeu, deus persa, que será apresentado como o rei dos demônios. Durante e depois do Cativo, os hebreus ainda conhecem o madeísmo persa, que se tornou fator determinante na corporificação de uma demonologia futura. Esse madeísmo²¹ proporcionou o pensamento dualista, ou seja, a crença de que existiam tanto espíritos benéficos quanto espíritos maléficos atuando no mundo material.

Sucedendo ao Cativo da Babilônia, teremos uma época helenística, tal

²¹ Religião dualista e escatológica criada por Zoroastro, na Pérsia, no século VI a.C. Seus fundamentos admitiam a existência de duas divindades, uma do bem (Ahura-mazda) e outra do mal (Ahiran), que lutavam pela supremacia divina, sendo que no final o bem triunfaria sobre o mal.

momento pode ser considerado como fornecedor de maiores contatos religiosos, entre os povos da Antiguidade, sistematizando coerentemente o agente do mal. Assim, lembra Nogueira (2002, p. 20) quando diz que “os repetidos contatos da comunidade judaica produzirão uma nova demonologia vasta e complexa, que constituirá a prova indubitável de uma mudança de perspectiva teológica”.

De acordo com esse autor, foi do século II a.C. ao I d.C. que se desenvolveu uma literatura apocalíptica acerca do demônio baseada em revelações sobrenaturais do futuro. Entretanto, observamos que as crenças acerca dos demônios e Satanás antecederam para os hebreus o século II a.C, assim com a doutrina escatológica escrita pelo profeta Daniel no Velho Testamento. Discursando acerca desse fenômeno, Nogueira faz menção ao Testamento dos Doze Patriarcas²², dizendo que o demônio aparece pela primeira vez na figura de Belial e como adversário de Deus, disputando a soberania sobre os humanos e incitando-os à fornicção, à inveja, ao ciúme, à cólera, ao assassinato e à idolatria de outros deuses.

Para o autor supracitado, esse “é o primeiro momento de glória de Satã [...] estabelecida pela literatura apócrifa e posteriormente reconhecida pelos evangelhos e pelo Apocalipse de São João” (2002, p. 22). Nesse instante, a noção de inferno e de um Príncipe das Trevas, que de tudo provoca para corromper a humanidade, aparece com mais ênfase com as doutrinas escatológicas, pois,

à medida que se avizinha a era cristã, irrompem-se doutrinas de caráter escatológico nos numerosos Apocalipses [...], popularizando a fé na recompensa e no castigo após a morte e evidenciando uma maior incidência mística, na medida em que se intensifica o estado emocional coletivo das guerras, das calamidades e das privações (Idem, p. 23).

Esse discurso será adotado pelo Cristianismo Católico durante a Idade Média, quando se observa uma fé pautada na recompensa e no castigo após a morte. Foi também na Idade Média, especificamente no Concílio Ecumênico de Latrão, em 1215, que a Igreja Católica avançou na declaração canônica que afirmava: “O Diabo e os demônios foram igualmente criados por Deus; mas no momento da sua criação não eram maus; tornaram-se maus por sua própria culpa e, desde então, dedicam-

²² Em Israel, organizado sociopoliticamente em regime tribal, existiam doze tribos oriundas de doze patriarcas. Para maiores detalhes consultar: JOSEFO, Flávio. *História dos hebreus*. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

se a tentar os homens” (MESSADIÉ, 2001, p. 347).

A Igreja adotou um tipo de discurso para perseguir todos que representassem uma ameaça aos seus interesses. A título de exemplo, temos o caso de Joana d’Arc, que foi acusada de bruxaria pelo Bispo Beauvais Pierre Cauchon, representante da Igreja e juiz presidente do tribunal. O Diabo foi usado como artifício político da Igreja para aterrorizar os seus inimigos e justificar suas atitudes nada menos *diabólicas* para manter o povo na ignorância, superstição e irracionalidade.

Comenta Gerald Messadié (2011, p. 353):

O mais consternante é que na época tais pataratices tinham força de e qualquer denúncia de *dulia*, *latria* ou práticas curiosas destruía uma vida e podia mesmo levar à fogueira. Com efeito, a Inquisição [...] tinha-se constituído formalmente em 1184, graças ao conluio entre o Papa Lúcio III e o imperador Frederico, “Barba Ruiva”.

Entende-se por *dulia* uma prática que consistia em misturar os nomes dos demônios com os dos bem-aventurados e o uso do círculo ou recurso à necromancia, aos filtros de amor, aos vidros e anéis mágicos. Já a *latria* era a prática de louvar o Diabo e fazer-se flagelar em sua honra. Evidentemente que a motivação de tais acusações era o lucro financeiro; quando o acusado era condenado, à morte ou não, seus ficavam com a Igreja. Assim, o Diabo também era fonte de lucro e um rendoso fundo de comércio do Santo Ofício.

Com efeito, grande parte do período da Idade Média foi marcado pelas crenças supersticiosas e banais na figura de um Diabo e demônios que foram promovidos pelos interesses políticos da Igreja Católica. O povo acreditava no disparato de que uma feiticeira poderia tirar leite do cabo de um machado, que os feiticeiros podiam fazer vários milagres. Comentou Grillot de Givry (1971, p. 130):

Em 1581, um tal Fromenteau alegou numa obra intitulada *Le Cabinet do Roy de France* que o inventário dos feiticeiros tinha estabelecido a existência de 72 príncipes dos demônios e de 7 405 920 demônios subordinados. Mas outros autores apresentaram contas diferentes: existiam 6 legiões de demônios, cada uma incluindo 66 coortes de 666 companhias totalizando 6 666 demônios, ou seja, um total de 1 758 064 176 demônios.

O Cristianismo buscou no Judaísmo a ideia do mal, aperfeiçoando a

demonologia dos livros apócrifos e do Velho Testamento. Assim, é no Novo Testamento que Deus possuirá, por mais uma vez, adversários vindos de Satã e sua corte. Percebe-se, com as pregações do Novo Testamento, a visão teológica do livre arbítrio, pois “[...] o Demônio, como o pai da desobediência, coloca o problema de modo muito mais universal: a livre opção de todos [...] entre o bem e o mal” (Idem, p. 26).

A partir desse instante, o Cristianismo continuará a dar ênfase à pregação de um mundo dividido entre as forças do bem e as do mal, ou seja, a existência do reino de Deus e do Diabo, no qual cada pessoa é quem decidirá a qual desses seres servirá eternamente. Com isso, confirma-se a crença de que tudo o que afasta o homem de Deus é obra do Diabo. Crença esta que se fortificou nos discursos eclesiásticos, onde se expunha que o afastamento do homem em relação a Deus dava-se através das resistências daquele para com a palavra divina e/ou a rejeição em aceitar Jesus Cristo como o salvador deste mundo.

Vê-se, ainda, que a religião cristã, assumindo ser a verdadeira, acusava as outras crenças dizendo que estas eram de ordem demoníaca. Tal fato evidencia-se quando, no livro de Atos dos Apóstolos, Paulo almeja converter as nações pagãs das trevas de Satanás para a luz de Deus.

A presença do Demônio e de suas hostes tem início, no Cristianismo, com as pregações existentes no Novo Testamento:

Sob a ordem de seu mestre, os demônios se “apossavam” igualmente dos indivíduos, provocando problemas como a epilepsia, a paralisia histérica, ou, ainda, o entorpecimento dos corpos. Nessa ordem de ideias, os milagres de Cristo – que consistiam [...] precisamente na cura desse gênero de problemas – eram considerados como medidas enfraquecedoras do poder de Satã [...] (NOGUEIRA, 2002, p. 27).

Essas pregações passariam a constituir parte do plano teológico cristão, integrando o dogma central dessa religião que passou a imprimir nos adeptos do Cristianismo a reafirmação da crença na existência da figura do Diabo. Também os considerados pais da Igreja Cristã, Orígenes, Clemente de Alexandria, Justino e Ireneu acreditavam na existência do Diabo e dos demônios. Orígenes chegou a dizer que os demônios possuem um conhecimento dos acontecimentos siderais, já Justino declara que o príncipe dos maus demônios é a serpente.

Para Clemente, os deuses de outras religiões são imagens de demônios. Também Tomás de Aquino acreditava que os demônios deveriam habitar no inferno, mas ainda permaneceriam flutuando no ar até o Juízo Final. Ainda tinha a crença de que os demônios podiam fazer o mal, mas não todo o mal, e que nunca poderiam fazer o bem. Para Tomás de Aquino, os demônios são espirituais.

A queda do anjo rebelde e do homem chegou a se implantar na Igreja Latina com os Padres da Igreja, principalmente com Agostinho, que passaram a discursar sobre a expulsão destes dos céus. Para os Padres da Igreja, esses anjos caídos passaram a residir nas trevas e atormentar de várias formas os humanos.

Percebe-se que são múltiplos os discursos teológicos sobre as diferentes ações desses espíritos na perseguição contra os fiéis, “pois os Diabos, que jamais conhecem o repouso, são incapazes de deixar os homens em paz, infligindo-lhes doenças e provocando calamidades coletivas [...]” (Idem, p. 30). Essa crença perdura na Idade Média com os primeiros cristãos que, não conhecendo as leis do universo, enxergavam nos fenômenos da natureza as forças sobrenaturais. Sendo o Diabo incorporado aos dogmas da Igreja, este passou a representar todas as dificuldades, seja do mundo material, seja do mundo espiritual.

Na crença difundida pela Igreja Católica se um cristão criticasse a doutrina oficial estaria sendo inspirado por deuses do paganismo que, na verdade, eram vistos como demônios a serem exorcizados. Apesar de o Cristianismo combater as crenças pagãs, estas sobreviveram em meio às leis e às conversões forçadas dos primeiros cristãos.

Ora, se a crença pagã era perseguida pela Igreja Católica e forçada a aceitar a crença cristã, por que não forjá-la e fingir aceitá-la em seu seio? O Catolicismo, impossibilitado de anular as religiões pagãs, reduziu-as às crenças deformadas, afirmando que, quem as seguisse, estaria cultuando o Demônio. Observando que a fé pagã não deixava de existir, o Cristianismo adotado pelo Catolicismo Romano passou a acreditar que a conversão dos seres humanos estava longe de acontecer completamente.

Apesar dessa intuição, a Cristandade medieval guerreará contra os “deuses-demônios”, pois sempre existiriam, para esses padres, povos a serem convertidos à nova fé. Essa forma de ver o mundo mostrava uma preocupação constante que era a presença real e contínua do Diabo na existência humana.

Utilizando-se de discursos mais aperfeiçoados sobre o maléfico, o

Cristianismo de vertente católica procura, através de uma “pedagogia do medo”, influir no pensamento dos fiéis a ideia da existência de demônios que vagavam em todos os lugares, tentando a vida de cada pessoa.

Segundo os textos bíblicos, na visão de alguns teólogos cristãos, a principal vítima dos demônios seria a mulher, pois ela estava mais predestinada ao mal do que o homem. Nesse sentido, nos é útil a visão de Robert Muchembled (2001). Ele afirma que a mulher era vista como sendo a máscara da horrível face do demônio, ou, que sua beleza enganadora escondia uma boca infernal, devido a sua concupiscência original.

Naquela época, a imaginação popular encontrava-se repleta de fantasias acerca do demônio que tentava o homem diariamente, sendo este o único capaz de combater as tentações do seu cotidiano. Além da fantasia popular, veem-se os ministros da Igreja esgotarem debates sobre o Diabo que se tornaram indagações mais presentes em seus discursos do que as proposições acerca do próprio Deus.

Nas igrejas do medievo são encontradas juntamente com os discursos eclesiásticos representações sagradas mostrando cenas históricas de santos e demônios que representavam o fim do mundo e a danação eterna. Naquele momento, cresce ainda mais os discursos cristãos acerca do mal e de suas consequências, sendo ainda acrescentados os desejos mais secretos do homem. É nesse imaginário cristão, do século XII, que o Diabo aparece transformado tanto em belas mulheres quanto em formosos homens, no intuito de levar os servidores de Deus a cometerem os pecados da fornicção, do adultério e da quebra dos votos religiosos.

Segundo Muchembled, o demônio possuía a capacidade de apresentar-se sob todas as formas humanas imagináveis, como também poderia transformar-se em anjos de luz. Esse ser espiritual era capaz de assumir a estatura de um gigante, falar através de ídolos e soprar seu veneno numa rajada de vento. Diante desses acontecimentos, os Padres da Igreja resolvem assumir o que anteriormente os discípulos de Jesus desempenhavam, o poder de exorcizar os demônios.

Esse poder, herdado pela Igreja na pessoa de seus sacerdotes, tornar-se-á a principal arma da religião no contexto medieval, pois o Cristianismo avançava, principalmente, através da demonstração da falência dos inimigos invisíveis do homem (os demônios), através de exorcismos e curas miraculosas (NOGUEIRA, 2002, p. 52).

Vê-se que o século XIII foi de suma importância para a história do Diabo, pois expandem-se as crenças na existência de pactos demoníacos, nos diversos demônios que atormentavam cada homem separadamente e, a certeza de que o Diabo decifrava o pensamento. Então, é nesse século que se vê nascer um maior medo do Diabo, encaminhando o imaginário coletivo europeu a um pânico generalizado. Assim sendo, os homens passaram a se sentir abandonados por Deus e entregues ao reino de Satã.

O Catolicismo pregava, ainda, aos fiéis, que os demônios poderiam ser reconhecidos através de suas vozes, pois estas se diferenciavam das vozes humanas, sendo ásperas, agudas e penetrantes. Foi com o decorrer dos tempos medievais que o Cristianismo começou a retratar os seres malignos em forma de animais ou parecidos com os humanos, combinando-os aos elementos da natureza. Os artistas e cronistas medievais buscavam nos seres alados da Antiguidade descrever e retratar os seres do Mal, dentre estes estavam os Sátiros²³.

Estes elementos colaboram na compreensão da ênfase dada à imagem do Diabo quando este poderia se manifestar sob qualquer forma, seja na animal, seja na humana, porém ainda se destaca a atribuição da cor negra digna do príncipe das trevas. Além disso, “ele podia não raro ser vermelho, vestir-se com essa cor ou ter uma barba flamejante, que às vezes podia ser verde” (MUCHEMBLED, 2001, p. 27).

No final da Idade Média tem-se, entre os demonólogos, a preocupação em constatar o número exato dos demônios. Contudo, percebe-se a dúvida dos teólogos em relação à quantidade de demônios que existiam no mundo espiritual. Mas, apesar das dúvidas, os doutores da Igreja designaram e quantificaram os demônios, mostrando a função que tinha cada espírito maligno.

Beelzebub e Leviathan, os demônios do orgulho e da heresia, enfileiravam-se junto a Lúcifer, entre os Serafins [...]. Asmodeus, o demônio da luxúria, era também um serafim. Baalberith, o inspirador

²³ Semideuses da mitologia greco-romana que viviam nos bosques e eram companheiros do deus Baco. Tinham pequenos chifres na testa, cauda, pés e pernas de bode. Personificavam as más paixões e os instintos sexuais e brutais do homem.

do assassinato e da blasfêmia, era o líder dos Querubins. Astaroth, o senhor da preguiça, era o primeiro dos tronos, e Belias, o demônio da arrogância e da loucura, o principal das virtudes (NOGUEIRA, 2002, p. 73).

Percebe-se, com essas exemplificações, que os padres necessitavam denominar cada demônio na finalidade de esclarecer aos fiéis que, para cada possessão, existia na vítima uma legião de anjos caídos com poderes diferenciados, e só cabia aos servos de Deus conhecer e exorcizar esses espíritos das trevas.

A preocupação dos teólogos em classificar e conhecer cada demônio surgia como tentativa de pôr ordem e coerência à demonologia. Nota-se, ainda, que essas nomeações serviam para mostrar à população o “Reino do Diabo [...], como uma vasta e organizada monarquia presidida por Satã [...], em função do eterno conflito entre o bem e o mal [...]” (NOGUEIRA, 2002, p. 77).

A ênfase escatológica dada pelos pensadores da Igreja Católica fez com que o medo da vinda de um Anticristo perdurasse no Cristianismo durante a Idade Média, na modernidade, chegando até a atualidade. Vemos com Nogueira que a “Grande Besta” nasceria na Babilônia, estabelecendo-se em Jerusalém, onde reuniria os judeus e realizaria milagres, sendo confundido com o Messias.

Nota-se que esse imaginário coletivo acerca do Diabo foi fruto dos vários métodos utilizados pela Igreja Católica para imprimir no povo cristão a crença acentuada em um mundo dominado pelos agentes do mal, onde “as pinturas piedosas alertavam os pecadores e descrentes para o Juízo Final e para os horrores do Inferno [...]” (NOGUEIRA, 2002, p. 83).

Ademais, observa-se, que as várias desgraças naturais ajudaram a fortificar esse imaginário do medo quando a crise do feudalismo, a peste negra, as revoltas urbanas e camponesas, a interminável Guerra dos Cem Anos, o Grande Cisma, a decadência moral do Papado e a Reforma Protestante aconteceram durante o processo histórico cristão.

Vale salientar o surgimento das ordens mendicantes, no século XIII, que apareceram na Europa medieval como solucionadoras dos problemas sociais que vinham acontecendo na época. Essa nova e diferente vida religiosa aparece juntamente com as cidades e universidades as quais não existiam anteriormente. Os frades dessa nova ordem eram pregadores itinerantes que se deslocavam de cidade para a cidade no intuito de pregar a palavra de Deus, estabelecendo a paz nesses

turbulentos lugares.

Todavia, foi no momento de vitória do Humanismo que se viu crescer, ainda mais, na Europa a crença acentuada no final dos tempos. Nesse momento, a Igreja passou a fortificar sua “pedagogia do medo” a partir das observações do abade beneditino Trithemius sobre os terrores do ano mil, “as pessoas esperavam a todo instante ouvir as trombetas da aniquilação final” (NOGUEIRA, 2002, p. 91).

De acordo com o autor, essa “Pedagogia do Medo consolidou no discurso teológico uma demonologia sistemática levando os homens a uma trágica dicotomia ao nível mental, [...] não podendo pensar no Bem sem pensar no Mal” (2002, p. 92). Ressalta-se que esse imaginário coletivo amedrontado pelo fim dos tempos surgiu devido aos sermões, ao teatro religioso e às representações artísticas e literárias que a Igreja utilizava para mostrar os horrores e provações que se abateriam sobre a humanidade quando se fizesse a justiça divina. Esse medo exagerado da figura simbólica do Diabo se abateu também por toda a modernidade, gerando angústias generalizadas, pois não se tinha certeza de quem eram os escolhidos de Deus.

Segundo Nogueira, foi durante o início da modernidade que toda a Europa se viu amedrontada com o demônio. O contexto moderno foi cenário de riquíssima iconografia, onde a imagem de Satã e dos seus agentes apareceu mais aterrorizante do que na Idade Média. O medo demasiado do Diabo foi

[...] produto final de imprecações doutrinárias, crenças populares e sobrevivências míticas, que assumem duas formas essenciais: uma alucinante galeria de imagens demoníacas e uma assombrosa e inesgotável descrição das inumeráveis armadilhas e tentações que o Grande Inimigo constantemente inventava para levar à perdição os seres humanos (NOGUEIRA, 2002, p. 96).

Observa-se que esse medo do demônio se encontrava associado à proximidade do fim do mundo, onde combater as tentações era de suma importância para o homem moderno. Assim, o inferno e seus agentes dominaram de modo global a imaginação do homem europeu, pois surge com o início da imprensa explicações jamais obtidas sobre os vários poderes de Satã. De acordo com Muchembled (2001, p. 63),

A imprensa [...] semeou novas imagens de Satã em milhares de

espíritos. No entanto, não foi ela o vetor único de difusão do conceito, nem mesmo o principal, pois as artes desempenharam um papel muito importante [...].

Nessa linha de raciocínio, nota-se, na mentalidade do homem moderno, a fé no extraordinário poder de Satã e na existência de anjos caídos que servem ao Diabo, como os anjos de luz servem a Deus. A Era das Reformas foi o momento em que o Diabo apareceu não apenas como símbolo do mal, mas como uma presença e evidência em todos os momentos da vida humana. Essa forma de pensar levou o homem moderno a sentir insegurança diante das desgraças e azares do mundo, pois essas eram atribuídas a Satã, considerado por eles poderoso.

Segundo Muchembled (2001, p. 145),

a partir de meados do século XVI abre-se um tempo de grande inquietude em um mundo considerado como calamitoso, sob o olhar severo de um Deus. Tanto católicos quanto protestantes creem ver o abismo infernal abrir-se sob seus passos e o demônio espreitar toda e qualquer ocasião de invadir seu ser.

Assim, vê-se, nesse século, que a Europa “passou por uma verdadeira vaga diabólica. Nunca a figura do Príncipe das Trevas havia adquirido tamanha importância no imaginário ocidental” (MUCHEMBLED, 2001, p. 143). Esse autor lembra, ainda, que o pai da Reforma acreditava intensamente no demônio, pois em sua concepção o Diabo aparecia como um carrasco a serviço de Deus, punindo os pecadores e agindo em todos os momentos da vida humana, e sob diversas formas.

Lutero acreditava que o demônio poderia habitar “o corpo dos hereges, dos revoltosos, dos usurários, das feiticeiras e até mesmo das velhas prostitutas, mas podia também aparecer como um anjo branco ou fazer-se passar por Deus” (MUCHEMBLED, 2001, p. 147). O pai da Reforma também difundiu a crença de que Satã provocava inúmeras doenças no corpo humano, dentre elas, encontram-se “o caso dos loucos, dos sífilíticos, dos coxos, dos cegos, dos mudos, dos surdos, dos paralíticos” (Idem, p. 147).

Sendo assim,

a teologia luterana abriu [...] um espaço maior ao Diabo que a dos católicos. A extraordinária floração, na Alemanha, de uma literatura especializada em “livros do Diabo”, no decorrer da segunda metade

do século XVI, dava testemunho da importância da figura diabólica, igualmente muito presente nos poemas ou nas peças de teatro (MUCHEMBLED, 2001, p. 73).

Para o autor mencionado, nesse mundo moderno, em que reinavam os protestantes e os católicos, o ser humano aparecia pequeno e fraco diante do poder de Satã. Vê-se, com isso, que a época das Reformas conferiu ao Diabo o direito de existir em toda a sua grandeza. Grandeza essa que atravessou séculos, chegando aos dias atuais, nos diversos segmentos religiosos, onde se percebe a mesma imagem do Diabo criada pela Igreja Católica da Idade Média. Ainda comenta Delumeau (1989, p. 239) sobre a presença do Diabo na modernidade:

A emergência da modernidade em nossa Europa ocidental foi acompanhada de um inacreditável medo do Diabo. A Renascença herdava seguramente conceitos e imagens demoníacas que se haviam definido e multiplicado no decorrer da Idade Média. Mas conferiu-lhes uma coerência, um relevo e uma difusão jamais atingidas anteriormente.

Depois do século XVIII e XIX a configuração que o mundo ocidental desenhou do Diabo ganhou novos contornos. Contudo, a chamada “Ascensão do Satanismo” defendida por Jean Delumeau reforça a ideia de que Satanás não é apenas uma invenção dos sacerdotes ou políticos, pois sua figura aparece no mundo antigo, “uma de suas mais antigas figurações, nas paredes da igreja de Baouit no Egito (século VI), o representa sob os traços de um anjo, decaído, sem dúvida, e com unhas recurvas, mas sem feiura e com um sorriso um pouco irônico” (DELUMEAU, 1989, p. 239).

O Satã dos séculos XI e XII aparece de modo assustador, contudo, no século XIII ganha espaço nas catedrais góticas. A partir do século XIV, a atmosfera em torno do Diabo é colocada nos relatos concernentes aos tormentos do inferno. Assim, aparece um Diabo com olhos de fogo, boca de animal feroz e um rabo de patas de rato. Já na China, aparece com asas de morcego, com seios de mulher, chifre na testa, asas gigantes e grandes orelhas.

Em 1561:

Quando um autor dramático quer agradar ao público, é preciso necessariamente que lhe mostre muitos Diabos; é preciso que esses

Diabos sejam horrendos, gritem, urrem, lancem clamores alegres, saibam insultar e blasfemar e acabem por levar sua presa para o inferno em meio a rugidos selvagens; é preciso que o alarido seja horrível. Eis aí o que mais atrai o público, o que mais lhe agrada (DELUMEAU, 1989, p. 245).

Além disso, a literatura teológica no período da Renascença transmitia a ideia de que o demônio engana continuamente os homens com seus encantamentos. “Calvino ensina que Satã fabrica ilusões com prodigiosas astúcias para desviar do céu os entendimentos e torná-los pesados neste mundo” (DELUMEAU, 1987, p. 256).

Se faz importante compreender a construção do discurso pentecostal sobre o Diabo para, no tempo e espaço teológico, entendermos a postura batista quanto à visão e enfrentamento da chamada personificação do mal.

As sucessivas transformações decorrentes das Reformas Protestantes deram origem às várias Igrejas Evangélicas que existem na atualidade. Dentre elas destacam-se: as protestantes históricas, as pentecostais, as deuteropentecostais e as neopentecostais, nas quais se ouve falar, com uma maior frequência, na existência do Diabo e sua corte de demônios.

Possivelmente o pentecostalismo surgiu com a ocorrência do “falar em línguas”, em Topeka, na virada do século XIX ou em Los Angeles, em 1906. A cura divina, batismo do Espírito Santo, doutrina do pré-milenismo e a chama do “falar em línguas” constituíram as principais marcas desse movimento, sendo a última uma marca distintiva para promoção ardente de suas doutrinas.

Para autores como Siepiersky (1997, p. 2):

Aqueles que aceitam Topeka como o momento fundante do moderno movimento pentecostal apontam Charles Fox Parham como seu fundador. Foi ele quem pela primeira vez elaborou uma definição teológica do pentecostalismo que sublinhava o vínculo entre “Falar em Línguas” e o batismo do Espírito Santo. “Falar em Línguas” seria a evidência inicial do batismo do Espírito Santo.

O pentecostalismo se instalou oficialmente no Brasil através das Igrejas Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus. A primeira se instalou em solo brasileiro em 1910, no bairro paulistano do Brás. A segunda em 1911, em Belém, no Pará. Essas igrejas foram trazidas dos Estados Unidos da América pelo italiano Luís Francescon e os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren, que aqui firmaram suas

doutrinas. Mas, como vem ocorrendo esse movimento religioso no Brasil?

O crescimento do pentecostalismo em vários lugares do Brasil evidenciou que esse movimento apresenta claras distinções de ordem doutrinária. Contudo, parece que, de modo genérico, o núcleo duro do pentecostalismo fundante permaneceu sem sofrer grandes alterações até o final dos anos 1950 e início dos anos 1960, quando surge no cenário uma segunda onda, constituindo um movimento de renovação carismática. Depois, uma terceira onda iniciada nos anos 1980, que é conhecida como a corrente de renovação da igreja.

Segundo Mariano, “com base na discussão das tipologias recentes, a classificação do pentecostalismo tem três vertentes: **pentecostalismo clássico, deuteropentecostalismo e neopentecostalismo**” (MARIANO, 1999, p. 23, grifos do autor).

O pentecostalismo clássico é um termo adotado para transmitir a ideia de antiguidade ou pioneirismo histórico desse movimento. Assim, a Congregação Cristã no Brasil e a Assembleia de Deus podem receber essa nomenclatura. As práticas do pentecostalismo clássico caracterizam-se por enfatizar o “dom de línguas,” a crença na volta iminente de Cristo, a salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical sectarismo e asceticismo de rejeição do mundo exterior. Além disso, seus adeptos eram de classes menos favorecidas, rejeitados pelos protestantes históricos e perseguidos pela Igreja Católica.

Para Mariano (1999, p. 29):

Hoje, seu perfil social mudou parcialmente. Embora continuem a abrigar sobretudo as camadas pobres e pouco escolarizadas, também contam com setores de classe média, profissionais liberais e empresários. Não obstante suas quase nove décadas de existência, ambas ainda mantêm bem vivos a postura sectária e o ideário ascético.

O deuteropentecostalismo é a segunda fase do pentecostalismo brasileiro, iniciada no final dos anos 1950 e início dos anos 1960, caracterizando-se pela inclusão de igrejas carismáticas independentes que aceitam os dons do Espírito Santo como válidos para os dias atuais, porém, são igrejas que permanecem em suas denominações, como: Igreja Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962).

Sob a influência dos missionários e ex-atores de filmes de faroeste do cinema

americano, Harold Williams e Raymond Boatright, a segunda onda ganhou uma ênfase diferenciada do pentecostalismo clássico; agora, a bola da vez teológica era o dom de “cura divina,” prática que teve proporções continentais, provocando uma explosão numérica pentecostal em diversas partes do mundo. Apesar de a primeira onda enfatizar o dom de línguas e a segunda, a de cura, “o núcleo doutrinário permanece inalterado em qualquer das ramificações pentecostais” (SOUZA, 1969, p. 103 *apud* MARIANO, 1999, p. 31).

O neopentecostalismo, ou pós-pentecostalismo, é um termo adotado para distinguir a nova roupagem que o pentecostalismo brasileiro vem assumindo desde a segunda metade dos anos 1970. Esse movimento cresceu e se fortaleceu nos anos 1980 e 1990. A Igreja Nova Vida, fundada em 1960, no Rio de Janeiro, pelo missionário canadense Robert McAlister, foi o palco inicial que fez nascer as maiores representatividades desse movimento, através das igrejas: Universal do Reino de Deus (1977), Internacional da Graça de Deus (1980), Cristo Vive (1986), Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976), Comunidade da Graça (1979), Renascer em Cristo (1986) e Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo (1994).

São diversos os pesquisadores que empregam o termo neopentecostalismo para fazer referência a esse novo momento do pentecostalismo brasileiro. Também alguns nomes têm sido sugeridos, a saber: pentecostais, pentecostalismo autônomo, cura divina, pequenas seitas, neopentecostalismo e pós-pentecostalismo.

O termo neopentecostalismo, adotado pelo sociólogo Ricardo Mariano, recebe crítica de Paulo Siepieri, por entender que o prefixo *neo* implica em continuidade e não ruptura. Contudo, defende-se Mariano, afirmando que “o prefixo *neo* é adequado justamente por implicar continuidade e, ao mesmo tempo, novidade e mudança” (MARIANO, 1999, p. 36). Ou seja, para Mariano, o prefixo pós é inviável porque implicaria numa ruptura radical que criaria uma nova religião.

Se a diferença do pentecostalismo clássico para o deuteropentecostalismo consiste apenas na questão da ênfase em “falar em línguas e na cura divina”, observemos que o próprio Mariano reconhece que não existe diferença teológica significativa entre as duas primeiras ondas. Já no caso do chamado neopentecostalismo, parece indicar algumas diferenças acentuadas que possivelmente apontam para uma ruptura radical com o sistema doutrinário do pentecostalismo em sua primeira e segunda onda. Passemos agora a argumentar sobre os fundamentos que substanciam a ideia da utilização do termo pós-

pentecostalismo.

O distanciamento substancial do pentecostalismo aconteceu devido à ênfase do pós-pentecostalismo pautar-se na guerra espiritual contra o Diabo e seus demônios, a teologia da prosperidade que tem ligação direta com a teologia do pós-milenismo, antagônico da doutrina milenarista dos pentecostais e a eliminação dos sinais externos de santidade. A trilogia Diabo, prosperidade-cura e antiasceticismo sinaliza um novo paradigma na estrutura do pentecostalismo de terceira onda, uma ruptura que Mariano destaca em três aspectos fundamentais, quais sejam:

1) exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e seu séquito de anjos decaídos; 2) pregação enfática da teologia da Prosperidade; 3) liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade. Uma quarta característica importante, ressaltada por Oro (1992), é o fato de elas se estruturarem empresarialmente (MARIANO, 1999, p. 36).

Além disso, cabe aqui uma analogia: quando acontece a transição de uma Era para outra, temos uma ruptura com o modelo antigo, passando a adotar um novo modelo, é o que acontece quando passamos da Idade Média para a Idade Moderna e da Moderna para a Pós-Moderna. Observem que em todas aconteceu a mudança e não uma continuidade. Apesar de alguns elementos da Era Passada ainda permanecerem na Nova, as relações sociais estão estruturadas sob outro modelo. Assim é o caso da mudança do pentecostalismo para o pós-pentecostalismo.

Podemos observar, portanto, que a perspectiva teológica do pós-pentecostalismo busca o rompimento com a santidade, ou seja, a separação dos prazeres mundanos e promove uma postura em busca da riqueza, *status* social e dos prazeres deste mundo. Defendem um evangelho triunfalista focalizado na defesa de que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo; logo, a mensagem é de preocupação com esta vida e com este mundo.

É um movimento formado por igrejas autóctones, e de fortes lideranças. São marcadas pelo televangelismo. São avessas ao ecumenismo e travam uma intensa batalha contra as religiões afro e o catolicismo. São evidenciadas também pela forte organização empresarial e adotam técnicas de marketing para atingir um público maior e assim difundir sua mensagem através de veículos de comunicação de massa como a televisão e o rádio (CAMPOS, 1999 *apud* ALVES, 2005, p. 80).

Tudo parece indicar que a crise das religiões que expressam o pensamento religioso da modernidade fez do movimento pós-pentecostal uma opção por uma religião em que as emoções e os encantamentos fazem parte do *menu* que preenche e sacia os anseios da lacuna moderna.

Negativamente, esse desenvolvimento unilateral na concepção dos espíritos considerados como exclusivamente malévolos prejudica em muito uma relação de abertura e escuta diante de religiões como as dos indígenas ou afro-brasileiras, a exemplo do candomblé, que, também como várias outras, tem uma noção diferenciada dos “espíritos”, admitindo-os tanto malévolos quanto benévolos. Ao tempo do Novo Testamento, uma ideia semelhante era defendida pela seita de Qumran, que pressupunha a criação divina de dois espíritos, um da luz, outro das trevas.

A bem da verdade, na *Bíblia*, e de modo mais específico, nos evangelhos, *Diabo* ou *Satanás* são masculinos, vêm sempre escritos no singular e costumam vir precedidos de artigo definido. A sugestão dada pela teologia é de que sua principal função é seduzir, tentar e induzir ao pecado. Já *daimónion* nunca vem precedido de artigo, é um neutro, podendo ser empregado também no plural. Demônios não se relacionam com pecado ou tentação, e sim, infringem males físicos ou psíquicos às pessoas. Os demônios agem através de possessão; o Diabo, através da sedução e tentação.

O Novo Testamento não fala nem possui expressão equivalente para pessoas “endiabradas” – ele só conhece e se refere, explicitamente, a “endemoninhados”. Por essa razão, Satanás também não é objeto de “expulsão” nos evangelhos. Há, sim, expulsão de demônios, não exorcismos do Diabo ou cenas de Satanás atormentando fisicamente possessos.

Portanto, a ideia do Mal surgiu desde a Antiguidade, quando os antigos Hebreus criam que os deuses de seus adversários constituíam o Mal. Mal que se personificou na figura do Diabo com mais ênfase durante a Idade Média. A história do Diabo e dos seus demônios se institucionalizou a partir do século XII, através dos Padres da Igreja.

Essa doutrina de que o Diabo existia e interferia na vida humana foi reforçada pelos sermões, o teatro religioso e as representações artísticas e literárias da Igreja

medieval. O contexto moderno também foi cenário desse medo exacerbado do Diabo, pois apareceram novas doutrinas através das Reformas Protestantes. Doutrinas que incutiam nos fiéis protestantes a crença de que o Diabo poderia habitar o corpo e a mente de qualquer pessoa ou, ainda, provocar inúmeras mazelas na vida dos seres humanos.

É assim que a história do Diabo atravessa os séculos e chega aos dias atuais nas diversas Igrejas Evangélicas, dentre elas a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Notamos no imaginário dos fiéis, dessa instituição religiosa, a crença na existência de dois mundos: o mundo material e o mundo espiritual. Sobre esses dois mundos, Mircea Eliade (1992, p. 32) assegura:

O que caracteriza as sociedades tradicionais é a oposição que elas subentendem entre o seu território habitado e o espaço desconhecido e indeterminado que o cerca: o primeiro é o “mundo”, mais precisamente, o nosso “mundo”, o Cosmos; o restante já não é um Cosmos, mas uma espécie de “outro mundo”, um espaço estrangeiro, caótico, povoado por espectros, demônios, “estranhos” (equiparados, aliás, aos demônios e às almas dos mortos).

Na concepção da IURD, o mundo espiritual está habitado por seres imateriais (demônios) que interferem e agem na vida cotidiana das pessoas, infligindo-lhes todo tipo de problemas. O Diabo é enxergado nos problemas financeiros, familiares, afetivos e nas doenças físicas e mentais dos seres humanos. Combater o maléfico tornou-se, para os iurdianos, um meio de resolver os problemas da vida cotidiana.

A Igreja Universal do Reino de Deus foi nomeada por Mariano como a “ponta-de-lança” do neopentecostalismo brasileiro. Essa instituição “religiosa” foi fundada, em 1977, pelos pastores Edir Bezerra Macedo e Romildo Ribeiro Soares, numa sala onde funcionava uma antiga funerária no bairro da Abolição, na cidade do Rio de Janeiro. A IURD despontou a partir do desligamento do Bispo Edir Macedo da Igreja Nova Vida, de onde retirou características que marcaram sua trajetória ministerial e caracterizaram os pastores neopentecostais, como a de “entrevistar demônios”, combater com veemência os cultos afro-brasileiros e a propagação da Teologia da Prosperidade. Tais aspectos romperam com o legalismo pentecostal.

Para se entender melhor as inovações no campo neopentecostal brasileiro, cabe lembrar Ricardo Mariano e o seu destaque aos três aspectos fundamentais no universo iurdiano, a saber: Exacerbação da guerra espiritual contra o Diabo e

seus séquitos de anjos caídos, pregação enfática da Teologia da Prosperidade, liberalização dos estereotipados usos e costumes de santidade (MARIANO, 1999, p. 36).

Outro aspecto importante que merece ser acrescido ao anterior, foi apontado por Ari Pedro Oro, “é o fato de elas se estruturarem empresarialmente” (Cf. ORO, 1992). Como anunciávamos anteriormente, nosso foco é realçar, como fez Paulo Bonfatti (2000), que a IURD destaca-se das religiões pentecostais por buscar a manifestação e a provocação dos demônios, enfrentando-os e derrotando-os no âmbito da Igreja.

Essa percepção, do presenteísmo demoníaco na vivência cotidiana, perpassa os eixos iurdianos antes mencionados. Por exemplo, na “reunião da prosperidade”, cuja ênfase é a vida material, o Diabo é visto como principal causador das dificuldades financeiras. Um pastor, através de um dos seus sermões, afirma o seguinte:

A pobreza material não faz parte das intenções do plano de Deus para o fiel. Deus não quer que seu fiel fique na pobreza. Ele quer é a vida em abundância! Se não está com uma vida em abundância, uma vida abençoada, não se está em harmonia com Ele, o que significa estar em harmonia com o Diabo. O fiel deve curar-se da pobreza! Para isso tem de se afastar do demônio, exorcizá-lo para entrar no plano de Deus.

O Diabo é imprescindível nas reuniões de prosperidade. É pelo exorcismo do mal que o fiel poderá adquirir novos bens e sanar dívidas contraídas durante uma “vida possessa”. Para tanto, enfatiza-se a necessidade de contribuir financeiramente com a instituição, seja por meio das ofertas bem como por intermédio do pagamento (nos termos iurdianos, devolução) do dízimo. No âmbito da teologia da prosperidade, se esses fiéis pagarem fielmente o dízimo, estão aptos a exigir de Deus “uma vida abundante”, “uma vida regalada”.

Determinados momentos das reuniões são reservados para convencer os fiéis a pagar o dízimo e dar ofertas, prometendo-lhes, com isso, saúde, prosperidade, felicidade, libertação do Diabo, e, por conseguinte, dos problemas. Para os pregadores da Teologia da Prosperidade, “só não é próspero financeiramente, saudável e feliz nesta vida quem carece de fé, não cumpre o que diz a Bíblia e está envolvido, direta ou indiretamente, com o Diabo” (MARIANO,

1999, p. 157).

No que tange às doenças, a IURD procura combater os vários demônios que causam esses malefícios. Na voz do seu líder maior, “doenças, misérias, desastres e todos os problemas que afligem o ser humano [...] na Terra têm uma origem: o Diabo” (MACEDO, 2006, p. 20). Num de seus *best sellers*, *Orixás, Caboclos e Guias: deuses ou demônios?*, o Bispo Macedo afirma que os problemas causados pelo maligno podem ser adquiridos hereditariamente, ou através da participação direta ou indireta em centros espíritas, dos trabalhos ou despachos, ou ainda da maldade dos próprios demônios, do envolvimento com pessoas que praticam crenças específicas e das comidas sacrificadas a ídolos.

Na esteira dessa afirmação, Macedo elenca dez tipos de doenças e/ou enfermidades provocadas pelos demônios que mostram sinais de possessão diabólica. São elas: nervosismo, constantes dores de cabeça, insônia, medo, desmaios ou ataques, desejo de suicídio, doenças que os médicos não descobrem as causas, visões de vultos ou audição de vozes, vícios e depressão (MACEDO, 2006, p. 59).

Tais males provocados pelo Diabo seguem uma lógica específica de acordo com as entidades do panteão afro-brasileiro, pois, para os iurdianos “[...], a Pombajira é a causadora da Aids, o Preto-Velho causa as dores na coluna, o Exu Tranca-Rua gera a miséria, os erês atingem fisicamente as crianças, o Exu da Morte motiva o suicídio” (ALMEIDA, 2003, p. 340).

Dentre os demônios que podem afligir o crente, se encontram: a entidade Maria Padilha, que provoca no endemoninhado o ódio pelos filhos, o Exu-tranca-rua, que age na vida financeira, a Pombajira que provoca o adultério e a homossexualidade, dentre outros.

as enfermidades são meios pelos quais os demônios procuram destruir uma pessoa ou fazê-la submissa. Gostam de atacar o sistema nervoso provocando insônia, dores de cabeça, úlceras nervosas, medo, dores no corpo, desmaios constantes e uma lista interminável de doenças, porque dessa maneira, podem manter a pessoa eternamente cativa e dependente (MACEDO, 2006, p. 98).

Os exorcismos só acontecem por meio das orações efervescentes “e/ou da imposição das mãos dos pastores para a pessoa entrar em transe” (ALMEIDA, 2003, p. 330). Transe este que será descoberto por meio das entrevistas, como os

demônios se apossaram da vida dessas pessoas. De acordo com Bonfatti (2000), observa-se nas reuniões de libertação que as conversas dos pastores com Deus é direta e pessoal, exigindo dele atuação, como também é o processo de expulsão dos demônios. Logo, nota-se um ritual exorcístico onde o diálogo direto com Deus acaba para dar lugar somente à expulsão dos demônios que são acusados, como já dito anteriormente, de serem os responsáveis por diversos males.

A entrevista é um momento de grande deboche e escárnio, onde se humilha o Diabo e as religiões “adversárias” que com ele compactuam, uma vez que estão sendo manipuladas pelo Diabo e não são culpadas daqueles erros os quais cometeu. São dois os tipos de exorcismo: o com incorporação e o sem incorporação. Os primeiros estão sempre ligados às manifestações de gritos, pulos e quedas nos quais acontece a intervenção dos pastores e obreiros para conter os demônios e descobrir o motivo da incorporação.

Já nos exorcismos sem incorporação, os demônios podem dificultar a vida dos fiéis a partir de determinadas coisas, sem necessariamente se alojarem no corpo. Daí a dificuldade em empregar-se, as doenças, a dificuldade de conversar com os filhos ou com o marido alcoólatra.

Assim, através das entidades da umbanda e do candomblé, a IURD personifica seus Diabos, tendo como referência principal, o “príncipe deste mundo”, o Diabo. E, como bem lembrara Mariano, os iurdianos dizem ser os “porta-vozes” de Efésios 6,12²⁴, e defendem que os crentes devem travar árduo combate contra os principados, as potestades, os espíritos das trevas deste século e os espíritos da maldade. Foi a partir desse pensamento que os fiéis da IURD criaram uma série de conflitos, ataques e agressões contra os membros das religiões mediúnicas. Esse fenômeno, como sabe-se, foi nomeado pela mídia brasileira de Guerra Santa ou Guerra Espiritual.

Sim, na IURD o Demônio (ou os demônios) existe(m), está solto, cada vez mais *esperto* e causando diversos males às pessoas e tirando-as dos planos que Deus reservou para elas. Ele não só existe, como precisa ser combatido! Toda a dinâmica da *guerra santa* se apoia na sua existência e nem se cogita que o mal ou Demônio não possa não existir (BONFATTI, 2000, p. 95, grifos do autor).

²⁴ Na Bíblia Sagrada, em Efésios 6,12, está escrito: “porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes”.

Levado a cabo, “o combate à macumba, aos exus, guias, preto-velhos e orixás tornou-se um de seus principais pilares doutrinários” (MARIANO, 1999, p. 115). Segundo Bonfatti, essa guerra também mostra-se manifestada em cada drama humano como uma reafirmação e uma derrota da eficácia dos inimigos demoníacos. Esses dramas humanos são retratados nos testemunhos dos fiéis, nos quais se “falam de mudanças radicais de vida ocorridas quando se convertem às religiões evangélicas, de transformações profundas em termos de fé e de comportamento” (BONFATTI, 2000, p.87).

Existe no cotidiano dos membros uma luta constante contra as ações do Diabo. Para resolverem seus problemas, em alguns casos, os fiéis devem percorrer uma jornada ininterrupta de sete cultos específicos, onde são realizadas as correntes para libertação de cada problema que os afligem. Assim, para que possam resolver os problemas de saúde, os fiéis precisam frequentar sete sessões do descarrego, não podendo faltar nenhum dia, pois estariam quebrando a corrente e não receberiam a benção divina.

Nos sermões, enfatiza-se que os iurdianos devem frequentar a igreja para libertarem-se dos problemas provocados pelo Diabo. Atribuir importância a tal aspecto, se faz importante porque “[...] o sermão consiste muito mais do que um corpo de saberes sobre o sagrado ou de inspiração e origem sagrada. Ele consiste em uma proposta concreta em atribuir um novo sentido ao mundo humano” (SILVA, 2005, p. 48). Nesse sentido, para os pastores, é na igreja que os fiéis fortificam e solidificam sua fé por intermédio do estudo da palavra divina.

Ao frequentar a igreja, o fiel escuta a palavra de Deus que o torna forte frente às ações diabólicas. Não frequentar os cultos é abrir espaço para que o Diabo se apodere da vida de cada membro, provocando-lhes diversos malefícios. É por isso que a IURD possui suas correntes de oração para resolver cada problema diferente que o Diabo lança. Ou seja, para combater o problema do desemprego, os fiéis devem frequentar a corrente da prosperidade, que ocorre sempre às segundas-feiras; se querem a cura de uma doença, tem que participar das sessões do descarrego nas terças-feiras.

Na visão iurdiana os problemas provocados pelos demônios são resolvidos por meio das orações “fortes”, da fé materializada na simbologia utilizada, de modo

específico, em cada reunião. A simbologia existente nos cultos se apresenta como forma de retirar da vida dos fiéis os diversos males que o Diabo lançou. Como por exemplo, nas correntes de cura divina, onde percebe-se a utilização do manto de sangue que afasta todas as doenças atribuídas ao Diabo.

Na sexta feira, tem-se o tapete de fogo, que ao ser consagrado com óleo, afasta todos os demônios, e conseqüentemente, os problemas que decorrem da presença dos mesmos. Assim, o Diabo é concebido como uma entidade que assume diferentes representações junto aos fiéis, e que não apenas atormenta as pessoas, mas é o causador direto de todos os problemas.

Diferentemente dos iurdianos, os Batistas sustentam ao longo de sua história a crença bíblica de um Diabo diferente, ou seja, o enfrentamento e a metodologia acerca da ênfase mercadológica com o nome do Diabo usado pela IURD é equivocada quando confrontada com a teologia batista sobre a doutrina de Satanás e demônios.

Para os Batistas, a existência de Satanás é ensinada em vários livros do Velho Testamento e em todos do Novo Testamento, o próprio Jesus Cristo reconheceu e ensinou a existência de Satanás: “O inimigo que o semeou é o Diabo; a ceifa é a consumação dos séculos, os ceifeiros são os anjos” (Mateus 13, 39).

As Escrituras reconhecem a personalidade de Satanás como um ser que possui intelecto: “Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo” (2 Coríntios 11,03); emoções: “Irou-se o Dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus; e se pôs em pé sobre a areia do mar” (Apocalipse 12, 17); vontade: “[...] mas também o retorno à sensatez, livrando-se eles dos laços do Diabo, tendo sido feitos cativos por ele para cumprirem a sua vontade” (2 Timóteo 2, 26). Também é tratado como um indivíduo moralmente responsável: “Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos” (Mateus 25,41) e descrito com pronomes pessoais no livro de Jó.

A Bíblia contém várias designações para Satanás, entre elas: Diabo, Lúcifer, Belzebu, Belial, Maligno, Tentador, Príncipe deste mundo, Deus deste século, príncipe da potestade do ar, Acusador de nossos irmãos, Serpente, Dragão e Anjo de luz. Já a cultura nordestina, atribui outros nomes: capeta, cão, tinhoso, chifrudo,

coisa ruim, cramulhão, danado, demo, espírito de porco, ferra brás, pé-de-bode, senhor das trevas, rabo-de-seta, renegado, sete peles e tranca rua.

Também a presença do Diabo é notória nas falas nordestinas. Qual dos nordestinos nunca ouviu pelo menos uma dessas frases: “Fulano é o cão chupando manga”; “Com mulher de bigode nem o Diabo pode”; “Fulano é o cão de feio” e “Mente desocupada é oficina do Diabo”?

A construção literária nordestina sobre o Diabo é resultado de uma ideia trazida pelos colonizadores portugueses, que fomentaram a ideologia católica sobre o Diabo. O Catolicismo Romano confirma a existência do Diabo no Concílio do Vaticano II realizado entre os anos de 1962 a 1966.

O referido Concílio faz referência ao Diabo 17 vezes, considerando que ele não é um personagem de invenção mística, humana, social ou supersticiosa. Embora o Concílio do Vaticano II não tenha uma teologia sistemática sobre o Diabo e demônios como os Batistas têm, acreditam e reafirmam a existência do Diabo como uma presença espiritual e pessoal, tentador desde o princípio da história da humanidade.

Comenta o Bispo Emérito do Rio de Janeiro Dom Eugênio de Araújo Sales:

Importa observar que os demônios não são apenas um poder anônimo, impessoal. Mas são espíritos criados, pessoas. Por isso, o Concílio pode dizer deles: “Segundo sua natureza, criados por Deus como bons, mas por si próprios se tornaram maus”. Na doutrina sobre demônio, a Igreja sublinha de um lado a infinita bondade de Deus Criador. E, de outro lado, mostra a grandeza da liberdade da criatura que sendo imagem de Deus, é exatamente por esse motivo, submetida a provas e tentações. É insistente a palavra de Jesus a todos nós: “Vigiai, porque não conheceis nem dia nem hora” (Mateus 25,13²⁵).

Para os Batistas o estado original de Satanás é descrito pelo profeta Ezequiel como aquele que pertence à ordem angelical dos querubins. Ele era um Querubim da Guarda de Deus, alta patente entre os anjos, sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura, andava perfeito nos caminhos de Deus. Entretanto, a criatura, ser espiritual, e a mais exaltada das criaturas angelicais que “levantou poeira”, como canta Ivete Sangalo, foi expulso de sua posição original no céu devido ao pecado do orgulho e da inveja que transformou o anjo de luz em um ser

²⁵ <http://www.virtudedei.blogspot.com>.

mentiroso, homicida e pecador contumaz. O relato do texto bíblico afirma: “Aquele que pratica o pecado procede do Diabo, porque o Diabo vive pecando desde o princípio” (I João 3,8). Segundo a *Bíblia*, o Diabo é acusador e adversário dos cristãos.

Também afirmam os Batistas que Satanás continua com poderes, porém de forma limitada. Ele não é onisciente, não tem poder sobre a morte, e em determinadas circunstâncias Deus lhe impõe limites. Segundo o pensamento de um dos principais teólogos para os Batistas, Ryrie, a atuação de Satanás assume quatro pilares:

1. **Em relação à obra redentora de Cristo.** 1. Predição de conflito (Gn 3:15). 2. Na tentação de Cristo (Mt 4:1-11). 3. Satanás usou várias pessoas na tentativa de frustrar a obra de Cristo (Mt 2:16; Jo 8:44; Mt 16:23). 4. Ele possui o corpo de Judas para traição (Jó 13:27).
2. **Em relação as nações.** 1. Agora, ele as engana (Ap 20:3). 2. Ele as reunirá para batalha do Armagedom (Ap 16: 13, 14).
3. **Em relação aos incrédulos.** 1. Ele cega seu entendimento (2 Co 4:4). 2. Arrebata a Palavra de seu coração (Lc 8:12). 3. Usa homens para se opor à obra de Deus (Ap 2:13).
4. **Em relação ao cristão.** 1. Ele tenta a mentir (At 5:3). 2. Lança sobre ele acusações e difamações (Ap 12:10). 3. Dificulta o seu trabalho (I Ts 2:18). 4. Emprega demônios para tentar derrotá-lo (Ef 6:11,12). 5. Tenta o cristão à imoralidade (I Co 7:5). 6. Semeia o joio entre os cristãos (Mt 13:38,39). 7. Instiga perseguições contra os cristãos (Ap 2:10) (RYRIE, 2007, p. 1289).

Observemos que as recomendações que os Batistas oferecem aos seus fiéis quanto ao enfrentamento ao Diabo assumem um diferencial metodológico em sua práxis quando relacionamos com a IURD. Então, a defesa do cristão, segundo o entendimento batista, consiste em entender a obra intercessora de Cristo no presente, fundamentando suas crenças nas palavras de Jesus: “Não peço que os tire do mundo, e sim que os guardem do mal” (João 17,15). Para Ryrie, o mal pode significar Maligno ou Satanás.

Segundo, Deus pode usar Satanás para propósitos benéficos na vida do

cristão, como afirma e atesta o apóstolo Paulo: “E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para nos esbofetear, a fim de que não me exalte” (II Coríntios 12,07). Certamente os mensageiros de Satanás eram os judeus que perseguiam violentamente o apóstolo Paulo.

Terceiro, o cristão nunca deve falar de Satanás com desprezo, pois, nem mesmo “o arcanjo Miguel, quando contendia com o Diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não se atreveu a proferir juízo infamatório contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda” (Judas 9).

Quarto, deve sempre ser vigilante, resistir às ciladas e por fim usar os elementos de proteção contra as ciladas do Diabo descritos no livro aos Efésios, já que a luta do cristão é diretamente contra as hostes demoníacas de Satanás. Então, se faz necessário o cristão se apropriar do conselho bíblico:

Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do Diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso²⁶, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes (Efésios 6, 10-12).

A expressão “dominadores deste mundo” também transmite a ideia de principados e potestades com poderes espirituais, do mal de diferentes categorias em pleno exercício, objetivando fazer guerra contra o bem e contra a verdade. Para o teólogo Russell Norman Chanplin, Ph. D. :

Esses poderes são nossos adversários, por quanto têm fácil acesso até esta terra, motivo pelo qual são chamados de “dominadores deste mundo”, visto que seu poder se estende ao “kosmo”, a esfera da existência humana. E isso serve para ilustrar a seriedade da luta espiritual em que nos encontramos (CHAMPLIN, 1982, p. 643).

As recomendações do chamado apóstolo dos gentios continua:

²⁶ Uma melhor tradução da frase seria “governadores mundiais das trevas”. O termo “governadores mundiais” (*kosmokratoras*) é um termo composto grego, originário das palavras *kosmo* (significando mundo) e *kratos* (significando poder e força). A ideia, portanto, é a de poderes satânicos que têm o poder de exercer o governo sobre o sistema mundial que é oposto a Deus (KONYA, 2002, p. 88).

Estais, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; abraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a Palavra de Deus; com toda oração e súplica, orando todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos (Efésios 6, 14-18).

Os Batistas entendem que o tratamento com o maligno passa pelas instruções paulinas expressadas no texto aos Efésios. Assim, primeiramente diz o texto: “Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força de seu poder” (Ef. 6,10). O Apóstolo Paulo estava querendo ensinar que os crentes deveriam confiar na força que vem do alto, de Deus, e não em suas próprias forças, pois essa confiança é essencial para que a vitória contra Satanás e seus demônios seja realizada. Também recomenda um “revestir da armadura de Deus”.

Lembremos que Paulo estava preso quando escreveu a epístola aos Efésios, possivelmente sob a guarda de soldados romanos, assim comparou a armadura de um soldado romano com a proteção que Deus pode proporcionar ao crente quando atacado pelas ciladas²⁷ do Diabo. Diferentemente da metodologia neopentecostal, o crente nunca é ensinado a tomar a iniciativa de atacar o Diabo e seus demônios.

Observemos que os elementos de uma armadura apresentado por Paulo transmitem a ideia de uma defesa contra ataques no contexto de uma guerra espiritual promovida pelo inimigo, de tudo que representa a fiel expressão dos atributos de Deus. A “armadura” para se defender dos chamados “principados e potestades”, ou seja, de uma ordem angelical do mal que exerce autoridade sobre grande região e muitos demônios e outros seres espirituais do mal que se referem a governantes subordinados.

Paulo começa sua descrição da armadura referindo-se ao cinto²⁸. Para Alex Konya: “O seu equivalente espiritual é a “verdade”, que é a honestidade, sinceridade ou integridade pessoal” (KONYA, 2002, p. 90). Em seguida, menciona a couraça,

²⁷ A palavra grega para ciladas é *methodeias*, e significa “cálculo, artimanha... estratégia (KONYA, 2002, p. 87).

²⁸ “Zoma, o cinturão, posto em torno da cintura, útil para apertar a armadura em volta do corpo, mas também para sustentar as adagas, as espadas curtas ou quaisquer outras armas que ali pudessem ser penduradas. Paulo faz do cinturão símbolo da verdade” (CHAMPLIN, 1982, p. 642).

item da armadura que servia para proteger os órgãos vitais próximos do peitoral. Tal analogia serviu para ensinar que cada crente deve vestir a “couraça”, apresentando uma retidão ética na vida pessoal que expresse justiça no seu dia a dia. Quando esse item não é utilizado, o inimigo tem a oportunidade de causar sérias feridas espirituais na vida dos fiéis.

A próxima comparação do apóstolo é o calçado do soldado, uma “referência histórica é das pesadas e pontiagudas solas das sandálias do soldado romano, juntamente com suas caneleiras” (KONYA, 2002, p. 91). O uso desse item possibilita, no âmbito espiritual, ao crente andar protegido dos escorregões da batalha da vida e confiar nos passos seguros e calmos em face às adversidades das batalhas promovidas pelo inimigo.

O texto fala de “calçar os pés com o evangelho da paz”, ou seja, a apropriação do evangelho produzirá uma vida vitoriosa em relação às batalhas espirituais. Sobre o escudo²⁹, o equivalente espiritual é viver uma vida pela fé como possibilidade de apagar os dardos inflamados vindos da parte do Diabo e seus demônios. A fé é “a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem” (Hebreus 11, 01).

Outro texto apresentado no livro de I Coríntios define uma vida pela fé quando o fiel entende que “nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que não se veem são eternas” (I Co. 4,17-18). Assim, o crente pode, como resultado de sua fé, “apagar” os ataques de Satanás, que se tornarão inofensivos.

O capacete da salvação, expressão usada para lembrar ao fiel que não existe nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus e que a apropriação da salvação através do novo nascimento, protege a mente do crente dos golpes de Satanás e suas hostes demoníacas. Finalmente o apóstolo Paulo apresenta a última peça da armadura, a espada do espírito, comparada com a Palavra de Deus, a Bíblia.

O Diabo principal, fonte de tentação, foi vencido por Jesus na ocasião da tentação no deserto quando, defensivamente, Cristo utilizou um excelente

²⁹ “O escudo era necessário para proteger os soldados de coisas tais como “dardos inflamados”, ou flechas que foram mergulhadas em breu inflamado antes de serem disparados” (KONYA, 2002, p. 92).

conhecimento das Escrituras para vencer os ataques que envolviam as dimensões espirituais, físicas, sociais e emocionais. Por fim, o fiel deve observar que toda recomendação paulina de utilização da armadura deve ser acompanhada com a prática da oração de caráter vigilante. Confirma tal pensamento o apóstolo quando escreveu aos Tessalonicenses:

Assim, pois, não durmamos como os demais; pelo contrário vigiemos e sejamos sóbrios. Ora, os que dormem, dormem de noite, e os que se embriagam é de noite que se embriagam. Nós, porém, que somos do dia, sejamos sóbrios, revestindo-nos da couraça da fé e amor, e tomando como capacete, a esperança de salvação (I Tessalonicenses 5, 6-8).

O apóstolo Pedro declarou: “Sede sóbrios e vigilantes, o Diabo, vosso adversário, anda em derredor, como o leão que ruge procurando alguém para devorar” (II Pedro 5, 8). O desejo e alegria do Diabo e seus demônios é mutilar e desmoralizar a fé e a prática dos que aderem à proposta de salvação em Jesus Cristo descrita na *Bíblia*. Já Tiago, o meio irmão de Jesus, admoestou: “Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao Diabo, e ele fugirá de vós” (Tiago 4,7). Assim, é ensinado que os Batistas nunca devem se envolver em agressivas guerras espirituais, como atacar o Diabo e seus demônios.

Para os Batistas, no enfrentamento do Diabo, o fiel deve confiar na força de Deus, se revestir da armadura de Deus, cultivar vida vigilante de oração e estabelecer uma estratégia defensiva.

Sobre os demônios, as crenças dos Batistas pousam no ensino de que são anjos caídos e estão a serviço de Satanás. Conforme os textos bíblicos, alguns demônios estão presos: “Ora se Deus não poupou a **anjos caídos** quando pecaram, antes, precipitando-os no inferno os entregou a abismos de trevas, reservando-os para juízo” (II Pedro 2,4) e afirma Judas: “a **anjos** que não guardaram seu estado original, mas abandonaram seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia” (Judas 6).

Os demônios se caracterizam como serem espirituais dotados de intelecto. Eles conheceram a Jesus quando este ensinava em Cafarnaum, na sinagoga. Relata o evangelista Marcos: “Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo, o qual bradou: Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos” (Marcos 1, 23). Quanto a sua moralidade, eles

são chamados de espíritos imundos que fomentam uma vida mergulhada na licenciosidade. Segundo Ryrie (2007, p. 1290), as atividades dos demônios podem ser definidas como:

De modo geral: 1. Os demônios procuram frustrar o propósito de Deus (Dn 10:10-14; Ap 16: 13-16). 2. Expandem a autoridade de Satanás, cumprindo sua vontade (ef 6: 11,12). 3. Podem ser usados por Deus na realização de seus propósitos (1Sm 16:14, 2 Co 12:7). De modo específico: 1. Demônios podem causar doenças (Mt 9;33; Lc 13: 11,16). 2. Podem possuir homens (Mt 4:24). 3. Podem possuir animais (Mc 5:13). 4. Opõem-se ao crescimento dos filhos de Deus (Ef 6;12). 5. Disseminam falsas doutrinas (I Tm 4:1).

Sobre a possessão demoníaca, os Batistas entendem que um demônio pode habitar na pessoa descrente de modo que passa a exercer controle direto sobre esta, causando distúrbios mentais e físicos, caracterizando-se como uma atuação de dentro para fora. A possessão demoníaca é o exercício soberano da força espiritual da maldade controlando a vítima. Segundo o pensamento de Alex Konya (2002, p.17):

Os demônios podiam usar as cordas vocais do endemoninhado para falar, (Mt. 8:29,31; Mc. 5:7-10) ou podiam emudecer as vítimas (Mt. 12:22), causar cegueira (Mt. 12:22), dar força física sobrenatural (Mc. 5:3; cf. v. 15), promover a nudez (Mc 5:15), forçar a automutilação da vítima (Mc. 5:5) ou produzir até insanidade (Lc. 8:35). Nesses casos, a pessoa endemoninhada parece não ter a capacidade de resistir com eficácia o controle malicioso do demônio. Ela está escravizada.

Alguns textos da *Bíblia* afirmam que uma pessoa possessa apresenta violência de caráter, agressividade, nudez, gritos e clamores, automutilação, ataques convulsivos, tormento generalizado e até nudez. É impossível uma possessão demoníaca nos crentes, uma vez que são habitados pelo Espírito Santo, o que não invalida a possibilidade de influência ou opressão demoníaca na vida daqueles que alimentam as tentações do inimigo que tenazmente se opõem a tudo aquilo que for objeto de adoração a Deus. Segundo Ryrie (2007, p. 1290), “é comum haver um afloramento de atividade demoníaca quando a luz e a verdade se manifestam de modo mais intenso”.

Para os Batistas, é possível ocorrer uma possessão demoníaca nos dias atuais, mas é preciso ser extremamente cuidadoso ao diagnosticar o quadro, de

modo que outras possibilidades e explicações possam ser eliminadas, pois, frequentemente pode ser apenas o comportamento de uma pessoa aflita pelas circunstâncias adversas da vida. Portanto, é preciso muito cuidado ao julgar uma pessoa endemoninhada. Precisamos lembrar que o registro histórico nos evangelhos de possessões demoníacas eram casos óbvios, não precisava de um especialista religioso de plantão para identificar a possessão, era tão clara que até os descrentes podiam reconhecer quando uma pessoa estava endemoninhada. Alex Konya sugere três sintomas principais da possessão demoníaca:

1) Uma combinação de sintomas de mal físico (extremamente extremos), 2) A presença distinta de uma outra personalidade – demonstrada pela fala de uma outra voz de forma inteligente e coerente (o que não é verdade com as chamadas doenças mentais tais como esquizofrenia) e 3) Clarividência, significando um conhecimento sobrenatural, particularmente em questões espirituais. Devemos ser cuidadosos, entretanto, em não estigmatizar precipitadamente pessoas como endemoninhadas. Em casos de possessão demoníaca bíblica real, o problema deveria ser óbvio (KONYA, 2002, p. 95).

A abordagem batista sobre o exorcismo tem uma configuração diferente da abordagem neopentecostal, como também em relação ao enfrentamento das forças espirituais da maldade apresentada no filme, campeão de bilheteria de Hollywood, *O Exorcista*, que rendeu mais de U\$\$ 89 milhões e tornou-se mais popular que *The Sound of Music*, *Superman* e *Rocky*.

Os Batistas não adotam a figura específica de um sacerdote com poderes e técnicas específicas na condução da expulsão dos demônios ou demônio. Talvez o exorcismo praticado por alguns não tenha base bíblica quando utilizado com uma fórmula mágica, ritos ou uso de amuletos, como a cruz para expulsar o espírito mal ou até mesmo um curso *stricto sensu* de como expulsar demônios. O método que Jesus usou constitui um agudo contraste com qualquer ritual elaborado, o mestre da Galileia libertava os endemoninhados usando uma variação de métodos. No sentido que o senso comum emprega a figura do exorcista, podemos concluir que Jesus nunca foi um exorcista.

Observamos que no Novo Testamento o reconhecimento de uma possessão demoníaca era tão evidente que não era preciso ser seguidor de Cristo para identificar uma pessoa possuída, as pessoas sabiam distinguir uma doença de uma

demonização, pois a intensidade sintomática da possessão corpórea era tão horrível e evidente que não era necessário uma pessoa espiritual ou especial para tal reconhecimento.

Além disso, devemos compreender que na época de Jesus as expulsões demoníacas foram oportunas e tiveram certa visibilidade porque era preciso autenticar a mensagem do evangelho do reino pregada por Jesus e seus discípulos. Na transição do Judaísmo para o Cristianismo, se fez necessário o uso dos chamados dons miraculosos. Contudo, não significa dizer que Deus não opere milagres hoje, mas a frequência e a estratégia divina ocorreu de modo diferente no início do Cristianismo, fato que é atestado, já que não encontramos nas Epístolas do Novo Testamento referências à possessão ou expulsão de demônios.

Um dos problemas do paradigma moderno consiste em não aceitar a interpretação da *Bíblia* usando uma hermenêutica histórico-gramatical e literal ou fragmentando os fatos e narrativas bíblicas, de modo que é válido somente aquilo que lhes é conveniente. Parece ocorrer no mundo acadêmico um ceticismo diabólico em relação ao Jesus da *Bíblia*, sua historicidade, milagres, expiação substitucionária, ressurreição, expulsão de demônios e sua vinda.

Sobre o destino de Satanás e seus demônios, o evangelista e Dr. Lucas relata o momento em que Jesus, na terra dos gerasenos, fronteira da Galileia, expulsou vários demônios de um homem: “Rogavam-lhes que não os mandasse sair para o abismo” (Lucas 8, 31). O apóstolo João, também de modo claro disse: “E tinham sobre eles, como seu rei, o anjo do abismo, cujo nome em hebraico é Abadom, e em grego, Apoliom” (Apocalipse 9,11).

Os textos acima afirmam a realidade de um abismo, que, segundo as Escrituras, é lugar temporário de alguns demônios, pois seu destino final, juntamente com Satanás, é o lago de fogo. “Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos” (Mateus 25,41).

Certamente o Diabo existe não somente na sistematização doutrinária dos Batistas, os Africanos, os Oceânicos, os Asiáticos, os Celtas, os Gregos, os Romanos, os Índios da América do Norte e do Sul acreditavam cada um de seu modo, embora com muita semelhança, no Diabo dos Batistas e por que não dizer, no Diabo da *Bíblia*.

Os “Doutores católicos e protestantes concordam em pensar que o Inimigo

esforça-se sem descanso em prejudicar sua infeliz vítima na terra” (DELUMEAU, 1989, p. 251). Nessa perspectiva, os atores do CAB viveram o dilema de salvar e educar tendo como seu principal oponente o Diabo, personagem que, segundo os missionários norte-americanos e evangélicos, tentou sistematicamente destruir o idéário que pretendia formar para a terra e salvar para a eternidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A doutrina dos direitos iguais para todos – foi o cristianismo que espalhou mais sistematicamente.

Alain Badiou

O Colégio Americano Batista foi criado com seu ideário fundante de educar o povo brasileiro e oferecer um caminho que vai além da vida terreal. Os missionários ou voluntários Batistas foram os pioneiros de práticas religiosas Batistas no CAB, entre elas a oração antes das refeições e reuniões onde pastores pregavam sermões, tendo a educação concebida como expressão de valores morais protestantes.

Era o Colégio Americano Batista um lugar de tolerância, qualidade incorporada no escopo doutrinário dos distintivos dos Batistas, não era por acaso que a maioria dos alunos confessavam um credo diferente da confissão protestante. De um certo modo, o CAB excluía o proselitismo religioso no sentido de oferecer matrícula a pessoas de qualquer credo. Segundo Hack (2003), naquele período era recorrente muitos sofrerem pressão religiosa nos estabelecimentos de ensino por não concordarem com o ensino ministrado pela religião católica.

Possivelmente, os pais mandavam seus filhos ao CAB pela qualidade do ensino, dos professores, pela excelente administração e inovação metodológica. Também se deve o sucesso do Colégio o descaso que a educação brasileira vivia naquele período e a pouca oferta de ensino particular, considerando a mercantilização da educação através de escolas privadas nos dias atuais.

Fernando Azevedo reconhece a importância das escolas americanas quando confirma:

As escolas americanas, introduzidas no país, nos primórdios da República numa época em que a instrução ainda se achava em grande atraso, contribuíram notavelmente, em São Paulo, não só para a mudança de métodos como para a intensificação do ensino. Fundaram os protestantes, grandes colégios, como o Mackenzie em São Paulo, o Instituto Grambery em Juiz de Fora, o Instituto Gammon, também em Minas e os ginásios Evangélicos da Bahia e Pernambuco; incentivam a literatura didática que se enriquece com o trabalho de primeira ordem, no seu tempo, como as gramáticas de Júlio Ribeiro e de Eduardo Carlos Pereira, a aritmética de Trajano, as

obras de Otoniel Mota e os livros de leituras de Erasmo Braga, e colaboram eficazmente na difusão do ensino popular, pelo sistema de escolas dominicais (SOUZA, 2004, p. 89 apud AZEVEDO, 1963, p. 265).

Certamente, no início do século XX, a educação brasileira pode ser considerada, em aspectos gerais, como pobre e atrasada em relação ao ideal comeniano: “ensinar tudo a todos”. A chegada dos protestantes deu um novo fôlego à história da educação brasileira e tornou-se possível por diversas razões, quais sejam:

1. Pelo investimento financeiro das igrejas norte-americanas, que acreditaram no envio de pastores que vieram ao Brasil sob a missão de pregar o evangelho, com o propósito missionário de apresentar o plano de salvação segundo a *Bíblia*. Ou seja, para os Batistas, o homem é totalmente depravado como consequência de seus pecados, com uma natureza pecaminosa que é a capacidade e a inclinação humana para fazer tudo aquilo que nos torna reprováveis aos olhos de Deus. Então, a incapacidade do homem de cancelar sua dívida de pecados o distanciou da possibilidade da comunhão eterna com Deus. Face à problemática dos pecados individuais de cada ser, Deus providenciou seu Unigênito filho, como a maior demonstração de amor já vista pela humanidade, proporcionando a possibilidade de que todo aquele que em Cristo crer, tenha a vida eterna. Ainda afirmam os Batistas que a morte de Cristo se reveste de grande significado para o que crê, ela assume um caráter de substituição, pois Cristo morreu em nosso lugar, removendo os pecados dos que creem, conforme as Escrituras em sua obra de redenção, ou seja, pagou o preço do resgate. Além disso, sua morte oferece a única e possível possibilidade de reconciliação da alienação em que o homem se encontra em relação a Deus. Também a morte de Cristo é a única maneira que satisfaz Deus como forma de pagamento pelos pecados de quem entrega a sua vida a Cristo. “A morte de Cristo tornou inoperante o poder prevaiente da natureza pecaminosa” (Rm. 6,1-10) (RYRIE, 2007, p. 1292). Portanto, os Batistas que têm como única regra de fé e prática a *Bíblia*, defendem a ideia que Cristo é o caminho, a verdade e a vida, a única ponte e porta para uma vida eterna. Foi com esse espírito messiânico que as escolas Batistas se

solidificaram em solo brasileiro, devido à ação das Igrejas norte-americanas, que enviavam recursos financeiros para o sustento de um empreendimento que poderia educar e salvar o povo brasileiro. Era o chamado investimento missionário.

2. O fato de a sociedade pernambucana ter poucas escolas particulares e um ensino público de péssima qualidade favoreceu o crescimento e a consolidação do CAB e de outras escolas protestantes no Brasil.
3. Pela aprovação das leis brasileiras que facilitavam a criação de escolas particulares e a Constituição de 1891, que dava às igrejas a confirmação do decreto 119-A de 1890 sobre a Liberdade Religiosa de culto para as igrejas.
4. Pela mudança do paradigma da Idade Média para a Moderna, que favoreceu o Protestantismo, este tido como a versão religiosa dos ideais liberais e democráticos da modernidade. Então, a constituição do pensamento republicano já instalado no Brasil favoreceu o projeto protestante norte-americano, que tornou-se protagonista das reformas de ensino no Brasil e consolidou o processo de modernização da sociedade brasileira. Também é pertinente pontuar que o momento histórico pelo qual passava os países da América Latina impulsionou o Brasil a optar pela nova fase de expansão do capitalismo industrial, que era acompanhado por ideias liberais que exigiam uma democratização de ensino.
5. Pela tutela de um novo ensino e a promessa de um céu na terra, a escola protestante avançou significativamente no início do século XX. Foi uma aplicação pedagógica que implicou na ruptura com a tradição escolar pautada na intolerância religiosa e nos métodos de ensino que promoviam mais um apelo à memorização do que à inteligência. Esboçada no princípio de liberdade de consciência, compreensão mútua e colaboração, fomentaram o brilho das escolas Batistas. Assim, o projeto protestante apresentava um plano não só para redimir as almas, mas de salvar o país do atraso da hegemonia religiosa católica.

Compreendemos que a Escola Batista ancorou seu ideário fundante no binômio evangelização e educação.

Não podemos esquecer que as escolas protestantes americanas tinham evidentes fins de proselitismo, funcionando como agências catequéticas: a manutenção de estabelecimentos de ensino acadêmico representava na realidade, uma das técnicas de evangelização mais largamente empregadas pela Igreja Reformada na América. Justamente por isso, eram essas escolas suportadas financeiramente pelas Igrejas protestantes, o que em grande parte garantia o êxito de seu funcionamento (BARBANTI, 1977, p. 45).

Além disso, o CAB incorporou a tarefa de reproduzir os padrões de um modo de vida norte-americano que ancorava seus ideais no individualismo, liberalismo e pragmatismo, fazendo dos colégios protestantes Batistas agentes mediadores de práticas pedagógicas que fomentavam o debate, transformando a escola em lugar de prática democrática, típico da postura batista que, em seu núcleo duro, defende a ideia da liberdade e tolerância ao diferente.

A pujança de literatura sobre as forças espirituais da maldade permeiam toda história da humanidade, de modo que não devemos fingir que as diversas cosmovisões acerca da dimensão espiritual não fazem parte de toda construção sobre a realidade existencial do Diabo e seus demônios. Discurso subjacente à estrutura teórico-prática do Colégio Americano Batista. Contudo, parece que no início do século XX, o Diabo “brasileiro” é encontrado na internet, nos jogos de videogame, nas músicas e na televisão, como uma mercadoria para uma sociedade consumista, embora o Diabo “antigo” ainda assuma em alguns momentos a figura de produtor do medo, temor e angústia. O terrível e temido da Idade Média, especialmente aquele que dialogava diretamente com a sociedade ocidental.

No século XX, ocorreu uma desconstrução do discurso acerca do Diabo, uma desmistificação promovida pelo Iluminismo e pelo Romantismo. Talvez a descrença na sua existência física, aliada a sua função de fazer o mal, passe a ser desacreditada e ultrapassada depois do século XIX. Mesmo assim, paradoxalmente, o filme *Filha do Mal* (*The Devil Inside*, 2012) protagonizado pela brasileira Fernanda Andrade, estreou no topo das bilheterias dos EUA, superando em arrecadação vários filmes, como *Missão Impossível: Protocolo Fantasma*, com Tom Cruise, que custou U\$\$ 145 milhões, enquanto a *Filha do Mal* custou apenas U\$\$ 1 milhão, parece ter o dedo do Diabo, ou será que ainda é vivaz a força do Diabo no imaginário cultural da sociedade ocidental? Lembremos que *Filha do Mal* conseguiu

arrecadar em seu primeiro fim de semana mais de U\$\$ 33 milhões, U\$\$ 14 milhões a mais do que *Missão Impossível*.

Sobre a relação Diabo e Batistas, acentuadamente podemos sugerir que possivelmente aqueles que não acreditam na existência e atuação do Diabo e seus anjos, caíram nas armadilhas de um ambiente essencialmente racionalista e iluminista. É verdade que o Diabo da Idade Média já não existe, mas no mundo chamado pós-moderno, a sua sombra ainda faz eco.

Nas últimas décadas, muitos têm banalizado o discurso acerca do Capeta, mas acredito que, apesar disso, o Diabo ainda não entregou sua alma. *Frankenstein* de Mary Shelley e o *Drácula* de Bram Stock renascem no imaginário social. Os egípcios, os hinduístas, os janistas, os budistas, os xintoístas, as populações da América Central, Oceania, América do Sul, África, Europa, América do Norte e Ásia, conheceram de um certo modo o Diabo e seus demônios.

É verdade que em nome de Deus e do Diabo, os dirigentes das religiões fizeram muitas atrocidades, massacres dos índios, perseguições aos judeus, inúmeras fogueiras da inquisição e guerra “santa”. “Fez queimar Joana d’Arc, fez queimar filósofos, fez queimar “feiticeiras”, fez queimar protestantes, fez queimar índios, fez queimar judeus” (MESSADIÉ, 2001, p. 421).

Também é verdade que o mundo pratica diariamente certo satanismo patológico através de atitudes egoístas, oriundas de uma natureza pecaminosa e de uma cultura de massa consumista que vê no outro um verdadeiro demônio, que se opõem ardentemente na disputa por espaços do mundo competitivo e diabolicamente capitalista.

Enfim, estou profundamente convicto de que é diabólico não acreditar na existência do Diabo, mesmo em face à construção e desconstrução da multiforma com que se apresenta o príncipe deste mundo tenebroso. Como disse Walter Benjamim: “esse inimigo não cessa de vencer” (TAUSSIG, 2010, p. 32).

Portanto, o contributo do Colégio Americano Batista para a sociedade brasileira foi contribuir para a formação de indivíduos livres e comprometidos com ideais democráticos que, de um certo modo, faz coro com o pensamento de Alain Badiou no livro *São Paulo*, que defende o pensamento de que a vida do apóstolo Paulo é um testemunho vivo da paixão política do não conformismo. Para Badiou, o apóstolo Paulo era um militante da verdade do Cristo que ensina do que é capaz, aqui, agora e para sempre.

Além disso, foi o CAB, juntamente com outros Colégios protestantes, responsável pela inovação metodológica do processo de ensino-aprendizagem da escola brasileira e, certamente, fomentou uma ética pautada nos princípios neotestamentários que promoviam a solidariedade, honestidade, justiça, paz, liberdade, fraternidade e amor. Também, para os Batistas, foi alcançado o propósito de resgatar muitos do império das trevas para a maravilhosa luz de Cristo, mesmo em detrimento dos ataques do seu principal inimigo, o Diabo, personagem ao qual os atores do CAB atribuíam as investidas para ofuscar ou acabar com o seu ideário de salvar e educar.

REFERÊNCIAS

AFONSO, José António Martins Moreno. **Protestantismo e educação**: história de um projecto pedagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XIX. Braga, Portugal: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, 2009.

ALEXANDER, William Menzies. **Demonic possession in the new testament**: its relation-historical, medical and theological. Edinburg: T&T Clark, 1902.

ALVES, Patrícia Formiga Maciel. **Da cruz ao trono**: neopentecostalismo e pós-modernidade no brasil. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2005.

ALVES, Rubens. **Dogmatismo e tolerância**. São Paulo: Paulinas, 1982.

ARMSTRONG, Karen. **Em nome de deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ASLAN, Nicola. **A história da maçonaria**. Rio de Janeiro: Editora Espiritualista Ltda. 1959.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1963.

AZEVEDO, Fernando de. O manifesto dos pioneiros da educação nova. **Revista Brasiliense**, São Paulo, s.d. (15): 8-28, jan./fev. 1958.

BACKES, Reinhard. **Por causa do meu nome**: perseguições aos cristãos nos dias de hoje. Lisboa, Portugal: Fundação AIS, 2007.

BADIOU, Alain. **São Paulo**. Tradução de Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2009.

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **As relações perigosas**: Brasil-Estados Unidos (De Collor a Lula, 1990-2004). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
_____. **Comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BARBANTI, Maria Lúcia S. H. **Escolas americanas de confissão protestante na província de São Paulo**: um estudo de suas origens. São Paulo: Faculdade de Educação-USP, 1977.

BARBOSA, José Carlos. **Negro não entra na igreja; espia pela banda de fora**: protestantismo e escravidão no Brasil Império. Piracicaba: UNIMEP, 2002.

BAXTER, Ronald E. **Gifts of the spirit**. Grand Rapids: Kregel Publications, 1983.

BELLO, José Luiz de Paiva. Período Jesuítico. **Pedagogia em foco: história da educação no Brasil**, 1998.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BEZERRA, Dinarte Varela. **1930, a Paraíba e o inconsciente político da revolução: a narrativa como ato socialmente simbólico**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

BOANERGES, Ribeiro. **Protestantismo e cultura brasileira**. São Paulo: Presbiteriana, 1981.

BONFATTI, P. **A expressão popular do sagrado: uma análise psicoantropológica da igreja universal do reino de deus**. São Paulo: Paulinas, 2000.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRINTON, D. G. **The myths of the new world**. 3. ed. Nova York: Harshall House Publishers, 1968.

BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do novo testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1989.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**. São Paulo: Vida Nova, 1984.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP (FEU), 1999.

CARVALHO, José Murilo de. **O teatro das sombras: a elite imperial brasileira**. São Paulo: Vértice, 1988.

CAVALCANTI, Robinson. **Cristianismo e política: teoria bíblica e prática histórica**. Viçosa, MG: Editora Ultmato.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da evangelização do Brasil: dos jesuítas aos neopentecostais**. Viçosa: Ultmato, 2000.

CHAFER, Lewis Sperry. **Systematic theology**. Dallas: Dallas Seminary Press, 1947.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O novo testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: A Sociedade Religiosa a voz bíblica brasileira, 1982.

COMENIUS, João Amós. **Didática magna**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1957.

COMENIUS, João Amós. **Pampaedia**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1971.

CRABETRE, A. R. **História dos batistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1962.

CUNHA, Marcus Vinicius da. **John Dewey: a utopia democrática**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

DANTAS, Aldo E GALENO, Alex. **Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

DAWSEY, John C. **Americans: imigrantes do velho sul no Brasil**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2005.

DAVIDSON, H. R. Ellis. **Gods and myths of northern europe**. Pelican Books: Londres, 1964.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente: 1300-1800, uma cidade sitiada**. Tradução de Maria Lúcia Machado; tradução das notas Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DEWEY, John. **Experiência e natureza; Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência; Vida e educação e teoria da vida moral**. Tradução de Murilo Otávio, Anísio Teixeira, Leônidas Gontijo. São Paulo: Abril Cultura, 1980 (Coleção Os Pensadores).

DEWEY, John. **Democracia e educação**. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1979 (Atualidades Pedagógicas; v. 21).

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife. 31 dez. 1972, p 5.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife. 10 out. 1974, p 10.

DUDUCH, Wagner. **O Jesus histórico batista no Brasil do século XIX**. Disponível em: <<http://www.revistajesushistorico.ifrj.br>>. Acesso em: 08 jun. 2011.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 10, ANPUH/RJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Theories of primitive religion**. Oxford: Oxford University Press, 1965.

FONSECA, Andréa Braga. **A imprensa evangélica no Brasil do século XIX e XX: um olhar sobre a escravidão e o progresso**. ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 10, ANPUH/RJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 34. ed. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. São Paulo: Global, 2004.

FREYRE, Gilberto. Depoimento de um ex-menino pregador. **Diário de Pernambuco**. Recife, 31 dez. 1972.

GILSON, E; BOEHUER, P. **História da filosofia cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

GINSBURG, Salomão L. **Um judeu errante no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1970.

GIUCCI, Guillermo. **Gilberto Freyre: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936**. Tradução de Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GERMANO, José Willington. Ordem e progresso: o discurso político sobre a educação no Brasil autoritário. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 32, n. 18, maio/ago. Natal: Editora da UFRN, 2008.

GERMANO, José Willington. **Violência epistêmica e injustiça cognitiva na América Latina**. Artigo resultante das intervenções do autor durante a Jornada Acadêmica promovida pela Associação Latino-americana de Sociologia (Fórum Pré-ALAS), realizada em novembro de 2008, em Recife, na Universidade Federal de Pernambuco.

GIVRY, Grillot. **Witchcraft, magic & alchemy**. Nova Iorque: Dover Publications, 1971.

GOULD, Stephen Jay. **Pilares do tempo**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

GONZALEZ, Justo L. **A era dos novos horizontes**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

_____. **A era inconclusa**. São Paulo: Vida Nova, 1993.

HACK, Osvaldo Henrique. **Raízes cristãs do Mackenzie e seu perfil confessional**. São Paulo: Mackenzie, 2003.

HARRIS, R. Laird. **Dicionário internacional de teologia do antigo testamento**. Tradução de Márcio Lourenço Redondo, Luís Alberto T. e Carlos Osvaldo c. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HARRISON, Helen Bagby. **Os bagby do Brasil**: uma contribuição para o estudo dos primórdios batistas em terras brasileiras. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

HILL, Chirstopher. **A bíblia inglesa e as revoluções do século XVII**. Tadução de Cynthia Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HEISENBERG, Werner. **A parte do todo**: encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

HOBBSAWN, Eric J. **Era dos extremos**: O breve século XX (1914-1991). Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HODGE, A. A. **Autline in theology**. New York: A. C. Armstrong and Son, 1891.

HOFFNAGEL, Marc-Jay. O movimento republicano em Pernambuco: 1870-1889. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Pernambuco**, 49:31-60, Recife, 1977.

INCONTRI, Dora. **Pestalozzi**: educação e ética. São Paulo: Scipione, 1997.

JOSEFO, F. **História dos hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

KIDDER, Daniel Parish. **Reminiscência de viagens e permanências no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

KONYA, Alex. **Demônios**: uma perspectiva baseada na bíblia. São Paulo: Editora Batista Regular, 2002.

LEITE, Rita Mendonça. **Representações do protestantismo na sociedade portuguesa contemporânea**: da exclusão à liberdade de culto (1852-1911). Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2009.

LENSKI, R.C.H. **The interpretation of st. mark`s gospel**. Minneapolis, MN: Augsburg Publishing House, 1964.

LENY, Amorim. **Capunga, 80 anos**: desafios e vitórias. Recife: Igreja Batista da Capunga, 2003.

LURKER, Manfred. **Lexikon der gotter and damonen**. Alfred Kramer Verlag: Esturgada, 1984.

MACEDO, E. B. **Orixás, caboclos e guias**: deuses ou demônios? Rio de Janeiro: Unipro, 2006.

MACHADO, Fernandes Humberto. **A imprensa do Rio de Janeiro na crise do escravismo**. Anais do Colóquio, UFRJ/IFCH, 1998.

MACHADO, José Nemésio. **A contribuição batista para a educação brasileira**. Rio de Janeiro: JUERP, 1994.

MACARTHUR JR, John F. **The charismatics**: a doutrinal perspective. Gran Rapids: Zondervan publishing House, 1978.

Maçonaria e o cristianismo. Disponível em: <<http://www.glemt.org>>. Acesso em: 01 jul. 2011.

MARIANO, R. **Neopentecostais**: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1999.

MARINHO, Maria Gabriela. **Norte-americanos no Brasil**: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1934-1952). Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo: Universidade São Francisco, 2001.

MARTINS, Mário Ribeiro. **Gilberto Freyre**: o ex-protestante. São Paulo: Imprensa Medotista, 1973.

MARTINS, Mário Ribeiro. **Missionários americanos e algumas figuras do Brasil Evangélico**. Goiânia: Kelp, 2007.

McCALL, Henrietta. **Mesopotamian myths**. Londres: British Museum Publication, 1990.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa de. **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. São Paulo: Paulinas, 1984.

MENDONÇA, Antônio G. e VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 1990.

MENDONÇA, Maria Christina Araújo de. **A Escola Nova em Pernambuco**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Recife, 1987.

MESQUITA, Antônio Neves. **História dos batistas em Pernambuco**. Recife: Typografia do Colégio Americano Batista, 1930.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**. São Bernardo do Campo: Editeo; Juiz de Fora: Editora da UFJF, 1994.

MESSADIÉ, Gerald. **História geral do diabo**: da antiguidade à época contemporânea. Mira-Sintra/Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 2001.

MEUCCI, Simone. Entre a escola nova e a oligarquia: a institucionalização a sociologia na Escola Normal de Pernambuco (1929-1930), **Cronos**, Natal, v. 8. p. 451-477, jul./dez., 2007.

MOREIRA, Keila Cruz. **Em nome da república**: escolas e tradições modernas. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

MORIN, Edgar. CIURANA, Emílio R. MOTTA, Raul D. **Educar na era planetária**. São Paulo: Cortez, 2003.

MORIN, Edgar. **O Método VI: ética**. Porto Alegre: Sulinas, 2005.

MORIN, Edgar. **O Método IV: as ideias**. Portugal: Europa América, 1991.

MUCHEMBLED, R. **Uma história do diabo: séculos XII-XX**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001.

NASCIMENTO, Ester Vilas Boas Carvalho do. **A escola americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)**. São Cristóvão: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2004.

NOGUEIRA, C. R. F. **O diabo no imaginário cristão**. 2. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

O'GRADY, J. **Satã: o príncipe das trevas**. São Paulo: Mercúrio, 1991.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Antônio Teixeira de Albuquerque: o primeiro pastor batista brasileiro – 1880. Uma contribuição para história dos batistas no Brasil**. Rio de Janeiro: edição da autora, 1982.

OLIVEIRA, Betty Antunes de. **Centelha em restolho seco: uma contribuição para História dos Primórdios do Trabalho Batista no Brasil**. Rio de Janeiro: edição da autora, 1985.

OLIVEIRA, Zaqueu Moreira de. **A palavra crescia poderosamente: 80 anos de crescimento dos batistas de Pernambuco**. Recife: Kairós, 2010.

ORO, A. P.; CORTEN, A.; DOZON, J. P. (Org.). **Igreja universal do reino de deus: os novos conquistadores da fé**. São Paulo: Paulinas, 2003.

PAGELS, E. **As origens de satanás: um estudo sobre o poder que as forças irracionais exercem na sociedade moderna**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

PEREIRA, José dos Reis. **Breve história dos batistas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1987.

PERRUCI, Glaucília; ABREU, Neide Sena; GUIMARÃES, José Almeida; MARTINS, Garibaldi Perruci Lopes. MARTINS FILHO, Gelson Lopes. **História do CAB de Recife: eternamente nosso bem – uma linda história de amor com muitas histórias**. Pernambuco: CEPE, 2006.

PHILPOTT, Kent. **A manual of demonology and occult**. Grand Rapids: Zondervan Publishing House, 1974.

PRESLER, Gerd. **Martin Luther King**. Tradução de Bárbara Santos para Tetraepik – Jornal Expresso. Barcelona: Liberdúplex, 2011.

PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus**: o mestre por excelência. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

RAMALHO, Jether Pereira. **Prática educativa e sociedade**: um estudo de sociologia da educação. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

REIMER, Haroldo. **Maçonaria**: a resposta a uma carta. Edições Cristãs: Ourinhos SP, s.d.

RENO, Loren M. **Recordações**: vinte e cinco anos em Vitória, Brasil. Vitória, ES: Convenção Batista do Estado do Espírito Santo, 2007.

RYRIE, Charles C. **A bíblia anotada**: edição expandida/Charles C. Ryrie. – Ed. rev. Expandida. São Paulo: Mundo Cristão; Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007. 1504 p.

RISCO, Vicente. **Satanás**: história do diabo. Porto, Portugal: Porto Editora.

ROLIM, Francisco Cartaxo. Max Weber: da tese à crítica da religião. **Religião e Sociedade**, 13/2, jul. 1986. Rio de Janeiro: ISER, p. 58-83.

SALES, Eugênio Araújo. Disponível em: <<http://www.virtudedei.blogspot.com>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões de magistro**. Tradução de J. Oliveira. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SANTOS, João Marcos Leitão. **A ordem social em crise**: a inserção do protestantismo em Pernambuco, 1860-1891. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SELLARO, Léda Rejane A. **Educação e religião**: colégios protestantes em Pernambuco na década de 20. Dissertação (Mestrado) – Recife, 1987.

SCHULZ, Almiro. **Ética e gestão educacional**. Campinas: Alínea, 2008.

SCHULZ, Almiro. **Educação superior protestante no Brasil**. Engenheiro Coelho, SP:

SHEPARD, J. W. Aspirações educacionais da América Latina. **O Jornal Baptista**. Rio de Janeiro: Casa publicadora Baptista, 1929, p. 12.

SHURDEN, Walter B. **Quatro frágeis liberdades**. Tradução de Raimundo César Barreto Júnior e Benedito G. Bezerra. Recife: AGM Gráfica, 2005.

SIEPIERSKI, Paulo D. Pós-pentecostalismo e política no Brasil. **Estudos**

Teológicos, ano 37, n. 1, (IECLB), 1997, p. 47-61.

SILVA, Anaxuell. Fernando. **O falar de deus**: introdução ao estudo sociocientífico do púlpito cristão. 2005. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

SILVA, Francisco Jean Carlos da. **Batistas regulares**: uma abordagem histórico-sociológica. Natal: Edufrn, 2006.

SILVA, José Gleidson Lopes da. **Perseguição contra os batistas em Pernambuco, 1886-1920**. Monografia (Bacharelado em História) – UNICAP, Recife, 1998.

SILVA, Sandra Cristina da. **Educação de papel**: impressos protestantes educando mulheres. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SMITH, G. Abbott. **A Manual greek lexicon of the new testament**. New York: Charles Scribner's Sons, 1921.

SOUZA, Beatriz Muniz de. **Sociologia da religião e mudança social**: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004.

SOUZA, Laura de Mello e Souza. **O diabo e a terra de santa cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TAYLOR, W. C. **A brief survey of the history brasilian baptist doctrine**. Rio de Janeiro, 1955.

TAUSSIG, Michael T. **O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul**. Tradução de Priscila Santos da Costa. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

VIEIRA, Davldem **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. 2. ed. Brasília: Editora da UnB, 1980.

VIEIRA, Paulo Henrique. **Calvino e a educação**: a configuração da pedagogia reformada no século XVI. São Paulo: Editora Mackenzie, 2008.

WALVOORD, John F. **The holy spirit at work today**. Chicago: Moody Press, 1973.

WIERSBE, Warren W. **A estratégia de satanás**. São Paulo: Editora Batista Regular, 1993.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1987.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Brasília: Unb, 1952.

WEBER, Max. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.

WRIGHT, Stafford. **Christianity and the occult**. Chicago: Moody Press, 1971.
O Concílio do Vaticano II e outros documentos da Igreja reafirmam a existência do diabo. Disponível em: <<http://www.diocesedetaubate.org.br>>. Acesso em: 10 jul. 2011.

<<http://www.sbc.net/bfm/bfmcomparison.asp>>.

ANEXOS

Regulamento disciplinar do CAB

Externos

1. Os alunos externos devem estar no Collegio à hora marcada, 8:00 da manhã, para tomarem parte nos exercícios phisicos; e completadas as aulas devem voltar para casa.
2. Com o consentimento dos Paes ou responsáveis, podem demorar-se nos dias destinados a jogos athleticos especiaes, como sejam, foot-ball, volley-ball etc. é-lhes, porém, prohibido demorar, para brincar, nos outros dias.
3. Não lhes é permitido passar o tempo nos dias feriados brincando no sitio de Collegio ou visitando os internos. Tendo negocio com o Collegio, podem despachá-lo como qualquer outra pessoa.
4. Não podem tirar fructas, trepar às arvores, jogar-lhes pedras, paus etc. ou maltratá-las de outra qualquer forma.

Internos

1. Sam obrigados a observar o regulamento do Colégio relativamente a hora de dormir, levantar-se, tomar banho, fazer refeições, assistir à banca de estudo etc.
2. Nos dias feriados e nas horas do recreio, tem liberdade de brincar no sitio sendo-lhes prohibido tirar fructas, trepar às arvores, jogar-lhes pedras, paus etc., ou maltratal-as de outra qualquer forma.
3. Podem sahir somente em companhia de um dos professores ou de uma pessoa por elles designada, ou então por ordem especial dos Paes. NOTA – Os Paes devem exercer muita cautela nas ordens especiaes para a sahida dos seus filhos. Preoccupação em passeios, ainda mesmo que sejam inteiramente innocentes, nãa estimula o gosto de estudar. Conforme as nossas observações durante alguns annos, a maior parte dos internos a quem os paes concedem o privilegio de passear à vontade, ou mesmo em dias determinados, têm soffrido retardamento nos estudos, e não faltam casos de derrotas completas provenientes deste mal. Há alumnos, é verdade, que não se desviam dos estudos por causa da liberdade de passear; porém este numero é relativamente pequeno. Estamos visando o maior grupo, que incontestavelmente soffre prejuízos de taes concessões.
4. Podem visitar a casa uma vez por mez, ou com maior frequência conforme pedido dos paes ou dos responsáveis.

Jogos Athleticos

Reconhecemos quanto são uteis à vida escolar os bons jogos athleticos. Elles offerecem ao estudante o ensejo de tornar o corpo forte e vigoroso de uma forma fácil, suave e agradável e ao mesmo tempo de descansar o cérebro fatigado pelos trabalhos diários.

Emquanto um rapaz se diverte com um bom desporto, está fazendo bem à saúde. Os jogos athleticos não são simples recreação; têm a sua utilidade pratica. Os grandes povos contemporâneos reconhecem esta verdade.

Reconheceram-na os grandes povos da Antiguidade. Os jogos athleticos constituem necessidade hygienica. O Collegio dispõe de espaçosas áreas para jogos dessa natureza, como: volleyball, foot-ball, lawn-tennis etc.

Hygiene

Eis um assumpto que tem merecido e continua merecer do Collegio Americano Baptista o maior zelo e interesse. A prova, temo-la, evidente e clara na superioridade incontestável que o nosso Collegio apresenta, sob o ponto de vista de hygiene escolar, sobre a quase totalidade dos estabelecimentos congêneres do estado.

Para tudo quanto se relaciona com a saúde e o bem estar dos alumnos-local, edifícios, salas de aula, áreas para recreios, sanitárias, dormitórios, alimentação dos internos etc., está voltada a atenção do Collegio.

As aulas funcçionam em salas amplas e claras onde não escasseiam ar e luz. Só pessoalmente, isto é, por meio de uma visita, poderão os interessados verificar as excelentes condições hygienicas do nosso estabelecimento.

Sociedade Litteraria

É innegavel o valor das sociedades litterarias nos collegios. Sam efficientes cooperadoras no desenvolvimento mental dos alumnos. O motivo de serem os Estados Unidos e a Inglaterra tão férteis em bons oradores, como provam os nomes laureados de Canning. Gladstone, Clay Brain, Patrick Henry, está nas Debating Societies de que estam cheios os seus collegios e universidades. O nosso Collegio não se descuidou deste ponto. É assim que mantém uma sociedade dividida em dois grupos e com dois departamentos, litterario e athletico. No primeiro o estudante tem oportunidade de desenvolver as suas faculdades oratórias, tomando parte em

debates e torneios parlamentares. Propõe-se o segundo a promover o desenvolvimento physico dos associados por meio de jogos e exercícios.

A Sociedade está sob o governo do Collegio, mas os trabalhos sociaes são dirigidos pelos próprios estudantes, o que tem a vantagem de iniciá-los no self-control. A Sociedade que se denomina Sociedade Litteraria e Athletica Joaquim Nabuco, mantem um órgão mensal, "O Labaro" que está fazendo um bom trabalho de informação e propaganda do Collegio.

Disciplina

Não podemos deixar de reconhecer que boa disciplina é necessária à vida de uma instituição educativa. Sem Ella é impossível crear um ambiente onde se possa operar o desenvolvimento intellectual.

Não promettemos reformar qualquer menino que nos foi confiado. Um compromisso, porém, tomamos sincera e firmemente: o de fazer tudo que estiver ao nosso alcance para conseguir discipliná-lo. Não podendo, eliminaremos o insubordinado. É melhor eliminar um menino mau do que permitir que elle contamine os bons. Com a collaboração dos paes contamos disciplinar qualquer menino cujos sentimentos não forem indifferentes aos impulsos do bem.

Boletins

No fim de cada uma das 4 epocas do anno lectivo o alumno receberá um boletim indicado a sua applicação e conducta.

Pontualidade

Eis ahi um ponto que desejamos frizar. Grande parte dos insuccessos na vida escolar são devidos à irregularidade no comparecimento às aulas. Às vezes os alumnos e os próprios paes julgam coisa insignificante perder aulas dias inteiros e até mesmo semanas, suppondo ser muito fácil recuperar o tempo perdido. Enganam-se, porém. O esforço do estudante para recuperar o tempo perdido, pondo-o em face de duas responsabilidades, ganhar esse tempo, e acompanhar a classe, terá como resultado um trabalho superficial. Um anno escolar póde ser comparado a um muro a que falem diversos tijolos, um aqui, dois alli, cinco acolá? O mesmo acontece com o anno escolar cheio de dias de ausências. Perder uma lecção é quebrar um elo, que só esforço extraordinário poderá restaurar. Chamamos, pois, a attenção dos senhores paes para este ponto.

Cooperação

Sobre este assumpto encontramos numa revista de educação um excellente artigo do qual extrahimos os seguintes tópicos: “muitos paes (podemos dizer a maior parte d’elles) julgam que a acção educadora da família desaparece desde que começa a da escola. Para a escola produzir todos os effeitos uteis precisa, indispensavelmente, da cooperação cordial da família, do seu apoio moral, constante, effectivo, manifesto...” é incontestável. Em vários paizes já se começa a promover esta collaboração. Certos da vantagem do concurso no fim commum de educar os seus filhos.

Diploma

SCIENCIAS E LETRAS

O estudante que completar o Curso de Madureza, de quatro annos, receberá o diploma de Bacharel em sciencias e Letras. Será igualmente conferido o diploma de estudos no Curso Superior de Commercio ao estudante que completar todas as matérias exigidas no mesmo Curso.

Fonte: Arquivos do CAB, p. 53-55

O DECÁLOGO DO CAB

I) Lei da Saúde

“O bem-estar de nosso paiz depende dos que se encontramem physicamente preparados para o trabalho diário. Portanto:

1. Conservarei meu traje, meu corpo e minha mente limpos.
2. Evitarei os hábitos que me prejudiquem e formarei, sem os quebrar nunca, os que me auxiliarem.
3. Procurarei alimentar-me, dormir e exercitar-me de modo a conservar-me em perfeita saúde.

II) Lei do Governo Próprio

Aquelles que melhor se governam a si mesmos são os que melhor servem ao seu paíz.

Portanto:

1. Governarei minha língua e não lhe permitirei proferir palavras mesquinhas, vulgares ou profanas.
2. Governarei meu temperamento e não me zangarei, quando as pessoas ou as cousas não me agradarem.
3. Governarei os meus pensamentos e não deixarei um desejo tolo estragar um propósito sábio.

III) Lei da Confiança Própria

A presumpção é intolerável; porém, a confiança própria é necessária a rapazes e moças que almejam ser fortes e úteis. Portanto:

1. De boa vontade darei ouvidos aos conselhos de pessoas mais idôneas e mais sábias; e reverenciarei os desejos daquelles que me queiram bem e que me sustentem e que conheçam a vida melhor do que eu; porém, apprenderei a pensar por mim mesmo.
2. Não recearei a zombaria. Não temerei fazer o que estiver direito, ainda que outros façam o que estiver errado. O medo nunca jamais produziu um bom cidadão.

IV) Lei da Confiança nos Outros

Nosso paiz só se tornará grande e bom, si os seus cidadãos puderem confiar uns nos outros.

Portanto:

1. Serei honesto nas palavras e nos actos. Não mentirei, não enganarei, não esconderei ou pretenderei esconder a verdade daquelles que tenham o direito de exigí-la.
2. Não offenderei na esperança de não ser descoberto, não esconderei a verdade de mim e não a esconderei dos outros.
3. Não me servirei, sem licença, daquilo que não seja meu.
4. Farei promptamente o que prometi fazer. Si por acaso tiver feito uma promessa imprudente, confessarei immediatamente o meu erro e tentarei reparar qualquer mal que tenha causado. Falarei e agirei de tal modo que os outros possam facilmente confiar em mim.

V) Lei do Cavalheirismo no Jogo

Os jogos athleticos aumentam e desenvolvem a força e fazem cidadãos úteis a seu paiz. Devem ser praticados sem a menor Idea de fraude. Portanto:

1. Não usarei de meios illicitos no jogo. Si eu não jogar honestamente, o vencido perderá o seu respeito próprio e o jogo se tornará uma coisa baixa e cruel.
2. Tratarei meu adversário com cortezia.
3. Si eu jogar com um grupo, jogarei, não para minha glória, mas pelo successo do team e pelo prazer do jogo.
4. Serei um vencido ou um vencedor gentil.

VI) Lie do Dever

O preguiçoso ou o mal trabalhador vive à custa alheia. Arruína aos seus concidadãos e arruína ao seu paiz.

Meu dever, leve ou pesado, eu o farei.

O que eu deva fazer, eu farei.

VII) Lei da Aptidão

O bem-estar do paiz depende daqueles que tenham aprendido a fazer habilmente as cousas que devam ser feitas. Portanto:

1. Educar-me-ei do melhor modo possível, e aprenderei tudo quanto puder dos que têm aprendido a fazer correctamente.
2. Tomarei interesse no meu trabalho e não ficarei satisfeito com o trabalho mau, ou soffrivelmente feito. Uma roda ou um dormente mal collocado poderá causar a morte de centenas de pessoas.
3. Tentarei fazer a cousa conveniente, do modo adequado, sem a preocupação de que alguém me veja ou me elogie. Mas, depois de fazer o melhor, não

invejarei àquelles que tenham feito melhor, ou que tenham recebido maiores recompensas. A inveja estraga o trabalho e o trabalhador.

VIII) Lei da Cooperação

Um homem só não poderá edificar uma cidade ou uma estrada de ferro. Para que eu possa ter pão, alguns homens têm plantado, outros têm colhido, outros têm fabricado as ferramentas, outros têm construído fábricas. Outros têm trabalhado em minas, e outros têm montado padarias. Ao passo que aprendemos a cooperar, o bem-estar do nosso paiz é adiantado. Portanto:

1. Qualquer que seja o trabalho que emprender, em cooperação com os outros, farei a minha parte e ajudarei os outros a fazer a sua.
2. Conservarei em ordem as cousas que usar no meu trabalho. A desordem traz a confusão e o gasto inútil de tempo e de paciência.
3. Em todo o meu trabalho, em conjuncto com outrem, serei alegre. O desânimo deprime todos os trabalhadores e faz mal ao trabalho.
4. Quando receber dinheiro pelo meu trabalho, não serei nem avarento nem dissipador. Economizarei ou gastarei como qualquer um dos trabalhadores do meu paiz.

IX) Lei da Bondade

No Brasil, há gente de diferentes raças, religiões, cor e condição e todos moram num só paiz. Somos de diversas qualidades, porém, somos um só grande povo. Cada acto descortez prejudica a vida comum. Portanto:

1. Serei bondoso em todos os meus pensamentos e não guardarei ódio ou inveja. Não me considerarei melhor do que qualquer outro rapaz ou moça, somente porque sou diferente em raça, em religião, em cor ou em condição. Não menoscabarei da religião dos outros. Deverei julgá-los tão sinceros na sua crença como eu. Assim respeitarei os seus princípios religiosos, como desejo que elles respeitem os meus.
2. Serei bondoso em todas as minhas práticas. Não insistirei egoisticamente em minha própria vontade. Serei sempre polido. Farei o mais possível para evitar crueldade e darei o melhor auxílio aos que necessitarem delle.
3. Serei bondoso no falar. Não farei enredos ou mexericos, e não falarei mal de ninguém.

X) Lei da Lealdade

1. Serei leal ao meu Criador e à minha família. Com lealdade obedecerei aos meus pais ou aqueles que tenham tomado seu lugar.
2. Serei leal ao meu Colégio. Lealmente obedecerei, e auxiliarei outros alunos a obedecer às regras que contribuam para o bem-estar de todos.
3. Serei leal à minha cidade, ao meu estado, ao meu país. Com lealdade respeitarei e ajudarei outros a respeitarem as suas leis e tribunais de justiça, nunca procurarei sophismar as suas leis, invocando princípios philosophicos ou religiosos. Na qualidade de cidadão só reconhecerei como legítima autoridade o governo de meu país.
4. Serei leal à humanidade. Farei lealmente o melhor para promover relações amigas entre o nosso e todos os outros países.

Fonte: Arquivos do CAB, p. 58-60.

Declaração de Fé – Southern Baptist Convention (USA)

Preamble to the 1925 Baptist Faith and Message	Preamble to the 1963 Baptist Faith and Message	Preamble to the 2000 Baptist Faith and Message
<p>The report of the Committee on Statement of Baptist Faith and Message was presented as follows by E. Y. Mullins, Kentucky:</p> <p>REPORT OF THE COMMITTEE ON BAPTIST FAITH AND MESSAGE</p> <p>Your committee beg leave to report as follows:</p> <p>Your committee recognize that they were appointed "to consider the advisability of issuing another statement of the Baptist Faith and Message, and report at the next Convention."</p> <p>In pursuance of the instructions of the Convention, and in consideration of the general denominational situation, your committee have decided to recommend the New Hampshire Confession of Faith, revised at certain points, and with some additional articles growing out of present needs, for approval by the Convention, in the event a statement of the Baptist faith and message is deemed necessary at this time.</p> <p>The present occasion for a reaffirmation of Christian fundamentals is the prevalence of naturalism in the modern teaching and preaching of religion. Christianity is supernatural in its origin and history. We repudiate every theory of religion which denies the supernatural elements in our faith.</p> <p>As introductory to the doctrinal articles, we recommend the adoption by the Convention of the following statement of the historic Baptist conception of</p>	<p>Committee on Baptist Faith and Message</p> <p>The 1962 session of the Southern Baptist Convention, meeting in San Francisco, California, adopted the following motion:</p> <p>"Since the report of the Committee on Statement of Baptist Faith and Message was adopted in 1925, there have been various statements from time to time which have been made, but no over-all statement which might be helpful at this time as suggested in Section 2 of that report, or introductory statement which might be used as an interpretation of the 1925 Statement."</p> <p>"We recommend, therefore, that the president of this Convention be requested to call a meeting of the men now serving as presidents of the various state conventions that would qualify as a member of the Southern Baptist Convention committee under Bylaw 18 to present to the Convention in Kansas City some similar statement which shall serve as information to the churches, and which may serve as guidelines to the various agencies of the Southern Baptist Convention. It is understood that any group or individuals may approach this committee to be of service. The expenses of this committee shall be borne by the Convention Operating Budget."</p> <p>Your committee thus constituted begs leave to present its report as follows:</p> <p>Throughout its work your committee has been conscious</p>	<p>The 1999 session of the Southern Baptist Convention, meeting in Atlanta, Georgia, adopted the following motion addressed to the President of the Convention:</p> <p>"I move that in your capacity as Southern Baptist Convention chairman, you appoint a blue ribbon committee to review the <i>Baptist Faith and Message</i> statement with the responsibility to report and bring any recommendations to this meeting next June in Orlando."</p> <p>President Paige Patterson appointed the committee as follows: Max Barnett (OK), Steve Gaines (AL), Susie Hawkins (TX), Rudy A. Hernandez (TX), Charles S. Kelley, Jr. (LA), Heather King (IN), Richard D. Land (TN), Fred Luter (LA), R. Albert Mohler, Jr. (KY), T. C. Pinckney (VA), Nelson Price (GA), Adrian Rogers (TN), Roger Spradlin (CA), Simon Tsoi (AZ), Jerry Vines (FL). Adrian Rogers (TN) was appointed chairman.</p> <p>Your committee thus constituted begs leave to present its report as follows:</p> <p>Baptists are a people of deep beliefs and cherished doctrines. Throughout our history we have been a confessional people, adopting statements of faith as a witness to our beliefs and a pledge of our faithfulness to the doctrines revealed in Holy Scripture.</p> <p>Our confessions of faith are rooted in historical precedent, as the church in every age has been called upon to define and defend its beliefs. Each</p>

the nature and function of confessions of faith in our religious and denominational life, believing that some such statement will clarify the atmosphere and remove some causes of misunderstanding, friction, and apprehension. Baptists approve and circulate confessions of faith with the following understanding, namely:

1. That they constitute a consensus of opinion of some Baptist body, large or small, for the general instruction and guidance of our own people and others concerning those articles of the Christian faith which are most surely conditions of salvation revealed in the New Testament, viz., repentance towards God and faith in Jesus Christ as Saviour and Lord.

2. That we do not regard them as complete statements of our faith, having any quality of finality or infallibility. As in the past so in the future Baptist should hold themselves free to revise their statements of faith as may seem to them wise and expedient at any time.

3. That any group of Baptists, large or small, have the inherent right to draw up for themselves and publish to the world a confession of their faith whenever they may think it advisable to do so.

4. That the sole authority for faith and practice among Baptists is the Scriptures of the Old and New Testaments. Confessions are only guides in interpretation, having no authority over the conscience.

5. That they are statements of religious convictions, drawn from the Scriptures, and are not to be used to hamper freedom of thought or investigation in other realms of life.

of the contribution made by the statement of "The Southern Baptist Faith and Message" adopted by the Southern Baptist Convention in 1925. It quotes with approval its affirmation that "Christianity is supernatural in its origin and history. We repudiate every theory of religion which denies the supernatural elements in our faith."

Furthermore, it concurs in the introductory "statement of the historic Baptist conception of the nature and function of confessions of faith in our religious and denominational life" It is, therefore, quoted in full as a part of this report to the Convention:

"(1) That they constitute a consensus of opinion of some Baptist body, large or small, for the general instruction and guidance of our own people and others concerning those articles of the Christian faith which are most surely held among us. They are not intended to add anything to the simple conditions of salvation revealed in the New Testament, viz., repentance towards God and faith in Jesus Christ as Savior and Lord.

"(2) That we do not regard them as complete statements of our faith, having any quality of finality or infallibility. As in the past so in the future, Baptists should hold themselves free to revise their statements of faith as may seem to them wise and expedient at any time.

"(3) That any group of Baptists, large or small, have the inherent right to draw up for themselves and publish to the world a confession of their faith whenever they may think it advisable to do so.

"(4) That the sole authority for

generation of Christians bears the responsibility of guarding the treasury of truth that has been entrusted to us [2 Timothy 1:14]. Facing a new century, Southern Baptists must meet the demands and duties of the present hour.

New challenges to faith appear in every age. A pervasive anti-supernaturalism in the culture was answered by Southern Baptists in 1925, when the *Baptist Faith and Message* was first adopted by this Convention. In 1963, Southern Baptists responded to assaults upon the authority and truthfulness of the Bible by adopting revisions to the *Baptist Faith and Message*. The Convention added an article on "The Family" in 1998, thus answering cultural confusion with the clear teachings of Scripture. Now, faced with a culture hostile to the very notion of truth, this generation of Baptists must claim anew the eternal truths of the Christian faith.

Your committee respects and celebrates the heritage of the *Baptist Faith and Message*, and affirms the decision of the Convention in 1925 to adopt the *New Hampshire Confession of Faith*, "revised at certain points and with some additional articles growing out of certain needs" We also respect the important contributions of the 1925 and 1963 editions of the *Baptist Faith and Message*.

With the 1963 committee, we have been guided in our work by the 1925 "statement of the historic Baptist conception of the nature and function of confessions of faith in our religious and denominational life" It is, therefore, quoted in full as a part of this report to the Convention:

(1) That they constitute a consensus of opinion of some

faith and practice among Baptists is the Scriptures of the Old and New Testaments. Confessions are only guides in interpretation, having no authority over the conscience.

"(5) That they are statements of religious convictions, drawn from the Scriptures, and are not to be used to hamper freedom of thought or investigation in other realms of life."

The 1925 Statement recommended "the New Hampshire Confession of Faith, revised at certain points, and with some additional articles growing out of certain needs" Your present committee has adopted the same pattern. It has sought to build upon the structure of the 1925 Statement, keeping in mind the "certain needs" of our generation. At times it has reproduced sections of that Statement without change. In other instances it has substituted words for clarity or added sentences for emphasis. At certain points it has combined articles, with minor changes in wording, to endeavor to relate certain doctrines to each other. In still others -- e.g., "God" and "Salvation" -- it has sought to bring together certain truths contained throughout the 1925 Statement in order to relate them more clearly and concisely. In no case has it sought to delete from or to add to the basic contents of the 1925 Statement.

Baptists are a people who profess a living faith. This faith is rooted and grounded in Jesus Christ who is "the same yesterday, and today, and forever." Therefore, the sole authority for faith and practice among Baptists is Jesus Christ whose will is revealed in the Holy Scriptures.

A living faith must experience a

Baptist body, large or small, for the general instruction and guidance of our own people and others concerning those articles of the Christian faith which are most surely held among us.

They are not intended to add anything to the simple conditions of salvation revealed in the New Testament, viz., repentance toward God and faith in Jesus Christ as Saviour and Lord.

(2) That we do not regard them as complete statements of our faith, having any quality of finality or infallibility. As in the past so in the future, Baptists should hold themselves free to revise their statements of faith as may seem to them wise and expedient at any time.

(3) That any group of Baptists, large or small, have the inherent right to draw up for themselves and publish to the world a confession of their faith whenever they may think it advisable to do so.

(4) That the sole authority for faith and practice among Baptists is the Scriptures of the Old and New Testaments. Confessions are only guides in interpretation, having no authority over the conscience.

(5) That they are statements of religious convictions, drawn from the Scriptures, and are not to be used to hamper freedom of thought or investigation in other realms of life.

Baptists cherish and defend religious liberty, and deny the right of any secular or religious authority to impose a confession of faith upon a church or body of churches. We honor the principles of soul competency and the priesthood of believers, affirming together both our liberty in Christ and our accountability to each other

	<p>growing understanding of truth and must be continually interpreted and related to the needs of each new generation. Throughout their history Baptist bodies, both large and small, have issued statements of faith which comprise a consensus of their beliefs. Such statements have never been regarded as complete, infallible statements of faith, nor as official creeds carrying mandatory authority. Thus this generation of Southern Baptists is in historic succession of intent and purpose as it endeavors to state for its time and theological climate those articles of the Christian faith which are most surely held among us.</p> <p>Baptists emphasize the soul's competency before God, freedom in religion, and the priesthood of the believer. However, this emphasis should not be interpreted to mean that there is an absence of certain definite doctrines that Baptists believe, cherish, and with which they have been and are now closely identified.</p> <p>It is the purpose of this statement of faith and message to set forth certain teachings which we believe.</p>	<p>under the Word of God.</p> <p>Baptist churches, associations, and general bodies have adopted confessions of faith as a witness to the world, and as instruments of doctrinal accountability. We are not embarrassed to state before the world that these are doctrines we hold precious and as essential to the Baptist tradition of faith and practice.</p> <p>As a committee, we have been charged to address the "certain needs" of our own generation. In an age increasingly hostile to Christian truth, our challenge is to express the truth as revealed in Scripture, and to bear witness to Jesus Christ, who is <i>"the Way, the Truth, and the Life."</i></p> <p>The 1963 committee rightly sought to identify and affirm "certain definite doctrines that Baptists believe, cherish, and with which they have been and are now closely identified." Our living faith is established upon eternal truths. "Thus this generation of Southern Baptists is in historic succession of intent and purpose as it endeavors to state for its time and theological climate those articles of the Christian faith which are most surely held among us."</p> <p>It is the purpose of this statement of faith and message to set forth certain teachings which we believe.</p> <p>Respectfully Submitted,</p> <p><i>The Baptist Faith and Message Study Committee</i> <i>Adrian Rogers, Chairman</i></p>
1925 Baptist Faith and Message Statement	1963 Baptist Faith and Message Statement with 1998 Amendment	Current Baptist Faith and Message Statement
I. The Scriptures	I. The Scriptures	I. The Scriptures

We believe that the Holy Bible was written by men divinely inspired, and is a perfect treasure of heavenly instruction; that it has God for its author, salvation for its end, and truth, without any mixture of error, for its matter; that it reveals the principles by which God will judge us; and therefore is, and will remain to the end of the world, the true center of Christian union, and the supreme standard by which all human conduct, creeds and religious opinions should be tried.

Luke 16:29-31; 2 Tim. 3:15-17; Eph. 2:20; Heb. 1:1; 2 Peter 1:19-21; John 16:13-15; Matt. 22:29-31; Psalm 19:7-10; Psalm 119:1-8.

II. God

There is one and only one living and true God, an intelligent, spiritual, and personal Being, the Creator, Preserver, and Ruler of the universe, infinite in holiness and all other perfections, to whom we owe the highest love, reverence, and obedience. He is revealed to us as Father, Son, and Holy Spirit, each with distinct personal attributes, but without division of nature, essence, or being.

Gen. 1:1; 1 Cor. 8:4-6; Deut. 6:4; Jer. 10:10; Isa. 48:12; Deut. 5:7; Ex. 3:14; Heb. 11:6; John 5:26; 1 Tim. 1:17; John 1:14-18; John 15:26; Gal. 4:6; Matt. 28:19.

The Holy Bible was written by men divinely inspired and is the record of God's revelation of Himself to man. It is a perfect treasure of divine instruction. It has God for its author, salvation for its end, and truth, without any mixture of error, for its matter. It reveals the principles by which God judges us; and therefore is, and will remain to the end of the world, the true center of Christian union, and the supreme standard by which all human conduct, creeds, and religious opinions should be tried. The criterion by which the Bible is to be interpreted is Jesus Christ.

Ex. 24:4; Deut. 4:1-2; 17:19; Josh. 8:34; Psalms 19:7-10; 119:11,89,105,140; Isa. 34:16; 40:8; Jer. 15:16; 36; Matt. 5:17-18; 22:29; Luke 21:33; 24:44-46; John 5:39; 16:13-15; 17:17; Acts 2:16ff.; 17:11; Rom. 15:4; 16:25-26; 2 Tim. 3:15-17; Heb. 1:1-2; 4:12; 1 Peter 1:25; 2 Peter 1:19-21.

II. God

There is one and only one living and true God. He is an intelligent, spiritual, and personal Being, the Creator, Redeemer, Preserver, and Ruler of the universe. God is infinite in holiness and all other perfections. To him we owe the highest love, reverence, and obedience. The eternal God reveals Himself to us as Father, Son, and Holy Spirit, with distinct personal attributes, but without division of nature, essence, or being.

1. God the Father

God as Father reigns with providential care over His universe, His creatures, and the flow of the stream of human

The Holy Bible was written by men divinely inspired and is God's revelation of Himself to man. It is a perfect treasure of divine instruction. It has God for its author, salvation for its end, and truth, without any mixture of error, for its matter. Therefore, all Scripture is totally true and trustworthy. It reveals the principles by which God judges us, and therefore is, and will remain to the end of the world, the true center of Christian union, and the supreme standard by which all human conduct, creeds, and religious opinions should be tried. All Scripture is a testimony to Christ, who is Himself the focus of divine revelation.

Exodus 24:4; Deuteronomy 4:1-2; 17:19; Joshua 8:34; Psalms 19:7-10; 119:11,89,105,140; Isaiah 34:16; 40:8; Jeremiah 15:16; 36:1-32; Matthew 5:17-18; 22:29; Luke 21:33; 24:44-46; John 5:39; 16:13-15; 17:17; Acts 2:16ff.; 17:11; Romans 15:4; 16:25-26; 2 Timothy 3:15-17; Hebrews 1:1-2; 4:12; 1 Peter 1:25; 2 Peter 1:19-21.

II. God

There is one and only one living and true God. He is an intelligent, spiritual, and personal Being, the Creator, Redeemer, Preserver, and Ruler of the universe. God is infinite in holiness and all other perfections. God is all powerful and all knowing; and His perfect knowledge extends to all things, past, present, and future, including the future decisions of His free creatures. To Him we owe the highest love, reverence, and obedience. The eternal triune God reveals Himself to us as Father, Son, and Holy Spirit, with distinct personal attributes, but without division of nature, essence, or being.

history according to the purposes of His grace. He is all powerful, all loving, and all wise. God is Father in truth to those who become children of God through faith in Jesus Christ. He is fatherly in his attitude toward all men.

Gen. 1:1; 2:7; Ex. 3:14; 6:2-3; 15:11ff.; 20:1ff.; Levit. 22:2; Deut. 6:4; 32:6; 1 Chron. 29:10; Psalm 19:1-3; Isa. 43:3, 15; 64:8; Jer. 10:10; 17:13; Matt. 6:9ff.; 7:11; 23:9; 28:19; Mark 1:9-11; John 4:24; 5:26; 14:6-13; 17:1-8; Acts 1:7; Rom. 8:14-15; 1 Cor. 8:6; Gal. 4:6; Ephes. 4:6; Col. 1:15; 1 Tim. 1:17; Heb. 11:6; 12:9; 1 Peter 1:17; 1 John 5:7.

2. God the Son

Christ is the eternal Son of God. In His incarnation as Jesus Christ He was conceived of the Holy Spirit and born of the virgin Mary. Jesus perfectly revealed and did the will of God, taking upon Himself the demands and necessities of human nature and identifying Himself completely with mankind yet without sin. He honored the divine law by His personal obedience, and in His death on the cross He made provision for the redemption of men from sin. He was raised from the dead with a glorified body and appeared to His disciples as the person who was with them before His crucifixion. He ascended into heaven and is now exalted at the right hand of God where He is the One Mediator, partaking of the nature of God and of man, and in whose Person is effected the reconciliation between God and man. He will return in power and glory to judge the world and to consummate His redemptive mission. He now dwells in all believers as the living and ever present Lord.

Gen. 18:1ff.; Psalms 2:7ff.;

A. God the Father

God as Father reigns with providential care over His universe, His creatures, and the flow of the stream of human history according to the purposes of His grace. He is all powerful, all knowing, all loving, and all wise. God is Father in truth to those who become children of God through faith in Jesus Christ. He is fatherly in His attitude toward all men.

Genesis 1:1; 2:7; Exodus 3:14; 6:2-3; 15:11ff.; 20:1ff.; Leviticus 22:2; Deuteronomy 6:4; 32:6; 1 Chronicles 29:10; Psalm 19:1-3; Isaiah 43:3, 15; 64:8; Jeremiah 10:10; 17:13; Matthew 6:9ff.; 7:11; 23:9; 28:19; Mark 1:9-11; John 4:24; 5:26; 14:6-13; 17:1-8; Acts 1:7; Romans 8:14-15; 1 Corinthians 8:6; Galatians 4:6; Ephesians 4:6; Colossians 1:15; 1 Timothy 1:17; Hebrews 11:6; 12:9; 1 Peter 1:17; 1 John 5:7.

B. God the Son

Christ is the eternal Son of God. In His incarnation as Jesus Christ He was conceived of the Holy Spirit and born of the virgin Mary. Jesus perfectly revealed and did the will of God, taking upon Himself human nature with its demands and necessities and identifying Himself completely with mankind yet without sin. He honored the divine law by His personal obedience, and in His substitutionary death on the cross He made provision for the redemption of men from sin. He was raised from the dead with a glorified body and appeared to His disciples as the person who was with them before His crucifixion. He ascended into heaven and is now exalted at the right hand of God where He is the One Mediator, fully God, fully man, in whose Person is effected the reconciliation between God and man. He will return in power and glory to

110:1ff.; Isa. 7:14; 53; Matt. 1:18-23; 3:17; 8:29; 11:27; 14:33; 16:16,27; 17:5; 27; 28:1-6,19; Mark 1:1; 3:11; Luke 1:35; 4:41; 22:70; 24:46; John 1:1-18,29; 10:30,38; 11:25-27; 12:44-50; 14:7-11; 16:15-16,28; 17:1-5, 21-22; 20:1-20,28; Acts 1:9; 2:22-24; 7:55-56; 9:4-5,20; Rom. 1:3-4; 3:23-26; 5:6-21; 8:1-3,34; 10:4; 1 Cor. 1:30; 2:2; 8:6; 15:1-8,24-28; 2 Cor. 5:19-21; 8:9; Gal. 4:4-5; Ephes. 1:20; 3:11; 4:7-10; Phil. 2:5-11; Col. 1:13-22; 2:9; 1 Thess. 4:14-18; 1 Tim. 2:5-6; 3:16; Titus 2:13-14; Heb. 1:1-3; 4:14-15; 7:14-28; 9:12-15,24-28; 12:2; 13:8; 1 Peter 2:21-25; 3:22; 1 John 1:7-9; 3:2; 4:14-15; 5:9; 2 John 7-9; Rev. 1:13-16; 5:9-14; 12:10-11; 13:8; 19:16.

3. God the Holy Spirit

The Holy Spirit is the Spirit of God. He inspired holy men of old to write the Scriptures. Through illumination He enables men to understand truth. He exalts Christ. He convicts of sin, of righteousness and of judgment. He calls men to the Saviour, and effects regeneration. He cultivates Christian character, comforts believers, and bestows the spiritual gifts by which they serve God through His church. He seals the believer unto the day of final redemption. His presence in the Christian is the assurance of God to bring the believer into the fulness of the stature of Christ. He enlightens and empowers the believer and the church in worship, evangelism, and service.

Gen. 1:2; Judg. 14:6; Job 26:13; Psalms 51:11; 139:7ff.; Isa. 61:1-3; Joel 2:28-32; Matt. 1:18; 3:16; 4:1; 12:28-32; 28:19; Mark 1:10,12; Luke 1:35; 4:1,18-19; 11:13; 12:12; 24:49; John 4:24; 14:16-17,26; 15:26; 16:7-14; Acts 1:8; 2:1-4,38; 4:31; 5:3; 6:3; 7:55; 8:17,39; 10:44; 13:2; 15:28; 16:6; 19:1-6; Rom. 8:9-

judge the world and to consummate His redemptive mission. He now dwells in all believers as the living and ever present Lord.

Genesis 18:1ff.; Psalms 2:7ff.; 110:1ff.; Isaiah 7:14; 53; Matthew 1:18-23; 3:17; 8:29; 11:27; 14:33; 16:16,27; 17:5; 27; 28:1-6,19; Mark 1:1; 3:11; Luke 1:35; 4:41; 22:70; 24:46; John 1:1-18,29; 10:30,38; 11:25-27; 12:44-50; 14:7-11; 16:15-16,28; 17:1-5, 21-22; 20:1-20,28; Acts 1:9; 2:22-24; 7:55-56; 9:4-5,20; Romans 1:3-4; 3:23-26; 5:6-21; 8:1-3,34; 10:4; 1 Corinthians 1:30; 2:2; 8:6; 15:1-8,24-28; 2 Corinthians 5:19-21; 8:9; Galatians 4:4-5; Ephesians 1:20; 3:11; 4:7-10; Philippians 2:5-11; Colossians 1:13-22; 2:9; 1 Thessalonians 4:14-18; 1 Timothy 2:5-6; 3:16; Titus 2:13-14; Hebrews 1:1-3; 4:14-15; 7:14-28; 9:12-15,24-28; 12:2; 13:8; 1 Peter 2:21-25; 3:22; 1 John 1:7-9; 3:2; 4:14-15; 5:9; 2 John 7-9; Revelation 1:13-16; 5:9-14; 12:10-11; 13:8; 19:16.

C. God the Holy Spirit

The Holy Spirit is the Spirit of God, fully divine. He inspired holy men of old to write the Scriptures. Through illumination He enables men to understand truth. He exalts Christ. He convicts men of sin, of righteousness, and of judgment. He calls men to the Saviour, and effects regeneration. At the moment of regeneration He baptizes every believer into the Body of Christ. He cultivates Christian character, comforts believers, and bestows the spiritual gifts by which they serve God through His church. He seals the believer unto the day of final redemption. His presence in the Christian is the guarantee that God will bring the believer into the fullness of the stature of Christ. He enlightens and empowers the

	<p>11,14-16,26-27; 1 Cor. 2:10-14; 3:16; 12:3-11; Gal. 4:6; Ephes. 1:13-14; 4:30; 5:18; 1 Thess. 5:19; 1 Tim. 3:16; 4:1; 2 Tim. 1:14; 3:16; Heb. 9:8,14; 2 Peter 1:21; 1 John 4:13; 5:6-7; Rev. 1:10; 22:17.</p>	<p>believer and the church in worship, evangelism, and service.</p> <p>Genesis 1:2; Judges 14:6; Job 26:13; Psalms 51:11; 139:7ff.; Isaiah 61:1-3; Joel 2:28-32; Matthew 1:18; 3:16; 4:1; 12:28-32; 28:19; Mark 1:10,12; Luke 1:35; 4:1,18-19; 11:13; 12:12; 24:49; John 4:24; 14:16-17,26; 15:26; 16:7-14; Acts 1:8; 2:1-4,38; 4:31; 5:3; 6:3; 7:55; 8:17,39; 10:44; 13:2; 15:28; 16:6; 19:1-6; Romans 8:9-11,14-16,26-27; 1 Corinthians 2:10-14; 3:16; 12:3-11,13; Galatians 4:6; Ephesians 1:13-14; 4:30; 5:18; 1 Thessalonians 5:19; 1 Timothy 3:16; 4:1; 2 Timothy 1:14; 3:16; Hebrews 9:8,14; 2 Peter 1:21; 1 John 4:13; 5:6-7; Revelation 1:10; 22:17.</p>
<h3>III. The Fall of Man</h3> <p>Man was created by the special act of God, as recorded in Genesis. "So God created man in his own image, in the image of God created he him; male and female created he them" (Gen. 1:27). "And the Lord God formed man of the dust of the ground, and breathed into his nostrils the breath of life; and man became a living soul" (Gen. 2:7).</p> <p>He was created in a state of holiness under the law of his Maker, but, through the temptation of Satan, he transgressed the command of God and fell from his original holiness and righteousness; whereby his posterity inherit a nature corrupt and in bondage to sin, are under condemnation, and as soon as they are capable of moral action, become actual transgressors.</p> <p>Gen. 1:27; Gen. 2:7; John 1:23; Gen. 3:4-7; Gen. 3:22-24; Rom. 5:12,14,19, 21; Rom. 7:23-25; Rom. 11:18,22,32-33; Col. 1:21.</p>	<h3>III. Man</h3> <p>Man was created by the special act of God, in His own image, and is the crowning work of His creation. In the beginning man was innocent of sin and was endowed by his Creator with freedom of choice. By his free choice man sinned against God and brought sin into the human race. Through the temptation of Satan man transgressed the command of God, and fell from his original innocence; whereby his posterity inherit a nature and an environment inclined toward sin, and as soon as they are capable of moral action become transgressors and are under condemnation. Only the grace of God can bring man into His holy fellowship and enable man to fulfill the creative purpose of God. The sacredness of human personality is evident in that God created man in His own image, and in that Christ died for man; therefore every man possesses dignity and is worthy of respect and Christian love.</p> <p>Gen. 1:26-30; 2:5,7,18-22; 3:9-6; Psalms 1; 8:3-6; 32:1-5;</p>	<h3>III. Man</h3> <p>Man is the special creation of God, made in His own image. He created them male and female as the crowning work of His creation. The gift of gender is thus part of the goodness of God's creation. In the beginning man was innocent of sin and was endowed by his Creator with freedom of choice. By his free choice man sinned against God and brought sin into the human race. Through the temptation of Satan man transgressed the command of God, and fell from his original innocence whereby his posterity inherit a nature and an environment inclined toward sin. Therefore, as soon as they are capable of moral action, they become transgressors and are under condemnation. Only the grace of God can bring man into His holy fellowship and enable man to fulfill the creative purpose of God. The sacredness of human personality is evident in that God created man in His own image, and in that Christ died for man; therefore, every person</p>

51:5; Isa. 6:5; Jer. 17:5; Matt. 16:26; Acts 17:26-31; Rom. 1:19-32; 3:10-18,23; 5:6,12,19; 6:6; 7:14-25; 8:14-18,29; 1 Cor. 1:21-31; 15:19,21-22; Eph. 2:1-22; Col. 1:21-22; 3:9-11.

of every race possesses full dignity and is worthy of respect and Christian love.

Genesis 1:26-30; 2:5,7,18-22; 3:9; 9:6; Psalms 1; 8:3-6; 32:1-5; 51:5; Isaiah 6:5; Jeremiah 17:5; Matthew 16:26; Acts 17:26-31; Romans 1:19-32; 3:10-18,23; 5:6,12,19; 6:6; 7:14-25; 8:14-18,29; 1 Corinthians 1:21-31; 15:19,21-22; Ephesians 2:1-22; Colossians 1:21-22; 3:9-11.

IV. The Way of Salvation

The salvation of sinners is wholly of grace, through the mediatorial office of the Son of God, who by the Holy Spirit was born of the Virgin Mary and took upon him our nature, yet without sin; honored the divine law by his personal obedience and made atonement for our sins by his death. Being risen from the dead, he is now enthroned in Heaven, and, uniting in his person the tenderest sympathies with divine perfections, he is in every way qualified to be a compassionate and all-sufficient Saviour.

Col. 1:21-22; Eph. 1:7-10; Gal. 2:19-20; Gal. 3:13; Rom. 1:4; Eph. 1:20-23; Matt. 1:21-25; Luke 1:35; 2:11; Rom. 3:25.

V. Justification

Justification is God's gracious and full acquittal upon principles of righteousness of all sinners who believe in Christ. This blessing is bestowed, not in consideration of any works of righteousness which we have done, but through the redemption that is in and through Jesus Christ. It brings us into a state of most blessed peace and favor with God, and secures every other needed blessing.

Rom. 3:24; 4:2; 5:1-2; 8:30; Eph. 1:7; 1 Cor. 1:30-31; 2 Cor.

IV. Salvation

Salvation involves the redemption of the whole man, and is offered freely to all who accept Jesus Christ as Lord and Saviour, who by His own blood obtained eternal redemption for the believer. In its broadest sense salvation includes regeneration, sanctification, and glorification.

1. Regeneration, or the new birth, is a work of God's grace whereby believers become new creatures in Christ Jesus. It is a change of heart wrought by the Holy Spirit through conviction of sin, to which the sinner responds in repentance toward God and faith in the Lord Jesus Christ.

Repentance and faith are inseparable experiences of grace. Repentance is a genuine turning from sin toward God. Faith is the acceptance of Jesus Christ and commitment of the entire personality to Him as Lord and Saviour. Justification is God's gracious and full acquittal upon principles of His righteousness of all sinners who repent and believe in Christ. Justification brings the believer into a relationship of peace and favor with God.

2. Sanctification is the experience, beginning in regeneration, by which the believer is set apart to God's

IV. Salvation

Salvation involves the redemption of the whole man, and is offered freely to all who accept Jesus Christ as Lord and Saviour, who by His own blood obtained eternal redemption for the believer. In its broadest sense salvation includes regeneration, justification, sanctification, and glorification. There is no salvation apart from personal faith in Jesus Christ as Lord.

A. Regeneration, or the new birth, is a work of God's grace whereby believers become new creatures in Christ Jesus. It is a change of heart wrought by the Holy Spirit through conviction of sin, to which the sinner responds in repentance toward God and faith in the Lord Jesus Christ. Repentance and faith are inseparable experiences of grace.

Repentance is a genuine turning from sin toward God. Faith is the acceptance of Jesus Christ and commitment of the entire personality to Him as Lord and Saviour.

B. Justification is God's gracious and full acquittal upon principles of His righteousness of all sinners who repent and believe in Christ. Justification brings the believer unto a relationship of peace and favor

5:21.

VI. The Freeness of Salvation

The blessings of salvation are made free to all by the gospel. It is the duty of all to accept them by penitent and obedient faith. Nothing prevents the salvation of the greatest sinner except his own voluntary refusal to accept Jesus Christ as teacher, Saviour, and Lord.

Eph. 1:5; 2:4-10; 1 Cor. 1:30-31; Rom. 5:1-9; Rev. 22:17; John 3:16; Mark 16:16.

VII. Regeneration

Regeneration or the new birth is a change of heart wrought by the Holy Spirit, whereby we become partakers of the divine nature and a holy disposition is given, leading to the love and practice of righteousness. It is a work of God's free grace conditioned upon faith in Christ and made manifest by the fruit which we bring forth to the glory of God.

John 3:1-8, 1:16-18; Rom. 8:2; Eph. 2:1,5-6,8,10; Eph. 4:30,32; Col. 3:1-11; Titus 3:5.

VIII. Repentance and Faith

We believe that repentance and faith are sacred duties, and also inseparable graces, wrought in our souls by the regenerating Spirit of God; whereby being deeply convinced of our guilt, danger, and helplessness, and of the way of salvation by Christ, we turn to God with unfeigned contrition, confession, and supplication for mercy; at the same time heartily receiving the Lord Jesus Christ as our Prophet, Priest, and King, and relying on him alone as the only and all-sufficient

purposes, and is enabled to progress toward moral and spiritual perfection through the presence and power of the Holy Spirit dwelling in him. Growth in grace should continue throughout the regenerate person's life.

3. Glorification is the culmination of salvation and is the final blessed and abiding state of the redeemed.

Gen. 3:15; Ex. 3:14-17; 6:2-8; Matt. 1:21; 4:17; 16:21-26; 27:22-28:6; Luke 1:68-69; 2:28-32; John 1:11-14,29; 3:3-21,36; 5:24; 10:9,28-29; 15:1-16; 17:17; Acts 2:21; 4:12; 15:11; 16:30-31; 17:30-31; 20:32; Rom. 1:16-18; 2:4; 3:23-25; 4:3ff.; 5:8-10; 6:1-23; 8:1-18,29-39; 10:9-10,13; 13:11-14; 1 Cor. 1:18,30; 6:19-20; 15:10; 2 Cor. 5:17-20; Gal. 2:20; 3:13; 5:22-25; 6:15; Ephes. 1:7; 2:8-22; 4:11-16; Phil. 2:12-13; Col. 1:9-22; 3:1ff.; 1 Thess. 5:23-24; 2 Tim. 1:12; Titus 2:11-14; Heb. 2:1-3; 5:8-9; 9:24-28; 11:1-12:8,14; James 2:14-26; 1 Peter 1:2-23; 1 John 1:6-2:11; Rev. 3:20; 21:1-22:5.

with God.

C. Sanctification is the experience, beginning in regeneration, by which the believer is set apart to God's purposes, and is enabled to progress toward moral and spiritual maturity through the presence and power of the Holy Spirit dwelling in him. Growth in grace should continue throughout the regenerate person's life.

D. Glorification is the culmination of salvation and is the final blessed and abiding state of the redeemed.

Genesis 3:15; Exodus 3:14-17; 6:2-8; Matthew 1:21; 4:17; 16:21-26; 27:22-28:6; Luke 1:68-69; 2:28-32; John 1:11-14,29; 3:3-21,36; 5:24; 10:9,28-29; 15:1-16; 17:17; Acts 2:21; 4:12; 15:11; 16:30-31; 17:30-31; 20:32; Romans 1:16-18; 2:4; 3:23-25; 4:3ff.; 5:8-10; 6:1-23; 8:1-18,29-39; 10:9-10,13; 13:11-14; 1 Corinthians 1:18,30; 6:19-20; 15:10; 2 Corinthians 5:17-20; Galatians 2:20; 3:13; 5:22-25; 6:15; Ephesians 1:7; 2:8-22; 4:11-16; Philippians 2:12-13; Colossians 1:9-22; 3:1ff.; 1 Thessalonians 5:23-24; 2 Timothy 1:12; Titus 2:11-14; Hebrews 2:1-3; 5:8-9; 9:24-28; 11:1-12:8,14; James 2:14-26; 1 Peter 1:2-23; 1 John 1:6-2:11; Revelation 3:20; 21:1-22:5.

Saviour.

Luke 22:31-34; Mark 1:15; 1 Tim. 1:13; Rom. 3:25,27,31; Rom. 4:3,9,12,16-17; John 16:8-11.

X. Sanctification

Sanctification is the process by which the regenerate gradually attain to moral and spiritual perfection through the presence and power of the Holy Spirit dwelling in their hearts. It continues throughout the earthly life, and is accomplished by the use of all the ordinary means of grace, and particularly by the Word of God.

Acts 20:32; John 17:17; Rom. 6:5-6; Eph. 3:16; Rom. 4:14; Gal. 5:24; Heb. 12:14; Rom. 7:18-25; 2 Cor. 3:18; Gal. 5:16,25-26.

IX. God's Purpose of Grace

Election is the gracious purpose of God, according to which he regenerates, sanctifies and saves sinners. It is perfectly consistent with the free agency of man, and comprehends all the means in connection with the end. It is a most glorious display of God's sovereign goodness, and is infinitely wise, holy, and unchangeable. It excludes boasting and promotes humility. It encourages the use of means in the highest degree.

Rom. 8:30; 11:7; Eph. 1:10; Acts 26:18; Eph. 1:17-19; 2 Tim. 1:9; Psalm 110:3; 1 Cor. 2:14; Eph. 2:5; John 6:44-45,65; Rom. 10:12-15.

XI. Perseverance

All real believers endure to the end. Their continuance in well-doing is the mark which

V. God's Purpose of Grace

Election is the gracious purpose of God, according to which He regenerates, sanctifies, and glorifies sinners. It is consistent with the free agency of man and comprehends all the means in connection with the end. It is a glorious display of God's sovereign goodness, and is infinitely wise, holy, and unchangeable. It excludes boasting and promotes humility.

All true believers endure to the end. Those whom God has accepted in Christ, and sanctified by His Spirit, will never fall away from the state of grace, but shall persevere to the end. Believers may fall into sin through neglect and temptation, whereby they grieve the Spirit, impair their graces and comforts, bring reproach on the cause of Christ, and temporal judgments on themselves, yet they shall be kept by the power of God through faith unto

V. God's Purpose of Grace

Election is the gracious purpose of God, according to which He regenerates, justifies, sanctifies, and glorifies sinners. It is consistent with the free agency of man, and comprehends all the means in connection with the end. It is the glorious display of God's sovereign goodness, and is infinitely wise, holy, and unchangeable. It excludes boasting and promotes humility.

All true believers endure to the end. Those whom God has accepted in Christ, and sanctified by His Spirit, will never fall away from the state of grace, but shall persevere to the end. Believers may fall into sin through neglect and temptation, whereby they grieve the Spirit, impair their graces and comforts, and bring reproach on the cause of Christ and temporal judgments on themselves; yet they shall be kept by the power of God

distinguishes them from mere professors. A special Providence cares for them, and they are kept by the power of God through faith unto salvation.

John 10:28-29; 2 Tim. 2:19; 1 John 2:19; 1 Cor. 11:32; Rom. 8:30; 9:11,16; Rom. 5:9-10; Matt. 26:70-75.

XII. The Gospel Church

A church of Christ is a congregation of baptized believers, associated by covenant in the faith and fellowship of the gospel; observing the ordinances of Christ, governed by his laws, and exercising the gifts, rights, and privileges invested in them by his word, and seeking to extend the gospel to the ends of the earth. Its Scriptural officers are bishops, or elders, and deacons.

Matt. 16:18; Matt. 18:15-18; Rom. 1:7; 1 Cor. 1:2; Acts 2:41-42; 5:13-14; 2 Cor. 9:13; Phil. 1:1; 1 Tim. 4:14; Acts 14:23; Acts 6:3,5-6; Heb. 13:17; 1 Cor. 9:6,14.

salvation.

Gen. 12:1-3; Ex. 19:5-8; 1 Sam. 8:4-7,19-22; Isa. 5:1-7; Jer. 31:31ff.; Matt. 16:18-19; 21:28-45; 24:22,31; 25:34; Luke 1:68-79; 2:29-32; 19:41-44; 24:44-48; John 1:12-14; 3:16; 5:24; 6:44-45,65; 10:27-29; 15:16; 17:6,12,17-18; Acts 20:32; Rom. 5:9-10; 8:28-39; 10:12-15; 11:5-7,26-36; 1 Cor. 1:1-2; 15:24-28; Ephes. 1:4-23; 2:1-10; 3:1-11; Col. 1:12-14; 2 Thess. 2:13-14; 2 Tim. 1:12; 2:10,19; Heb. 11:39-12:2; 1 Peter 1:2-5,13; 2:4-10; 1 John 1:7-9; 2:19; 3:2.

VI. The Church

A New Testament church of the Lord Jesus Christ is a local body of baptized believers who are associated by covenant in the faith and fellowship of the gospel, observing the two ordinances of Christ, committed to His teachings, exercising the gifts, rights, and privileges invested in them by His Word, and seeking to extend the gospel to the ends of the earth.

This church is an autonomous body, operating through democratic processes under the Lordship of Jesus Christ. In such a congregation, members are equally responsible. Its Scriptural officers are pastors and deacons.

The New Testament speaks also of the church as the body of Christ which includes all of the redeemed of all the ages.

Matt. 16:15-19; 18:15-20; Acts 2:41-42,47; 5:11-14; 6:3-6; 13:1-3; 14:23,27; 15:1-30; 16:5; 20:28; Rom. 1:7; 1 Cor. 1:2; 3:16; 5:4-5; 7:17; 9:13-14; 12; Ephes. 1:22-23; 2:19-22; 3:8-11,21; 5:22-32; Phil. 1:1; Col. 1:18; 1 Tim. 3:1-15; 4:14; 1

through faith unto salvation.

Genesis 12:1-3; Exodus 19:5-8; 1 Samuel 8:4-7,19-22; Isaiah 5:1-7; Jeremiah 31:31ff.; Matthew 16:18-19; 21:28-45; 24:22,31; 25:34; Luke 1:68-79; 2:29-32; 19:41-44; 24:44-48; John 1:12-14; 3:16; 5:24; 6:44-45,65; 10:27-29; 15:16; 17:6,12,17-18; Acts 20:32; Romans 5:9-10; 8:28-39; 10:12-15; 11:5-7,26-36; 1 Corinthians 1:1-2; 15:24-28; Ephesians 1:4-23; 2:1-10; 3:1-11; Colossians 1:12-14; 2 Thessalonians 2:13-14; 2 Timothy 1:12; 2:10,19; Hebrews 11:39-12:2; James 1:12; 1 Peter 1:2-5,13; 2:4-10; 1 John 1:7-9; 2:19; 3:2.

VI. The Church

A New Testament church of the Lord Jesus Christ is an autonomous local congregation of baptized believers, associated by covenant in the faith and fellowship of the gospel; observing the two ordinances of Christ, governed by His laws, exercising the gifts, rights, and privileges invested in them by His Word, and seeking to extend the gospel to the ends of the earth. Each congregation operates under the Lordship of Christ through democratic processes. In such a congregation each member is responsible and accountable to Christ as Lord. Its scriptural officers are pastors and deacons. While both men and women are gifted for service in the church, the office of pastor is limited to men as qualified by Scripture.

The New Testament speaks also of the church as the Body of Christ which includes all of the redeemed of all the ages, believers from every tribe, and tongue, and people, and nation.

Matthew 16:15-19; 18:15-20; Acts 2:41-42,47; 5:11-14; 6:3-6;

<p>XIII. Baptism and the Lord's Supper</p> <p>Christian baptism is the immersion of a believer in water in the name of the Father, the Son, and the Holy Spirit. The act is a symbol of our faith in a crucified, buried and risen Saviour. It is prerequisite to the privileges of a church relation and to the Lord's Supper, in which the members of the church, by the use of bread and wine, commemorate the dying love of Christ.</p> <p><i>Matt. 28:19-20; 1 Cor. 4:1; Rom. 6:3-5; Col. 2:12; Mark 1:4; Matt. 3:16; John 3:23; 1 Cor. 11:23-26; 1 Cor. 10:16-17,21; Matt. 26:26-27; Acts 8:38-39; Mark 1:9-11.</i></p>	<p><i>Peter 5:1-4; Rev. 2-3; 21:2-3.</i></p> <p>VII. Baptism and the Lord's Supper</p> <p>Christian baptism is the immersion of a believer in water in the name of the Father, the Son, and the Holy Spirit. It is an act of obedience symbolizing the believer's faith in a crucified, buried, and risen Saviour, the believer's death to sin, the burial of the old life, and the resurrection to walk in newness of life in Christ Jesus. It is a testimony to his faith in the final resurrection of the dead. Being a church ordinance, it is prerequisite to the privileges of church membership and to the Lord's Supper.</p> <p>The Lord's Supper is a symbolic act of obedience whereby members of the church, through partaking of the bread and the fruit of the vine, memorialize the death of the Redeemer and anticipate His second coming.</p> <p><i>Matt. 3:13-17; 26:26-30; 28:19-20; Mark 1:9-11; 14:22-26; Luke 3:21-22; 22:19-20; John 3:23; Acts 2:41-42; 8:35-39; 16:30-33; Acts 20:7; Rom. 6:3-5; 1 Cor. 10:16,21; 11:23-29; Col. 2:12.</i></p>	<p><i>13:1-3; 14:23,27; 15:1-30; 16:5; 20:28; Romans 1:7; 1 Corinthians 1:2; 3:16; 5:4-5; 7:17; 9:13-14; 12; Ephesians 1:22-23; 2:19-22; 3:8-11,21; 5:22-32; Philippians 1:1; Colossians 1:18; 1 Timothy 2:9-14; 3:1-15; 4:14; Hebrews 11:39-40; 1 Peter 5:1-4; Revelation 2-3; 21:2-3.</i></p> <p>VII. Baptism and the Lord's Supper</p> <p>Christian baptism is the immersion of a believer in water in the name of the Father, the Son, and the Holy Spirit. It is an act of obedience symbolizing the believer's faith in a crucified, buried, and risen Saviour, the believer's death to sin, the burial of the old life, and the resurrection to walk in newness of life in Christ Jesus. It is a testimony to his faith in the final resurrection of the dead. Being a church ordinance, it is prerequisite to the privileges of church membership and to the Lord's Supper.</p> <p>The Lord's Supper is a symbolic act of obedience whereby members of the church, through partaking of the bread and the fruit of the vine, memorialize the death of the Redeemer and anticipate His second coming.</p> <p><i>Matthew 3:13-17; 26:26-30; 28:19-20; Mark 1:9-11; 14:22-26; Luke 3:21-22; 22:19-20; John 3:23; Acts 2:41-42; 8:35-39; 16:30-33; 20:7; Romans 6:3-5; 1 Corinthians 10:16,21; 11:23-29; Colossians 2:12.</i></p>
<p>XIV. The Lord's Day</p> <p>The first day of the week is the Lord's day. It is a Christian institution for regular observance. It commemorates the resurrection of Christ from the dead and should be employed in exercises of worship and spiritual devotion,</p>	<p>VIII. The Lord's Day</p> <p>The first day of the week is the Lord's Day. It is a Christian institution for regular observance. It commemorates the resurrection of Christ from the dead and should be employed in exercises of worship and spiritual devotion,</p>	<p>VIII. The Lord's Day</p> <p>The first day of the week is the Lord's Day. It is a Christian institution for regular observance. It commemorates the resurrection of Christ from the dead and should include exercises of worship and spiritual devotion, both public</p>

both public and private, and by refraining from worldly amusements, and resting from secular employments, works of necessity and mercy only excepted.

Ex. 20:3-6; Matt. 4:10; Matt. 28:19; 1 Tim. 4:13; Col. 3:16; John 4:21; Ex. 20:8; 1 Cor. 16:1-2; Acts 20:7; Rev. 1:1; Matt. 12:1-13.

XXV. The Kingdom

The Kingdom of God is the reign of God in the heart and life of the individual in every human relationship, and in every form and institution of organized human society. The chief means for promoting the Kingdom of God on earth are preaching the gospel of Christ, and teaching the principles of righteousness contained therein. The Kingdom of God will be complete when every thought and will of man shall be brought into captivity to the will of Christ. And it is the duty of all Christ's people to pray and labor continually that his Kingdom may come and his will be done on earth as it is done in heaven.

Dan. 2:37-44; 7:18; Matt. 4:23; 8:12; 12:25; 13:38,43; 25:34; 26:29; Mark 11:10; Luke 12:32; 22:29; Acts 1:6; 1 Cor. 15:24; Col. 1:13; Heb. 12:28; Rev. 1:9; Luke 4:43; 8:1; 9:2; 17:20-21; John 3:3; John 18:36; Matt. 6:10; Luke 23:42.

XV. The Righteous and the Wicked

There is a radical and essential difference between the righteous and wicked. Those only who are justified through the name of the Lord Jesus Christ and sanctified by the Holy Spirit are truly righteous in

both public and private, and by refraining from worldly amusements, and resting from secular employments, work of necessity and mercy only being excepted.

Ex. 20:8-11; Matt. 12:1-12; 28:1ff.; Mark 2:27-28; 16:1-7; Luke 24:1-3,33-36; John 4:21-24; 20:1,19-28; Acts 20:7; 1 Cor. 16:1-2; Col. 2:16; 3:16; Rev. 1:10.

IX. The Kingdom

The kingdom of God includes both His general sovereignty over the universe and His particular kingship over men who willfully acknowledge Him as King. Particularly the kingdom is the realm of salvation into which men enter by trustful, childlike commitment to Jesus Christ. Christians ought to pray and to labor that the kingdom may come and God's will be done on earth. The full consummation of the kingdom awaits the return of Jesus Christ and the end of this age.

Gen. 1:1; Isa. 9:6-7; Jer. 23:5-6; Matt. 3:2; 4:8-10,23; 12:25-28; 13:1-52; 25:31-46; 26:29; Mark 1:14-15; 9:1; Luke 4:43; 8:1; 9:2; 12:31-32; 17:20-21; 23:42; John 3:3; 18:36; Acts 1:6-7; 17:22-31; Rom. 5:17; 8:19; 1 Cor. 15:24-28; Col. 1:13; Heb. 11:10,16; 12:28; 1 Peter 2:4-10; 4:13; Rev. 1:6,9; 5:10; 11:15; 21-22.

X. Last Things

God, in His own time and in His own way, will bring the world to its appropriate end. According to His promise, Jesus Christ will return personally and visibly in glory to the earth; the dead will be raised; and Christ will judge all men in righteousness. The

and private. Activities on the Lord's Day should be commensurate with the Christian's conscience under the Lordship of Jesus Christ.

Exodus 20:8-11; Matthew 12:1-12; 28:1ff.; Mark 2:27-28; 16:1-7; Luke 24:1-3,33-36; John 4:21-24; 20:1,19-28; Acts 20:7; Romans 14:5-10; 1 Corinthians 16:1-2; Colossians 2:16; 3:16; Revelation 1:10.

IX. The Kingdom

The Kingdom of God includes both His general sovereignty over the universe and His particular kingship over men who willfully acknowledge Him as King. Particularly the Kingdom is the realm of salvation into which men enter by trustful, childlike commitment to Jesus Christ. Christians ought to pray and to labor that the Kingdom may come and God's will be done on earth. The full consummation of the Kingdom awaits the return of Jesus Christ and the end of this age.

Genesis 1:1; Isaiah 9:6-7; Jeremiah 23:5-6; Matthew 3:2; 4:8-10,23; 12:25-28; 13:1-52; 25:31-46; 26:29; Mark 1:14-15; 9:1; Luke 4:43; 8:1; 9:2; 12:31-32; 17:20-21; 23:42; John 3:3; 18:36; Acts 1:6-7; 17:22-31; Romans 5:17; 8:19; 1 Corinthians 15:24-28; Colossians 1:13; Hebrews 11:10,16; 12:28; 1 Peter 2:4-10; 4:13; Revelation 1:6,9; 5:10; 11:15; 21-22.

X. Last Things

God, in His own time and in His own way, will bring the world to its appropriate end. According to His promise, Jesus Christ will return personally and visibly in glory to the earth; the dead will be raised; and Christ will judge all men in righteousness. The

his sight. Those who continue in impenitence and unbelief are in his sight wicked and are under condemnation. This distinction between the righteous and the wicked holds in and after death, and will be made manifest at the judgment when final and everlasting awards are made to all men.

Gen. 3:19; Acts 13:36; Luke 23:43; 2 Cor. 5:1,6,8; Phil. 1:23; 1 Cor. 15:51-52; 1 Thess. 4:17; Phil. 3:21; 1 Cor. 6:3; Matt. 25:32-46; Rom. 9:22-23; Mark 9:48; 1 Thess. 1:7-10; Rev. 22:20.

XVI. The Resurrection

The Scriptures clearly teach that Jesus rose from the dead. His grave was emptied of its contents. He appeared to the disciples after his resurrection in many convincing manifestations. He now exists in his glorified body at God's right hand. There will be a resurrection of the righteous and the wicked. The bodies of the righteous will conform to the glorious spiritual body of Jesus.

1 Cor. 15:1-58; 2 Cor. 5:1-8; 1 Thess. 4:17; John 5:28-29; Phil. 3:21; Acts 24:15; John 20:9; Matt. 28:6.

XVII. The Return of the Lord

The New Testament teaches in many places the visible and personal return of Jesus to this earth. "This same Jesus which is taken up from you into heaven, shall so come in like manner as ye have seen him go into heaven." The time of his coming is not revealed. "Of that day and hour knoweth no one, no, not the angels in heaven, but my Father only" (Matt. 24:36). It is the duty of all believers to live in readiness for his coming and by diligence in

unrighteous will be consigned to hell, the place of everlasting punishment. The righteous in their resurrected and glorified bodies will receive their reward and will dwell forever in heaven with the Lord.

Isa. 2:4; 11:9; Matt. 16:27; 18:8-9; 19:28; 24:27,30,36,44; 25:31-46; 26:64; Mark 8:38; 9:43-48; Luke 12:40,48; 16:19-26; 17:22-37; 21:27-28; John 14:1-3; Acts 1:11; 17:31; Rom. 14:10; 1 Cor. 4:5; 15:24-28,35-58; 2 Cor. 5:10; Phil. 3:20-21; Col. 1:5; 3:4; 1 Thess. 4:14-18; 5:1ff.; 2 Thess. 1:7ff.; 2; 1 Tim. 6:14; 2 Tim. 4:1,8; Titus 2:13; Heb. 9:27-28; James 5:8; 2 Peter 3:7ff.; 1 John 2:28; 3:2; Jude 14; Rev. 1:18; 3:11; 20:1-22:13.

unrighteous will be consigned to Hell, the place of everlasting punishment. The righteous in their resurrected and glorified bodies will receive their reward and will dwell forever in Heaven with the Lord.

Isaiah 2:4; 11:9; Matthew 16:27; 18:8-9; 19:28; 24:27,30,36,44; 25:31-46; 26:64; Mark 8:38; 9:43-48; Luke 12:40,48; 16:19-26; 17:22-37; 21:27-28; John 14:1-3; Acts 1:11; 17:31; Romans 14:10; 1 Corinthians 4:5; 15:24-28,35-58; 2 Corinthians 5:10; Philippians 3:20-21; Colossians 1:5; 3:4; 1 Thessalonians 4:14-18; 5:1ff.; 2; 1 Thessalonians 1:7ff.; 2; 1 Timothy 6:14; 2 Timothy 4:1,8; Titus 2:13; Hebrews 9:27-28; James 5:8; 2 Peter 3:7ff.; 1 John 2:28; 3:2; Jude 14; Revelation 1:18; 3:11; 20:1-22:13.

good works to make manifest to all men the reality and power of their hope in Christ.

*Matt. 24:36; Matt. 24:42-47;
Mark 13:32-37; Luke 21:27-28;
Acts 1:9-11.*

XXIII. Evangelism and Missions

It is the duty of every Christian man and woman, and the duty of every church of Christ to seek to extend the gospel to the ends of the earth. The new birth of man's spirit by God's Holy Spirit means the birth of love for others. Missionary effort on the part of all rests thus upon a spiritual necessity of the regenerate life. It is also expressly and repeatedly commanded in the teachings of Christ. It is the duty of every child of God to seek constantly to win the lost to Christ by personal effort and by all other methods sanctioned by the gospel of Christ.

Matt. 10:5; 13:18-23; 22:9-10; 28:19-20; Mark 16:15-16; 16:19-20; Luke 24:46-53; Acts 1:5-8; 2:1-2,21,39; 8:26-40; 10:42-48; 13:2,30-33; 1 Thess. 1-8.

XX. Education

Christianity is the religion of enlightenment and intelligence. In Jesus Christ are hidden all the treasures of wisdom and knowledge. All sound learning is therefore a part of our Christian heritage. The new birth opens

XI. Evangelism and Missions

It is the duty and privilege of every follower of Christ and of every church of the Lord Jesus Christ to endeavor to make disciples of all nations. The new birth of man's spirit by God's Holy Spirit means the birth of love for others. Missionary effort on the part of all rests thus upon a spiritual necessity of the regenerate life, and is expressly and repeatedly commanded in the teachings of Christ. It is the duty of every child of God to seek constantly to win the lost to Christ by personal effort and by all other methods in harmony with the gospel of Christ.

Gen. 12:1-3; Ex. 19:5-6; Isa. 6:1-8; Matt. 9:37-38; 10:5-15; 13:18-30,37-43; 16:19; 22:9-10; 24:14; 28:18-20; Luke 10:1-18; 24:46-53; John 14:11-12; 15:7-8,16; 17:15; 20:21; Acts 1:8; 2; 8:26-40; 10:42-48; 13:2-3; Rom. 10:13-15; Ephes. 3:1-11; 1 Thess. 1:8; 2 Tim. 4:5; Heb. 2:1-3; 11:39-12:2; 1 Peter 2:4-10; Rev. 22:17.

XII. Education

The cause of education in the kingdom of Christ is co-ordinate with the causes of missions and general benevolence and should receive along with these the liberal support of the churches. An adequate system

XI. Evangelism and Missions

It is the duty and privilege of every follower of Christ and of every church of the Lord Jesus Christ to endeavor to make disciples of all nations. The new birth of man's spirit by God's Holy Spirit means the birth of love for others. Missionary effort on the part of all rests thus upon a spiritual necessity of the regenerate life, and is expressly and repeatedly commanded in the teachings of Christ. The Lord Jesus Christ has commanded the preaching of the gospel to all nations. It is the duty of every child of God to seek constantly to win the lost to Christ by verbal witness undergirded by a Christian lifestyle, and by other methods in harmony with the gospel of Christ.

Genesis 12:1-3; Exodus 19:5-6; Isaiah 6:1-8; Matthew 9:37-38; 10:5-15; 13:18-30,37-43; 16:19; 22:9-10; 24:14; 28:18-20; Luke 10:1-18; 24:46-53; John 14:11-12; 15:7-8,16; 17:15; 20:21; Acts 1:8; 2; 8:26-40; 10:42-48; 13:2-3; Romans 10:13-15; Ephesians 3:1-11; 1 Thessalonians 1:8; 2 Timothy 4:5; Hebrews 2:1-3; 11:39-12:2; 1 Peter 2:4-10; Revelation 22:17.

XII. Education

Christianity is the faith of enlightenment and intelligence. In Jesus Christ abide all the treasures of wisdom and knowledge. All sound learning is, therefore, a part of our Christian heritage. The new

all human faculties and creates a thirst for knowledge. An adequate system of schools is necessary to a complete spiritual program for Christ's people. The cause of education in the Kingdom of Christ is coordinate with the causes of missions and general benevolence, and should receive along with these the liberal support of the churches.

Deut. 4:1,5,9,13-14; Deut. 6:1,7-10; Psalm 19:7-8; Prov. 8:1-7; Prov. 4:1-10; Matt. 28:20; Col. 2:3; Neh. 8:1-4.

XXIV. Stewardship

God is the source of all blessings, temporal and spiritual; all that we have and are we owe to him. We have a spiritual debtorship to the whole world, a holy trusteeship in the gospel, and a binding stewardship in our possessions. We are therefore under obligation to serve him with our time, talents and material possessions; and should

of Christian schools is necessary to a complete spiritual program for Christ's people.

In Christian education there should be a proper balance between academic freedom and academic responsibility. Freedom in any orderly relationship of human life is always limited and never absolute. The freedom of a teacher in a Christian school, college, or seminary is limited by the pre-eminence of Jesus Christ, by the authoritative nature of the Scriptures, and by the distinct purpose for which the school exists.

Deut. 4:1,5,9,14; 6:1-10; 31:12-13; Neh. 8:1-8; Job. 28:28; Psalms 19:7ff.; 119:11; Prov. 3:13ff.; 4:1-10; 8:1-7,11; 15:14; Eccl. 7:19; Matt. 5:2; 7:24ff.; 28:19-20; Luke 2:40; 1 Cor. 1:18-31; Eph. 4:11-16; Phil. 4:8; Col. 2:3,8-9; 1 Tim. 1:3-7; 2 Tim. 2:15; 3:14-17; Heb. 5:12-6:3; James 1:5; 3:17.

XIII. Stewardship

God is the source of all blessings, temporal and spiritual; all that we have and are we owe to Him. Christians have a spiritual debtorship to the whole world, a holy trusteeship in the gospel, and a binding stewardship in their possessions. They are therefore under obligation to serve Him with their time, talents, and material possessions; and

birth opens all human faculties and creates a thirst for knowledge. Moreover, the cause of education in the Kingdom of Christ is co-ordinate with the causes of missions and general benevolence, and should receive along with these the liberal support of the churches. An adequate system of Christian education is necessary to a complete spiritual program for Christ's people.

In Christian education there should be a proper balance between academic freedom and academic responsibility. Freedom in any orderly relationship of human life is always limited and never absolute. The freedom of a teacher in a Christian school, college, or seminary is limited by the pre-eminence of Jesus Christ, by the authoritative nature of the Scriptures, and by the distinct purpose for which the school exists.

Deuteronomy 4:1,5,9,14; 6:1-10; 31:12-13; Nehemiah 8:1-8; Job 28:28; Psalms 19:7ff.; 119:11; Proverbs 3:13ff.; 4:1-10; 8:1-7,11; 15:14; Ecclesiastes 7:19; Matthew 5:2; 7:24ff.; 28:19-20; Luke 2:40; 1 Corinthians 1:18-31; Ephesians 4:11-16; Philippians 4:8; Colossians 2:3,8-9; 1 Timothy 1:3-7; 2 Timothy 2:15; 3:14-17; Hebrews 5:12-6:3; James 1:5; 3:17.

XIII. Stewardship

God is the source of all blessings, temporal and spiritual; all that we have and are we owe to Him. Christians have a spiritual debtorship to the whole world, a holy trusteeship in the gospel, and a binding stewardship in their possessions. They are therefore under obligation to serve Him with their time, talents, and material possessions; and

recognize all these as entrusted to us to use for the glory of God and helping others. Christians should cheerfully, regularly, systematically, proportionately, and liberally, contribute of their means to advancing the Redeemer's cause on earth.

Luke 12:42; 16:1-8; Titus 1:7; 1 Peter 4:10; 2 Cor. 8:1-7; 2 Cor. 8:11-19; 2 Cor. 12:1-15; Matt. 25:14-30; Rom. 1:8-15; 1 Cor. 6:20; Acts 2:44-47.

XXII. Co-Operation

Christ's people should, as occasion requires, organize such associations and conventions as may best secure co-operation for the great objects of the Kingdom of God. Such organizations have no authority over each other or over the churches. They are voluntary and advisory bodies designed to elicit, combine, and direct the energies of our people in the most effective manner. Individual members of New Testament churches should co-operate with each other, and the churches themselves should co-operate with each other in carrying forward the missionary, educational, and benevolent program for the extension of Christ's Kingdom. Christian unity in the New Testament sense is spiritual harmony and voluntary co-operation for common ends by various groups of Christ's people. It is permissible and desirable as between the various Christian denominations, when the end to be attained is itself justified, and when such co-operation

should recognize all these as entrusted to them to use for the glory of God and for helping others. According to the Scriptures, Christians should contribute of their means cheerfully, regularly, systematically, proportionately, and liberally for the advancement of the Redeemer's cause on earth.

Gen. 14:20; Lev. 27:30-32; Deut. 8:18; Mal. 3:8-12; Matt. 6:1-4, 19-21; 19:21; 23:23; 25:14-29; Luke 12:16-21, 42; 16:1-13; Acts 2:44-47; 5:1-11; 17:24-25; 20:35; Rom. 6:6-22; 12:1-2; 1 Cor. 4:1-2; 6:19-20; 12; 16:1-4; 2 Cor. 8-9; 12:15; Phil. 4:10-19; 1 Peter 1:18-19.

XIV. Co-Operation

Christ's people should, as occasion requires, organize such associations and conventions as may best secure co-operation for the great objects of the kingdom of God. Such organizations have no authority over one another or over the churches. They are voluntary and advisory bodies designed to elicit, combine, and direct the energies of our people in the most effective manner. Members of New Testament churches should co-operate with one another in carrying forward the missionary, educational, and benevolent ministries for the extension of Christ's kingdom. Christian unity in the New Testament sense is spiritual harmony and voluntary co-operation for common ends by various groups of Christ's people. Co-operation is desirable between the various Christian denominations, when the end to be attained is itself justified, and when such co-operation involves no violation of conscience or compromise of loyalty to Christ and his Word as revealed in the New

should recognize all these as entrusted to them to use for the glory of God and for helping others. According to the Scriptures, Christians should contribute of their means cheerfully, regularly, systematically, proportionately, and liberally for the advancement of the Redeemer's cause on earth.

Genesis 14:20; Leviticus 27:30-32; Deuteronomy 8:18; Malachi 3:8-12; Matthew 6:1-4, 19-21; 19:21; 23:23; 25:14-29; Luke 12:16-21, 42; 16:1-13; Acts 2:44-47; 5:1-11; 17:24-25; 20:35; Romans 6:6-22; 12:1-2; 1 Corinthians 4:1-2; 6:19-20; 12; 16:1-4; 2 Corinthians 8-9; 12:15; Philippians 4:10-19; 1 Peter 1:18-19.

XIV. Cooperation

Christ's people should, as occasion requires, organize such associations and conventions as may best secure cooperation for the great objects of the Kingdom of God. Such organizations have no authority over one another or over the churches. They are voluntary and advisory bodies designed to elicit, combine, and direct the energies of our people in the most effective manner. Members of New Testament churches should cooperate with one another in carrying forward the missionary, educational, and benevolent ministries for the extension of Christ's Kingdom. Christian unity in the New Testament sense is spiritual harmony and voluntary cooperation for common ends by various groups of Christ's people. Cooperation is desirable between the various Christian denominations, when the end to be attained is itself justified, and when such cooperation involves no violation of conscience or compromise of loyalty to Christ and His Word as revealed in the

involves no violation of conscience or compromise of loyalty to Christ and his Word as revealed in the New Testament.

Ezra 1:3-4; 2:68-69; 5:14-15; Neh. 4:4-6; 8:1-4; Mal. 3:10; Matt. 10:5-15; 20:1-16; 22:1-10; Acts 1:13-14; 1:21-26; 2:1,41-47; 1 Cor. 1:10-17; 12:11-12; 13; 14:33-34,40; 16:2; 2 Cor. 9:1-15; Eph. 4:1-16; 3 John 1:5-8.

XXI. Social Service

Every Christian is under obligation to seek to make the will of Christ regnant in his own life and in human society to oppose in the spirit of Christ every form of greed, selfishness, and vice; to provide for the orphaned, the aged, the helpless, and the sick; to seek to bring industry, government, and society as a whole under the sway of the principles of righteousness, truth and brotherly love; to promote these ends Christians should be ready to work with all men of good will in any good cause, always being careful to act in the spirit of love without compromising their loyalty to Christ and his truth. All means and methods used in social service for the amelioration of society and the establishment of righteousness among men must finally depend on the regeneration of the individual by the saving grace of God in Christ Jesus.

Luke 10:25-37; Ex. 22:10,14; Lev. 6:2; Deut. 20:10; Deut. 4:42; Deut. 15:2; 27:17; Psalm 101:5; Ezek. 18:6; Heb. 2:15; Zech. 8:16; Ex. 20:16; James 2:8; Rom. 12-14; Col. 3:12-17.

Testament.

Ex. 17:12; 18:17ff.; Judg. 7:21; Ezra 1:3-4; 2:68-69; 5:14-15; Neh. 4; 8:1-5; Matt. 10:5-15; 20:1-16; 22:1-10; 28:19-20; Mark 2:3; Luke 10:1ff.; Acts 1:13-14; 2:1ff.; 4:31-37; 13:2-3; 15:1-35; 1 Cor. 1:10-17; 3:5-15; 12; 2 Cor. 8-9; Gal. 1:6-10; Eph. 4:1-16; Phil. 1:15-18.

XV. The Christian and the Social Order

Every Christian is under obligation to seek to make the will of Christ supreme in his own life and in human society. Means and methods used for the improvement of society and the establishment of righteousness among men can be truly and permanently helpful only when they are rooted in the regeneration of the individual by the saving grace of God in Christ Jesus. The Christian should oppose in the spirit of Christ every form of greed, selfishness, and vice. He should work to provide for the orphaned, the needy, the aged, the helpless, and the sick. Every Christian should seek to bring industry, government, and society as a whole under the sway of the principles of righteousness, truth, and brotherly love. In order to promote these ends Christians should be ready to work with all men of good will in any good cause, always being careful to act in the spirit of love without compromising their loyalty to Christ and his truth.

Ex. 20:3-17; Lev. 6:2-5; Deut. 10:12; 27:17; Psalm 101:5; Micah 6:8; Zech. 8:16; Matt. 5:13-16,43-48; 22:36-40; 25:35; Mark 1:29-34; 2:3ff.; 10:21; Luke 4:18-21; 10:27-37; 20:25; John 15:12; 17:15; Rom. 12-14; 1 Cor. 5:9-10; 6:1-7; 7:20-24;

New Testament.

Exodus 17:12; 18:17ff.; Judges 7:21; Ezra 1:3-4; 2:68-69; 5:14-15; Nehemiah 4; 8:1-5; Matthew 10:5-15; 20:1-16; 22:1-10; 28:19-20; Mark 2:3; Luke 10:1ff.; Acts 1:13-14; 2:1ff.; 4:31-37; 13:2-3; 15:1-35; 1 Corinthians 1:10-17; 3:5-15; 12; 2 Corinthians 8-9; Galatians 1:6-10; Ephesians 4:1-16; Philippians 1:15-18.

XV. The Christian and the Social Order

All Christians are under obligation to seek to make the will of Christ supreme in our own lives and in human society. Means and methods used for the improvement of society and the establishment of righteousness among men can be truly and permanently helpful only when they are rooted in the regeneration of the individual by the saving grace of God in Christ Jesus. In the spirit of Christ, Christians should oppose racism, every form of greed, selfishness, and vice, and all forms of sexual immorality, including adultery, homosexuality, and pornography. We should work to provide for the orphaned, the needy, the abused, the aged, the helpless, and the sick. We should speak on behalf of the unborn and contend for the sanctity of all human life from conception to natural death. Every Christian should seek to bring industry, government, and society as a whole under the sway of the principles of righteousness, truth, and brotherly love. In order to promote these ends Christians should be ready to work with all men of good will in any good cause, always being careful to act in the spirit of love without compromising their loyalty to Christ and His truth.

<p>XIX. Peace and War</p> <p>It is the duty of Christians to seek peace with all men on principles of righteousness. In accordance with the spirit and teachings of Christ they should do all in their power to put an end to war.</p> <p>The true remedy for the war spirit is the pure gospel of our Lord. The supreme need of the world is the acceptance of his teachings in all the affairs of men and nations, and the practical application of his law of love.</p> <p>We urge Christian people throughout the world to pray for the reign of the Prince of Peace, and to oppose everything likely to provoke war.</p> <p><i>Matt. 5:9, 13-14, 43-46; Heb. 12:14; James 4:1; Matt. 6:33; Rom. 14:17, 19.</i></p>	<p><i>10:23-11:1; Gal. 3:26-28; Eph. 6:5-9; Col. 3:12-17; 1 Thess. 3:12; Philemon; James 1:27; 2:8.</i></p> <p>XVI. Peace and War</p> <p>It is the duty of Christians to seek peace with all men on principles of righteousness. In accordance with the spirit and teachings of Christ they should do all in their power to put an end to war.</p> <p>The true remedy for the war spirit is the gospel of our Lord. The supreme need of the world is the acceptance of His teachings in all the affairs of men and nations, and the practical application of His law of love.</p> <p><i>Isa. 2:4; Matt. 5:9, 38-48; 6:33; 26:52; Luke 22:36, 38; Rom. 12:18-19; 13:1-7; 14:19; Heb. 12:14; James 4:1-2.</i></p>	<p><i>Exodus 20:3-17; Leviticus 6:2-5; Deuteronomy 10:12; 27:17; Psalm 101:5; Micah 6:8; Zechariah 8:16; Matthew 5:13-16, 43-48; 22:36-40; 25:35; Mark 1:29-34; 2:3ff.; 10:21; Luke 4:18-21; 10:27-37; 20:25; John 15:12; 17:15; Romans 12-14; 1 Corinthians 5:9-10; 6:1-7; 7:20-24; 10:23-11:1; Galatians 3:26-28; Ephesians 6:5-9; Colossians 3:12-17; 1 Thessalonians 3:12; Philemon; James 1:27; 2:8.</i></p> <p>XVI. Peace and War</p> <p>It is the duty of Christians to seek peace with all men on principles of righteousness. In accordance with the spirit and teachings of Christ they should do all in their power to put an end to war.</p> <p>The true remedy for the war spirit is the gospel of our Lord. The supreme need of the world is the acceptance of His teachings in all the affairs of men and nations, and the practical application of His law of love. Christian people throughout the world should pray for the reign of the Prince of Peace.</p> <p><i>Isaiah 2:4; Matthew 5:9, 38-48; 6:33; 26:52; Luke 22:36, 38; Romans 12:18-19; 13:1-7; 14:19; Hebrews 12:14; James 4:1-2.</i></p>
<p>XVIII. Religious Liberty</p> <p>God alone is Lord of the conscience, and he has left it free from the doctrines and commandments of men which are contrary to his Word or not contained in it. Church and state should be separate. The state owes to the church protection and full freedom in the pursuit of its spiritual ends. In providing for such freedom no ecclesiastical group or</p>	<p>XVII. Religious Liberty</p> <p>God alone is Lord of the conscience, and He has left it free from the doctrines and commandments of men which are contrary to His Word or not contained in it. Church and state should be separate. The state owes to every church protection and full freedom in the pursuit of its spiritual ends. In providing for such freedom no ecclesiastical group or</p>	<p>XVII. Religious Liberty</p> <p>God alone is Lord of the conscience, and He has left it free from the doctrines and commandments of men which are contrary to His Word or not contained in it. Church and state should be separate. The state owes to every church protection and full freedom in the pursuit of its spiritual ends. In providing for such freedom no ecclesiastical group or</p>

denomination should be favored by the state more than others. Civil government being ordained of God, it is the duty of Christians to render loyal obedience thereto in all things not contrary to the revealed will of God. The church should not resort to the civil power to carry on its work. The gospel of Christ contemplates spiritual means alone for the pursuit of its ends. The state has no right to impose penalties for religious opinions of any kind. The state has no right to impose taxes for the support of any form of religion. A free church in a free state is the Christian ideal, and this implies the right of free and unhindered access to God on the part of all men, and the right to form and propagate opinions in the sphere of religion without interference by the civil power.

Rom. 13:1-7; 1 Peter 2:17; 1 Tim. 2:1-2; Gal. 3:9-14; John 7:38-39; James 4:12; Gal. 5:13; 2 Peter 2:18-21; 1 Cor. 3:5; Rom. 6:1-2; Matt. 22:21; Mark 12:17.

denomination should be favored by the state more than others. Civil government being ordained of God, it is the duty of Christians to render loyal obedience thereto in all things not contrary to the revealed will of God. The church should not resort to the civil power to carry on its work. The gospel of Christ contemplates spiritual means alone for the pursuit of its ends. The state has no right to impose penalties for religious opinions of any kind. The state has no right to impose taxes for the support of any form of religion. A free church in a free state is the Christian ideal, and this implies the right of free and unhindered access to God on the part of all men and the right to form and propagate opinions in the sphere of religion without interference by the civil power.

Gen. 1:27; 2:7; Matt. 6:6-7; 24:16:26; 22:21; John 8:36; Acts 4:19-20; Rom. 6:1-2; 13:1-7; Gal. 5:1,13; Phil. 3:20; 1 Tim. 2:1-2; James 4:12; 1 Peter 2:12-17; 3:11-17; 4:12-19.

XVIII. The Family (1998 Amendment)

God has ordained the family as the foundational institution of human society. It is composed of persons related to one another by marriage, blood, or adoption.

Marriage is the uniting of one man and one woman in covenant commitment for a lifetime. It is God's unique gift to provide for the man and the woman in marriage the framework for intimate companionship, the channel for sexual expression according to biblical standards, and the means for procreation of the human race.

The husband and wife are of

denomination should be favored by the state more than others. Civil government being ordained of God, it is the duty of Christians to render loyal obedience thereto in all things not contrary to the revealed will of God. The church should not resort to the civil power to carry on its work. The gospel of Christ contemplates spiritual means alone for the pursuit of its ends. The state has no right to impose penalties for religious opinions of any kind. The state has no right to impose taxes for the support of any form of religion. A free church in a free state is the Christian ideal, and this implies the right of free and unhindered access to God on the part of all men, and the right to form and propagate opinions in the sphere of religion without interference by the civil power.

Genesis 1:27; 2:7; Matthew 6:6-7, 24; 16:26; 22:21; John 8:36; Acts 4:19-20; Romans 6:1-2; 13:1-7; Galatians 5:1,13; Philippians 3:20; 1 Timothy 2:1-2; James 4:12; 1 Peter 2:12-17; 3:11-17; 4:12-19.

XVIII. The Family

God has ordained the family as the foundational institution of human society. It is composed of persons related to one another by marriage, blood, or adoption.

Marriage is the uniting of one man and one woman in covenant commitment for a lifetime. It is God's unique gift to reveal the union between Christ and His church and to provide for the man and the woman in marriage the framework for intimate companionship, the channel of sexual expression according to biblical standards, and the means for procreation of the human race.

The husband and wife are of

equal worth before God, since both are created in God's image. The marriage relationship models the way God relates to His people. A husband is to love his wife as Christ loved the church. He has the God-given responsibility to provide for, to protect, and to lead his family. A wife is to submit herself graciously to the servant leadership of her husband even as the church willingly submits to the headship of Christ. She, being in the image of God as is her husband and thus equal to him, has the God-given responsibility to respect her husband and to serve as his helper in managing the household and nurturing the next generation.

Children, from the moment of conception, are a blessing and heritage from the Lord. Parents are to demonstrate to their children God's pattern for marriage. Parents are to teach their children spiritual and moral values and to lead them, through consistent lifestyle example and loving discipline, to make choices based on biblical truth. Children are to honor and obey their parents.

Gen. 1:26-28; 2:18-25; 3:1-20; Ex. 20:12; Deut. 6:4-9; Josh. 24:15; 1 Sam. 1:26-28; Ps. 51:5; 78:1-8; 127; 128; 139:13-16; Prov. 1:8; 5:15-20; 6:20-22; 12:4; 13:24; 14:1; 17:6; 18:22; 22:6, 15; 23:13-14; 24:3; 29:15, 17; 31:10-31; Eccl. 4:9-12; 9:9; Mal. 2:14-16; Matt. 5:31-32; 18:2-5; 19:3-9; Mark 10:6-12; Rom. 1:18-32; 1 Cor. 7:1-16; Eph. 5:21-33; 6:1-4; Col. 3:18-21; 1 Tim. 5:8, 14; 2 Tim. 1:3-5; Titus 2:3-5; Heb. 13:4; 1 Pet. 3:1-7.

equal worth before God, since both are created in God's image. The marriage relationship models the way God relates to His people. A husband is to love his wife as Christ loved the church. He has the God-given responsibility to provide for, to protect, and to lead his family. A wife is to submit herself graciously to the servant leadership of her husband even as the church willingly submits to the headship of Christ. She, being in the image of God as is her husband and thus equal to him, has the God-given responsibility to respect her husband and to serve as his helper in managing the household and nurturing the next generation.

Children, from the moment of conception, are a blessing and heritage from the Lord. Parents are to demonstrate to their children God's pattern for marriage. Parents are to teach their children spiritual and moral values and to lead them, through consistent lifestyle example and loving discipline, to make choices based on biblical truth. Children are to honor and obey their parents.

Genesis 1:26-28; 2:15-25; 3:1-20; Exodus 20:12; Deuteronomy 6:4-9; Joshua 24:15; 1 Samuel 1:26-28; Psalms 51:5; 78:1-8; 127; 128; 139:13-16; Proverbs 1:8; 5:15-20; 6:20-22; 12:4; 13:24; 14:1; 17:6; 18:22; 22:6, 15; 23:13-14; 24:3; 29:15, 17; 31:10-31; Ecclesiastes 4:9-12; 9:9; Malachi 2:14-16; Matthew 5:31-32; 18:2-5; 19:3-9; Mark 10:6-12; Romans 1:18-32; 1 Corinthians 7:1-16; Ephesians 5:21-33; 6:1-4; Colossians 3:18-21; 1 Timothy 5:8, 14; 2 Timothy 1:3-5; Titus 2:3-5; Hebrews 13:4; 1 Peter 3:1-7.

